História da sua vida e outros contos

TED CHIANG

intrínseca

O LIVRO COM O CONTO QUE INSPIROU O FILME

A CHEGADA

(ARRIVAL)

TED CHIANG

História da sua vida e outros contos

TRADUÇÃO DE EDMUNDO BARREIROS

Copyright © 2002 by Ted Chiang
Todos os direitos reservados, incluindo de reprodução total ou parcial em qualquer suporte.

TÍTULO ORIGINAL
Stories of Your Life and Others

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS
Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO
Ulisses Teixeira
Victor Almeida
Taís Monteiro

DESIGN DE CAPA
© Shelley Eshkar

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

REVISÃO DE E-BOOK
Taynée Mendes

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0079-3

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

intrinseca.com.br

À memória de Brian Chiang e Jenna Felice.

A torre da Babilônia
Entenda
Divisão por zero
História da sua vida
Setenta e duas letras
A evolução da ciência humana
O Inferno é a ausência de Deus
Gostando do que vê: um documentário
Notas sobre os contos
Agradecimentos
Histórico de publicação

A torre da Babilônia

Se a torre fosse tombada ao longo da planície de Sinar, seriam necessários dois dias de jornada para caminhar de uma extremidade à outra. Com a torre erguida, leva-se um mês e meio para subir da base ao cume, caso a pessoa não esteja levando alguma carga. No entanto, poucos sobem a torre de mãos vazias: o ritmo da maioria é reduzido pelo carregamento de tijolos que arrastam às costas. Quatro meses se passam entre o dia em que um tijolo é posto em uma carriola e o dia em que é retirado para constituir parte da torre.

* * *

Hillalum passara a vida toda em Elam, e conhecia Babilônia apenas como compradora do cobre de Elam. Os lingotes de cobre eram transportados em barcos que percorriam o rio Karum até o mar interior, na direção do Eufrates. Hillalum e os outros mineradores viajavam por terra, junto aos onagros sobrecarregados da caravana de um mercador. Eles seguiam por uma trilha que descia do planalto e atravessava as planícies até os campos verdes entrecortados por canais e diques.

Nenhum deles tinha visto a torre antes. Ela se tornou distinguível a léguas de distância: uma linha tão delgada quanto um fio de linho, ondeando no ar trêmulo, erguendo-se da crosta de lama que era a própria Babilônia. À medida que chegavam mais perto, a crosta avultava na forma das poderosas muralhas da cidade, mas tudo que percebiam era a torre. Quando baixavam o olhar para o nível da planície do rio, viam as marcas que a torre criara no exterior da cidade: o próprio Eufrates fluía sobre um leito agora amplo e profundo, escavado para fornecer barro para os tijolos. Ao sul da cidade, podiam ser vistas fileiras e fileiras de fornalhas, não mais acesas.

Ao se aproximarem dos portões da cidade, a torre se mostrou mais colossal do que qualquer coisa que a imaginação de Hillalum já

concebera: uma única coluna cuja largura era tão extensa quanto a de um templo inteiro, erguendo-se a tal altura que minguava à invisibilidade. Todos eles caminhavam com a cabeça inclinada para trás, semicerrando os olhos por causa do sol.

O amigo de Hillalum, Nanni, cutucou-o com o cotovelo, parecendo apavorado.

— Vamos ter que subir isso? Até o cume?

— *Subir* para cavar. Não parece... natural.

Os mineradores chegaram ao portão central na muralha oeste, onde outra caravana estava de partida. Enquanto o grupo se aglomerava, seguindo pela faixa estreita de sombra fornecida pela muralha, Beli, o capataz, gritou para os guardiões que estavam no alto das torres do portão:

— Nós somos os mineradores convocados da terra de Elam.

Os guardiões ficaram muito contentes. Um deles gritou em resposta:

— São vocês que vão escavar através da abóbada do céu?

— Somos nós.

* * *

A cidade inteira comemorava. O festival começara oito dias antes, quando os últimos tijolos foram postos a caminho, e ainda ia durar mais dois. Todo dia e toda noite, a cidade se regozijava, dançava e banqueteava.

Junto aos tijoleiros estavam os carregadores, homens cujas pernas eram torneadas por fortes músculos de tanto subir a torre. Toda manhã, uma nova equipe dava início ao trabalho; eles subiam por quatro dias, transferiam a carga para a equipe seguinte de carregadores e retornavam com as carriolas vazias no quinto dia. Equipes como essas transferiam sequencialmente a carga até o topo da torre, mas apenas as da parte mais baixa celebravam com a cidade. Para aqueles que viviam no alto, vinho e carne haviam sido enviados com antecedência para permitir que o banquete se estendesse por todo o pilar.

À noite, Hillalum e os outros mineradores elamitas sentaram-se em bancos de terracota diante de uma mesa comprida atulhada de comida,

uma dentre muitas dispostas na praça da cidade. Os mineradores conversavam com os carregadores, perguntando sobre a torre.

Nanni disse:

— Alguém me contou que os assentadores de tijolo que trabalham no alto da torre lamuriam e arrancam os cabelos quando deixam cair um tijolo, pois serão necessários quatro meses para substituí-lo, mas que ninguém se importa quando um homem despenca para a morte. Isso é verdade?

Um dos carregadores mais falantes, Lugatum, balançou a cabeça.

— Ah, não, é só uma história. Há uma caravana contínua de tijolos subindo a torre; milhares de tijolos chegam ao topo todos os dias. A perda de um único tijolo não significa nada para os assentadores. — Ele se inclinou na direção deles. — Entretanto, há uma coisa que valorizam mais que a vida de um homem: uma colher de pedreiro.

— Por que uma colher de pedreiro?

— Se um assentador de tijolos deixa cair sua colher, não pode trabalhar até que outra seja trazida ao topo. Durante meses, ele fica sem seu ganha-pão e precisa se endividar. A perda de uma colher de pedreiro é motivo para muita lamentação. Mas se um homem cai, e sua colher de pedreiro permanece, os homens ficam secretamente aliviados. O próximo a deixar sua colher cair pode pegar a extra e continuar trabalhando, sem precisar contrair uma dívida.

Hillalum ficou horrorizado e, em um momento de aflição, tentou contar quantas picaretas os mineradores haviam trazido. Então, ele se deu conta.

— Isso não pode ser verdade. Por que não levar colheres de pedreiro sobressalentes lá para cima? O peso não seria nada comparado ao de todos os tijolos que sobem até lá. E com certeza a perda de um trabalhador significa um atraso sério, a menos que tenham um homem extra no alto que saiba assentar tijolos. Sem tal operário, eles têm de esperar que outro suba a partir da base.

Todos os carregadores caíram na gargalhada.

— Não dá para enganar este aqui — disse Lugatum, divertindo-se muito. Ele se virou para Hillalum. — Então vocês vão começar a subida assim que o festival terminar?

Hillalum bebeu de um caneco de cerveja.

— Vamos. Soube que mineradores de uma terra a oeste vão se juntar a nós, mas não os vi. Sabe algo sobre eles?

— Sim. Eles vêm de uma terra chamada Egito, mas não extraem minério como vocês. Eles exploram pedreiras.

— Nós escavamos pedras em Elam também — disse Nanni, com a boca cheia de carne de porco.

— Não como eles. Eles cortam granito.

— Granito? — Calcário e alabastro eram extraídos em Elam, mas não granito.

— Você tem certeza?

— Mercadores que viajaram até o Egito dizem que eles têm zigurates e templos de pedra, construídos de calcário e granito, blocos enormes. E eles esculpem estátuas gigantes de granito.

— Mas é muito difícil trabalhar com granito.

Lugatum deu de ombros.

— Não para eles. Os arquitetos da família real acreditam que esses homens que trabalham com pedra podem ser úteis quando vocês chegarem à abóbada do céu.

Hillalum assentiu. Aquilo podia ser verdade. Quem sabia ao certo do que eles iriam precisar?

— Você os viu?

— Não, eles ainda não estão aqui, mas são esperados dentro de alguns dias. Porém, podem não chegar antes do fim do festival; aí vocês, elamitas, vão subir sozinhos.

— Vocês vão nos acompanhar, não vão?

— Vamos, mas só pelos quatro primeiros dias. Então devemos voltar, enquanto vocês, sortudos, continuam.

— Por que nos considera sortudos?

— Tenho aspirações de chegar ao topo. Certa vez, prossegui com as equipes e alcancei uma altura de doze dias de subida, mas é o mais alto que já fui. Vocês irão muito mais alto. — Lugatum sorriu com pesar. — Eu os invejo. Vocês vão tocar a abóbada do céu.

Tocar a abóbada do céu. Abri-la com picaretas. Hillalum sentiu-se desconfortável com a ideia.

— Não há motivo para inveja — falou ele.

— É verdade — disse Nanni. — Quando terminarmos, todos os homens vão tocar a abóbada do céu.

* * *

Na manhã seguinte, Hillalum foi ao encontro da torre. Ele parou no pátio gigantesco que a circundava. Ao lado, havia um templo que seria impressionante por si só, mas que passava despercebido comparado à torre.

Hillalum podia sentir a solidez absoluta da torre. Segundo diziam, ela fora construída para ter uma força enorme, que nenhum zigurate possuía; era feita inteiramente de tijolos cozidos em fornalhas, enquanto os zigurates comuns eram construídos com tijolos de adobe secos ao sol, com tijolos cozidos somente na fachada. Os tijolos cozidos eram assentados em uma argamassa de betume, que penetrava no barro formando uma liga extremamente forte.

A base da torre se assemelhava às duas primeiras plataformas de um zigurate comum. Ali ficava uma enorme plataforma retangular de aproximadamente duzentos cúbitos de lado e quarenta cúbitos de altura, com uma escadaria tripla em oposição à sua face sul. Montado sobre a primeira plataforma havia outro nível, uma plataforma menor, acessível apenas pela escada central. Era no alto da segunda plataforma que a torre em si começava.

Ela tinha sessenta cúbitos de lado, e erguia-se como um pilar quadrado que sustentava o peso do céu. Ao seu redor, serpenteava uma rampa de inclinação leve, escavada na lateral, que a circundava como uma tira de couro enrolada em torno do cabo de um chicote.

A um novo olhar, porém, Hillalum enxergou duas rampas, e elas eram entrelaçadas. Pilares cravejavam a borda externa de cada rampa, não grossos, mas volumosos, de modo a fornecer alguma sombra atrás deles.

Ao levar o olhar até o alto da torre, Hillalum viu faixas alternadas de rampa, tijolos, rampa, tijolos, até que elas não podiam mais ser distinguidas. E, mesmo assim, a torre assomava e assomava, para bem longe do alcance da vista; Hillalum piscou, semicerrou os olhos, e ficou tonto. Ele cambaleou alguns passos para trás e se virou com um arrepio.

Hillalum pensou na história contada a ele na infância, a história que se seguia àquela do Dilúvio. Ela contava como, no passado, os homens tornaram a povoar todos os cantos da terra, habitando mais regiões do que jamais haviam feito. Como tinham navegado até as bordas do mundo e visto o oceano despencar na névoa para se juntar às águas negras do Abismo muito abaixo. Como os homens, assim, haviam se dado conta da extensão da terra e sentido que ela era pequena, e desejado ver o que existia por trás de seus limites, todo o restante da Criação de Javé. Como eles olhavam em direção ao céu e se perguntavam sobre a moradia de Javé, acima dos reservatórios que continham as águas do céu. E como, muitos séculos atrás, começou a construção da torre, um pilar para o céu, uma escada pela qual os homens poderiam ascender para ver as obras de Javé, e este poderia descer para ver as obras dos homens.

A história sempre parecera inspiradora para Hillalum, sobre milhares de homens trabalhando de forma árdua e incessante, mas com alegria, pois trabalhavam para conhecer melhor Javé. Ele ficara entusiasmado quando os babilônios chegaram a Elam à procura de mineradores. Porém, agora que estava parado aos pés da torre, seus sentidos se rebelaram, insistindo que nada devia se erguer tão alto. Ele não se sentia em terra quando seus olhos perscrutavam a altura da torre.

Será que devia galgar tal engenho?

* * *

Na manhã da subida, a segunda plataforma estava coberta, de ponta a ponta, com carriolas pesadas de duas rodas dispostas em fileiras. Muitas estavam carregadas apenas com comida: sacas cheias de cevada, trigo, lentilhas, cebolas, tâmaras, pepinos, pães, peixe seco. Havia inúmeros jarros de cerâmica com água, vinho de tâmara, cerveja, leite de cabra e óleo de palma. Outras carriolas levavam mercadorias que poderiam até mesmo ser vendidas em um bazar: recipientes de bronze, cestas de junco, rolos de linho, bancos e mesas de madeira. Também havia um boi gordo e uma cabra nos quais alguns sacerdotes estavam colocando antolhos para que não conseguissem olhar para os lados e não ficassem com medo da subida. Os animais seriam sacrificados assim que chegassem ao topo.

Em seguida, vinham as carriolas com as picaretas e marretas dos mineradores e os equipamentos para uma pequena forja. O capataz também requisitara que vários carrinhos fossem carregados com madeira e feixes de junco.

Lugatum estava parado ao lado de um carrinho, fixando as cordas que seguravam a madeira. Hillalum caminhou até ele.

— De onde veio essa madeira? Não vi florestas desde que deixamos Elam.

— Há uma floresta com árvores ao norte, que foi plantada quando a torre foi iniciada. A madeira cortada desce flutuando pelo Eufrates.

— Vocês plantaram uma floresta *inteira*?

— Quando começaram a torre, os arquitetos sabiam que a madeira encontrada na planície não seria suficiente para abastecer as fornalhas, então plantaram uma floresta. Há equipes cujo trabalho é prover água e plantar uma árvore nova para cada outra cortada.

Hillalum estava impressionado.

— E isso fornece toda a madeira necessária?

— A maior parte. Muitas outras florestas no Norte também foram derrubadas, e sua madeira, trazida pelo rio.

Lugatum inspecionou as rodas da carriola, desarrolhou a garrafa de couro que carregava e derramou um pouco de óleo entre a roda e o eixo.

Nanni caminhou até eles, olhando fixamente para as ruas da Babilônia dispostas à frente.

— Nunca antes estive tão alto a ponto de poder ver uma cidade lá embaixo.

— Nem eu — disse Hillalum, mas Lugatum apenas riu.

— Venham comigo, os carros estão prontos.

Logo todos formaram duplas e se juntaram a uma carriola. Os homens se posicionaram entre as duas hastes de puxar dos carros, que tinham laços de corda onde segurar. As carriolas puxadas pelos mineradores estavam misturadas às dos carregadores habituais, para garantir que mantivessem o ritmo adequado. Lugatum e outro carregador estavam com a carriola logo atrás da de Hillalum e Nanni.

— Lembrem-se — disse Lugatum. — Fiquem cerca de dez cúbitos atrás do carro à sua frente. O homem da direita puxa sozinho quando fizerem curvas, e vocês trocam de hora em hora.

Os carregadores estavam começando a conduzir os carros na direção da rampa. Hillalum e Nanni se abaixaram e jogaram as cordas de sua carriola por cima de cada ombro, cruzando-as. Eles se levantaram juntos, erguendo do chão a parte da frente do veículo.

— Agora, *puxem*! — gritou Lugatum.

Hillalum e Nanni se debruçaram para a frente, no sentido contrário das cordas, e a carriola começou a se mover.

Assim que entrou em movimento, puxá-la pareceu bastante fácil, e eles foram serpenteando o caminho em torno da plataforma. Então, alcançaram a rampa, e outra vez tiveram que se curvar completamente.

— Esta é uma carriola leve? — murmurou Hillalum.

A largura da rampa só permitia que um homem passasse ao lado de cada carro. A área era calçada com tijolos, dois sulcos profundamente desgastados por séculos de rodas.

Acima da cabeça dos carregadores, o teto se erguia em uma abóbada suspensa por mísulas, com os tijolos largos e quadrados arrumados em camadas sobrepostas até se encontrarem no centro. Os pilares à direita eram amplos o suficiente para fazer a rampa se assemelhar a um túnel. A

não ser que se olhasse para o lado, não havia a sensação de se estar em uma torre.

— Vocês cantam enquanto trabalham nas minas? — perguntou Lugatum.

— Quando a pedra não é muito dura — disse Nanni.

— Cantem uma de suas músicas de trabalho, então.

O convite desceu até os outros mineradores e, em pouco tempo, toda a equipe estava cantando.

* * *

À medida que as sombras diminuíam, eles subiam cada vez mais alto. Abrigados do sol, apenas com ar límpido à sua volta, a temperatura era muito mais fresca do que nas ruelas estreitas de uma cidade ao nível do chão, onde o calor do meio-dia podia matar lagartos. Olhando para os lados, os mineradores podiam ver o negro Eufrates e os campos verdes que se estendiam por léguas, atravessados por canais que cintilavam à luz do sol. A cidade da Babilônia era um intricado padrão de ruas e construções, ofuscantemente caiadas de gesso; ela se tornava cada vez menos visível pela contração ilusória ao redor da base da torre.

Hillalum estava outra vez puxando a corda da direita, mais perto da borda, quando ouviu gritos na rampa de subida, um nível abaixo. Pensou em parar e olhar para baixo pela lateral, mas não quis interromper o ritmo. Além disso, também não conseguiria enxergar com clareza.

— O que está acontecendo lá embaixo? — gritou para Lugatum, que vinha atrás dele.

— Um de seus colegas mineradores tem medo de altura — disse. — De vez em quando, há um homem assim entre os que sobem a torre pela primeira vez. Um homem desses abraça o chão, e não consegue subir mais. Porém, são poucos os que sentem isso tão cedo.

Hillalum entendeu.

— Conhecemos um medo parecido, entre os que pretendem ser mineradores. Alguns homens não conseguem entrar nas minas, com medo

de serem soterrados.

— É mesmo? — perguntou Lugatum. — Nunca tinha ouvido falar nisso. Como você está se sentindo em relação à altura?

— Não sinto nada — afirmou Hillalum, mas então olhou para Nanni, e os dois sabiam a verdade.

— Você sente um nervosismo na palma das mãos, não é? — sussurrou Nanni.

Hillalum esfregou as mãos nas fibras ásperas da corda e assentiu.

— Eu também senti mais cedo, quando estava perto da borda.

— Talvez devêssemos ir com antolhos, como o boi e a cabra — murmurou Hillalum de brincadeira.

— Você acha que também vamos ficar com medo da altura quando subirmos mais?

Hillalum refletiu. Um de seus camaradas sentir medo tão prontamente não era um bom augúrio. Ele afastou o pensamento. Milhares subiam sem medo. Seria tolice deixar que o pavor de um minerador contaminasse a todos.

— Estamos apenas desacostumados. Vamos ter meses para nos habituar à altura. Quando chegarmos ao topo da torre, vamos desejar que fosse mais alta.

— Não — disse Nanni. — Não acho que eu gostaria de puxar essa carriola ainda mais.

Os dois riram.

* * *

À noite, os homens comeram uma refeição de cevada, cebolas e lentilha e dormiram no interior de corredores estreitos que penetravam no corpo da torre. Quando acordaram na manhã seguinte, os mineradores mal eram capazes de caminhar, de tão doloridas que estavam suas pernas. Os carregadores riram, deram-lhes um bálsamo para esfregar nos músculos e redistribuíram a carga nos carros, de modo a reduzir o fardo dos mineradores.

Naquele ponto, olhar para baixo pela borda fazia com que os joelhos de Hillalum tremessem. Um vento soprava constantemente àquela altura, e ele pressupunha que ficaria mais forte à medida que subissem. Hillalum se perguntou se alguém já havia sido soprado para fora da torre em um momento de descuido. Um homem teria tempo de fazer uma oração inteira antes de atingir o solo. Hillalum estremeceu ao pensar na queda.

A não ser pela dor nas pernas dos mineradores, o segundo dia foi parecido com o primeiro. Eles conseguiam enxergar muito mais longe agora, e a extensão de terra visível era impressionante; era possível divisar os desertos além dos campos, e as caravanas pareciam pouco mais que fileiras de insetos. Nenhum outro minerador se amedrontou com a altura a ponto de não poder continuar, e a subida prosseguiu sem incidentes.

No terceiro dia, as pernas dos mineradores não tinham melhorado, e Hillalum se sentia como um velho decrépito. Apenas no quarto dia eles se recuperaram e voltaram a puxar a carga original. A subida continuou até a noite, quando se encontraram com a segunda equipe de carregadores levando carriolas vazias rapidamente pela rampa de descida. As rampas de subida e de descida espiralavam uma em torno da outra sem se tocar, mas eram interligadas por corredores ao longo da torre. Quando as equipes terminavam de percorrer suas rampas, atravessavam para trocar de carrinhos.

Os mineradores foram apresentados aos carregadores da segunda equipe, e todos eles conversaram e comeram juntos naquela noite. Na manhã seguinte, a primeira equipe aprontou as carriolas vazias para seu retorno à Babilônia, e Lugatum se despediu de Hillalum e Nanni.

— Cuidem desse carrinho. Ele subiu toda a altura da torre mais vezes que qualquer homem.

— Você também está com inveja do carrinho? — perguntou Nanni.

— Não, porque toda vez que ele chega ao topo, tem que descer tudo outra vez. Eu não aguentaria.

* * *

No fim do dia, quando a segunda equipe parou, o carregador da carriola atrás de Hillalum e Nanni se aproximou para mostrar algo a eles. O carregador se chamava Kudda.

— Vocês nunca viram o pôr do sol dessa altura. Venham, vejam. — O carregador foi até a borda e se sentou, com as pernas penduradas para fora. Ele viu que os dois hesitaram. — Venham, vocês podem deitar e olhar pela borda, se quiserem.

Hillalum não queria parecer uma criança medrosa, mas não conseguiu se obrigar a se sentar diante do abismo que se estendia por milhares de cúbitos abaixo de seus pés.

Ele se deitou de bruços, apenas com a cabeça na borda. Nanni se juntou a ele.

— Quando o sol estiver prestes a se pôr, olhe pela lateral da torre.

Hillalum virou-se para baixo e rapidamente olhou para o horizonte.

— O que há de diferente no pôr do sol daqui?

— Preste atenção, quando o sol mergulha atrás dos picos das montanhas a oeste, fica escuro na planície de Sinar. Mas aqui, estamos mais alto que os cumes das montanhas, por isso ainda podemos ver o sol. O sol tem de descer ainda mais para que nós vejamos a noite.

Hillalum ficou de queixo caído ao entender isso.

— As sombras das montanhas marcam o início da noite. A noite cai na terra antes de cair aqui.

Kudda assentiu.

— Você pode ver a noite deslocar-se pela torre, do chão até o céu. Ela se move depressa, mas vocês devem conseguir enxergá-la.

Ele observou o globo vermelho do sol por um minuto, em seguida olhou para baixo e apontou.

— Agora.

Hillalum e Nanni olharam para baixo. Na base do imenso pilar, a diminuta Babilônia estava na sombra. Em seguida, a escuridão subiu pela torre, como um dossel sendo desvelado para o alto. Era tão vagarosa que Hillalum podia contar os instantes transcorridos, mas tornou-se mais veloz

ao se aproximar, passando ligeira por eles, mais rápida que um piscar de olhos, e então eles já estavam mergulhados no crepúsculo.

Hillalum rolou e olhou para cima, a tempo de ver a escuridão ascender rapidamente pelo restante da torre. Aos poucos, o céu foi escurecendo cada vez mais à medida que o sol mergulhava atrás da borda do mundo.

— Bela vista, não é? — perguntou Kudda.

Hillalum nada disse. Pela primeira vez, ele soube o que realmente era a noite: a sombra da própria terra, projetada no céu.

* * *

Depois de subir por mais dois dias, Hillalum se acostumara melhor com a altura. Apesar de já terem percorrido mais de meia légua para cima, ele conseguiu ficar de pé na borda da rampa e olhar para baixo. Ele se segurou a um dos pilares na borda e se inclinou cautelosamente para fora a fim de olhar para cima. Então percebeu que a torre não parecia mais um pilar liso.

Perguntou a Kudda:

— A torre parece se alargar à medida que sobe. Como isso é possível?

— Olhe com mais atenção. Há sacadas de madeira que se projetam das laterais. São feitas de ciprestes e suspensas por cordas de linho.

Hillalum estreitou os olhos.

— Sacadas? Para que servem?

— Elas são cobertas de terra, para que as pessoas possam plantar alimentos. Nessa altura, a água é escassa, por isso é muito comum plantar cebolas. Em uma altura mais elevada, onde há mais chuva, você vai ver feijões.

— Como pode haver chuva acima e simplesmente não cair aqui? — perguntou Nanni.

Kudda ficou surpreso com ele.

— Ela seca no ar enquanto cai, é claro.

— Ah, é claro. — Nanni deu de ombros.

Ao fim do dia seguinte, eles chegaram ao nível das sacadas. Eram plataformas planas, pesadas por conta das cebolas, sustentadas por cordas presas à parede da torre acima, logo abaixo da fileira de sacadas seguinte. Em cada andar, o interior da torre tinha vários aposentos estreitos, nos quais viviam as famílias dos carregadores. Era possível ver mulheres sentadas às portas costurando túnicas ou do lado de fora, nos jardins, colhendo raízes. Crianças corriam umas atrás das outras pelas rampas, desviando dos carrinhos dos carregadores e passando próximo à entrada das sacadas, sem medo. Os habitantes da torre podiam facilmente identificar os mineradores, e todos sorriram e acenaram.

Quando chegou a hora da refeição da noite, todos os carrinhos foram colocados no chão. Comida e outros produtos foram retirados para serem usados pelas pessoas ali. Os carregadores saudaram as famílias, e convidaram os mineradores para se juntar a eles para a refeição noturna. Hillalum e Nanni comeram com a família de Kudda, e eles saborearam uma bela refeição de peixe seco, pão, vinho de tâmara e frutas.

Hillalum reparou que aquela seção da torre formava uma espécie de cidadezinha entre as rampas de subida e descida, como uma ala no meio de duas ruas. Havia um templo, no qual os rituais para os festivais eram realizados; havia magistrados que resolviam disputas; havia lojas, que eram abastecidas pela caravana. É claro, a cidade era inseparável da caravana: uma não podia existir sem a outra. E, ainda assim, uma caravana era basicamente uma jornada, algo que começava em um lugar e terminava em outro. Aquela cidade nunca fora pensada como local permanente, era apenas parte de um empreendimento com séculos de duração.

Depois do jantar, Hillalum perguntou a Kudda e a sua família:

— Algum de vocês já visitou a Babilônia?

A esposa de Kudda, Alitum, respondeu:

— Não, por que deveríamos? É uma longa subida de volta, e temos tudo de que precisamos aqui.

— Vocês não têm nenhum desejo de andar sobre a terra de verdade?

Kudda encolheu os ombros.

— Vivemos na estrada para o céu, todo trabalho que fazemos é para estendê-la ainda mais. Quando deixarmos a torre, vamos pegar a rampa de subida, não a de descida.

* * *

Conforme os mineradores subiam, chegou o dia em que era impossível distinguir as partes de cima e de baixo da torre ao se olhar pela borda da rampa. Abaixo, a coluna da torre se afilava ao nada bem antes do ponto onde parecia estar a planície. Da mesma maneira, os mineradores ainda estavam longe de conseguir ver o topo. Tudo que era possível enxergar era um pedaço da torre. Olhar para cima ou para baixo era assustador, pois a certeza da continuidade havia terminado; eles não faziam mais parte do solo. A torre era um fio suspenso no ar, sem nenhuma ligação com a terra ou com o céu.

Houve momentos durante a subida em que Hillalum se desesperou, sentindo-se deslocado e distante do mundo; era como se a terra o tivesse rejeitado por sua falta de fé, enquanto o céu lhe repudiava o acolhimento. Ele desejou que Javé desse um sinal, para que os homens soubessem que sua empreitada era aprovada; do contrário, como podiam permanecer em um lugar que oferecia tão pouca guarida ao espírito?

Os habitantes da torre àquela altitude não sentiam qualquer desconforto com sua situação; eles sempre cumprimentavam os mineradores calorosamente e lhes desejavam sorte com sua tarefa na abóbada. Viviam no interior da névoa úmida das nuvens, viam tempestades acima e abaixo; colhiam safras do ar e nunca temeram que aquele fosse um lugar impróprio para a presença humana. Não havia certezas nem estímulos divinos disponíveis, mas as pessoas nunca tiveram um momento de dúvida.

Com o passar das semanas, o ápice das trajetórias do sol e da lua eram cada vez mais baixos em seus trajetos diários. A lua inundava o lado sul da torre com seu esplendor prateado, brilhando como o olho de Javé a observá-los.

Em pouco tempo, eles estavam exatamente no mesmo nível da lua quando ela passava; tinham chegado à altura do primeiro dos corpos celestes. Eles semicerraram os olhos para a face esburacada da lua, maravilharam-se com seu movimento majestoso que desprezava qualquer apoio.

Então, eles se aproximaram do sol. Era verão, quando o astro parece estar bem acima da Babilônia, passando perto da torre àquela altura. Nenhuma família vivia naquela seção da torre, nem havia qualquer sacada, já que o calor era suficiente para torrar cevada.

A argamassa entre os tijolos da torre não era mais betume, que teria amolecido e escorrido, mas barro, que havia sido praticamente cozido pelo calor. Como proteção diante das altas temperaturas, os pilares tinham sido ampliados até formarem uma parede quase contínua, enclausurando a rampa em um túnel que possuía fendas estreitas, que deixavam entrar apenas o vento que soprava e as nesgas de luz dourada.

As equipes de carregadores seguiram regularmente até aquele ponto, mas ali foi necessário um ajuste. Eles partiam cada vez mais cedo de manhã, para conseguir mais escuridão durante o transporte. Quando estavam ao nível do sol, viajavam totalmente à noite. Durante o dia, tentavam dormir, nus e suando sob a brisa quente. Os mineradores se preocupavam com o fato de que, se conseguissem dormir, morreriam assados antes de acordar. Porém, os carregadores haviam feito a viagem muitas vezes, e nunca tinham perdido um homem. Depois de algum tempo, a caravana passou do nível do sol, e as coisas voltaram a ser como nos andares mais abaixo.

Agora a luz do dia brilhava *de baixo para cima*, o que parecia absolutamente anormal. Algumas tábuas tinham sido removidas das sacadas para que a luz do sol pudesse brilhar através delas, e havia terra nas passarelas remanescentes; as plantas cresciam para os lados e para baixo, envergando-se para captar os raios solares.

Eles estavam se aproximando do nível das estrelas, pequenas esferas flamejantes espalhadas por todos os lados. Hillalum esperara que seu arranjo fosse mais denso, mas mesmo contando com as minúsculas estrelas

invisíveis a partir do chão, elas pareciam diluídas pelos espaços. Não estavam todas dispostas à mesma altura. Em vez disso, ocupavam as léguas seguintes acima. Era difícil dizer a que distância estavam, pois não havia indicação de seu tamanho. De vez em quando, porém, alguma fazia uma aproximação rápida, manifestando sua impressionante velocidade.

Hillalum se deu conta de que todos os objetos no céu se moviam com velocidade parecida, para conseguir viajar de uma borda à outra do mundo no período de um dia.

Durante o dia, o tom azul do céu era muito mais pálido do que o visto da terra, um sinal de que estavam se aproximando da abóbada. Ao estudar o firmamento, Hillalum ficou impressionado ao ver que havia estrelas visíveis durante o dia. Elas não podiam ser vistas da terra em meio ao brilho do sol, mas, daquela altura, eram bem nítidas.

Certo dia, Nanni se aproximou dele apressado e disse:

— Uma estrela atingiu a torre!

— O quê? — Hillalum olhou ao redor, em pânico, como se tivesse sido atingido por um golpe.

— Não, agora não. Foi há muito tempo, há mais de um século. Um dos moradores da torre está contando a história; o avô dele era vivo na época.

Eles entraram nos corredores e viram vários mineradores sentados em torno de um velho ressequido.

— ...se alojou nos tijolos a cerca de meia légua acima daqui. Vocês ainda podem ver o buraco que ela deixou; é como uma marca de varíola gigante.

— O que aconteceu com a estrela?

— Pegou fogo, crepitou e ficou brilhante demais para se olhar. Homens pensaram em arrancá-la, para que pudesse retomar seu curso, mas a estrela era quente demais para que se aproximassem dela, e eles não ousavam apagá-la. Ela esfriou depois de semanas, sobrando uma massa nodosa de metal da cor do céu negro, tão larga que um homem poderia abraçá-la.

— Tão grande assim? — perguntou Nanni, com a voz cheia de assombro.

Quando estrelas caíam na terra por conta própria, pequenos pedaços de metal vindos do céu às vezes eram encontrados, mais duros que o melhor bronze. O metal não podia ser derretido para ser moldado, então era trabalhado a marteladas quando vermelho em brasa; faziam amuletos com ele.

— Na verdade, ninguém jamais tinha ouvido falar em uma massa desse tamanho encontrada na terra. Vocês conseguem imaginar as ferramentas que poderiam ser feitas com ela?

— Vocês não tentaram martelá-la para fazer ferramentas, tentaram? — perguntou Hillalum, horrorizado.

— Ah, não. Os homens ficaram com medo de tocá-la. Todo mundo desceu da torre, esperando a vingança de Javé por perturbar a obra da Criação. Eles esperaram por meses, mas nenhum outro sinal foi mandado. No fim, voltaram e soltaram a estrela. Ela agora está em um templo lá embaixo, na cidade.

Houve silêncio. Então, um dos mineradores disse:

— Nunca ouvi falar disso nas histórias da torre.

— Foi uma transgressão, algo de que não se fala.

* * *

À medida que subiam a torre, o céu ficava de coloração mais clara, até que, uma manhã, Hillalum despertou, parou de pé na borda e gritou, chocado — o que à sua frente antes lembrava um céu desbotada, agora parecia um teto branco estendido bem acima de suas cabeças. Já estavam perto o bastante para perceber a abóbada do céu, para vê-la como uma carapaça sólida englobando todo o firmamento. Os mineradores falavam em voz baixa, olhando fixamente para cima como idiotas, enquanto os habitantes da torre riam deles.

Enquanto continuavam a subir, ficaram espantados ao perceber como estavam realmente *perto*. O vazio da superfície da abóbada os havia enganado, tornando-a imperceptível até surgir de uma hora para outra, parecendo estar logo acima de suas cabeças. Agora, em vez de subir para o

céu, subiam para uma planície uniforme que se estendia infinitamente em todas as direções.

Todos os sentidos de Hillalum ficaram desorientados por causa dessa visão. Às vezes, quando olhava para a abóbada, ele sentia como se, de algum modo, o mundo tivesse virado de cabeça para baixo; se ele perdesse o equilíbrio, cairia para o alto. Quando o firmamento parecia estar apoiado acima de sua cabeça, tinha um *peso* opressivo. A abóbada era uma camada tão pesada quanto o mundo inteiro, ainda assim totalmente sem apoio, e ele temeu o que jamais temera nas minas: que o céu desabasse sobre ele.

Além disso, havia momentos em que parecia que a abóbada era a face vertical de um penhasco de altura inimaginável que se erguia à sua frente, e a terra obscura atrás dele era outro penhasco igual a esse, e a torre era um cabo esticado e tenso ligando os dois. Ou, pior de tudo, por um instante pareceu que não havia o acima ou o abaixo, e seu corpo não sabia em que direção era puxado. Era como ter medo de altura, mas muito pior. Diversas vezes, ao acordar de um sono irrequieto, via-se suado, com os dedos doloridos, tentando se agarrar ao chão de tijolos.

Nanni e os outros mineradores também estavam com olhos vermelhos de cansaço, embora ninguém comentasse sobre o que lhes perturbava o sono. A subida tornou-se mais lenta, ao contrário do que o capataz Beli esperara; a visão da abóbada inspirava desconforto em vez de entusiasmo. Os carregadores habituais ficaram impacientes com eles. Hillalum se perguntou que tipo de gente era forjada por viver sob tais condições. Como escapavam da loucura? Eles se acostumavam a isso? As crianças nascidas sob um céu sólido começariam a chorar se vissem o chão sob seus pés?

Talvez os homens não tivessem sido feitos para viver em tal lugar. Se a própria natureza os restringia de se aproximar demais do céu, talvez devessem permanecer na terra.

Quando chegaram ao topo da torre, a desorientação desapareceu, ou talvez apenas tivessem ficado imunes. Ali, parados na plataforma quadrada do topo, os mineradores contemplavam a cena mais incrível jamais vislumbrada pelo homem: muito abaixo deles havia uma tapeçaria de terra e mar por trás de um véu de névoa, estendendo-se para todas as direções,

até onde a vista alcançava. Logo acima deles ficava o próprio teto do mundo, a demarcação superior absoluta do céu, assegurando o ponto de vista deles como o mais alto possível. Ali estava o máximo da Criação que podia ser compreendido de uma só vez.

Os sacerdotes fizeram uma oração a Javé; deram graças por terem recebido a permissão de ver tanto, e imploraram perdão por seu desejo de ver mais.

* * *

No topo, os tijolos eram assentados. Era possível captar o cheiro forte e puro de alcatrão exalando dos caldeirões aquecidos, nos quais aglomerados de betume eram derretidos. Era o odor mais terreno que os mineradores haviam sentido em quatro meses, e suas narinas ficavam desesperadas para captar uma baforada antes que esta fosse varrida pelo vento. Ali, no topo, onde a densa infusão que antes brotara das fendas da terra tornava-se sólida para manter os tijolos no lugar, uma ramificação estava crescendo da terra em direção ao céu.

Ali, trabalhavam os assentadores de tijolos, os homens sujos de betume que misturavam a argamassa e assentavam com habilidade absolutamente precisa os pesados blocos. Mais do que qualquer outra pessoa, eles não podiam se permitir sentir tontura quando viam a abóbada, pois a torre não podia variar nem um dedo de largura da vertical. Aqueles homens estavam finalmente se aproximando do fim de sua tarefa, e, depois de quatro meses de subida, os mineradores estavam prontos para começar a deles.

Os egípcios chegaram logo depois. A pele deles era escura, a constituição, franzina, e o queixo tinha barba rala. Aqueles homens haviam puxado carrinhos cheios de martelos de dolerito, ferramentas de bronze e cunhas de madeira. O capataz deles se chamava Senmut, e ele deliberou com Beli, o capataz dos elamitas, sobre como iam penetrar na abóbada. Os egípcios construíram uma forja com o que haviam levado, assim como os elamitas, para tornar a fundir as ferramentas de bronze que perderiam o gume durante a atividade de escavação.

A abóbada em si permanecia logo acima, bastava um homem esticar os dedos para alcançá-la; quando alguém saltava para tocá-la, sentia que era lisa e fresca. Parecia feita de granito branco finamente granulado, imaculado e absolutamente sem sinais distintivos. E era aí que estava o problema.

Muito tempo atrás, Javé desencadeara o Dilúvio, liberando águas tanto de baixo quanto de cima; as águas do Abismo jorraram das fontes da terra, e as águas do céu se derramaram através das comportas na abóbada. Agora os homens viam a abóbada de perto, mas não havia comportas perceptíveis. Eles examinaram com atenção a superfície em todas as direções, mas não encontraram aberturas ou janelas, nenhuma fenda interrompia a planície de granito.

Parecia que a torre se ligava à abóbada em um ponto entre os reservatórios, o que era, de fato, uma sorte. Se uma comporta estivesse visível, eles teriam que arriscar arrombá-la e esvaziar o reservatório. Isso significaria chuvas fora da estação para Sinar, e mais intensa que as chuvas de inverno; provocaria enchentes ao longo do Eufrates. A chuva muito provavelmente iria terminar quando o reservatório esvaziasse, mas sempre havia a possibilidade de que Javé os castigasse e continuasse com a chuva até que a torre caísse e Babilônia se dissolvesse em lama.

Embora não houvesse aberturas visíveis, ainda existia um risco. Talvez os portões não tivessem fendas perceptíveis aos olhos mortais e houvesse um reservatório exatamente acima deles. Ou talvez os reservatórios fossem gigantescos, de modo que, mesmo que as comportas mais próximas estivessem a muitas léguas de distância, ainda haveria uma enorme quantidade de água acima de suas cabeças.

Houve muito debate sobre qual seria a melhor maneira de proceder.

— Sem dúvida Javé não vai destruir a torre com uma enxurrada — argumentou Qurdusa, um dos assentadores de tijolos. — Se a torre fosse um sacrilégio, Javé a teria destruído antes. Apesar disso, em todos os séculos em que temos trabalhado, nunca vimos em Javé o menor sinal de desagrado. Javé vai drenar qualquer reservatório antes que penetremos nele.

— Se Javé olhasse para esta empreitada de modo tão favorável, já haveria uma escada pronta para nós na abóbada — rebateu Eluti, um elamita. — Javé não vai nos ajudar nem atrapalhar; se penetrarmos em um reservatório, vamos sentir a torrente de suas águas.

Hillalum não conseguiu manter suas dúvidas em silêncio em um momento como aquele.

— E se as águas forem infinitas? — perguntou ele. — Javé pode não nos castigar, mas pode permitir que as consequências de nosso julgamento se abatam sobre nós.

— Elamita — começou Qurdusa —, mesmo como recém-chegado à torre, você deveria ser mais sábio que isso. Nós trabalhamos por nosso amor a Javé, fizemos isso durante nossa vida inteira, e assim fizeram nossos pais, por gerações e gerações. Homens tão virtuosos como nós não hão de receber um julgamento tão severo.

— É verdade que trabalhamos com os propósitos mais puros, mas isso não significa que o fazemos com sabedoria. Os homens de fato escolheram o caminho correto quando optaram por viver suas vidas longe do solo do qual foram formados? Javé nunca disse que essa foi a escolha mais sensata. Agora estamos prontos para romper e abrir o céu, mesmo sabendo que há água acima de nós. Se estivermos equivocados, como podemos ter certeza de que Javé vai nos proteger de nossos próprios erros?

— Hillalum aconselha cautela, e eu concordo — disse Beli. — Temos de nos assegurar de não provocar um segundo Dilúvio sobre o mundo, nem mesmo chuvas perigosas sobre Sinar. Eu me reuni com Senmut, dos egípcios, e ele me mostrou os projetos que usaram para selar as tumbas de seus reis. Acredito que seus métodos podem nos fornecer segurança quando começarmos a escavar.

* * *

Os sacerdotes sacrificaram o boi e a cabra em uma cerimônia na qual muitas palavras sagradas foram ditas e muito incenso foi queimado, e os mineradores começaram a trabalhar.

Muito antes de os mineradores chegarem à abóbada, tinha ficado óbvio que uma simples escavação com martelos e picaretas seria impraticável: mesmo que abrissem um túnel horizontal, não fariam mais que dois dedos de profundidade de progresso por dia através do granito, e abrir um túnel para cima seria muito, muito mais lento. Em vez disso, empregaram a técnica de atear fogo.

Com a madeira que tinham levado, construíram uma fogueira abaixo do ponto escolhido na abóbada e a alimentaram constantemente por um dia. Diante do calor das chamas, a pedra rachou e se despedaçou. Depois de deixar o fogo se apagar, os mineradores jogaram água sobre a pedra para aumentar ainda mais as rachaduras. Então, eles puderam quebrar a pedra em pedaços grandes, que caíram pesadamente sobre a torre. Dessa forma, podiam avançar mais da metade de um cúbito por cada dia que o fogo queimasse.

O túnel não subia direto para cima, mas no mesmo ângulo de uma escada, de modo que pudessem construir uma rampa com degraus para se conectar à torre. Atear fogo alisava as paredes e o chão do interior da abóbada; os homens construíram uma estrutura de degraus de madeira sob seus pés para que não escorregassem e caíssem. Eles usavam uma plataforma de tijolos cozidos para sustentar a fogueira no final do túnel.

Depois que o túnel avançou dez cúbitos no interior da abóbada, eles o nivelaram e o alargaram para formar um salão. Depois que os mineradores tinham removido toda a pedra que havia sido enfraquecida pelo fogo, os egípcios começaram a trabalhar. Não usavam fogo no momento de extrair blocos de pedra. Usando apenas esferas e martelos de dolerito, começaram a construir uma porta deslizante de granito.

Primeiro, lascaram a pedra para recortar um bloco imenso de granito de uma das paredes. Hillalum e os outros mineradores tentaram ajudar, mas acharam muito difícil: não se erodia a pedra friccionando-a. Em vez disso, batia-se e se extraía lascas usando apenas golpes de martelo com uma intensidade precisa; aplicar menos ou mais força era inútil.

Depois de algumas semanas, o bloco estava pronto. Era mais alto que um homem, e ainda mais largo. Para liberá-lo da base, eles talharam

ranhuras em torno do sopé da pedra e martelaram cunhas secas de madeira para seu interior. Depois, enfiaram cunhas mais finas nas primeiras para fendê-las, e derramaram água nas frestas, de modo que a madeira intumescesse. Em algumas horas, um estalido se deslocou pela pedra, e o bloco se soltou.

Nos fundos do salão, do lado direito, os mineradores queimaram um estreito corredor de inclinação ascendente, e no chão diante da entrada da câmara, escavaram no piso uma via descendente com um cúbito de tamanho. Assim, havia uma rampa lisa e contínua aberta através do chão imediatamente em frente à entrada, que terminava logo à esquerda. Por essa rampa, os egípcios carregaram o bloco de granito. Eles arrastaram e empurraram o bloco para o alto, até o corredor lateral, onde coube quase sem folga, e o prenderam no lugar com uma pilha de tijolos chatos de adobe encostados na base da parede esquerda, como um pilar apoiado na rampa.

Com a pedra deslizante para deter as águas, era seguro para os mineradores prosseguir. Se por acaso rompessem um reservatório, e as águas do céu começassem a escorrer pelo túnel, eles quebrariam os tijolos um a um, e a pedra desceria deslizando até parar na chanfradura no chão, bloqueando completamente a porta. Se as águas escoassem com tanta força que jogassem os homens para fora dos túneis, os tijolos iriam se dissolver gradualmente e, mais uma vez, a pedra desceria deslizando. As águas seriam retidas e os mineradores poderiam, então, começar um túnel novo em outra direção, para evitar o reservatório.

Os mineradores novamente usaram a técnica de atear fogo para continuar o túnel, começando na extremidade mais distante do salão. Para auxiliar a circulação de ar na parte interna da abóbada, esticaram peles de boi em estruturas altas de madeira, colocadas em ângulo oblíquo dos dois lados da entrada do túnel no alto da torre. Assim, o vento constante que soprava abaixo da abóbada do céu era conduzido para cima, na direção do interior do túnel. Ele mantinha o fogo incandescente, e limpava o ar depois que o fogo se apagava, de modo que os mineradores podiam cavar sem respirar fumaça.

Os egípcios não pararam de trabalhar depois que a pedra deslizante estava no lugar. Enquanto os mineradores golpeavam a extremidade do túnel com suas picaretas, os egípcios trabalhavam na tarefa de esculpir uma escada na pedra sólida, para substituir os degraus de madeira. Eles fizeram isso com as cunhas de madeira, e os blocos que removiam do chão inclinado criavam degraus em seu lugar.

* * *

Assim trabalhavam os mineradores, aumentando cada vez mais o túnel. Este sempre subia, embora invertesse sua direção com regularidade, como um ponto em uma costura gigante, de modo que a direção geral de sua trilha era diretamente para cima. Eles construíram outros espaços com portas deslizantes, de modo que apenas o segmento superior do túnel seria inundado se eles penetrassem um reservatório. Os homens abriram canaletas na superfície da abóbada, nas quais penduraram passarelas e plataformas; começando dessas plataformas, bem longe da torre, escavaram túneis laterais, que se juntavam ao túnel principal no interior da abóbada. O vento era guiado através destes para fornecer ventilação, purificando a fumaça das profundezas do túnel.

O trabalho continuou por anos. As equipes de carregadores já não se arrastavam com tijolos, mas com madeira e água para atear fogo nas rochas. As pessoas começaram a habitar aqueles túneis no interior da abóbada, e em plataformas suspensas cultivavam plantas que cresciam se inclinando para baixo. Os mineradores viviam ali, na borda do céu; alguns se casaram e criaram filhos. Poucos tornaram a pôr os pés na terra outra vez.

* * *

Com um pano molhado enrolado no rosto, Hillalum desceu dos degraus de madeira para a pedra, após ter acabado de alimentar a fogueira na extremidade do túnel com mais madeira. O fogo continuaria por muitas

horas, e ele ia esperar nos túneis inferiores, onde o vento não estava carregado de fumaça.

Então houve um som distante de algo ruindo, o som de uma montanha de pedra se partindo, e depois um ronco que crescia constantemente. Em seguida, uma torrente de água desceu com velocidade pelo túnel.

Por um momento, Hillalum ficou paralisado de pavor. A água, chocantemente fria, bateu com força em suas pernas, derrubando-o. Ele se levantou, com dificuldade para respirar, inclinando-se contra a corrente, agarrando-se aos degraus.

Tinham atingido um reservatório.

Ele precisava descer pela porta deslizante mais próxima antes que ela se fechasse. Suas pernas queriam percorrer os degraus aos pulos, mas ele sabia que não conseguiria permanecer de pé se fizesse isso, e ser varrido para baixo pela corrente em fúria provavelmente faria com que ele batesse nas paredes até a morte. Indo tão rápido quanto se atrevia, desceu os degraus um por um.

Escorregou várias vezes, deslizando até uma dezena de degraus de cada vez; os degraus de pedra arranhavam suas costas, mas ele não sentia dor. Durante todo o tempo, teve certeza de que o túnel iria desmoronar e esmagá-lo, ou quem sabe toda a abóbada racharia ao meio, e o céu se escancararia sob seus pés, e ele cairia na terra em meio à chuva celestial. O castigo de Javé tinha chegado. Um segundo Dilúvio.

Quanto mais até chegar à porta deslizante? O túnel parecia estender-se para sempre, e as águas agora se derramavam ainda mais depressa. Ele estava descendo os degraus praticamente correndo.

De repente, ele tropeçou e patinhou em água rasa. Tinha corrido além do fim da escadaria e caíra no salão da pedra deslizante, e havia água acima de seus joelhos.

Ele ficou de pé e viu Damqiya e Ahuni, dois colegas mineradores. Os homens perceberam sua presença. Eles estavam parados diante da pedra que já havia bloqueado a saída.

— Não! — gritou ele.

— Eles a fecharam! — falou Damqiya. — Não esperaram.

— Tem outros vindo? — berrou Ahuni, sem esperança. — Talvez possamos mover o bloco.

— Não há mais ninguém — respondeu Hillalum. — Será que conseguem empurrá-la do outro lado?

— Eles não podem nos ouvir — disse Ahuni, e bateu no granito com um martelo, sem provocar som algum em meio ao estrondo da água.

Hillalum olhou ao redor do pequeno espaço, percebendo apenas neste instante que um egípcio flutuava com o rosto dentro d'água.

— Ele morreu caindo da escada — disse Damqiya.

— Não há nada que possamos fazer?

Ahuni olhou para cima.

— Poupe-nos, Javé.

Os três ficaram parados em meio à água que subia, rezando desesperadamente, mas Hillalum sabia que era em vão: seu vaticínio finalmente chegara. Javé não tinha pedido que construíssem a torre nem perfurassem a abóbada; a decisão de construí-la pertencia apenas aos homens, e eles iriam morrer naquela empreitada assim como em qualquer de suas tarefas mundanas. Suas virtuosidades não poderiam salvá-los das consequências de seus atos.

A água alcançou-lhes a altura do peito.

— Vamos para cima — gritou Hillalum.

Eles subiram o túnel com dificuldade, contra a corrente, enquanto a água se elevava atrás de seus calcanhares. As poucas tochas que iluminavam o túnel haviam se apagado. Por isso, subiram no escuro, murmurando orações que não conseguiam ouvir. Os degraus de madeira no alto do túnel tinham sido deslocados, e estavam presos bem mais abaixo do que o normal. Passaram por eles na subida até chegarem à rampa lisa de pedra, e ali esperaram que a água os levasse para cima.

Esperaram sem dizer nenhuma palavra, as orações exauridas. Hillalum imaginou que estava parado na garganta negra de Javé, enquanto o poderoso bebia intensamente as águas do céu, pronto para engolir os pecadores.

A água subiu e os ergueu, até que Hillalum podia estender as mãos e tocar o teto. A fissura gigante da qual as águas jorravam estava bem ao lado dele. Só restava um pequeno bolsão de ar. Hillalum gritou:

— Quando esta câmara se encher, podemos nadar na direção do céu.

Ele não sabia dizer se os outros haviam escutado. Hillalum inspirou pela última vez quando a água alcançou o teto e nadou para o alto, para o interior da fissura. Ele ia morrer mais perto do céu do que qualquer homem até então.

A fissura se estendia por muitos cúbitos. Assim que Hillalum a atravessou, a camada de pedra escapou de seus dedos, e seu corpo se agitando não tocou em nada. Por um instante, achou que estivesse sendo levado por uma corrente. Com apenas escuridão ao seu redor, ele sentiu de novo aquela vertigem horrível que experimentara ao se aproximar pela primeira vez da abóbada: não conseguia distinguir nenhuma direção, nem mesmo para cima ou para baixo. Ele batia braços e pernas na água, mas não sabia se estava se movendo.

Desamparado, talvez estivesse flutuando em água parada, talvez tivesse sido varrido furiosamente por uma corrente; tudo o que sentia era um frio estupefaciente. Ele nunca viu luz nenhuma. Não haveria uma superfície naquele reservatório para onde ele pudesse subir?

Então Hillalum foi lançado novamente na pedra. Sua mão sentiu uma fissura na superfície. Será que estava de volta onde começara? Ele estava sendo forçado para seu interior, e não tinha forças para resistir. Foi arrastado para o interior do túnel, e chacoalhava ao bater nas laterais. O local era incrivelmente profundo, como o extenso fosso de uma mina: ele sentia que seus pulmões iam explodir, mas ainda não havia fim para a passagem. Por fim, não conseguiu mais segurar a respiração. Ele estava se afogando, e a escuridão ao redor penetrou em seus pulmões.

Porém, de repente, as paredes se abriram, afastando-se dele. Hillalum estava sendo levado por uma forte corrente de água; ele sentiu ar acima da água! Então, não sentiu mais.

* * *

Hillalum despertou com o rosto pressionando uma rocha molhada. Não conseguia ver nada, mas podia sentir água perto das mãos. Ele rolou e gemeu. Todos os seus membros doíam, ele estava nu, e grande parte de sua pele estava esfolada ou enrugada pela água, mas ele inalava ar.

Algum tempo se passou, e finalmente ele conseguiu ficar de pé. A água fluía com rapidez na altura de seus tornozelos. Seguindo em uma direção, a água se aprofundava. Na outra, havia pedra seca; pelo toque, era xisto.

Estava totalmente escuro, como uma mina sem tochas. Com as pontas dos dedos machucadas, o minerador tateou seu caminho ao longo do chão, que, em certo ponto, se ergueu na forma de parede. Devagar, como uma criatura cega, ele rastejou de um lado para outro. Encontrou a fonte da água, uma abertura grande no chão. Então se lembrou! Tinha sido cuspido do reservatório por aquele buraco. Continuou a rastejar pelo que pareceram horas; se estivesse em uma caverna, era imensa.

Ele encontrou um lugar onde o solo seguia em aclive. Havia uma passagem que levava para cima? Talvez ainda pudesse alcançar o céu.

Hillalum rastejou, sem ter noção da passagem do tempo, sem se importar que o caminho de volta nunca mais fosse encontrado, já que não podia retornar por onde viera. Ele seguia por túneis que subiam quando os encontrava; por outros que desciam quando era preciso. Embora antes tivesse engolido mais água do que imaginasse ser possível, ele começou a sentir sede, e também fome.

E finalmente Hillalum viu luz, e correu para o exterior.

A luz fez com que ele contraísse as pálpebras e fechasse os olhos, e caiu de joelhos, com os punhos cerrados diante do rosto. Aquilo era o esplendor de Javé? Seus olhos aguentariam vê-lo? Minutos depois, ele conseguiu abri-los, e viu o deserto. Ele emergira de uma caverna no sopé de alguma montanha, e rochas e areia se estendiam pelo horizonte.

O céu era exatamente igual à terra? Javé habitava um lugar como aquele? Ou aquilo era apenas outro domínio dentro da Criação de Javé, outra terra acima da dele, enquanto Javé habitava ainda mais alto?

Um sol repousava perto do topo das montanhas às suas costas. Ele estava se elevando ou se pondo? Havia dias e noites ali?

Hillalum semicerrou os olhos diante da paisagem arenosa. Uma linha se movia ao longo do horizonte. Seria uma caravana?

Ele correu em sua direção, gritando com a garganta ressecada até que a falta de ar o deteve. Uma silhueta no fim da caravana ouviu e fez com que toda a fila parasse. Hillalum continuou correndo.

Quem o avistara parecia ser um homem, não um espírito, e estava vestido como os homens que atravessam o deserto. Ele tinha um odre com água à mão. Hillalum bebeu o melhor que pôde, arfando para recuperar o fôlego.

Por fim, ele o devolveu ao homem e disse ofegante:

— Que lugar é este?

— Você foi atacado por bandidos? Nós estamos nos dirigindo para Erech.

Hillalum o encarou fixamente.

— Você só pode estar me enganando! — gritou ele.

O homem recuou e o observou como se ele estivesse louco devido ao sol. Hillalum viu outro homem na caravana se aproximar para investigar.

— Erech é em Sinar!

— É, sim. Você não estava viajando para Sinar? — O outro homem estava a postos com seu cajado.

— Eu vim de... Eu estava em... — Hillalum parou. — Vocês conhecem a Babilônia?

— Ah, esse é seu destino? Fica ao norte de Erech. É uma viagem fácil entre as duas.

— A torre. Você já ouviu falar dela?

— Sem dúvida, o pilar para o céu. Dizem que os homens no topo estão abrindo um túnel através da abóbada do céu.

Hillalum caiu na areia.

— Está se sentindo mal?

Os dois condutores da caravana murmuraram entre si e se afastaram para se reunir com os outros. Hillalum não os estava observando.

Ele estava em Sinar. Tinha voltado para a terra. Havia subido além dos reservatórios do céu, e chegara de volta à terra. Será que Javé o trouxera a

esse lugar para impedi-lo de chegar ainda mais alto? Mesmo assim, o minerador ainda não tinha visto nenhum sinal, nenhuma indicação de que Javé o tivesse notado. Ele não experimentara nenhum milagre de Javé para colocá-lo ali. Pelo que entendia, tinha apenas nadado para o alto do interior da abóbada e entrado na caverna abaixo.

De algum modo, a abóbada do céu ficava abaixo da terra. Era como se elas se apoiassem uma na outra, embora estivessem separadas por muitas léguas. Como isso era possível? Como locais tão distantes podiam se tocar? A cabeça de Hillalum doía ao tentar pensar nisso.

Então, ele entendeu: *um selo cilíndrico*. Quando rolado sobre uma placa de argila fresca, o cilindro entalhado deixava uma marca que formava uma imagem rebaixada. Assim, duas figuras podiam aparecer em extremidades opostas na placa, embora estivessem lado a lado na superfície do cilindro. O mundo inteiro era como um desses cilindros. Os homens imaginavam o céu e a terra como as bordas da placa, com o firmamento e as estrelas entre eles; mas o mundo estava enrolado de algum jeito fantástico, o céu e a terra se tocavam.

Agora estava claro por que Javé não havia derrubado a torre, não havia castigado os homens por desejarem ir além dos limites estabelecidos para eles: porque a jornada mais longa ia apenas devolvê-los ao lugar de onde eles tinham saído. Séculos de trabalho não revelariam a eles nada mais a respeito da Criação além do que já sabiam. Ainda assim, através de sua empreitada, os homens teriam um vislumbre do talento artístico inimaginável do trabalho de Javé, ao ver a engenhosidade com a qual o mundo havia sido construído. Com essa construção, a obra de Javé era revelada, e a obra de Javé era ocultada.

Assim, os homens aprenderiam seu lugar.

Hillalum ficou de pé, as pernas ainda bambas de assombro, e procurou os condutores da caravana. Ele ia voltar para a Babilônia. Talvez tornasse a ver Lugatum. Ia mandar avisar aqueles que estavam na torre. Ia contar a eles sobre o formato do mundo.

Entenda

Uma camada de gelo; a sensação em meu rosto não é fria, mas áspera. Não tenho nada a que me segurar; minhas luvas permanecem patinhando na crosta. Posso ver pessoas acima, correndo de um lado para outro, mas não há nada que elas possam fazer. Estou tentando esmurrar o gelo com os punhos, mas meus braços se movem em câmera lenta, meus pulmões parecem ter estourado, os pensamentos se embaralham, e me sinto dissolver...

Acordo aos gritos. Meu coração, acelerado como uma britadeira. Meu Deus. Afasto as cobertas e me sento na beirada da cama.

Eu não conseguia me lembrar disso. Antes, eu só me lembrava de cair através do gelo; o médico disse que minha mente tinha reprimido o restante. Agora eu me lembro, e é o pior pesadelo que já tive.

Agarro o edredom com as mãos e cerro os punhos; sinto que estou tremendo. Tento me acalmar, respirar devagar, mas o choro insiste em sair. Foi tão real que eu pude *sentir*: sentir como era morrer.

Fiquei na água por quase uma hora; ao ser resgatado, não passava de um vegetal. Estou recuperado? Foi a primeira vez que o hospital testou sua nova droga em alguém com tanto dano cerebral. Funcionou?

* * *

O mesmo pesadelo, repetidas vezes. Depois da terceira tentativa, sei que não vou dormir novamente. Passo o resto das horas antes do amanhecer preocupado. É este o resultado? Será que eu estou enlouquecendo?

Amanhã é meu checkup semanal com o residente no hospital. Espero que ele tenha algumas respostas.

* * *

Dirijo até o centro de Boston e, depois de meia hora de espera, o Dr. Hopper pode me atender. Eu me sento em uma maca em uma sala de

exames, atrás de uma cortina amarela. Um monitor posicionado na altura da minha cintura projeta-se da parede, mas, do ângulo em que estou, a tela plana parece em branco, devido à configuração de privacidade. O médico digita em um teclado, provavelmente acessando meu prontuário, em seguida começa a me examinar. Enquanto verifica minhas pupilas com uma lanterna clínica, conto a ele sobre meus pesadelos.

— Teve algum desses sonhos antes do acidente, Leon?

Ele pega um martelinho e bate em meus cotovelos, joelhos e tornozelos.

— Nunca. São efeito colateral da droga?

— Não são um efeito colateral. A terapia com o hormônio K regenerou muitos neurônios danificados, e essa é uma mudança enorme à qual seu cérebro precisa se ajustar. Os pesadelos provavelmente são apenas um sinal disso.

— É permanente?

— Improvável — diz ele. — Depois que seu cérebro se acostumar a ter todas essas conexões outra vez, você vai ficar bem. Agora toque a ponta do nariz com o indicador, depois toque meu dedo, aqui.

Faço o que ele pede. Em seguida, ele me manda tocar o polegar com cada um dos dedos, depressa. Depois tenho que andar em linha reta, como se estivesse fazendo um teste de sobriedade. Após isso, ele começa o questionário.

— Diga o nome das partes de um sapato comum.

— Tem a sola, o salto, os cadarços. Hum, os buracos por onde passam os cadarços são os ilhoses, e tem também a língua, por baixo dos cadarços...

— Está bem. Repita estes números: três nove um sete quatro...

— ...seis dois.

O Dr. Hooper não esperava por aquilo.

— O quê?

— Três nove um sete quatro seis dois. Você usou esses números na primeira vez que me examinou, quando eu ainda estava internado. Você deve usar muito esses números para testar pacientes, não usa?

— Não era para você memorizá-los; é um teste de memória imediata.

— Eu não decorei de propósito. Apenas lembrei por acaso.

— Você se lembra dos números que usei na segunda vez que o examinei?

Faço uma breve pausa.

— Quatro zero oito um cinco nove dois.

Ele fica surpreso.

— A maior parte das pessoas não consegue memorizar tantos dígitos ouvindo apenas uma vez. Você usa técnicas mnemônicas?

Nego com um balançar de cabeça.

— Não. Sempre mantenho os números de telefone na discagem automática.

Ele vai até o terminal e digita no teclado numérico.

— Vamos tentar estes. — Ele lê um número de quatorze dígitos, e eu o repito de volta. — Você acha que pode fazer isso de trás para a frente?

Recito os algarismos na ordem inversa. Ele franze a testa e começa a digitar algo em meu prontuário.

* * *

Estou sentado diante de um terminal em uma das salas de testes na ala psiquiátrica; é o local mais próximo onde o Dr. Hopper conseguiu testes de inteligência. Há um espelho pequeno pendurado em uma parede, provavelmente com uma câmera de vídeo atrás. Caso esteja gravando, sorrio para ela e dou um aceno rápido. Sempre faço isso para câmeras ocultas em caixas eletrônicos.

O Dr. Hopper checa os resultados do meu teste impresso.

— Bom, Leon, você foi... muito bem. Nos dois testes, marcou noventa e nove por cento.

Fico boquiaberto.

— Está brincando?

— Não, não estou. — Ele também custa a acreditar. — Bem, esse número não indica quantas perguntas você acertou; demonstra que, em relação à população geral...

— Eu sei o que significa — digo distraidamente. — Eu estava nos setenta por cento quando eles nos testaram no ensino médio.

Noventa e nove por cento. Internamente, estou tentando encontrar algum sinal disso. Qual devia ser a sensação?

Ele se senta à mesa, ainda olhando para os resultados impressos.

— Você nunca frequentou uma faculdade, frequentou?

Volto minha atenção para ele.

— Frequentei, mas larguei antes de me formar. Minhas ideias sobre educação não eram bem-vistas pelos professores.

— Entendo. — Ele provavelmente acha que fui jubilado. — Bom, está claro que você melhorou tremendamente. Um pouco disso pode ter vindo naturalmente com a idade, mas a maior parte deve ser resultado da terapia com hormônio K.

— Esse é um efeito colateral e tanto.

— Bom, não fique tão animado. A pontuação não prevê quão bem você consegue fazer as coisas no mundo real.

Reviro os olhos quando o Dr. Hooper não está olhando. Há algo incrível acontecendo, e tudo o que ele pode me oferecer é um clichê. Ele continua falando:

— Eu gostaria de dar seguimento ao caso com mais testes. Você pode vir amanhã?

* * *

Estou no meio do ajuste de um holograma quando o telefone toca. Hesito entre o telefone e o painel e, com relutância, opto pelo telefone. Normalmente deixo que a secretária eletrônica atenda a todas as ligações quando estou no processo de edição, mas preciso que as pessoas saibam que estou trabalhando outra vez. Perdi muitos negócios quando estava no hospital: um dos riscos de ser freelancer. Atendo o telefone e digo:

— Greco Hologramas, Leon Greco falando.

— Oi, Leon, é o Jerry.

— Oi, Jerry. E aí?

Ainda estou estudando a imagem na tela: é um par de engrenagens helicoidais interconectadas. Uma metáfora banal para ação cooperativa, mas era o que o cliente queria para o anúncio.

— Quer ir ao cinema hoje à noite? Eu, Sue e Tony vamos ver *Metal Eyes*.

— Hoje? Ah, não posso, hoje à noite é a última apresentação de um monólogo no teatro Hanning.

As superfícies dos dentes da engrenagem estão arranhadas e com aspecto oleoso. Seleciono cada superfície com o cursor e digito os parâmetros a serem ajustados.

— Qual monólogo?

— Chama-se *Symplectic*. É um monólogo em versos. — Agora ajusto a iluminação, para acabar com algumas das sombras no encaixe das endentações. — Quer vir comigo?

— É algum tipo de solilóquio shakespeariano?

Exagerei: com aquela iluminação, as bordas externas vão ficar claras demais. Determino um limite máximo específico para a intensidade da luz refletida.

— Não, é uma obra de fluxo de consciência, em que a atriz alterna entre quatro métricas diferentes; o verso iâmbico é apenas uma delas. Todos os críticos a consideraram um *tour de force*.

— Não sabia que você era tão fã assim de poesia.

Depois de conferir todos os números mais uma vez, deixo o computador recalcular o padrão de interferência.

— Normalmente, não sou, mas essa pareceu muito interessante. O que acha?

— Obrigado, mas acho que vou ficar com o filme.

— Está bem. Divirtam-se. Vamos marcar alguma coisa para a semana que vem.

Nós nos despedimos e desligamos, e fico esperando o fim do recálculo.

De repente, me ocorre o que acabou de acontecer. Eu nunca fui capaz de fazer uma edição importante enquanto falava ao telefone. Porém, dessa

vez, não tive dificuldade em manter minha mente nas duas coisas ao mesmo tempo.

As surpresas não vão acabar nunca? Depois que os pesadelos terminaram e eu consegui relaxar, a primeira coisa que percebi foi o aumento em minha velocidade de leitura e compreensão. Pude de fato ler os livros parados na minha estante, os quais sempre quis encarar mas nunca tive tempo; até os mais difíceis, material técnico. Na época da faculdade, eu tinha aceitado o fato de que não podia estudar tudo o que me interessava. É empolgante descobrir que talvez eu possa; fiquei extremamente alegre quando comprei uma braçada de livros outro dia.

E agora descubro que consigo me concentrar em duas coisas ao mesmo tempo; algo que jamais teria previsto. Eu me levanto de minha escrivaninha e dou um grito, como se meu time favorito tivesse marcado no último minuto, tal é a sensação.

* * *

O neurologista-chefe, Dr. Shea, assumiu meu caso provavelmente para levar o crédito. Eu mal o conheço, mas ele age como se eu fosse seu paciente há anos.

Ele me chamou até seu consultório para uma conversa. Entrelaça os dedos e repousa os cotovelos na mesa.

— Como se sente em relação ao aumento de sua inteligência? — questiona.

Que pergunta inútil.

— Estou muito satisfeito com isso.

— Que bom — diz o Dr. Shea. — Até agora, não encontramos efeitos adversos da terapia com hormônio K. Você não necessita mais de nenhum tratamento para o dano cerebral de seu acidente. — Eu meneio a cabeça. — Entretanto, estamos realizando um estudo para aprender mais sobre o efeito do hormônio na inteligência. Se estiver disposto, gostaríamos de lhe dar outra injeção e monitorar os resultados.

De repente, minha atenção foi conquistada; finalmente, algo que valia a pena ouvir.

— Tenho interesse em participar.

— Compreenda que as finalidades são estritamente investigativas, e não terapêuticas. Você pode se beneficiar disso com maiores ganhos de inteligência, mas não é medicamente necessário para sua saúde.

— Entendo. Imagino que tenha de assinar um formulário de autorização.

— Claro. Também podemos lhe oferecer alguma remuneração por participar do estudo.

Ele diz um valor, mas eu mal estou escutando.

— Para mim está bom.

Imagino aonde isso pode me levar, o que pode significar para mim, e o *frisson* percorre meu corpo.

— Também gostaríamos que assinasse um termo de confidencialidade. Está claro que a droga é espetacular, mas não queremos fazer nenhum anúncio prematuro.

— Sem dúvida, Dr. Shea. Alguém já recebeu doses complementares antes?

— Claro, você não vai ser uma cobaia. Posso lhe assegurar que não houve nenhum efeito colateral negativo.

— Quais foram os efeitos?

— É melhor não plantarmos sugestões em sua mente: você pode acabar imaginando que está sentindo os sintomas que eu mencionar.

O médico fica muito confortável na postura de dono da verdade. Continuo a insistir.

— Pode me dizer ao menos quanto a inteligência deles aumentou?

— Cada indivíduo é diferente. Você não deve basear suas expectativas no que aconteceu com os outros.

Escondo minha frustração.

— Certo, doutor.

* * *

Se Shea não quer me contar sobre o hormônio K, posso descobrir sobre ele por conta própria. Do meu terminal em casa conecto-me ao datanet. Acesso o banco de dados público do órgão de controle de medicamentos, a Food and Drugs Administration, e começo a estudar os INDs, os formulários de Investigação de Nova Droga, que devem ser aprovados antes que a droga em questão possa começar a ser testada em humanos.

O requerimento do hormônio K tinha sido feito pela Sorensen Farmacêutica, uma empresa de pesquisa de hormônios sintéticos que estimulam a regeneração de neurônios no sistema nervoso central. Corro os olhos rapidamente pelos resultados dos testes em cães privados de oxigênio, depois babuínos: todos os animais se recuperaram por completo. A toxicidade foi baixa, e a observação de longo prazo não revelou nenhum efeito adverso.

Os resultados das amostras corticais são instigantes. Os animais com danos cerebrais desenvolveram neurônios substitutos com muito mais dendritos, mas as cobaias saudáveis que receberam a droga permaneceram inalteradas. A conclusão dos pesquisadores foi que o hormônio K substitui apenas neurônios danificados, não os saudáveis. Nos animais com danos cerebrais, os novos dendritos pareciam inócuos: tomografias PET-scans não revelaram nenhuma alteração no metabolismo do cérebro, e o desempenho dos animais em testes de inteligência não mudou.

Em seu requerimento para realizar testes clínicos em humanos, os pesquisadores da Sorensen esquematizaram protocolos para testar as drogas primeiro em voluntários saudáveis, depois em vários tipos de paciente: vítimas de AVC, pacientes com Alzheimer e pessoas — como eu — em estado vegetativo persistente. Não consigo acessar os relatórios de andamento destes testes: mesmo com o anonimato dos pacientes, apenas médicos participantes têm autorização para examinar esses registros.

Os estudos em animais não lançaram nenhuma luz sobre o aumento de inteligência em humanos. É razoável supor que o efeito na inteligência é proporcional ao número de neurônios substituídos pelo hormônio, o que, por sua vez, depende da extensão do dano inicial. Isso significa que os pacientes em coma profundo iriam experimentar aprimoramentos mais

vastos. Claro, eu precisaria tomar conhecimento do progresso dos outros pacientes para confirmar esta teoria; isso ia ter de esperar.

O questionamento seguinte: há um ponto de estagnação, ou doses adicionais do hormônio promovem mais incrementos? Vou saber a resposta a essa pergunta antes dos médicos.

* * *

Não estou nervoso; na verdade, eu me sinto bastante relaxado. Estou apenas deitado de bruços, respirando bem devagar. Minhas costas estão dormentes; eles me deram uma anestesia local, depois injetaram o hormônio K via intraespinhal. Uma injeção intravenosa não ia funcionar, pois o hormônio não consegue atravessar a barreira sangue/cérebro. Esta é a primeira de tais injeções da qual me lembro, embora tenham me dito que recebi duas antes: uma quando ainda estava em coma e outra quando recobrei a consciência, mas sem habilidade cognitiva.

* * *

Mais pesadelos. Nem todos são realmente violentos, mas são os sonhos mais bizarros e alucinantes que já tive. Frequentemente não reconheço nada neles. Acordo muitas vezes aos gritos e me debatendo na cama. Contudo, dessa vez, sei que eles vão passar.

* * *

Agora, há vários psicólogos no hospital me estudando. É interessante ver como eles analisam minha inteligência. Um médico avalia minhas habilidades em termos de componentes, como aquisição, retenção, desempenho e transferência. Outro me observa sob os ângulos do raciocínio lógico e matemático, da comunicação linguística e da visualização espacial.

Quando vejo esses especialistas, eu me recordo dos tempos de faculdade, cada um com uma teoria de estimação, cada um distorcendo as

provas para que se encaixem. Hoje, eles me convencem ainda menos do que naquela época; ainda não têm nada a me ensinar. Suas categorizações são infrutíferas ao analisar meu desempenho, já que — não faz sentido negar — sou igualmente bom em tudo.

Eu podia estar estudando uma nova classe de equações, ou a gramática de uma língua estrangeira, ou o funcionamento de um motor; em qualquer um dos casos, tudo se encaixa, os elementos colaboram maravilhosamente. Em qualquer um dos casos, não preciso memorizar regras conscientemente para então aplicá-las mecanicamente. Apenas percebo como o sistema se comporta como um todo, como uma entidade. Claro, tenho consciência de todos os detalhes e passos individuais, mas estes exigem tão pouca concentração que quase parecem intuitivos.

* * *

Invadir a segurança de um computador na verdade é bem entediante; consigo entender a atração que tal atividade exerce naqueles que não conseguem resistir a um desafio à sua inteligência, mas, de forma alguma, é algo com estética intelectual. Não é diferente de forçar as portas de uma casa trancada até encontrar uma fechadura mal instalada. Uma atividade útil, mas completamente desinteressante.

Entrar no banco de dados privado da Food and Drugs Association foi fácil. Usei um dos terminais que ficam na parede do hospital e que rodam o programa de informação aos visitantes, exibindo mapas e uma lista da equipe. Partindo do programa, eu invadi o nível de sistema e escrevi um programa isca para imitar a tela de abertura de login. Então simplesmente deixei o terminal; com o tempo, uma das minhas médicas passou para verificar uma de suas fichas. O programa isca rejeitou a senha, e aí restaurou a verdadeira tela de abertura. A médica tentou se logar novamente e, dessa vez, conseguiu, mas sua senha ficou com meu programa falso.

Usando a conta da médica, obtive acesso ao registro dos pacientes no banco de dados da FDA. Nos testes da Fase I, com voluntários saudáveis, o

hormônio não teve efeito. Com os testes clínicos da Fase II em andamento, a situação era diferente. Há relatórios semanais sobre oitenta e dois pacientes, cada um deles identificado por um número, todos tratados com o hormônio K, a maioria vítima de AVC ou Alzheimer, alguns casos de coma. Os últimos relatórios confirmam minha previsão: os que sofreram maior dano cerebral apresentam maior aumento de inteligência. Os PET-scans revelam aumento no metabolismo cerebral.

Por que os estudos em animais não apontam para isso? Acho que o conceito de massa crítica fornece uma analogia. Os animais estão abaixo de alguma massa crítica em termos de sinapses; o cérebro deles comporta apenas abstração mínima, e não ganha nada com sinapses adicionais. Os humanos superam essa massa crítica. O cérebro de uma pessoa comporta a autoconsciência plena e — como indicam esses registros — usa qualquer sinapse nova na máxima extensão possível.

Os registros mais animadores são aqueles das pesquisas recém-iniciadas, que utilizam alguns dos pacientes voluntários. Injeções complementares do hormônio aumentam ainda mais a inteligência, mas, como antes, isso depende da gravidade do dano inicial. Os pacientes com AVC leve não alcançaram níveis de genialidade. Aqueles com maior dano foram mais longe.

Dos pacientes provindos de coma profundo, sou o único que recebeu uma terceira injeção. Ganhei mais sinapses novas que qualquer outro dos casos estudados anteriormente; o nível que minha inteligência poderá alcançar é uma questão em aberto. Sinto meu coração bater mais forte quando penso nisso.

* * *

Lidar com os médicos está se tornando cada vez mais entediante conforme as semanas vão passando. Eles me tratam como se eu fosse um deficiente mental superdotado: um paciente que exibe certos sinais de alta inteligência, mas, ainda assim, apenas um paciente. Para os neurologistas, sou apenas uma fonte de imagens de tomografias e um eventual frasco de

fluido cerebrospinal. Os psicólogos têm a oportunidade de obter insights sobre meu raciocínio por meio das entrevistas, mas não conseguem se livrar da percepção de que sou uma pessoa sem capacidade para lidar com minha situação, um homem comum que recebeu dons que não sabe apreciar.

Os médicos, de sua parte, não gostam do que está acontecendo. Eles têm certeza de que o desempenho no mundo real não pode ser melhorado por uma droga, e que minha habilidade existe apenas segundo os parâmetros artificiais dos testes de inteligência, por esse motivo desperdiçam tempo com isso. No entanto, o parâmetro não é apenas artificial, é limitado demais: meus resultados consistentemente perfeitos não lhes dizem nada porque eles não têm base para comparação nesse ponto tão fora da curva.

É claro, os resultados dos testes capturam apenas um vislumbre das mudanças em andamento. Se ao menos os médicos pudessem sentir o que está acontecendo na minha cabeça: como estou identificando o que passara despercebido, quantos usos vejo para essa informação. Longe de ser um fenômeno de laboratório, minha inteligência é prática e eficaz. Com minha memória quase total e minha habilidade de correlacionar, posso avaliar uma situação imediatamente e escolher a melhor maneira de proceder de acordo com meus objetivos; nunca fico indeciso. Apenas temas teóricos apresentam desafio.

* * *

Não importa o que eu estude, posso ver padrões. Vejo a gestalt, a melodia subjacente às notas, em tudo: matemática e ciência, arte e música, psicologia e sociologia. Enquanto leio os textos, consigo deduzir quando os autores estão se arrastando de um ponto ao seguinte, tateando à procura de conexões que não conseguem ver. São como um grupo de pessoas que, sem saber ler música, olham para a partitura de uma sonata de Bach, na tentativa de entender como uma nota leva à outra.

Por mais gloriosos que esses padrões sejam, eles estimulam meu apetite por mais. Há outros padrões esperando para serem descobertos, gestalts de outra escala completamente diferente. Em relação a esses, até eu sou cego; em comparação, todas as minhas sonatas são apenas dados. Não tenho ideia da forma que essas gestalts podem assumir, mas isso virá com o tempo. Quero descobri-las e compreendê-las. Quero isso mais do que qualquer coisa.

* * *

O nome do médico visitante é Clausen, e ele não se comporta como os outros. A julgar por seus modos, está acostumado a usar uma máscara de brandura com os pacientes, mas está também um pouco desconfortável hoje. Ele tenta demonstrar cordialidade, mas não se sai tão bem quanto os outros médicos, que parecem agir no automático.

— O teste funciona deste jeito, Leon: você vai ler descrições de várias situações, cada uma apresentando um problema. Depois, quero que me diga o que faria para solucionar aquele problema.

Aceno a cabeça em concordância.

— Já fiz esse tipo de teste antes.

— Muito bem, muito bem.

Ele digita um comando, e a tela à minha frente é preenchida por um texto. Leio a situação: é um problema de organização de prazos e prioridades. É realista, o que é incomum; dar nota a um teste desses é arbitrário demais para o gosto da maioria dos pesquisadores. Prolongo o tempo antes de dar minha resposta, e mesmo assim Clausen se surpreende com minha velocidade.

— Isso é muito bom, Leon. — Ele aperta uma tecla no computador. — Tente esta aqui.

Continuamos com mais situações. Enquanto estou lendo a quarta, Clausen toma cuidado de exibir apenas distanciamento profissional. Ele tem um especial interesse em uma resposta para essa pergunta, mas não

quer que eu saiba. A situação envolve política no trabalho e competição acirrada por uma promoção.

Então me dou conta de quem é Clausen: um psicólogo do governo, talvez militar, provavelmente parte do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da CIA. Esse teste tem por finalidade avaliar o potencial do hormônio K de produzir estrategistas. É por isso que ele está desconfortável ao trabalhar comigo: está acostumado a lidar com soldados e funcionários do governo, pacientes cujo trabalho é seguir ordens.

É provável que a CIA queira me reter como objeto de mais testes; eles podem fazer o mesmo com outros pacientes, dependendo do desempenho de cada um. Depois disso, vão arranjar alguns voluntários das Forças Armadas, privar o cérebro deles de oxigênio e tratá-los com o hormônio K. Eu certamente não desejo me tornar um recurso da CIA, mas já demonstrei habilidade suficiente para despertar o interesse da agência. O melhor a fazer é minimizar minhas habilidades e errar a pergunta.

Sugiro um procedimento ruim como resposta, e Clausen fica decepcionado. Ainda assim, seguimos em frente. Agora, demoro mais nas situações e dou respostas mais pobres. Espalhadas em meio às perguntas graves estão as inofensivas: uma sobre evitar a aquisição hostil de uma empresa, outra sobre mobilizar pessoas para evitar a construção de uma usina a carvão. Erro essas duas perguntas.

Clausen me dispensa quando termina o teste; ele já está tentando formular suas recomendações. Se eu tivesse mostrado minhas verdadeiras habilidades, a CIA iria me recrutar imediatamente. Meu desempenho irregular vai reduzir o entusiasmo deles, mas não vai fazê-los mudar de ideia; os retornos em potencial são grandes demais para que eles ignorem o hormônio K.

Minha situação mudou completamente; quando a CIA decidir me reter como objeto de testes, obter meu consentimento será apenas opcional para eles. Preciso de um plano.

* * *

Passam-se quatro dias, e Shea está surpreso.

— Você quer abandonar a pesquisa?

— Sim, agora mesmo. Vou voltar para o trabalho.

— Se é uma questão de remuneração, tenho certeza de que podemos...

— Não, dinheiro não é o problema. Apenas cansei de passar por testes.

— Eu sei, os testes se tornam cansativos depois de algum tempo, mas estamos aprendendo muito. E somos gratos por sua participação, Leon. Não é apenas...

— Tenho consciência do quanto estão aprendendo com esses testes. Isso não muda minha decisão: não quero continuar.

Shea começa a falar outra vez, mas eu o interrompo.

— Sei que ainda estou preso pelo acordo de confidencialidade; se quiserem que eu assine algo reiterando isso, envie para mim. — Eu me levanto e me dirijo à porta. — Adeus, Dr. Shea.

Ele telefona para mim dois dias depois.

— Leon, você precisa vir até aqui para um exame. Acabei de ser informado: detectaram efeitos colaterais adversos em pacientes tratados com o hormônio K em outro hospital.

Ele está mentindo; nunca me diria isso por telefone.

— Que tipo de efeitos colaterais?

— Perda de visão. Há crescimento excessivo do nervo óptico, seguido por deterioração.

A CIA deve ter emitido tais ordens quando soube que eu abandonei a pesquisa. Assim que eu voltar ao hospital, Shea vai me declarar mentalmente incapaz e me confinar a seus cuidados. Aí vou ser transferido para uma instituição de pesquisa do governo.

Assumo um tom alarmado.

— Estou indo agora mesmo.

— Que bom. — O médico fica aliviado por seu discurso ter sido convincente. — Podemos examiná-lo assim que chegar.

Desligo o telefone e ligo meu terminal para verificar as informações mais recentes no banco de dados da FDA. Não há menção a nenhum efeito colateral relacionado ao nervo óptico ou a qualquer outra parte do

corpo. Não nego a possibilidade de que esses efeitos possam surgir no futuro, mas eu mesmo vou descobri-los.

É hora de deixar Boston. Começo a fazer as malas. Vou zerar minhas contas bancárias quando partir. Vender meu material de trabalho ia render mais dinheiro, mas a maioria do equipamento é grande demais para transportar; levo apenas algumas das peças menores. Depois de algumas horas de preparação, o telefone volta a tocar: é Shea, querendo saber meu paradeiro. Dessa vez, deixo que a secretária eletrônica atenda.

— Leon, você está aí? Aqui é o Dr. Shea. Já estamos esperando você há um bom tempo.

Ele vai tentar me ligar mais uma vez, então vai mandar os auxiliares de enfermagem de jaleco branco, ou talvez a própria polícia, para me buscar.

* * *

Sete e meia da noite. Shea ainda está no hospital, à espera de notícias minhas. Giro a chave na ignição e saio de minha vaga em frente ao hospital, do outro lado da rua. A qualquer momento ele vai perceber o envelope que botei por baixo da porta de seu consultório. Assim que o abrir, vai perceber que é meu.

Saudações, Dr. Shea,

Imagino que esteja me procurando.

Um momento de surpresa, mas não mais que um momento; ele vai recuperar a compostura, alertar a segurança para revistar o prédio à minha procura e verificar todos os veículos de saída. Então, vai continuar a ler.

Pode dispensar todos esses auxiliares de enfermagem brutamontes que estão me esperando no meu apartamento; não quero desperdiçar o tempo valioso deles. No entanto, você provavelmente deve estar determinado a fazer com que a polícia emita um alerta de captura para me deter. Dessa forma, tomei a liberdade de inserir um vírus no computador do departamento de trânsito que vai substituir informações sempre que

pesquisarem o número da minha placa. Claro que você poderia fornecer uma descrição do meu carro, mas você nem sabe como ele é, sabe?

Leon

Ele vai ligar para a polícia e alertar aos programadores sobre o vírus. Vai concluir que tenho complexo de superioridade, com base no tom arrogante do bilhete, no risco desnecessário de voltar ao hospital para entregá-lo e na revelação sem sentido de um vírus que, do contrário, podia ter passado sem ser detectado.

Shea, porém, vai estar enganado. Essas ações foram projetadas para fazer com que a polícia e a CIA me subestimem, de modo que eu possa contar com a falta de precauções adequadas por parte deles. Depois de eliminar meu vírus do computador do departamento de trânsito, os programadores da polícia vão avaliar que minhas habilidades de programação são boas, mas não excelentes, e aí vão abrir os backups para recuperar o verdadeiro número de minha placa. Isso vai ativar um segundo vírus, muito mais sofisticado. Esse vírus vai modificar tanto os backups quanto o banco de dados ativo. A polícia ficará satisfeita por ter conseguido o número certo da placa, e vai gastar seu tempo procurando agulha em um palheiro.

Meu objetivo seguinte é conseguir outra ampola de hormônio K. Fazer isso, infelizmente, vai dar à CIA uma ideia exata do que realmente sou capaz. Se eu não tivesse mandado aquele bilhete, a polícia ia descobrir meu vírus mais tarde, em um momento em que saberiam que deviam tomar precauções bastante rigorosas ao eliminá-lo. Nesse caso, eu talvez nunca conseguisse remover o número da minha placa dos arquivos.

Enquanto isso, dei entrada em um hotel e estou trabalhando a partir do terminal de datanet do quarto.

* * *

Entrei em um banco de dados privado da FDA. Vi as comunicações internas da FDA e os endereços dos pacientes tratados com hormônio K.

Havia sido instituída uma suspensão de tratamentos com a substância: não eram permitidos mais testes até a revogação da suspensão. A CIA insistiu em me capturar e avaliar meu potencial de perigo antes que a FDA pudesse avaliar mais.

A FDA pediu a todos os hospitais que devolvessem as ampolas restantes, usando um serviço de entregas. Preciso obter uma ampola antes que isso aconteça. O paciente mais próximo está em Pittsburgh; reservo um assento em um voo que parte amanhã de manhã cedo. Então, verifico um mapa de Pittsburgh e faço um pedido à empresa Pensilvânia Courier para buscar uma encomenda em uma firma de investimentos no centro da cidade. Por fim, me inscrevo para várias horas de CPU em um supercomputador.

* * *

Estou em um carro alugado estacionado na lateral da quadra de um arranha-céu em Pittsburgh, logo na esquina. No bolso do meu paletó, há uma pequena placa de circuito com um teclado. Estou olhando para a direção da qual o entregador virá; metade dos pedestres usa máscara respiratória branca, mas a visibilidade é boa.

Eu a vejo a dois cruzamentos de distância; é uma van do modelo mais recente, com as palavras Pensilvânia Courier pintadas na lateral. Não é um serviço de alta segurança; a FDA não está tão preocupada assim comigo. Saio do carro e começo a caminhar em direção ao arranha-céu. A van chega, estaciona, e o motorista sai. Assim que ele adentra o prédio, entro no veículo.

Ele acabou de chegar do hospital. O motorista está a caminho do quadragésimo andar, com o intuito de coletar um pacote em uma empresa de investimentos naquele prédio. Não vai voltar em menos de quatro minutos.

Soldado ao chão da van há um grande armário, com porta e paredes de aço duplo. Há uma placa polida na porta; a tranca se abre quando o motorista põe a mão na superfície. Ao lado, a placa também tem uma porta de transferência de dados, usada para programá-la.

Ontem à noite, invadi o banco de dados de serviços da Lucas Sistemas de Segurança, empresa que vende trancas de reconhecimento biométrico para a Pensilvânia Courier. Ali, encontrei um arquivo criptografado contendo os códigos para sobrescrever as fechaduras.

Tenho de admitir que, embora invadir a segurança de computadores permaneça, em geral, algo não estético, certos aspectos dessa atividade estão indiretamente relacionados com problemas muito interessantes de matemática. Por exemplo: um método comum de criptografia em geral exige de supercomputadores anos para ser decifrado. Entretanto, durante uma de minhas investidas na teoria dos números, descobri uma técnica fascinante para fatorar números extremamente grandes. Com essa técnica, um supercomputador é capaz de solucionar esse esquema de criptografia em questão de horas.

Tiro a placa de circuito do bolso e a conecto à porta de transferência de dados com um cabo. Digito um número de doze algarismos e a porta do armário se abre.

* * *

Até meu retorno a Boston com a ampola, a FDA respondeu ao furto removendo todos os arquivos pertinentes de qualquer computador acessível pela datanet: como esperado.

Com a ampola e meus pertences, pego o carro e sigo para Nova York.

* * *

O modo mais rápido para eu ganhar dinheiro, por incrível que pareça, é apostando. Vencer corridas de cavalo é simples o suficiente. Sem atrair atenção desnecessária, posso acumular uma quantia razoável, e então me sustentar com investimentos no mercado de ações.

Estou ficando em um quarto no apartamento mais barato que consegui encontrar perto de Nova York com saídas de datanet. Arranjei vários nomes falsos com os quais realizar meus investimentos, e planejo alterá-los com regularidade. Devo passar algum tempo em Wall Street, a fim de

identificar oportunidades de alta lucratividade e curto prazo a partir da linguagem corporal dos corretores. Mas não farei isso mais que uma vez por semana; há questões mais importantes para tratar, gestalts atraindo minha atenção.

* * *

À medida que minha mente se desenvolve, o mesmo acontece com o controle do meu corpo. É um conceito equivocado pensar que, durante a evolução, os humanos sacrificaram a habilidade física em troca da inteligência: comandar o corpo é uma atividade mental. Minha força não cresceu, mas minha coordenação agora está bem acima da média; estou até me tornando ambidestro. Além disso, meus poderes de concentração tornam as técnicas de biofeedback muito eficazes. Depois de alguma prática, consigo aumentar ou diminuir meu ritmo cardíaco ou minha pressão sanguínea.

* * *

Desenvolvo um programa de identificação de biometria facial para fotos minhas e de busca por ocorrências de meu nome; em seguida, eu o incorporo a um vírus para escanear todos os arquivos em exibição pública na datanet. A CIA vai fazer com que o resumo de notícias da datanet norte-americana exiba minha foto e me identifique como um paciente louco foragido, talvez um assassino. O vírus vai substituir minha foto por estática. Implanto um vírus parecido nos computadores da FDA e da própria CIA, para procurar cópias de fotos minhas em qualquer download das polícias regionais. Esses vírus devem ser imunes a qualquer coisa que seus programadores inventarem.

Sem dúvida, Shea e os outros médicos estão em contato com os psicólogos da CIA, tentando adivinhar aonde eu possa ter ido. Meus pais estão mortos, por isso a CIA está voltando a atenção para meus amigos, perguntando se fiz contato; vão manter vigilância sobre eles para o caso de

eu fazer isso. Uma invasão lamentável de privacidade, mas essa não é uma questão urgente.

É improvável que a CIA trate qualquer um de seus agentes com hormônio K para me localizar. Como eu mesmo demonstrei, é difícil controlar uma pessoa superinteligente. Entretanto, vou acompanhar os outros pacientes, caso o governo resolva recrutá-los.

* * *

Os padrões cotidianos da sociedade se revelam sem que eu tenha de fazer esforço algum. Caminho pela rua, vendo as pessoas cuidarem de suas vidas normalmente, e embora nem uma palavra seja dita, as entrelinhas são evidentes. Um casal jovem passa, a adoração de um ricocheteando na tolerância do outro. Apreensão tremeluz e se firma quando um executivo, com medo de seu supervisor, começa a duvidar de uma decisão que tomou hoje mais cedo. Uma mulher usa um manto de falsa sofisticação, mas ele cai quando passa ao lado do artigo genuíno.

Como sempre, os papéis interpretados por uma pessoa tornam-se reconhecíveis apenas com maior maturidade. Para mim, essas pessoas parecem crianças em um playground; divirto-me com sua sinceridade, mas me sinto envergonhado ao lembrar que já fiz as mesmas coisas. Suas atividades são apropriadas para elas, mas eu não aguentaria participar delas agora; quando me tornei homem, deixei de lado as coisas infantis. Vou lidar com o mundo dos humanos normais apenas o necessário para me sustentar.

* * *

Conquisto anos de educação a cada semana, e padrões cada vez maiores tomam forma. Vejo a tapeçaria do conhecimento humano de uma perspectiva mais ampla do que qualquer pessoa já foi capaz; posso preencher lacunas em locais em que os estudiosos sequer notaram um vazio, e enriquecer a textura em lugares que eles consideravam completos.

As ciências naturais têm padrões mais claros. A física admite uma unificação adorável, não apenas no que diz respeito às forças fundamentais, mas ao considerar seu alcance e suas implicações. Classificações como "ótica" ou "termodinâmica" são apenas camisas de força, impedindo que os físicos vejam incontáveis interseções. Mesmo deixando a estética de lado, as aplicações práticas que foram negligenciadas são legionárias; os engenheiros já podiam estar gerando campos de gravidade artificial esfericamente simétricos há anos.

Contudo, mesmo percebendo isso, não vou construir tal equipamento, e nenhum outro. Isso exigiria muitos componentes feitos com características específicas, todos difíceis e demorados de conseguir. Além disso, construir realmente o equipamento não me daria nenhuma satisfação em particular, uma vez que já sei que iria funcionar, e não iluminaria nenhuma nova gestalt.

* * *

Estou escrevendo parte de um longo poema, como um experimento; depois de terminar um canto, serei capaz de escolher uma abordagem para integrar os padrões entre todas as artes. Estou empregando seis línguas modernas e quatro antigas; elas incluem a maioria das visões de mundo mais significativas da civilização humana. Cada uma fornece diferentes nuances de significado e efeitos poéticos; algumas das justaposições são prazerosas. Cada verso do poema contém neologismos, nascidos da extrusão de palavras através das declinações de outra língua. Se eu fosse completar toda a obra, ela poderia ser descrita como *Finnegans Wake* multiplicado por *Os cantos*, de Pound.

* * *

A CIA interrompe meu trabalho; eles estão armando uma armadilha para mim. Depois de dois meses tentando, eles aceitaram que não conseguem me localizar por métodos convencionais, por isso se voltaram para medidas mais drásticas. Os noticiários dizem que a namorada de um maníaco

assassino foi acusada de ajudar e ser cúmplice de sua fuga. O nome dado é de Connie Perritt, alguém com quem eu estava saindo no ano passado. Se for a julgamento, é uma conclusão inevitável que ela vai ser condenada a uma longa pena na prisão; a CIA espera que eu não permita isso. Eles esperam que eu tente uma manobra que me exponha e possibilite minha captura.

A audiência preliminar de Connie é amanhã. Eles vão se assegurar de que ela seja solta sob fiança — através de um afiançador, se necessário — para me dar uma oportunidade de entrar em contato com ela. Aí vão encher a área ao redor do apartamento dela com agentes à paisana para me esperar.

* * *

Começo a editar a primeira imagem na tela. Essas fotos digitais são muito limitadas em comparação aos hologramas, mas cumprem o propósito. As fotos, tiradas ontem, mostram a fachada do prédio de Connie, a rua em frente e os cruzamentos próximos. Movo o cursor pela tela, desenhando pequenas cruzes em certos locais nas imagens. Uma janela com as luzes apagadas, mas cortinas abertas no prédio em diagonal do outro lado da rua. Um vendedor ambulante a duas quadras dos fundos do prédio.

Marco seis locais no total. Eles indicam onde os agentes da CIA estavam esperando ontem à noite, quando Connie voltou ao apartamento. Após receberem indícios a partir de meus vídeos no hospital, eles sabiam o que procurar em todo transeunte de sexo masculino ou indefinido: o passo confiante e equilibrado. Suas expectativas trabalharam contra eles: eu simplesmente alonguei meus passos, passei a oscilar levemente a cabeça para cima e para baixo, reduzi o movimento dos braços. Isso e algumas roupas atípicas foram suficientes para que os agentes me ignorassem enquanto eu caminhava pela área.

Na parte de baixo de uma foto, digito a frequência de rádio usada pelos agentes para comunicação, e uma equação descrevendo o algoritmo criptografado utilizado para transmitir frequências. Quando termino,

transmito as imagens para o diretor da CIA. A implicação está clara: eu poderia matar seus agentes disfarçados a qualquer momento, a menos que eles se retirassem.

Para fazer com que encerrem as acusações contra Connie, e para obter um dissuasor mais permanente contra as distrações da CIA, será necessário um pouco mais da minha parte.

* * *

Reconhecimento de padrões outra vez, mas agora de uma variedade banal. Milhares de páginas, relatórios, memorandos, correspondências; cada um é um ponto colorido em uma pintura pontilhista. Eu me afasto desse panorama, vendo linhas e bordas emergirem e criarem um padrão. Os megabytes que escaneei constituíam apenas uma fração dos registros completos do período que investiguei, mas foram suficientes.

O que descobri é bem comum, muito mais simples que a trama de um romance de espionagem. O diretor da CIA sabia que um grupo terrorista pretendia explodir uma bomba no metrô de Washington. Ele deixou que o atentado acontecesse para obter apoio e aprovação do Congresso à utilização de medidas extremas contra aquele grupo. O filho de um congressista estava entre as vítimas, e o diretor da CIA recebeu carta branca para lidar com os terroristas. Apesar de os planos não estarem declarados nos registros da CIA, estão claramente implícitos. Os memorandos relevantes fazem apenas referências indiretas, e eles flutuam em um mar de documentos inócuos; se um comitê de inquérito fosse ler todos os arquivos, as provas ficariam silenciadas pelo tumulto. Entretanto, uma destilação dos memorandos incriminadores sem dúvida convenceria a imprensa.

Mando a lista de memorandos para o diretor da CIA, com um bilhete: *Não me incomode, e não vou incomodar você*. Ele vai perceber que não tem opção.

Esse pequeno episódio reforçou minha opinião sobre os assuntos do mundo; eu podia detectar estratagemas clandestinos por toda parte se me

mantivesse informado sobre os eventos em andamento, mas nenhum deles seria interessante. Devo retomar meus estudos.

* * *

O controle do meu corpo continua a aumentar. A essa altura, se eu tivesse vontade, poderia caminhar sobre carvão em brasa ou enfiar agulhas no braço. No entanto, meu interesse por meditação oriental é limitado à sua aplicação ao controle físico; para mim, qualquer transe meditativo que eu possa alcançar não é nem de perto tão desejável quanto meu estado mental quando monto gestalts a partir de dados elementares.

* * *

Estou projetando uma nova língua. Cheguei aos limites dos idiomas convencionais, e agora eles frustram minhas tentativas de avançar mais. A eles, falta a força para expressar conceitos de que preciso, e mesmo em seu próprio domínio, são imprecisos e inflexíveis. Mal são apropriados para o discurso, que dirá para o pensamento.

A teoria linguística existente é inútil; vou reavaliar a lógica básica para determinar os componentes atômicos adequados para minha língua. Esse idioma vai respaldar uma coexpressão dialética com toda a matemática, de modo que qualquer equação que eu escreva tenha um equivalente linguístico. No entanto, a matemática será apenas uma parte da linguagem, não o todo; diferentemente de Leibniz, reconheço os limites simbólicos da lógica. Outros dialetos que planejei serão coexpressivos com minhas notações para estética e cognição. Esse projeto vai consumir tempo, mas o resultado final será esclarecedor para meus pensamentos. Depois de traduzir tudo o que sei para essa língua, é provável que os padrões que procuro se tornem evidentes.

* * *

Faço uma pausa em meu trabalho. Antes de desenvolver uma notação para a estética, devo estabelecer um vocabulário para todas as emoções que eu possa imaginar.

Tenho consciência de muitas emoções além daquelas dos humanos normais; vejo como o alcance afetivo deles é limitado. Não nego a força do amor e da angústia que antigamente sentia, mas eu os vejo pelo que eram: como as paixões e tristezas da infância, eram apenas os precursores do que eu experimento agora. Nesse momento, minhas paixões são mais multifacetadas; à medida que o autoconhecimento aumenta, todas as emoções se tornam exponencialmente mais complexas. Devo me tornar capaz de descrevê-las por completo se vou ao menos tentar as tarefas de criação à frente.

Claro, eu na verdade experimento menos emoções do que poderia; meu desenvolvimento é limitado pela inteligência das pessoas à minha volta, e pela parca interação que me permito ter com elas. Sou lembrado do conceito confuciano de *ren*: traduzido de maneira inadequada por "benevolência", aquela qualidade que é quintessencialmente humana, que só pode ser cultivada por meio da interação com outros, e que uma pessoa solitária não consegue manifestar. É apenas uma de muitas de tais qualidades. E aqui estou eu, com pessoas, pessoas por toda parte, e ainda assim não tendo com quem interagir. Sou apenas uma fração do que um indivíduo completo com minha inteligência poderia ser.

Não me iludo com autopiedade nem com presunção: posso avaliar meu próprio estado psicológico com absoluta objetividade e solidez. Sei precisamente que recursos emocionais tenho, e quais me faltam, e quanto valor deposito em cada um. Não tenho arrependimentos.

* * *

Minha nova língua está tomando forma. Ela é orientada à gestalt, configurando-se de maneira notável para o pensamento, mas impraticável para escrever ou falar. Não seria transcrita na forma de palavras dispostas de forma linear, mas como um ideograma gigante, para ser absorvido inteiro.

Tal ideograma poderia transmitir, de modo mais deliberado que uma imagem, o que mil palavras não conseguem. A complexidade de cada ideograma seria proporcional à quantidade de informação contida; eu me divirto com a noção de um ideograma colossal que descreva todo o universo.

A página impressa é desajeitada e estática demais para essa língua; as únicas mídias cabíveis seriam o vídeo ou o holograma, exibindo uma imagem gráfica cronoevolutiva. Falar esta língua estaria fora de questão, dada a largura de banda limitada da laringe humana.

* * *

Minha mente fervilha com injúrias em línguas antigas e modernas, e elas me insultam com sua rudeza, lembrando-me que minha língua ideal deve oferecer termos com perversidade suficiente para explicar minha atual frustração.

Não consigo concluir minha língua artificial; é um projeto grande demais para minhas habilidades atuais. Semanas de esforço concentrado não resultaram em nada utilizável. Esforcei-me para escrevê-la sozinho, empregando a linguagem rudimentar que já defini para reescrever a língua e produzir sucessivas versões mais completas. Ainda assim, cada versão nova apenas destaca suas próprias inadequações, forçando-me a expandir meu objetivo final, condenando-o ao status de um Santo Graal no fim de uma regressão infinita divergente. Isso não é melhor do que tentar criá-la *ex nihilo*.

* * *

E minha quarta ampola? Não consigo removê-la dos pensamentos: toda a frustração que vivencio em meu atual platô é um lembrete de alturas ainda maiores.

Claro, há riscos significativos. Essa pode ser a injeção que causará dano cerebral ou insanidade. Tentação do demônio, talvez, mas ainda assim tentação. Não encontro razão para resistir.

Eu teria uma margem de segurança se me injetasse em um hospital ou, não sendo isso possível, com alguém ao meu lado em meu apartamento. Entretanto, imagino que a injeção ou será um sucesso ou causará danos irreparáveis, por isso dispenso essas precauções.

Encomendo equipamento por uma empresa de produtos médicos e monto um aparato para ministrar sozinho a injeção espinhal. Pode levar dias para que todo o efeito se torne evidente, por isso vou me confinar ao meu quarto. É possível que minha reação seja violenta; removo objetos frágeis do cômodo e prendo correias à cama. Os vizinhos vão interpretar qualquer coisa que escutarem como gritos de um viciado.

Eu me injeto e espero.

* * *

Meu cérebro está em chamas, minha coluna entra em combustão, eu sinto quase uma apoplexia. Estou cego, surdo, insensato.

Alucino. Horrores indizíveis assomam por toda a minha volta, vistos com tamanha clareza e contraste preternaturais que devem ser ilusórios; cenas não de violência física, mas de mutilação psíquica.

Agonia mental e orgasmo. Terror e riso histérico.

Por um breve momento, a percepção retorna. Estou no chão, as mãos agarrando firmemente os cabelos, alguns tufos arrancados jogados ao meu redor. Minhas roupas estão encharcadas de suor. Mordi a língua, e minha garganta está irritada — pelos gritos, presumo. Convulsões deixaram meu corpo muito machucado, e uma concussão é provável, dadas as contusões na parte de trás de minha cabeça, mas não sinto nada. Foram horas ou momentos?

Então minha visão se turva, e o urro retorna.

Massa crítica

Revelação.

Entendo o mecanismo do meu próprio pensamento. Sei precisamente *como* eu sei, e minha compreensão é recursiva. Entendo a retroatividade contínua desse autoconhecimento, não pela infinita consecução passo a passo, mas ao apreender o *limite*. A natureza da cognição recursiva é clara para mim. Um novo significado do termo "autoconhecimento".

Fiat logos. Conheço minha mente segundo os termos de uma linguagem mais expressiva do que qualquer uma que eu havia imaginado antes. Como Deus criando ordem do caos com uma declaração, eu me renovo com essa língua. É meta-autodescritiva e autoeditável; não apenas pode descrever o pensamento, como pode descrever e modificar suas próprias operações, em todos os níveis. O que Gödel teria dado para ver esta língua, em que modificar uma sentença faz com que toda a gramática se reajuste.

Com essa língua, posso ver como minha mente está funcionando. Não tenho a pretensão de observar meus próprios neurônios disparando; essas afirmações pertencem a John Lilly e suas experiências com LSD nos anos 1960. O que posso fazer é perceber as gestalts; vejo as estruturas mentais se formando, interagindo. Eu me vejo raciocinando, vejo as equações que descrevem meu raciocínio, vejo-me compreendendo as equações e vejo como as equações descrevem sua própria compreensão.

Eu sei como elas formam meus pensamentos.

Estes pensamentos.

* * *

Inicialmente, sou arrebatado por toda essa informação, paralisado pela consciência de mim mesmo. Demora horas até que eu consiga controlar a enchente de informação autodescritiva. Não a filtrei nem a empurrei para o plano de fundo. Ela se tornou integrada a meus processos mentais, utilizável durante minhas atividades normais. Vai levar muito tempo antes que eu possa tirar vantagem disso, sem esforço e com eficácia, da mesma forma que um dançarino usa seu conhecimento de cinestesia.

Todo o conhecimento teórico que eu tinha sobre a minha mente, agora vejo detalhado e explicitado. As propensões ocultas do sexo, da agressividade e da autopreservação traduzidas pelo condicionamento de minha infância lutam contra e às vezes se disfarçam de pensamento racional. Reconheço todas as causas de meus estados de espírito, os motivos por trás de cada decisão.

O que posso fazer com este conhecimento? Muito do que é convencionalmente descrito como "personalidade" está sob meu arbítrio; as competências dos mais altos níveis de minha psique definem quem eu sou agora. Posso conduzir minha mente a uma variedade de estados mentais ou emocionais, e ainda permanecer ciente do meu estado e capaz de restaurar minha condição inicial. Agora que entendo os mecanismos que estavam operando quando eu encarava duas tarefas ao mesmo tempo, posso dividir minha consciência, dedicando concentração quase total e habilidades de reconhecimento de gestalt simultaneamente a dois ou mais problemas independentes, e mesmo assim permanecer metaconsciente de todos eles. O que não sou capaz de fazer?

* * *

Reaprendo sobre meu corpo, como se fosse o coto de um amputado substituído repentinamente por uma mão mecânica. Controlar meus músculos conscientes é trivial; tenho coordenação sobre-humana. Habilidades que normalmente exigem mil repetições para serem desenvolvidas, posso aprender em duas ou três. Encontro um vídeo com a imagem das mãos de um pianista tocando e, em pouco tempo, posso repetir os movimentos de seus dedos sem um teclado à minha frente. A contração e o relaxamento seletivos dos músculos aumentam minha força e flexibilidade. O tempo de resposta muscular é de trinta e cinco milissegundos, para ação consciente ou reflexo. Aprender acrobacia e artes marciais exigiria pouco treino.

Tenho consciência somática da função renal, absorção de nutrientes, secreções glandulares. Tenho consciência até do papel que os

neurotransmissores têm em meus pensamentos. Esse estado de consciência envolve atividade mental mais intensa que qualquer situação de estresse induzida por epinefrina; parte de meu corpo está mantendo uma condição que mataria uma mente e um corpo normais em minutos. Conforme ajusto a programação de minha mente, experimento a alta e a baixa de todas as substâncias que disparam minhas reações emocionais, incrementam minha atenção ou moldam de forma sutil minhas atitudes.

* * *

E então eu olhei para fora.

Uma simetria ofuscante, jubilosa e temerária me cerca. Há tanto incorporado dentro de padrões agora que todo o universo beira a se resumir em uma imagem. Estou me aproximando da gestalt definitiva: o contexto no qual todo conhecimento se encaixa e é iluminado, uma mandala, a música das esferas, *kosmos*.

Busco iluminação, não espiritual, mas racional. Devo ir ainda mais longe para alcançá-la; contudo, dessa vez o objetivo não vai escapar perpetuamente pelos meus dedos. Com a minha linguagem mental, a distância entre mim e a iluminação é calculável precisamente. Eu avistei meu destino final.

* * *

Preciso planejar minhas próximas ações. Primeiro, há as melhorias simples de autopreservação, começando com treinamento de artes marciais. Vou assistir a alguns torneios para estudar possíveis ataques; porém, aplicarei apenas medidas defensivas; posso me movimentar rápido o suficiente para evitar contato até com as técnicas mais rápidas de ataque. Isso vai permitir que eu me proteja e desarme qualquer criminoso nas ruas, caso seja atacado. Enquanto isso, preciso comer quantidades copiosas de alimentos para atender à demanda nutricional do meu cérebro, mesmo considerando o aumento de eficiência em meu metabolismo. Também vou precisar

raspar o couro cabeludo, para proporcionar ao fluxo sanguíneo ampliado em minha cabeça melhor resfriamento por irradiação.

E, então, o objetivo principal: decodificar aqueles padrões. Para demais melhorias em minha mente, incrementos artificiais são a única possibilidade. Com uma conexão mental direta com o computador e a mente, o download desta se torna possível; é disso que preciso, mas é necessário criar uma nova tecnologia para implementar tal plano. Qualquer forma de computação digital vai ser inadequada; o que tenho em mente exige estruturas em nanoescala baseadas em redes neurais.

Após estruturar as ideias básicas, dedico a mente ao multiprocessamento: uma seção de minha mente infere um ramo da matemática que reflete o comportamento da rede; outra desenvolve um processo de escala molecular para replicar a formação de caminhos neurais em um meio de biocerâmica autorreparador; uma terceira desenvolve táticas para guiar o ramo de pesquisa e desenvolvimento industrial à produção daquilo de que vou precisar. Não posso perder tempo: vou introduzir inovações técnicas e teóricas explosivas, de modo que minha nova indústria terá início a todo vapor e com sucesso.

* * *

Fui até o mundo exterior para observar novamente a sociedade. Os sinais da linguagem emocional que um dia aprendi foram substituídos por uma matriz de equações inter-relacionadas. Linhas de força se retorcem e se alongam entre pessoas, objetos, instituições, ideias. Os indivíduos, tragicamente, são como marionetes, animados de modo independente, mas ligados a uma teia que escolhem não ver; eles poderiam resistir, se quisessem, mas pouquíssimos o fazem.

No momento, estou sentado em um bar. Três bancos à minha direita, encontra-se sentado um homem, familiar a esse tipo de estabelecimento, que olha ao redor e percebe um casal em um reservado em um canto escuro. Ele sorri, gesticula para que o atendente do bar se aproxime e se

inclina para falar algo em segredo sobre o casal. Não preciso escutar para saber o que está dizendo.

Ele está mentindo para o bartender, com facilidade, improvisando. Um mentiroso compulsivo, não por desejo de uma vida mais empolgante que a própria, mas para se alegrar por sua habilidade em enganar os outros. Ele sabe que o atendente do bar está distante, apenas fingindo interesse — o que é verdade —, mas sabe também que ainda assim o bartender está sendo enganado — o que também é verdade.

Minha sensibilidade à linguagem corporal dos outros aumentou a tal ponto que posso fazer essas observações sem imagem ou som: posso sentir o cheiro dos feromônios exalados. Até certo ponto, meus músculos podem detectar a tensão no interior dos músculos dele, talvez pelo campo elétrico. Esses canais não conseguem transmitir uma informação precisa, mas as impressões que recebo fornecem base ampla para extrapolação; elas acrescentam textura à teia.

Humanos normais podem detectar essas emanações de forma subliminar. Vou trabalhar para me tornar mais sintonizado com elas; então, talvez possa tentar conscientemente controlar minhas próprias expressões.

* * *

Desenvolvi habilidades reminiscentes dos esquemas de controle mental oferecidos por anúncios em tabloides. Meu controle sobre minhas emanações somáticas agora me permite provocar reações precisas nos outros. Com feromônios e tensão muscular, posso fazer com que outra pessoa reaja com raiva, medo, compaixão ou excitação sexual. O suficiente, sem dúvida, para fazer amigos e influenciar pessoas.

Posso até induzir uma reação autossustentada nos outros. Ao associar determinada resposta a uma sensação de satisfação, posso criar um ciclo positivo de reforço, como um biofeedback; o corpo da pessoa vai reforçar a reação por conta própria. Vou usar isso em presidentes de grandes

empresas com o objetivo de conseguir o apoio das indústrias de que necessito.

* * *

Não consigo mais sonhar, não do modo convencional. Falta em mim algo que possa ser qualificado de subconsciente, e controlo todas as funções de manutenção desempenhadas por meu cérebro — por isso as funções do sono REM são obsoletas. Há momentos em que perco o domínio sobre minha mente, mas não podem ser chamados de sonhos. Talvez meta-alucinações. Tortura pura. São períodos de alienação: entendo como minha mente gera as visões estranhas, mas fico paralisado e incapaz de reagir. Mal posso identificar o que vejo; imagens de autorreferências transfinitas e modificações bizarras que até eu considero sem sentido.

Minha mente está exigindo todos os recursos de meu cérebro. Uma estrutura biológica desse tamanho e complexidade mal consegue sustentar uma psique autoconsciente. No entanto, a psique autoconsciente também é, até certo ponto, autorregulável. Dou a minha mente total uso do que está disponível, e impeço que ela se expanda além disso. Mas é difícil: estou confinado no interior de uma gaiola de bambu que não me permite sentar nem ficar de pé. Se tento relaxar ou me esticar totalmente, vem a agonia, a loucura.

* * *

Estou alucinando. Vejo minha mente imaginando as possíveis configurações que ela poderia assumir, e então entrando em colapso. Testemunho meus próprios delírios, visões sobre as formas que minha consciência poderia tomar quando eu compreender as gestalts derradeiras.

Alcançarei a autoconsciência absoluta? Conseguiria descobrir os componentes que formam as próprias gestalts de minha mente? Penetraria na memória racial? Descobriria um conhecimento inato da moralidade? Talvez eu consiga determinar se a mente pode ser gerada de forma espontânea a partir da matéria, e entender o que liga a consciência ao

restante do universo. Talvez eu descubra como amalgamar sujeito e objeto: a experiência zero.

Ou talvez eu entenda que a gestalt da mente não pode ser gerada, e algum tipo de intervenção seja exigida. Talvez eu consiga ver a alma, o ingrediente da consciência que supera a fisicalidade. Prova de Deus? Eu dominaria o significado, o verdadeiro caráter da existência.

Eu seria iluminado. Uma experiência eufórica.

Minha mente despenca de volta a um estado de sanidade. Preciso manter a rédea curta comigo mesmo. Quando estou no controle no nível de metaprogramação, minha mente se autorrepara perfeitamente — sou capaz de me restaurar de estados que se assemelham à alucinação e à amnésia. Porém, se eu vagar para longe no nível de metaprogramação, minha mente poderá se transformar em uma estrutura instável, e então eu mergulharia em um estado além da mera insanidade. Vou programar minha mente para se proibir de ir além de seu alcance de reprogramação.

Essas alucinações reforçam minha decisão de criar um cérebro artificial. Só com tal estrutura eu serei capaz de realmente perceber essas gestalts, em vez de apenas sonhar com elas. Para alcançar a iluminação, vou precisar superar outra massa crítica em termos de codificação neuronal analógica.

* * *

Abro os olhos; faz duas horas, vinte e oito minutos e dez segundos desde que os fechei para descansar, embora sem dormir. Eu me levanto da cama.

Solicito uma lista do desempenho de minhas ações em meu terminal. Olho para a tela plana e congelo.

A tela grita comigo. Ela diz que há outra pessoa com a mente aprimorada.

Cinco de meus investimentos demonstraram perdas; não são tão graves, mas grandes o suficiente para que eu as tenha detectado na linguagem corporal dos corretores de ações. Lendo a lista alfabética, as letras iniciais

das empresas cujo valor das ações caiu são: C, E, G, O e R. Que, quando reorganizadas, formam GRECO.

Alguém está me mandando uma mensagem.

Há outra pessoa lá fora como eu. Devia haver outro paciente comatoso que recebeu uma terceira injeção de hormônio K. Ele apagou seu arquivo do banco de dados da FDA antes que eu o acessasse e forneceu dados falsos à conta de seus médicos para que eles não percebessem. Também roubou outra ampola de hormônio, incentivando a FDA a apagar os arquivos, e com o desconhecimento das autoridades sobre seu paradeiro, alcançou meu nível.

Deve ter me reconhecido pelos padrões de investimento de minhas identidades falsas; ele teria de ter sido supercrítico para fazer isso. Como um indivíduo aprimorado, podia ter efetuado alterações súbitas e precisas para disparar minhas perdas e atrair minha atenção.

Verifico vários serviços de dados pesquisando cotações de ações; os registros em minha lista estão corretos, por isso meu colega não simplesmente editou os valores de minha conta. Ele alterou os padrões de vendas de ações de cinco empresas aleatórias, para formar uma palavra. É uma demonstração e tanto; eu não considero isso um feito qualquer.

Provavelmente o tratamento dele começou antes do meu, o que significa que ele está mais adiantado — mas quanto? Começo a fazer a extrapolação de seu possível progresso, e vou incorporar informações novas à medida que as obtiver.

A pergunta crítica: ele é amigo ou inimigo? Isso foi apenas uma demonstração bem-intencionada de poder ou uma indicação de seu intuito em me arruinar? As quantias que perdi foram módicas; isso indica preocupação comigo ou com as empresas que ele teve de manipular? Levando-se em conta todos os métodos inofensivos pelos quais ele podia ter chamado minha atenção, devo supor que há algum nível de hostilidade.

Nesse caso, estou correndo risco, vulnerável a qualquer coisa, de outra brincadeira a um ataque fatal. Por precaução, vou partir agora mesmo. É claro que se ele fosse ativamente hostil, eu já estaria morto. O fato de enviar uma mensagem significa que há a intenção de fazer joguinhos

comigo. Vou ter de me posicionar em condições de igualdade a ele: esconder minha localização, determinar sua identidade e, então, tentar me comunicar.

Escolho uma cidade de maneira aleatória: Memphis. Desligo a tela plana, me visto, arrumo uma bolsa de viagem e recolho todo o dinheiro para emergências no apartamento.

* * *

Em um hotel em Memphis, começo a trabalhar no terminal de datanet da suíte. A primeira coisa que faço é reencaminhar minhas atividades através de vários terminais de fachada; para um rastreamento comum da polícia, minhas pesquisas vão parecer ter sido originadas de terminais diferentes por todo o estado de Utah. Uma instalação de inteligência militar talvez conseguisse rastreá-las até um terminal em Houston; no entanto, continuar na trilha até Memphis seria um desafio até para mim. Um programa de alarme no terminal de Houston vai me alertar se alguém tiver me rastreado até ali com sucesso.

Quantas pistas para sua identidade meu gêmeo apagou? Sem ter os arquivos da FDA, vou começar com os arquivos de serviços de entrega em várias cidades, à procura de remessas da FDA para hospitais durante o período de estudos com o hormônio K. Depois, vou verificar os casos de danos cerebrais em cada hospital na época. Dessa forma, terei um lugar onde começar.

Mesmo que alguma dessas informações ainda exista, é de pequeno valor. O crucial vai ser uma análise dos padrões de investimento, para encontrar os rastros de uma mente aprimorada. Isso vai levar tempo.

* * *

O nome dele é Reynolds. É originalmente de Phoenix, e seu progresso inicial é quase concomitante ao meu. Ele recebeu a terceira injeção há seis meses e quatro dias, o que lhe dá uma vantagem sobre mim de quinze dias. Não apagou nenhum dos registros óbvios. Reynolds espera que eu o

encontre. Estimo que ele esteja em estado supercrítico há doze dias, duas vezes mais que eu.

Agora vejo a mão de Reynolds nos padrões de investimento, mas a tarefa de localizá-lo é hercúlea. Examino registros de utilização por toda a datanet para verificar as contas que ele invadiu. Tenho doze linhas abertas em meu terminal. Estou usando dois teclados de uma mão e um microfone de garganta, de modo que posso trabalhar em três pesquisas ao mesmo tempo. A maior parte de meu corpo fica imóvel; para evitar a fadiga, estou garantindo o fluxo sanguíneo adequado, contração e relaxamento muscular regular e remoção do ácido lático. Enquanto absorvo todos os dados que vejo, estudo a melodia subjacente às notas, à procura do epicentro de um tremor na web.

Horas se passam. Nós dois examinamos gigabytes de dados, rondando um ao outro. Ele está na Filadélfia. E espera minha chegada.

* * *

Estou andando em um táxi todo enlameado rumo ao apartamento de Reynolds.

A julgar pelos bancos de dados e agências que Reynolds pesquisou nos últimos meses, sua pesquisa particular envolve bioengenharia de micro-organismos para a eliminação de lixo tóxico, contenção inercial para fusão prática e disseminação subliminar de informação em sociedades de estruturações variadas. Ele planeja salvar o mundo, protegê-lo de si mesmo. E sua opinião sobre mim, portanto, é desfavorável.

Não demonstrei interesse nos assuntos do mundo exterior nem fiz investigações para ajudar os normais. Nenhum de nós vai conseguir converter o outro. Vejo o mundo como algo incidental para meus objetivos, enquanto ele não pode permitir que alguém com inteligência aprimorada trabalhe apenas em interesse próprio. Meus planos para conexões entre a mente e os computadores vão ter enorme repercussão para o mundo, provocando reações populares ou governamentais que

iriam interferir com os planos deles. Como diz o provérbio, se não sou parte da solução, sou parte do problema.

Se fôssemos membros de uma sociedade de mentes aprimoradas, a natureza da interação humana seria de uma ordem diferente. Contudo, nesta sociedade, temos inevitavelmente que nos tornar colossos, para quem as ações dos normais são inconsequentes. Mesmo se estivéssemos a vinte mil quilômetros de distância, não poderíamos ignorar um ao outro. Um desfecho é necessário.

Nós dois nos dedicamos a várias rodadas de jogos. Há mil maneiras pelas quais podíamos ter tentado matar o outro, desde pintar uma maçaneta com a neurotoxina dimetilsulfóxido adulterada a ordenar um ataque cirúrgico de um satélite assassino militar. Nós dois podíamos ter varrido a área física e a datanet pela miríade de possibilidades à disposição, e montar mais armadilhas para as varreduras um do outro. Porém, nenhum de nós fez nada disso, não sentiu necessidade de verificar essas coisas. Tornou-se dispensável devido à recursividade infinita de reavaliações e dicotomias. O que será decisivo são aquelas preparações que não conseguimos prever.

O táxi para; eu pago o motorista e caminho até o prédio. A tranca eletrônica na porta se abre para mim. Tiro meu casaco e subo quatro lances de escada.

A porta do apartamento de Reynolds também está aberta. Sigo pela entrada até a sala de estar, ouvindo uma polifonia hiperacelerada de um sintetizador digital. Evidentemente, é seu próprio trabalho; as modulações dos sons são imperceptíveis à audição normal, e nem eu consigo discernir algum padrão neles. Um experimento em música com alta densidade de informação, talvez.

Há uma grande cadeira de base giratória na sala, de costas para mim. Reynolds não está visível, e está restringindo suas emoções somáticas a níveis comatosos. Indico minha presença e meu reconhecimento de sua identidade.

<Reynolds.>

Reconhecimento. <Greco.>

A cadeira faz a volta lenta e suavemente. Ele sorri para mim e desliga o sintetizador ao seu lado. Gratificação. <É um prazer conhecê-lo.>

Para nos comunicarmos, estamos trocando fragmentos da linguagem somática dos normais: uma versão taquigráfica do vernáculo. Cada frase leva um décimo de segundo. Dou uma sugestão de arrependimento. <Uma pena que tenhamos de nos encontrar como inimigos.>

Uma concordância melancólica, depois suposição. <É verdade. Imagine como poderíamos mudar o mundo, agindo em conjunto. Duas mentes aprimoradas; uma oportunidade dessas perdida.>

De fato. Agir em colaboração iria produzir conquistas muito além do que qualquer uma que poderíamos alcançar sozinhos. Qualquer interação seria incrivelmente frutífera: como seria satisfatório simplesmente ter uma conversa com alguém que consegue se igualar à minha velocidade, que pode sugerir uma ideia que seja nova para mim, que pode ouvir as mesmas melodias que eu. Ele deseja o mesmo. Padecemos por saber que um de nós dois não vai sair vivo dessa sala.

Uma oferta. <Você gostaria de compartilhar o que aprendemos nos últimos seis meses?>

Ele sabe qual é minha resposta.

Vamos conversar em voz alta, já que a linguagem somática não tem vocabulário técnico. Reynolds diz, rapidamente e em voz baixa, cinco palavras. Elas são mais impregnadas de significado que qualquer estrofe de poesia: toda palavra fornece uma base lógica onde posso me apoiar depois de extrair tudo o que está implícito nas anteriores. Juntas, elas encapsulam uma percepção revolucionária da sociologia; usando linguagem somática, ele indica que foi uma das primeiras que alcançou. Cheguei a uma conclusão parecida, mas a formulei de modo diferente. Na mesma hora, rebato com sete palavras, quatro que resumem a distinção entre a minha percepção e a dele, e três que descrevem um resultado não óbvio das distinções. Ele responde.

Nós prosseguimos. Somos como dois bardos, cada um dando uma deixa para o outro improvisar mais uma estrofe, compondo em conjunto um poema épico de conhecimento. Em alguns momentos, nós aceleramos,

falando simultaneamente e encobrindo a palavra do outro, mas ouvindo cada nuance, até estarmos absorvendo, concluindo e respondendo contínua, simultânea e sinergicamente.

* * *

Vários minutos se passam. Aprendo muito com ele, e ele comigo. É empolgante ser repentinamente coberto de ideias cujas implicações eu levaria dias para considerar por completo. Mas também estamos reunindo informação estratégica: eu deduzo a extensão de seu conhecimento não dito, comparo-o com o meu e simulo as deduções correspondentes. Pois há sempre a consciência de que aquilo tem de chegar a um final; a formulação de nossos diálogos deixa as diferenças ideológicas luminosamente nítidas.

Reynolds não testemunhou a mesma beleza que eu; ele parou diante de percepções maravilhosas, alheias aos normais. A única gestalt que o inspira é a que ignorei: a da sociedade planetária, da biosfera. Sou um amante da beleza; ele, da humanidade. Cada um sente que o outro ignorou grandes oportunidades.

Reynolds tem um plano não mencionado para estabelecer uma rede global de influência, criar prosperidade mundial. Para executar isso, vai empregar muitas pessoas, a algumas das quais simplesmente vai dar inteligência aprimorada, alguma meta-autoconsciência — e algumas dessas pessoas vão representar ameaças para ele. <Por que assumir tal risco em nome dos normais?>

<Sua indiferença em relação aos normais seria justificada se você fosse iluminado; seu domínio não se sobreporia ao deles. No entanto, enquanto você e eu ainda conseguirmos compreender os assuntos deles, não podemos ignorá-los.>

Posso medir com precisão a distância entre nossas respectivas posições morais, ver a tensão entre as duas falas, irradiantes e incompatíveis. O que o motiva não é simplesmente compaixão ou altruísmo, mas algo que carrega em si as duas coisas. Por outro lado, eu me concentro apenas em

entender o sublime. <E a beleza visível a partir da iluminação? Isso não o atrai?>

<Você conhece o tipo de estrutura requerida para abrigar uma consciência iluminada. Não tenho razão para esperar o tempo que levaria para criar as indústrias necessárias.>

Ele considera a inteligência um meio, enquanto eu a vejo como um fim em si mesma. Inteligência maior seria de pouca utilidade para ele. No nível atual, ele pode encontrar a melhor solução possível para qualquer problema dentro do domínio da experiência humana, e muitos além dela. Tudo o que ele exigiria seria tempo suficiente para implementar a solução.

Não há por que discutir mais. Por concordância mútua, nós começamos.

Não faz sentido falar em elemento surpresa quando cronometramos nossos ataques; nossa consciência não se tornaria mais aguçada com alertas prévios. Concordar em dar início à batalha não é cortesia, é efetivar o inevitável.

Nos modelos que construímos a partir de nossas deduções, há falhas, lacunas: as descobertas e desenvolvimentos psicológicos internos que cada um alcançou por si mesmo. Nenhum eco irradiou desses espaços, nenhum fio os conectou à teia mundial, até agora.

Eu começo.

Concentro-me em iniciar dois ciclos interestimuláveis. Um é muito simples: ele aumenta a pressão sanguínea rápida e enormemente. Se ficasse sem verificação por mais de um segundo, este ciclo iria elevar a pressão sanguínea de Reynolds ao nível de um acidente vascular — talvez quatrocentos por trezentos — e explodir vasos capilares em seu cérebro.

Reynolds detecta isso no mesmo instante. Embora esteja claro depois de nossa conversa que ele nunca investigou a indução de ciclos de biofeedback em outras pessoas, ele reconhece o que está acontecendo. Quando faz isso, reduz o ritmo cardíaco e dilata os vasos sanguíneos por todo o seu corpo.

Entretanto, meu ataque real é o outro ciclo interestimulável, mais sutil. Esta é a arma que estive desenvolvendo desde que comecei minha busca

por Reynolds. Esse ciclo induz os neurônios à intensa superprodução de neurotransmissores antagonistas, impedindo que os impulsos atravessem as sinapses, desligando a atividade cerebral. Eu estava irradiando esse ciclo a uma intensidade muito mais alta que o outro.

Enquanto Reynolds está se esquivando do ataque ostensivo, ele experimenta um leve enfraquecimento de sua concentração, disfarçado pelos efeitos da pressão sanguínea elevada. No segundo seguinte, seu corpo começa a amplificar o efeito. Ele fica chocado ao sentir os pensamentos se turvarem. Então, procura o mecanismo preciso: vai identificá-lo logo, mas não será capaz de esmiuçá-lo por muito tempo.

Quando sua função cerebral for reduzida ao nível de um normal, devo conseguir manipular sua mente com facilidade. Técnicas de hipnose podem fazê-lo regurgitar a maior parte da informação que sua mente aprimorada possui.

Examino suas expressões somáticas, vendo-as trair sua inteligência em redução. A regressão é inconfundível.

Então, ela para.

Reynolds está em equilíbrio. Estou atônito. Ele foi capaz de romper o ciclo de reforço. Interrompeu a ofensiva mais sofisticada que eu pude montar.

Em seguida, ele reverte o dano já feito. Mesmo começando com capacidades reduzidas, consegue corrigir seus neurotransmissores. Em segundos, Reynolds está completamente recuperado.

Eu também era evidente para ele. Durante nossa conversa, ele deduziu que eu tinha investigado ciclos interestimuláveis e, enquanto nos comunicávamos, desenvolveu um preventivo geral sem que eu o detectasse. Então, observou as especificidades de meu ataque em particular enquanto estava em ação, e aprendeu a reverter os efeitos. Fico atônito com seu discernimento, sua velocidade, sua discrição.

Ele reconhece minha habilidade. <Uma técnica muito interessante; apropriada, considerando sua autoabsorção. Eu não vi identificação quando...> Ele projeta abruptamente uma assinatura somática diferente, que reconheço. Ele a usou quando caminhou às minhas costas na

mercearia, três dias atrás. O corredor estava cheio; ao meu redor, havia uma senhora idosa, arfando através do respirador, e um adolescente franzino em meio a uma viagem de ácido, usando uma camisa de cristal líquido com padrões psicodélicos em movimento. Reynolds entrou despercebidamente atrás de mim, a mente nas prateleiras de revistas pornográficas. Sua vigilância não o informou de meus ciclos interestimuláveis, mas permitiu a ele um retrato mais detalhado de minha mente.

Uma possibilidade que antecipei. Reformulo minha psique, incorporando elementos aleatórios para configurar imprevisibilidade. As equações de minha mente agora trazem pouca semelhança com aquelas de minha consciência normal, solapando quaisquer suposições que Reynolds podia ter feito, e tornando ineficazes quaisquer de suas armas específicas para a psique.

Projeto o equivalente de um sorriso.

Reynolds sorri de volta. <Você já considerou...> De repente, ele projeta apenas silêncio. Está prestes a falar, mas eu não consigo prever o quê. Aí sai, como um sussurro:

— ...comandos de autodestruição, Greco?

Quando diz isso, uma lacuna na reconstituição que fiz dele se enche e transborda, as implicações dando um caráter especial a tudo o que sei sobre ele. O que ele quis dizer com isso foi a Palavra: a frase que, quando proferida, destrói a mente do ouvinte. Reynolds está afirmando que o mito é verdade, que toda mente tem dentro de si mesma um desses gatilhos; que para cada pessoa há uma frase que pode reduzi-la a uma idiota, uma demente, uma catatônica. E ele diz saber qual é a minha.

Eu imediatamente desligo toda a entrada de dados sensoriais, direcionando isso a um retentor insulado da memória de curto prazo. Então, crio um simulador da minha própria consciência para receber essa informação e absorvê-la em velocidade reduzida. Como metaprogamador, vou monitorar as equações da simulação de forma indireta. Só depois que a informação sensorial for confirmada como segura vou de fato recebê-la. Se o simulador for destruído, minha consciência estará isolada, e vou

retraçar cada passo levando à queda e produzir diretrizes para reprogramar minha psique.

Arranjo tudo em suas devidas posições quando Reynolds termina de dizer meu nome; sua frase seguinte poderia ser o comando de destruição. Estou agora recebendo meus dados sensoriais com um atraso de cento e vinte milissegundos. Reexamino minha análise da mente humana, buscando explicitamente provas para verificar sua afirmação.

Enquanto isso, dou minha resposta superficial e despreocupadamente. <Ataque-me com o que você tem de melhor.>

<Não se preocupe; não está na ponta da minha língua.>

Minha busca produz algo. Eu me amaldiçoo: há uma porta dos fundos muito sutil na configuração de uma psique, que não tive a perspectiva necessária para perceber. Enquanto minha arma nascera da introspecção, apenas um manipulador poderia originar a dele.

Reynolds sabe que ergui minhas defesas; será que seu comando de gatilho foi planejado para desviar dela? Continuo a deduzir a natureza das ações do comando de gatilho.

<O que você está esperando?> Ele está confiante que tempo adicional não vai me permitir construir uma defesa.

<Tente adivinhar.> Tão presunçoso. Será que ele pode mesmo me provocar com tanta facilidade?

Chego a uma descrição teórica dos efeitos de um gatilho nos normais. Um único comando pode reduzir qualquer mente subcrítica a uma tábula rasa, mas um grau indeterminado de personalização é necessário para mentes aprimoradas. O apagamento tem sintomas distintos, para os quais meu simulador pode me alertar, mas esses são sintomas de um processo passivo de cálculo por mim. Por definição, o comando de destruição é aquela equação específica além de minha habilidade de imaginar; será que minha metaprogramação vai quebrar enquanto identifica o estado do simulador?

<Você usou o comando de destruição em normais?> Começo a calcular o que é necessário para gerar um comando de destruição personalizado.

<Uma vez, como experimento, em um traficante de drogas. Depois, ocultei as provas com um golpe na têmpora.>

Torna-se óbvio que a criação é uma tarefa colossal. Gerar um gatilho exige conhecimento íntimo de minha mente; eu extrapolo o que ele pode ter aprendido sobre mim. Parece ser insuficiente, considerando minha reprogramação, mas Reynolds pode ter técnicas de observação que desconheço. Tenho aguda consciência da vantagem que ele obteve ao estudar o mundo exterior.

<Você vai ter que fazer isso muitas vezes.>

Seu arrependimento é evidente. Seu plano não pode ser implementado sem mais mortes: as de humanos normais, por necessidade estratégica, e de alguns de seus assistentes aprimorados, cuja tentação por patamares maiores iria interferir. Depois de usar o comando, Reynolds pode reprogramá-los — ou a mim — como sábios, após focar as intenções e restringir autometaprogramadores. Essas mortes são um custo necessário de seu plano.

<Eu não disse que era santo.>

Apenas um salvador.

Normais podem considerá-lo um tirano, porque o confundem com um deles, e eles nunca confiaram no próprio julgamento. Não podem compreender que Reynolds esteja à altura da tarefa. Seu julgamento é perfeito quanto à matéria humana, e suas noções de ganância e ambição não se aplicam a uma mente aprimorada.

Em um gesto teatral, Reynolds ergue a mão, com o indicador estendido, como se quisesse fazer uma observação. Não tenho informação suficiente para gerar um comando de destruição para ele, por isso, no momento, só posso cuidar de minha defesa. Se eu conseguir sobreviver a seu ataque, talvez tenha tempo de lançar outro.

Com o dedo erguido, ele diz:

— Entenda.

No início, eu não entendo. Então, horrorizado, eu entendo.

Ele não criou o comando a ser dito; de modo algum é um gatilho sensorial. É um gatilho de memória: o comando é formado por uma série

de percepções, individualmente inofensivas, que ele plantou em meu cérebro como bombas-relógio. As estruturas mentais que foram formadas como resultado dessas memórias agora estão se encaixando em um padrão, formando uma gestalt que define minha dissolução. Eu mesmo estou intuindo a Palavra.

No mesmo instante, minha mente começa a trabalhar mais rápido que nunca. Contra minha vontade, uma compreensão fatal está se insinuando para mim. Estou tentando impedir as associações, mas essas memórias não podem ser reprimidas. O processo ocorre de forma inexorável, como consequência de minha conscientização, e como um homem caindo de uma grande altitude, sou forçado a assistir.

Milissegundos se arrastam. Minha morte passa diante de meus olhos.

Uma imagem da mercearia quando Reynolds passou. A camisa psicodélica que o garoto estava usando; Reynolds tinha programado o monitor para implantar uma sugestão em meu interior, assegurando-se que minha psique programada "aleatoriamente" permanecesse receptiva. Já naquele momento.

Não há tempo. Tudo o que posso fazer é me metaprogramar outra vez aleatoriamente, em ritmo furioso. Um ato de desespero, com grande possibilidade de ser incapacitante.

Os sons estranhos modulados que ouvi logo que entrei no apartamento de Reynolds. Absorvi esses entendimentos fatais antes de erguer qualquer defesa.

Destruo minha psique, mas a conclusão se torna ainda mais visível, a resolução, mais nítida.

Eu mesmo, construindo o simulador. Projetar aquelas estruturas de defesa me deu a perspectiva necessária para reconhecer a gestalt.

Reconheço sua engenhosidade superior. Isso é um bom presságio para sua empreitada. O pragmatismo valoriza muito mais um salvador que o esteticismo.

Eu me pergunto o que ele vai fazer depois de salvar o mundo.

Compreendo a Palavra, e o modo como ela opera, e, assim, me dissolvo.

Divisão por zero

1

Dividir um número por zero não produz um número infinito como resultado. O motivo é que a divisão é definida como o inverso da multiplicação; se você divide por zero, e depois multiplica por zero, deve reobter o número inicial. Entretanto, multiplicar o infinito por zero produz apenas zero, e nenhum outro número. Não há nada que, ao ser multiplicado por zero, produza um resultado "não zero"; portanto, o resultado de uma divisão por zero é literalmente "indefinido".

1A

Renee estava olhando pela janela quando a Sra. Rivas se aproximou.

— Indo embora depois de apenas uma semana? Isso mal pode ser considerada uma estadia. Só Deus sabe quanto tempo falta até eu sair.

Renee forçou um sorriso educado.

— Tenho certeza de que não vai demorar para a senhora.

A Sra. Rivas era a manipuladora naquela ala; todo mundo sabia que suas tentativas eram meros gestos, mas os auxiliares de enfermagem prestavam uma atenção exaustiva nela, com receio de que acidentalmente obtivesse sucesso.

— Ha, ha. Eles adorariam que eu saísse. Sabe qual é o encargo deles se você morre enquanto está internada?

— Isso eu sei.

— Pode acreditar que isso é tudo com que eles estão preocupados. Sempre o encargo...

Renee se desligou dela e voltou a atenção para a janela, observando um rasto de condensação ser expelido pelo céu.

— Sra. Norwood? — chamou uma enfermeira. — Seu marido está aqui.

Renee deu outro sorriso educado para a Sra. Rivas e saiu.

1B

Carl assinou seu nome mais uma vez e finalmente as enfermeiras levaram os formulários para processamento.

Ele se lembrou de quando levara Renee para ser internada, e pensou em todas as perguntas de rotina da primeira entrevista. Respondera a todas impassivelmente.

"Sim, ela é professora de matemática. Você pode encontrá-la no *Who's Who*."

"Não, eu sou de biologia."

E:

"Eu tinha esquecido de pegar uma caixa de slides de que ainda precisava."

"Não, ela não tinha como saber."

E, como esperado:

"Sim, já. Foi há cerca de vinte anos, quando eu fazia pós-graduação."

"Não, eu tentei pular."

"Não, Renee e eu não nos conhecíamos na época."

E assim por diante.

Agora estavam convencidos de que ele era apto e amparador, e estavam prestes a liberar Renee para tratamento domiciliar.

Em retrospecto, Carl ficou surpreso de um modo desapegado. À exceção de um instante, não houve qualquer sensação de *déjà-vu* em nenhum momento durante toda aquela provação. Durante o tempo em que lidou com o hospital, com os médicos, com os enfermeiros, a única sensação que o acompanhava era de embotamento, da rotina absolutamente entediante.

Há uma “prova” bem conhecida que demonstra que um é igual a dois. Ela começa com algumas definições: “Se a = 1; b = 1.” E termina com a conclusão: “a = 2a”, ou seja, um é igual a dois. Escondida furtivamente há uma divisão por zero, e, nesse ponto, a operação sai dos trilhos, tornando nulas e inválidas todas as regras. Aceitar uma divisão por zero permite que se prove não apenas que um e dois são equivalentes, mas que quaisquer dois números — reais ou imaginários, racionais ou irracionais — são equivalentes.

2A

Assim que ela e Carl chegaram em casa, Renee foi até a mesa em seu escritório e começou a virar a face de todos os papéis para baixo, atulhando-os às cegas em uma pilha; ela contraía a feição sempre que um canto de uma folha virava para cima enquanto as misturava. Pensou em queimar os papéis, mas isso agora seria meramente simbólico. Alcançaria o mesmo efeito se simplesmente nunca mais olhasse para eles.

Os médicos provavelmente descreveriam aquilo como comportamento obsessivo. Renee franziu a testa ao recordar a humilhação de ser paciente daqueles idiotas. Ela se lembrou de estar em situação de suicídio, na enfermaria trancada, supostamente observada vinte e quatro horas por dia por auxiliares de enfermagem. E as entrevistas com os médicos, que eram tão condescendentes, tão óbvios. Ela não representava como a Sra. Rivas, mas era realmente fácil manipulá-los. Bastava dizer: "Eu sei que ainda não estou bem, mas me sinto melhor", e você seria considerado quase pronto para alta.

2B

Da porta, Carl observou Renee por um momento, antes de passar pelo corredor. Lembrou-se do dia, já completadas duas décadas desde então, quando ele mesmo tinha recebido alta. Seus pais o haviam buscado e, na viagem de volta, a mãe fizera algum comentário vão sobre como todos ficariam felizes em vê-lo, e ele mal conseguiu conter o gesto de repelir o braço dela de seus ombros.

Fez por Renee aquilo que gostaria que tivessem feito por ele durante seu período sob observação. Embora ela se recusasse a vê-lo no início, visitou-a todos os dias, assim não estaria ausente quando ela se sentisse disposta a recebê-lo. Às vezes, eles conversavam, e, às vezes, apenas caminhavam pelo lugar. Ele não conseguia ver nada errado na própria atitude, e sabia que ela agradecia.

Ainda assim, apesar de todos os seus esforços, ele não sentia mais que uma sensação de dever em relação a ela.

3

Em *Principia Mathematica*, Bertrand Russell e Alfred Whitehead tentaram fornecer uma fundamentação rigorosa à matemática usando como base a lógica formal. Começaram com o que consideravam ser axiomas, os quais usaram para derivar teoremas de complexidade crescente. Na página 362, tinham estabelecido o suficiente para provar que "1 + 1 = 2".

3A

Quando era uma criança de sete anos, enquanto investigava a casa de um parente, Renee ficou fascinada ao descobrir os quadrados perfeitos nos ladrilhos lisos de mármore do piso. Um único, duas fileiras de dois, três fileiras de três, quatro fileiras de quatro: os ladrilhos se encaixavam juntos em um *quadrado*. É claro. Não importava o lado que você olhasse, o resultado seria o mesmo. E mais que isso: cada quadrado era maior que o anterior por um *número* ímpar *de ladrilhos*. Foi uma epifania. A conclusão era necessária: havia nela uma exatidão, confirmada pela sensação fria e lisa dos ladrilhos. E a forma como eles se encaixavam, com linhas incrivelmente finas na junção; ela estremecera com a precisão.

Mais tarde vieram outras compreensões, outras conquistas. A impressionante tese de doutorado aos vinte e três, a série de artigos aclamados; pessoas comparando-a a Von Neumann, universidades que a queriam. Ela nunca dera muita atenção a nada disso. Prestava atenção era na mesma sensação de exatidão, presente em todo teorema que aprendia, tão persistente quanto a corporeidade dos ladrilhos, e tão precisa quanto seu encaixe.

3B

Carl sentia que a pessoa que era hoje nascera depois da tentativa, quando ele conhecera Laura. Depois de receber alta do hospital, ele não estava no clima para sair com ninguém, mas uma amiga conseguiu apresentá-lo a Laura. Ele inicialmente a afastara, mas Laura sabia o que estava fazendo. Ela o amou enquanto ele estava ferido, e o deixou ir embora quando se curou. Ao conhecê-la, Carl aprendeu sobre empatia, e foi refeito.

Laura seguira em frente depois de concluir o mestrado, enquanto ele permaneceu na universidade para o doutorado em biologia. Carl sofreu várias crises e dores de cotovelo posteriormente na vida, mas nunca mais sentiu desespero.

Ficava admirado quando pensava no tipo de pessoa que ela era. Ele não falava com ela desde a pós-graduação; como tinha sido a vida dela durante esses anos? Ele se perguntou quem mais ela havia amado. Ele logo reconhecera que tipo de amor era aquele, e o tipo que não era, e o apreciou imensamente.

No início do século XIX, os matemáticos começaram a explorar geometrias que diferiam da geometria euclidiana; essas geometrias alternativas produziam resultados que pareciam completamente absurdos, mas não apresentavam contradições lógicas. Posteriormente foi demonstrado que essas geometrias não euclidianas eram consistentes em relação à geometria euclidiana: elas eram logicamente consistentes, desde que se partisse do princípio de que a geometria euclidiana fosse consistente.

A prova da consistência da geometria euclidiana iludiu matemáticos. No fim do século XIX, o melhor que tinha sido obtido era uma prova de que a geometria euclidiana era consistente desde que a aritmética fosse consistente.

4A

Naquela época, quando tudo começou, Renee considerara aquilo um pouco mais que um aborrecimento. Ela percorrera o corredor e batera na porta do escritório de Peter Fabrisi.

— Pete, você tem um minuto?

Fabrisi empurrou e afastou a cadeira da mesa.

— Claro, Renee, e aí?

Renee entrou, sabendo qual seria a reação dele. Ela nunca tinha pedido conselhos sobre um problema a ninguém do departamento antes; sempre tinha sido o contrário. Mas não importava.

— Eu queria pedir um favor a você. Lembra-se do que eu lhe contei há cerca de uma semana, sobre o formalismo que eu estava desenvolvendo?

Ele assentiu.

— Aquele com o qual você disse que estava reescrevendo sistemas axiomáticos.

— Isso. Bom, há alguns dias, comecei a chegar a conclusões ridículas, e agora meu formalismo está se contradizendo. Você podia dar uma olhada?

A expressão de Fabrisi foi a esperada.

— Você quer... claro, com prazer.

— Ótimo. O problema está nos exemplos das primeiras páginas; o restante é só para referência. — Ela entregou a Fabrisi um maço fino de papéis. — Achei que se lhe explicasse em detalhes, você veria as coisas do mesmo jeito que eu.

— Você provavelmente tem razão. — Fabrisi olhou para as primeiras páginas. — Não sei quanto tempo isso vai demorar.

— Não há pressa. Quando tiver um tempo, apenas veja se algum dos meus pressupostos parece um pouco dúbio, ou algo assim. Eu ainda vou estar trabalhando nisso, então aviso caso encontre alguma coisa. Está bem?

Fabrisi sorriu.

— Você vai simplesmente chegar aqui esta tarde e me dizer que encontrou o problema.

— Duvido. Isso pede um novo olhar.

Ele estendeu as mãos.

— Vou tentar.

— Obrigada.

Era improvável que Fabrisi compreendesse totalmente seu formalismo, mas tudo de que ela precisava era alguém que pudesse verificar os aspectos mais mecânicos.

4B

Carl conhecera Renee em uma festa dada por uma colega de trabalho. Ele tinha sido arrebatado pelo rosto dela. O rosto de Renee era incrivelmente inexpressivo, e parecia bem sombrio na maior parte do tempo, mas, durante a festa, ele a viu sorrir duas vezes e franzir a testa em uma ocasião; nesses momentos, a expressão tomava a fisionomia dela por completo, como se ela nunca tivesse manifestado algo diferente. Carl foi pego de surpresa: ele podia reconhecer um rosto que sorria com regularidade, ou um rosto que franzia a testa com regularidade, mesmo que não tivesse marcas. Ficou curioso em saber como o rosto dela havia desenvolvido tal familiaridade com tantas expressões, e ainda assim nada revelar em descanso.

Levou muito tempo para entender Renee, para ler suas expressões. Mas sem dúvida valera a pena.

Agora Carl estava sentado na poltrona reclinável em seu escritório, com um exemplar da última edição de *Biologia marinha* no colo, e escutava o som de Renee amassando papéis no escritório dela, do outro lado do corredor. Ela havia trabalhado a noite inteira, a frustração em audível progresso, embora carregasse o semblante impassível de costume na última vez em que ele fora olhar.

Carl pôs a revista acadêmica de lado, levantou-se da poltrona e caminhou até a entrada do escritório dela. Renee tinha um livro aberto na mesa; as páginas estavam cheias das habituais equações hieroglíficas, entremeadas com comentários em russo.

Ela examinou parte do material, dispensou-o com um franzir de testa quase imperceptível e fechou o volume com violência. Carl a ouviu resmungar a palavra "inútil" enquanto devolvia o tomo à estante.

— Você vai ficar com pressão alta se continuar desse jeito — gracejou Carl.

— Não me venha com esse ar de superioridade.

Ele se assustou.

— Eu não estava fazendo isso.

Renee se virou para olhá-lo e o encarou.

— Sei quando estou apta para trabalhar e quando não estou — respondeu ela, gélida.

— Então não vou incomodá-la. — Ele recuou.

— Obrigada. — Renee voltou a atenção às estantes de livros.

Carl saiu, tentando decifrar aquele olhar.

No Segundo Congresso Internacional de Matemática, em 1900, David Hilbert listou o que considerava serem os vinte e três principais problemas matemáticos não solucionados. O segundo item da lista era um pedido de comprovação da consistência da aritmética. Essa comprovação iria assegurar a consistência de grande parte da alta matemática. O que essa comprovação tinha de garantir era, em essência, que ninguém conseguisse provar que um é igual a dois. Poucos matemáticos viam isso como uma questão de grande importância.

5A

Renee sabia o que Fabrisi ia dizer antes que ele abrisse a boca.

— Essa foi a coisa mais extraordinária que já vi. Sabe aquele brinquedo para crianças pequenas em que você encaixa blocos com formatos diferentes em cada um dos buracos correspondentes? Ler seu sistema formal é como observar uma pessoa pegar um único bloco e conseguir enfiá-lo em todos os buracos do brinquedo, e sempre com encaixe perfeito.

— Então você não consegue encontrar o erro?

Ele balançou a cabeça.

— Não. Também estou girando sem sair do lugar. Só consigo pensar nisso de uma maneira.

Renee não estava mais no mesmo lugar: ela tinha descoberto uma abordagem completamente diferente da questão, mas que apenas confirmava a contradição original.

— Bom, obrigada por tentar.

— Você vai pedir para outra pessoa dar uma olhada nisso?

— Sim, acho que vou mandar para Callahan, em Berkeley. Nós estamos nos correspondendo desde a conferência na primavera passada.

Fabrisi assentiu.

— Fiquei muito impressionado com o último artigo dele. Avise-me se ele conseguir descobrir, estou curioso.

Renee teria empregado uma palavra mais enfática que “curiosa”.

Renee estava apenas frustrada com seu trabalho? Carl sabia que ela nunca considerara a matemática algo realmente difícil, apenas intelectualmente desafiador. Será que, pela primeira vez, ela estava se deparando com problemas nos quais não conseguia avançar? Ou será que a matemática apenas funcionava assim? O próprio Carl era estritamente um experimentalista; ele, na verdade, não sabia como Renee fazia uma nova matemática. Parecia bobagem, mas será que ela estava ficando sem ideias?

Renee era velha demais para estar sofrendo com a desilusão de uma criança prodígio se transformando em um adulto comum. Por outro lado, muitos matemáticos desenvolviam seu melhor trabalho antes dos trinta anos, e talvez a ansiedade dela derivasse do fato de essa estatística a estar alcançando, embora com um atraso de vários anos.

Parecia improvável. Ele considerou superficialmente outras possibilidades. Será que ela estava se tornando cética em relação ao mundo acadêmico? Decepcionada com a especialização exacerbada de sua pesquisa? Ou simplesmente farta de seu trabalho?

Carl não acreditava que tais ansiedades fossem a causa do comportamento de Renee, mas, se esse era o caso, presumia que as percepções dele seriam outras, e elas não combinavam com suas impressões atuais. Fosse lá o que estivesse aborrecendo Renee, era algo que ele não conseguia apreender, e isso o incomodava.

6

Em 1931, Kurt Gödel demonstrou dois teoremas. O primeiro mostra, de forma geral, que a matemática contém assertivas que podem ser verdadeiras, mas são inerentemente impossíveis de comprovar. Mesmo um sistema formal simples como a aritmética permite assertivas precisas, expressivas e aparentemente verdadeiras, mas que ainda assim não podem ser comprovadas por meios formais.

O segundo teorema de Gödel mostra que uma reivindicação da consistência da aritmética é apenas uma dessas assertivas; não pode ser provada como verdadeira por nenhum meio usando os axiomas da aritmética. Ou seja, a aritmética como sistema formal não pode garantir que não vai produzir resultados como "1 = 2" — contradições como essa podem nunca ter sido encontradas, mas é impossível provar que nunca serão.

6A

Mais uma vez, Carl entrara no escritório de Renee. Ela ergueu os olhos para ele de sua mesa; ele começou com determinação:

— Renee, é óbvio q...

Ela o interrompeu:

— Você quer saber o que está me incomodando? Está bem, vou contar. — Renee pegou uma folha de papel em branco e se sentou à mesa. — Espere, só vai levar um minuto.

Carl abriu a boca outra vez, mas Renee acenou para que ele permanecesse em silêncio. Ela respirou fundo e começou a escrever.

Traçou uma linha de alto a baixo no centro da página, dividindo-a em duas colunas. No alto de uma coluna escreveu o numeral "1", e na outra escreveu "2". Abaixo deles, rabiscou rapidamente alguns símbolos, e nas linhas abaixo deles os expandiu em séries de outros símbolos. Rangia os dentes enquanto escrevia: dispor os caracteres lhe dava a sensação de arranhar um quadro-negro com as unhas.

Preenchidos dois terços da página, Renee começou a reduzir as longas séries de símbolos em séries sucessivamente mais curtas. *E agora, o toque de mestre*, pensou. Percebeu que estava pressionando o papel com força excessiva; relaxou deliberadamente a força no lápis. Na linha seguinte que compôs, as séries se tornaram idênticas. Na parte de baixo da página, ela sobrepôs um enfático "=" sobre a linha divisória.

Entregou a folha para Carl. Ele olhou para ela, demonstrando incompreensão.

— Olhe para o topo da página. — Ele fez isso. — Agora olhe para a parte de baixo.

Ele franziu a testa.

— Não entendi.

— Descobri um formalismo que permite a você igualar qualquer número com qualquer outro. Essa folha prova que um é igual a dois. Escolha quaisquer dois números, posso provar que eles são iguais também.

Carl parecia estar tentando se lembrar de alguma coisa.

— É uma divisão por zero, certo?

— Não. Não há operações ilegais, nenhum termo mal definido, nenhum axioma independente presumido de alguma maneira implícita, nada. A operação não emprega absolutamente nada proibido.

Carl balançou a cabeça.

— Espere um minuto. É óbvio que um e dois não são iguais.

— Mas, de modo formal, são: a prova está em suas mãos. Tudo o que usei está dentro do que é aceito como inteiramente inquestionável.

— Mas você tem uma contradição, aqui.

— Isso mesmo. A aritmética como sistema formal é inconsistente.

— Você não consegue encontrar seu erro, é isso que quer dizer?

— Não, você não está escutando. Você acha que estou frustrada só por causa de uma coisa dessas? Não há erro na demonstração matemática.

— Você está dizendo que há algo errado dentro do que é aceito?

— Exatamente.

— Você tem... — Ele parou, mas era tarde demais.

Ela o encarou. Claro que ela tinha certeza. Carl pensou no que ela estava insinuando.

— Você está entendendo? — perguntou Renee. — Acabei de refutar a maior parte da matemática: tudo agora é irrelevante.

Ela estava ficando agitada, quase perturbada; Carl escolheu as palavras com cuidado.

— Como você pode dizer isso? A matemática ainda funciona. Os mundos científico e econômico não vão entrar em colapso com esta conclusão.

— Isso porque a matemática que estão usando é apenas um artifício. É um truque mnemônico, como contar os nós dos dedos para saber quais meses têm trinta e um dias.

— Não é a mesma coisa.

— Por que não? A matemática não tem absolutamente *nada* a ver com a realidade. Muito menos conceitos como imaginários ou infinitesimais. A droga da soma de números inteiros não tem nada a ver com contar nos dedos. Um e um sempre vai dar dois em seus dedos, mas, no papel, posso lhe dar uma quantidade infinita de respostas, e todas elas são igualmente válidas, o que significa que são todas igualmente inválidas. Posso escrever o teorema mais elegante que você já viu, e ele não vai representar nada além do que uma equação sem sentido. — Ela soltou uma risada amarga. — Os

positivistas costumavam dizer que toda matemática é uma tautologia. Eles estavam totalmente errados: é uma contradição.

Carl tentou uma abordagem diferente:

— Espere aí. Você acabou de mencionar números imaginários. Por que você acha que isso é pior do que eles? Os matemáticos um dia já acreditaram que eles não significavam nada, mas agora são aceitos como básicos. É a mesma situação.

— *Não é* a mesma coisa. A solução ali era simplesmente expandir o contexto, e isso não vai causar nada de bom aqui. Números imaginários acrescentaram algo novo à matemática, mas meu formalismo está redefinindo o que já existe.

— Mas se você mudar o contexto, colocar sob uma luz diferente...

Ela revirou os olhos.

— Não! Isso segue os axiomas do mesmo modo que a adição; não há saída. Você pode acreditar na minha palavra em relação a isso.

Em 1936, Gerhard Gentzen apresentou prova da consistência da aritmética, mas para fazer isso precisou usar uma técnica controvertida conhecida como indução transfinita. Esta técnica não está entre os métodos habituais de demonstração matemática, e mal parecia apropriada para assegurar a consistência da aritmética. O que Gentzen fez foi provar o óbvio assumindo o duvidoso.

7A

Callahan havia ligado de Berkeley, mas não pôde oferecer nenhuma saída. Ele disse que ia continuar a examinar o trabalho dela, mas parecia que Renee tinha encontrado algo crucial e perturbador. Ele queria saber sobre os planos dela para a publicação de seu formalismo, porque, se o trabalho contivesse algum erro que nenhum dos dois conseguisse encontrar, outros na comunidade matemática certamente encontrariam.

Renee mal conseguira escutá-lo, e murmurou que ia dar algum retorno a ele. Ultimamente, ela estava tendo dificuldade para conversar com as pessoas, sobretudo desde a discussão com Carl; os outros membros do departamento começaram a evitá-la. Sua concentração acabou, e, na noite anterior, ela tivera um pesadelo sobre descobrir um formalismo que permitia que ela traduzisse conceitos arbitrários em expressões matemáticas: então, ela provava que a vida e a morte eram equivalentes.

Isso foi algo que a assustou: a possibilidade de estar enlouquecendo. Sem dúvida estava perdendo a clareza de pensamento, o que era bem parecido.

Que mulher ridícula você é, repreendeu a si mesma. Será que Gödel pensou em se suicidar depois de demonstrar seu teorema da incompletude?

Mas aquilo era lindo, numinoso, um dos teoremas mais elegantes que Renee já tinha visto.

Sua própria demonstração matemática zombava dela, ridicularizava-a. Como um enigma difícil em um livro de quebra-cabeças, ela dizia "peguei você", você passou bem diante do erro, veja se consegue descobrir onde estragou tudo; só para virar e dizer "peguei você de novo".

Ela imaginou que Callahan estivesse ponderando as implicações que aquela descoberta traria para a matemática. Grande parte da matemática não tinha aplicação prática; existia apenas como teoria formal, estudada

pela beleza intelectual. Mas aquilo não se sustentaria; uma teoria autocontraditória era tão inútil que a maioria dos matemáticos iria abandoná-la, indignados.

O que realmente deixava Renee furiosa era a forma como sua intuição a traíra. O maldito teorema fazia sentido; de um jeito pervertido, ele *parecia certo*. Ela entendia, sabia por que era verdade, acreditava nele.

Carl sorriu quando pensou no aniversário dela.

— Não acredito! Como você podia saber?

Ela descera a escada correndo, com um suéter nas mãos.

No verão anterior, eles tinham viajado de férias para a Escócia e, em uma loja em Edimburgo, havia um suéter que Renee tinha ficado olhando, mas não comprara. Carl o encomendara e colocara na gaveta da cômoda para que ela o encontrasse naquela manhã.

— Você é muito transparente — provocara ele.

Os dois sabiam que isso não era verdade, mas ele gostava de dizer isso para ela.

Isso tinha sido dois meses atrás. Meros dois meses.

Agora a situação pedia uma mudança de ritmo. Carl foi até o escritório de Renee e a encontrou sentada, olhando pela janela.

— Adivinhe o que eu arranjei para a gente.

Ela ergueu os olhos.

— O quê?

— Reservas para o fim de semana. Uma suíte no Biltmore. Podemos relaxar e não fazer absolutamente nada...

— Por favor, pare — disse Renee. — Sei o que está tentando, Carl. Quer que nós façamos algo agradável e divertido para tirar minha mente desse formalismo. Não vai funcionar. Você não sabe o tipo de poder que isso tem sobre mim.

— Vamos lá, vamos lá.

Ele segurou as mãos dela para tirá-la da cadeira, mas Renee as puxou. Carl ficou ali parado por um instante, quando, de repente, ela se virou e o encarou.

— Você sabe que fiquei tentada a tomar barbitúricos? Quase desejei ser uma idiota, para que não tivesse de pensar nisso.

Ele ficou surpreso. Incerto em relação à própria atitude, disse:

— Por que você pelo menos não tenta se distanciar por um tempo? Não vai fazer mal, e talvez consiga afastar sua mente disso.

— Isso não é algo de que eu consiga afastar minha mente. Você simplesmente não consegue entender.

— Então me explique.

Renee deu um suspiro e se virou para pensar por um momento.

— É como se tudo o que eu visse gritasse a contradição para mim — disse ela. — Estou equiparando números o tempo todo agora.

Ele ficou em silêncio. Então, com compreensão repentina, disse:

— Como os físicos clássicos diante da mecânica quântica. Como se uma teoria em que você sempre acreditou tivesse sido substituída e a nova não fizesse sentido, mas de algum modo todas as provas a apoiassem.

— Não, não tem nada a ver com isso. — A recusa foi quase desdenhosa. — Isso não tem nada a ver com provas; é tudo a priori.

— Como é diferente? Isso não é, então, apenas prova de seu raciocínio?

— Meu Deus, você está brincando? Isso é a diferença entre averiguar que um e dois têm o mesmo valor, ou apenas intuir isso. Não posso mais manter o conceito de quantidades distintas em minha mente; todas parecem iguais para mim.

— Você não está falando sério — disse ele. — Ninguém pode, na verdade, vivenciar algo assim; é como acreditar em seis coisas impossíveis antes do café da manhã.

— Como você pode saber o que consigo vivenciar?

— Estou tentando entender.

— Não se dê o trabalho.

A paciência de Carl se esgotou.

— Então tudo bem.

Ele saiu do cômodo e cancelou as reservas.

Eles mal se falaram depois disso, conversando apenas quando necessário. Três dias depois, Carl esqueceu a caixa de slides de que precisava, voltou para casa de carro e encontrou o bilhete dela sobre a mesa.

Intuiu duas coisas nos momentos seguintes. A primeira lhe ocorreu quando estava correndo pela casa, perguntando a si mesmo se ela tinha conseguido cianeto no departamento de química: era a compreensão de que, como ele não conseguia entender o que a levara a tal atitude, não conseguia sentir nada por ela.

A segunda intuição veio quando estava batendo na porta do quarto, gritando para ela lá dentro: ele vivenciou um *déjà-vu*. Foi a única vez que a situação lhe pareceu familiar e ainda assim grotescamente contrária. Ele se lembrava de estar do outro lado de uma porta trancada, no telhado de um prédio, e de ouvir um amigo batendo nela e gritando para ele não fazer aquilo. E enquanto estava ali parado diante da porta do quarto, ele podia ouvi-la aos prantos no chão, paralisada de vergonha, exatamente como ele ficara quando era ele do outro lado.

8

Hilbert disse certa vez: “Se o pensamento matemático é defectivo, onde vamos encontrar verdade e certeza?”

8A

Será que minha tentativa de suicídio vai me marcar para o resto da vida?, perguntou-se Renee. Ela alinhou as bordas das folhas de papel na mesa. Será que as pessoas, a partir de então, sempre pensariam nela, talvez inconscientemente, como maluca ou instável? Ela nunca perguntara a Carl se ele sentira tais ansiedades, talvez porque nunca tivesse jogado a culpa da tentativa de suicídio do marido contra ele. Tinha acontecido havia muitos anos, e qualquer um que o visse agora o reconheceria na mesma hora como uma pessoa plena.

Porém, Renee não podia dizer o mesmo sobre si própria. Nesse momento, ela era incapaz de discutir matemática de forma inteligível, e não tinha certeza se voltaria a fazê-lo. Se os colegas a vissem agora, iam simplesmente dizer: ela perdeu o dom.

Esgotada em sua mesa, Renee deixou o escritório e foi até a sala de estar. A circulação de seu formalismo pela comunidade acadêmica exigiria uma revisão geral dos fundamentos matemáticos estabelecidos, mas poucas pessoas seriam afetadas como ela foi. A maioria ficaria como Fabrisi: ia seguir a prova mecanicamente, e ser convencida por ela, mas só isso. Os únicos que iam senti-lo com a mesma avidez que ela seriam os que conseguissem de fato apreender a contradição, que conseguissem intuí-la. Callahan era um desses; ela se perguntava como ele estava lidando com aquilo com o passar dos dias.

Renee traçou um desenho ondulado na poeira em cima de uma mesinha lateral. Antes, ela talvez tivesse buscado em vão parâmetros na curva, examinado algumas de suas características. Agora não parecia haver sentido. Todas as visualizações simplesmente desmoronavam.

Ela, como muitos, sempre pensara que o significado da matemática não era derivado do universo, mas, em vez disso, impunha algum sentido ao universo. Entidades físicas não eram maiores nem menores umas que as

outras, nem parecidas ou diferentes; elas simplesmente eram, existiam. A matemática era totalmente independente, mas virtualmente fornecia um significado semântico para essas entidades, estabelecendo categorias e relações. Ela não descrevia nenhuma qualidade intrínseca, apenas uma interpretação possível.

No entanto, não mais. Uma vez removida das entidades físicas, a matemática era inconsistente, e uma teoria formal não era nada se não fosse consistente. A matemática era *empírica*, não mais que isso, algo que não interessava a Renee.

Para o que ela iria se voltar agora? Renee conhecia uma pessoa que abandonara a vida acadêmica para vender artesanato em couro. Ela teria que tirar uma folga, resgatar a confiança em suas habilidades. E era exatamente isso que Carl a estava ajudando a fazer, durante todo o tempo.

8B

Entre os amigos de Carl havia duas mulheres que eram melhores amigas, Marlene e Anne. Há alguns anos, quando Marlene pensara em suicídio, ela não havia procurado a ajuda de Anne: ela procurara Carl. Ele e Marlene passaram a noite em claro algumas vezes, conversando ou compartilhando o silêncio. Carl sabia que Anne sempre escondera um pouco de inveja pelo que ele compartilhara com Marlene, que ela sempre se perguntara que vantagem ele tinha que lhe permitia chegar tão perto dela. A resposta era simples. Era a diferença entre simpatia e empatia.

Carl tinha oferecido consolo em situações parecidas mais de uma vez na vida. Ficara satisfeito em poder ajudar, sem dúvida, porém mais que isso, parecera o correto estar no lugar do outro e interpretar o outro papel.

Ele sempre tivera razão para considerar a compaixão uma parte básica de sua personalidade, até agora. Havia valorizado tal sentimento, sentido que, sem dúvida, era empático. Porém, agora tinha encontrado algo que nunca havia visto antes, e isso tornara seus instintos naturais nulos e inócuos.

Se alguém tivesse lhe dito no aniversário de Renee que ele ia se sentir desse jeito em dois meses, Carl teria descartado a ideia de imediato. Sem dúvida, uma coisa dessas podia acontecer ao longo dos anos; Carl sabia o que o tempo era capaz de fazer. Mas dois meses?

Depois de seis anos de casamento, ele deixara de amá-la. Carl se detestava pela ideia, mas o fato era que Renee tinha mudado, e agora ele não a entendia nem sabia como se sentia em relação a ela. A vida intelectual e a vida emocional de Renee estavam inextricavelmente ligadas, de modo que a última fugira de seu alcance.

Por parte dele, a reação automática de absolvição se interpôs, concluindo que não se pode obrigar ninguém a manter o apoio em uma situação de crise. Se a esposa de um homem de repente fosse acometida

por uma doença mental, seria um pecado abandoná-la, mas era algo perdoável. Ficar significaria aceitar um tipo diferente de relacionamento, algo para o qual nem todo mundo era moldado, e Carl nunca condenou alguém em tal situação. Mas havia sempre a pergunta não dita: o que eu faria? E a resposta dele sempre tinha sido: eu ficaria.

Hipócrita.

Pior de tudo, ele vivera a mesma situação. Havia ficado absorto na própria dor, testara a resistência de outros, e alguém cuidara dele durante tudo aquilo. Deixar Renee era inevitável, mas seria um pecado que ele não poderia perdoar.

Certa vez, Albert Einstein disse: “Até onde as proposições da matemática se referem à realidade, elas não são certas; e até onde estão certas, elas não descrevem a realidade.”

9A = 9B

Carl estava na cozinha, limpando vagens de ervilha-torta para o jantar, quando Renee entrou e o interrompeu.

— Posso falar com você um minuto?

— Claro.

Eles se sentaram à mesa. Ela olhou propositalmente pela janela: seu costume quando começava uma conversa séria. Ele de repente temeu o que a esposa estava prestes a dizer. Não tinha planejado contar a ela que ia deixá-la, não até que ela estivesse totalmente recuperada, em alguns meses. Agora era cedo demais.

— Eu sei que não tem sido óbvio...

Não, rezou ele. Não diga isso. Por favor, não.

— ...mas estou muito agradecida por ter você aqui comigo.

Condoído, Carl fechou os olhos, mas, felizmente, Renee ainda estava olhando pela janela. Ia ser muito, muito difícil.

Ela ainda estava falando.

— As coisas que estão se passando em minha cabeça... — Ela fez uma pausa. — Nunca imaginei nada assim. Se tivesse sido algum tipo normal de depressão, sei que você teria entendido, e teríamos conseguido lidar com ela.

Carl assentiu.

— Mas o que aconteceu foi quase como se eu fosse uma teóloga provando que Deus não existe. Não apenas temendo isso, mas sabendo que é verdade. Parece absurdo?

— Não.

— É uma sensação que não consigo transmitir para você. Era algo em que eu acreditava de forma profunda, implícita, mas que não é verdade, e fui eu quem demonstrou isso.

Ele abriu a boca para dizer que sabia exatamente o que ela queria dizer, que ele tinha sentido as mesmas coisas que ela. Contudo, se deteve: pois esta era uma empatia de separação, e não de união entre eles; ele não conseguia dizer isso a ela.

História da sua vida

Seu pai está prestes a me fazer a pergunta. Este é o momento mais importante de nossas vidas, e quero prestar atenção, registrar cada detalhe. Seu pai e eu acabamos de voltar de um passeio, com jantar e show; já passa da meia-noite. Saímos para o quintal para ver a lua cheia; aí eu disse ao seu pai que queria dançar, então ele resolveu me agradar e agora estamos dançando lentamente, um casal de trinta e poucos anos balançando de um lado para outro sob o luar como crianças. Não sinto o frio da noite, nem um pouco. Então seu pai diz:

— Você quer fazer um bebê?

Eu e seu pai estamos casados há cerca de dois anos, morando na Ellis Avenue; quando nos mudarmos, você ainda vai ser nova demais para se lembrar da casa, mas vamos lhe mostrar fotos dela, contar histórias sobre ela. Eu adoraria lhe contar a história desta noite, a noite em que você foi concebida, mas a hora certa de fazer isso seria quando você estivesse pronta para ter os próprios filhos, e nunca vamos ter essa chance.

Contar isso para você antes não teria feito nenhum bem; durante a maior parte de sua vida, você não vai ter paciência para ouvir uma história tão romântica — brega, você diria. Eu me lembro que você, aos doze anos, vai insinuar certa hipótese sobre sua origem.

— Você só me teve para conseguir uma empregada que não precisasse pagar — você vai dizer amargamente, tirando o aspirador de pó do armário.

— Isso mesmo — afirmarei. — Há treze anos eu sabia que, por essa época, os carpetes iam precisar ser aspirados, e ter um bebê pareceu ser o modo mais barato e fácil de realizar essa tarefa. Agora, por favor, ande logo com isso.

— Se você não fosse minha mãe, isso seria ilegal — você dirá, fervilhando de raiva enquanto desenrola o fio e o pluga na tomada.

Isso vai ser na casa da Belmont Street. Vou viver para ver estranhos ocuparem as duas casas: a casa em que você foi concebida e aquela em

que você cresceu. Seu pai e eu vamos vender a primeira alguns anos depois da sua chegada. Vou vender a segunda logo depois da sua partida. A essa altura, Nelson e eu teremos mudado para nossa fazenda, e seu pai estará vivendo com aquela mulherzinha.

Sei como esta história termina; penso muito nisso. Também penso muito sobre como ela começou, há apenas alguns anos, quando as naves surgiram em órbita e os artefatos apareceram nos campos. O governo não disse quase nada sobre eles, enquanto os tabloides disseram quase todas as coisas possíveis.

Então, recebi um telefonema, solicitando uma reunião.

* * *

Eu os avistei enquanto esperavam no corredor em frente ao meu escritório. Eles formavam uma dupla estranha; um deles, com cabelo cortado à escovinha, vestia uniforme militar e carregava uma maleta de alumínio. Parecia estar avaliando o ambiente com olhar crítico. O outro era facilmente identificável como acadêmico: barba farta e bigode, usando veludo cotelê. Estava folheando as páginas sobrepostas grampeadas a um quadro de avisos próximo.

— Coronel Weber, suponho. — Apertei a mão do oficial. — Louise Banks.

— Dra. Banks. Obrigada por reservar seu tempo para falar conosco — disse ele.

— Não precisa agradecer; vale qualquer desculpa para evitar a reunião do corpo docente.

O coronel Weber indicou seu companheiro.

— Este é o Dr. Gary Donnelly, o físico que mencionei quando conversamos ao telefone.

— Apenas Gary, por favor — disse ele enquanto nos cumprimentávamos com um aperto de mão. — Estou ansioso para ouvir o que você tem a dizer.

Entramos em meu escritório. Retirei algumas pilhas de livros de cima da segunda cadeira de visitantes, e todos nos sentamos.

— O senhor mencionou uma gravação que gostaria que eu escutasse. Imagino que tenha algo a ver com os alienígenas.

— Tudo o que posso oferecer é a gravação — respondeu o coronel Weber.

— Está bem, vamos ouvi-la.

O coronel Weber tirou um toca-fitas da maleta e apertou o PLAY. A gravação soava vagamente como um cachorro molhado sacudindo a água do pelo.

— O que acha disso? — perguntou ele.

Guardei para mim a comparação com um cachorro molhado.

— Em que contexto essa gravação foi feita?

— Não tenho permissão para dizer isso.

— Essa informação me ajudaria a interpretar esses sons. O senhor podia ver o alienígena enquanto ele estava falando? Ele estava fazendo alguma coisa na hora?

— A gravação é tudo o que posso oferecer.

— O senhor não estará revelando nada se me disser que viram os alienígenas; o público supõe isso.

O coronel Weber não cedia.

— A senhora tem alguma opinião sobre as propriedades linguísticas deles? — perguntou.

— Bom, é claro que o trato vocal dos alienígenas é substancialmente diferente de um trato vocal humano. Suponho que eles não pareçam humanos. Ou parecem?

O coronel estava prestes a dizer algo evasivo quando Gary Donnelly perguntou:

— Você conseguiria afirmar alguma coisa com base na gravação?

— Na verdade, não. Não acho que eles estejam usando a laringe para fazer esses sons, mas isso não me dá indicação alguma sobre a aparência deles.

— Qualquer coisa... Há algo mais que possa nos dizer? — perguntou o coronel Weber.

Eu podia ver que ele não estava acostumado a consultar uma civil.

— Apenas que estabelecer comunicação vai ser muito difícil devido à diferença anatômica. Eles estão quase certamente usando sons que o trato vocal humano não consegue reproduzir, e talvez sons que o ouvido humano nem consiga distinguir.

— Você está se referindo a frequências infrassônicas e ultrassônicas? — perguntou Gary Donnelly.

— Não especificamente. Quero dizer apenas que o sistema auditivo humano não é um instrumento acústico completo; ele é otimizado para reconhecer os sons produzidos por uma laringe humana. Com um sistema vocal alienígena, tudo pode acontecer. — Dei de ombros. — *Talvez*, com prática suficiente, consigamos perceber a diferença entre fonemas alienígenas, mas é possível que nossos ouvidos simplesmente não consigam reconhecer distinções que eles considerem fundamentais. Nesse caso, precisaríamos de um espectrógrafo de som para saber o que um alienígena está dizendo.

— Suponha que eu lhe desse uma hora de gravações. Quanto tempo a senhora levaria para determinar se precisamos ou não desse espectrógrafo de som? — perguntou o coronel Weber.

— Não conseguiria determinar isso apenas com uma gravação, por mais tempo que eu tivesse. Precisaria conversar diretamente com os alienígenas.

O coronel balançou a cabeça.

— É impossível.

Tentei lhe dar a má notícia com delicadeza.

— A decisão é sua, claro. Mas a única maneira de aprender uma língua desconhecida é interagir com um nativo do idioma, ou seja, fazer perguntas, estabelecer uma conversa, esse tipo de coisa. Sem isso, simplesmente não dá. Assim, se vocês querem aprender a língua dos alienígenas, uma pessoa com treinamento em linguística de campo, seja eu ou outro indivíduo, vai precisar conversar com um alienígena. Gravações isoladas não são o suficiente.

O coronel Weber franziu o cenho.

— A doutora está sugerindo que nenhum alienígena conseguiria aprender línguas humanas pelo monitoramento de nossas transmissões?

— Duvido. Eles iriam precisar de material educativo especificamente criado para ensinar línguas humanas para não humanos. Ou isso, ou interação com um ser humano. Com uma dessas duas coisas, eles poderiam aprender muito com a TV, mas, do contrário, não teriam um ponto por onde começar.

O coronel claramente achou minha explicação interessante; evidentemente a filosofia era: quanto menos os alienígenas soubessem, melhor. Gary Donnelly também leu a expressão do coronel e revirou os olhos. Contive um sorriso.

— Suponha que você estivesse aprendendo uma nova língua conversando com os falantes nativos; a senhora poderia fazer isso sem lhes ensinar inglês? — quis saber o coronel.

— Isso dependeria de quanto os nativos no idioma cooperassem. Eles quase certamente iam captar alguma coisa enquanto eu estivesse aprendendo a língua deles, mas não precisaria ser muito se eles estivessem dispostos a ensinar. Por outro lado, se preferissem aprender inglês a nos ensinar a língua deles, isso deixaria as coisas muito mais difíceis.

O coronel assentiu.

— Volto a falar com a doutora sobre este assunto.

* * *

Aquela solicitação de reunião talvez seja o segundo telefonema mais importante da minha vida. O primeiro, é claro, será o da equipe de Resgate de Montanha. A essa altura, seu pai e eu falaremos um com o outro, no máximo, uma vez por ano. Porém, após receber esse telefonema, a primeira coisa que farei será ligar para ele.

Nós vamos juntos fazer a identificação, uma viagem longa e silenciosa de carro. Eu me lembro do necrotério, todo de azulejos e aço inoxidável, o zumbido da refrigeração e o cheiro de antisséptico. Um auxiliar de

enfermagem puxará o lençol para revelar seu rosto. Seu rosto, de algum modo, vai ter a aparência errada, mas saberei que é você.

— Sim, é ela — direi. — Minha filha.

Você vai ter vinte e cinco anos.

* * *

O policial do Exército conferiu meu crachá, fez uma anotação em uma prancheta e abriu o portão; dirigi o veículo off-road até o acampamento, uma pequena aldeia de barracas estabelecida pelo Exército no pasto de uma fazenda castigado pelo sol. No centro do acampamento havia um dos aparelhos alienígenas, chamado de "espelho".

Segundo as reuniões diretivas das quais participei, havia nove aparelhos como aquele nos Estados Unidos, cento e doze no mundo. Os espelhos agiam como aparelhos de intercomunicação, supostamente com as naves em órbita. Ninguém sabia por que os alienígenas não falavam conosco pessoalmente; medo de piolhos, talvez. Uma equipe de cientistas, incluindo um físico e um linguista, foi designada para cada espelho. Gary Donnelly e eu fazíamos parte de um desses grupos.

Gary estava à minha espera no estacionamento. Andamos por um labirinto circular de barricadas de concreto até chegar à grande barraca que encobria o próprio espelho. Diante dela, encontrava-se um carrinho carregado com material que havia sido pego emprestado do laboratório de fonologia da universidade; eu o despachara de antemão para ser inspecionado pelo Exército.

Além disso, fora da barraca havia três câmeras de vídeo montadas em tripés cujas lentes espreitavam, através das janelas na parede de tecido, o interior do salão principal. Qualquer coisa que Gary e eu fizéssemos seria revisada por inúmeras pessoas, incluindo a inteligência militar. Ademais, cada um de nós iria enviar relatórios diários, e os meus tinham que incluir estimativas do quanto da nossa língua eu achava que os alienígenas podiam entender.

Gary segurou a aba que fechava a barraca e, mantendo-a aberta, gesticulou para que eu passasse.

— Entre — disse ele, em estilo de apresentador de circo. — Maravilhe-se com criaturas como nunca foram vistas neste mundo de Deus.

— E tudo por apenas dez centavos — murmurei, passando pela porta.

O espelho estava inativo naquele momento. Era semicircular, com mais de três metros de altura e seis de largura. Na grama marrom à frente dele, um arco de tinta branca em spray delineava a área de ativação. No momento, a área continha apenas uma mesa, duas cadeiras dobráveis e uma extensão de múltiplas tomadas com um fio que levava a um gerador na parte exterior. O zunido de lâmpadas fluorescentes, penduradas em traves ao longo da borda do salão, misturava-se com o zumbido de moscas no calor abafado.

Gary e eu nos olhamos, e então começamos a empurrar o carrinho com o equipamento até a mesa. Quando atravessamos a linha de tinta, o espelho pareceu ficar transparente; era como se alguém estivesse lentamente erguendo a iluminação por trás de um vidro escurecido. A ilusão de profundidade era inacreditável; eu senti que podia andar através do espelho. Quando estava totalmente aceso, o espelho lembrava o diorama de uma sala semicircular em tamanho natural. A sala continha alguns objetos grandes que podiam ser móveis, mas nenhum alienígena. Havia uma porta na parede curva dos fundos.

Nós nos ocupamos conectando tudo: microfone, espectrógrafo de som, computador portátil e alto-falante. Enquanto trabalhávamos, eu frequentemente olhava para o espelho, antevendo a chegada dos alienígenas. Mesmo assim, dei um pulo quando um deles entrou.

Parecia um barril suspenso no ponto em que seus sete membros se encontravam. Era radialmente simétrico, e qualquer um dos membros podia servir como braço ou perna. O que estava à minha frente caminhava em quatro pernas, com três braços não adjacentes curvados junto à lateral do corpo. Gary os chamou de “heptápodes”.

Eu tinha visto fitas de vídeo e, ainda assim, fiquei pasma. Os membros deles não tinham juntas distinguíveis; anatomistas achavam que podiam

ser sustentados por colunas vertebrais. Qualquer que fosse sua estrutura de sustentação, os membros dos heptápodes conspiravam para se mover de uma maneira desconcertantemente fluida. O "torso" seguia acima dos membros ondulantes tão suavemente como um aerobarco.

Sete olhos sem pálpebras circundavam o topo do corpo do heptápode. Ele caminhou de volta até a porta por onde entrou, fez um breve som escarrado e voltou ao centro da sala seguido por outro heptápode; em nenhum momento se virou. Era estranho, mas lógico; com olhos em todos os lados, qualquer direção seria a da frente.

Gary estivera observando minha reação.

— Pronta? — perguntou.

Respirei fundo.

— Pronta o suficiente.

Eu tinha feito muito trabalho de campo antes, na Amazônia, mas sempre havia sido um procedimento bilíngue: ou meus informantes sabiam um pouco de português, que eu podia usar, ou eu tinha obtido uma breve introdução à sua língua com os missionários locais. Essa seria minha primeira tentativa de conduzir um procedimento de descoberta verdadeiramente monolíngue. Porém, em teoria, era simples.

Eu me aproximei do espelho e um heptápode do outro lado fez o mesmo. A imagem era tão nítida que me arrepiei. Eu podia ver a textura de sua pele cinza, como rugas de veludo cotelê dispostas em espirais e laços. Nenhum cheiro nos alcançava através do espelho, o que, de algum modo, aumentava a estranheza da situação.

Apontei para mim mesma e disse devagar:

— Humana. — Então apontei para Gary: — Humano. — Então apontei para cada heptápode e disse: — O que vocês são?

Nenhuma reação. Tentei outra vez, e mais uma.

Um dos heptápodes apontou para si mesmo com um de seus membros, os quatro dígitos terminais apertados juntos. Foi sorte. Em algumas culturas, as pessoas apontam com o queixo; se o heptápode não tivesse usado um de seus membros, eu não saberia qual gesto procurar. Ouvi um estrépito breve, e vi um orifício enrugado no alto de seu corpo vibrar: ele

estava falando. Então, ele apontou para o companheiro e emitiu o estrépito outra vez.

Voltei ao meu computador; na tela havia duas leituras de espectrógrafo praticamente idênticas representando os estrépitos. Marquei uma amostra para reprodução do som. Apontei para mim mesma e repeti:

— Humana. — E fiz o mesmo com Gary.

Então apontei para o heptápode e coloquei o tremor para tocar no alto-falante.

O heptápode emitiu mais estrépitos. A segunda metade de sua elocução parecia uma repetição na leitura do espectrógrafo: chamei as expressões anteriores de [estrépito1], então essa era [estrépito2estrépito1].

Apontei para algo que podia ser uma cadeira de heptápode.

— O que é isso?

O heptápode parou, em seguida apontou para a "cadeira" e falou mais um pouco. O espectrógrafo disso era nitidamente diferente da representação dos sons anteriores: [estrépito3]. Mais uma vez, apontei para a "cadeira" enquanto reproduzia o [estrépito3].

O heptápode respondeu; a julgar pelo espectrógrafo, parecia [estrépito3estrépito2]. Interpretação otimista: o alienígena estava confirmando minhas expressões como corretas, o que implicava em compatibilidade entre os padrões de discurso humano e heptápode. Interpretação pessimista: ele estava com uma tosse persistente.

No computador, delimitei certas seções do espectrógrafo e digitei um glossário provisório para cada: "heptápode" para [estrépito1], "sim" para [estrépito2] e "cadeira" para [estrépito3]. Então digitei: "Língua: heptápode A" como cabeçalho para todas as elocuções.

Gary observou o que eu estava digitando.

— Por que o "A"?

— Isso vai distinguir esta língua de quaisquer outras que os heptápodes possam usar — respondi.

Ele assentiu.

— Agora vamos tentar uma coisa só por diversão.

Apontei para cada heptápode e tentei imitar o som de [estrépito1], "heptápode". Depois de uma longa pausa, o primeiro heptápode disse alguma coisa; o segundo, então, disse outra. Nenhum dos espectrógrafos se parecia com nada dito antes. Eu não sabia se eles estavam falando um com o outro ou comigo, já que os alienígenas não tinham rostos para direcionar. Tentei pronunciar [estrépito1] outra vez, mas não houve reação.

— Nem de perto — resmunguei.

— Estou impressionado por você conseguir fazer sons como esse — disse Gary.

— Você devia ouvir minha voz de alce. Coloca os bichos para correr.

Tentei mais algumas vezes, mas nenhum dos heptápodes respondeu de forma identificável. Obtive uma confirmação apenas quando coloquei para tocar outra vez a gravação da pronúncia de heptápode; o alienígena confirmou com [estrépito2], "sim".

— Então estamos restritos a usar gravações? — perguntou Gary.

Eu assenti.

— Pelo menos por algum tempo.

— E agora, o quê?

— Agora nos asseguramos de que ele, na verdade, não estava dizendo "Eles não são fofos?" ou "Veja o que eles estão fazendo agora". Aí vemos se conseguimos identificar alguma dessas palavras quando aquele outro heptápode pronunciá-las. — Gesticulei para que Gary se sentasse. — Acomode-se. Isso vai demorar um pouco.

* * *

Em 1770, o navio do capitão Cook, o *Endeavour*, encalhou na costa de Queensland, Austrália. Enquanto alguns de seus homens faziam reparos, Cook liderou um grupo de exploração e encontrou o povo aborígine. Um dos marinheiros apontou para animais que pulavam ao redor com os filhotes em bolsas e perguntou ao aborígine como eles se chamavam. O aborígine respondeu: "Canguru." A partir de então, Cook e seus

marinheiros passaram a se referir aos animais por essa palavra. Só mais tarde eles aprenderam que canguru significava "O que você disse?".

Conto essa história em meu curso introdutório todo ano. Com certeza deve ser mentira, explico logo depois, mas é uma anedota clássica. Claro, as anedotas que meus alunos de graduação realmente vão querer ouvir são as que incluem heptápodes; pelo resto de minha carreira de professora, essa vai ser a razão de muitos deles se inscreverem em meus cursos. Então vou lhes mostrar as antigas gravações das sessões diante do espelho, e as sessões conduzidas por outros linguistas; as fitas são instrutivas e serão úteis caso sejamos visitados por alienígenas de novo, mas elas não dão margem a muitas anedotas.

Quando se fala de anedotas sobre o aprendizado de línguas, minha favorita é a da aquisição de linguagem pelas crianças. Lembro-me de uma tarde, quando você tiver cinco anos de idade, após voltar para casa depois do jardim de infância. Você vai estar colorindo com seus lápis de cera enquanto eu corrijo trabalhos.

— Mamãe — você dirá, usando o tom cuidadosamente despreocupado reservado para quando quer fazer um pedido. — Posso pedir uma coisa?

— Claro, querida. Pode falar.

— Eu posso, hum, receber uma honra?

Ergo os olhos do trabalho que estou corrigindo.

— O que quer dizer com isso?

— Na escola, Sharon disse que ela ganhou uma honra.

— É mesmo? O que mais ela contou para você?

— Foi quando a irmã mais velha dela casou. Ela disse que só uma pessoa podia, hum, ser dona de honra, e foi ela.

— Ah, entendo. Você quer dizer que Sharon foi dama de honra?

— É, isso mesmo. Eu posso ser dona de honra?

* * *

Gary e eu entramos no prédio pré-fabricado que abrigava o centro de operações local do espelho. No interior da instalação, parecia que estavam

planejando uma invasão, ou talvez uma evacuação: alguns soldados com corte à escovinha trabalhavam em torno de um mapa grande da área, outros estavam sentados diante de um enorme equipamento eletrônico enquanto falavam em headsets. Fomos conduzidos até o escritório do coronel Weber, uma sala nos fundos, climatizada com ar-condicionado.

Informamos o coronel sobre nossos resultados do primeiro dia.

— Não parece que a doutora chegou muito longe.

— Tenho uma ideia de como podemos fazer progresso mais rápido — respondi. — Mas o senhor vai precisar aprovar o uso de mais equipamento.

— De que mais precisa?

— Uma câmera digital e um telão. — Mostrei a ele um desenho da configuração que eu tinha imaginado. — Quero tentar conduzir o processo de descoberta usando a escrita; vou exibir palavras na tela e usar a câmera para registrar o que eles escreverem. Espero que os heptápodes façam o mesmo.

Weber olhou desconfiado para o desenho.

— Qual seria a vantagem disso?

— Até agora, tenho procedido como faria com os falantes de uma língua sem escrita. Então, me ocorreu que os heptápodes também devem ter escrita.

— E daí?

— Se eles têm uma forma mecânica de produzir escrita, então ela deve ser muito regular, muito consistente. Isso tornaria mais fácil para nós identificarmos grafemas em vez de fonemas. É como pegar as letras de uma frase impressa em vez de tentar ouvi-las quando a frase é dita em voz alta.

— Entendi— admitiu ele. — E como você responderia? Mostrando a eles as palavras que eles exibissem para você?

— Basicamente. E se eles usarem espaços entre palavras, qualquer frase que a gente escreva deve ser muito mais inteligível que qualquer frase falada que possamos montar a partir de gravações.

Ele se recostou na cadeira.

— Você sabe que queremos mostrar a eles o mínimo possível de nossa tecnologia.

— Sei. Mas já estamos usando máquinas como intermediárias. Se conseguirmos fazer com que eles usem escrita, acredito que o progresso será muito mais rápido do que se ficarmos restritos aos espectrógrafos de som.

O coronel se virou para Gary.

— Qual é a sua opinião?

— Para mim, parece uma boa ideia. Estou curioso para saber se os heptápodes têm dificuldades em ler nossos monitores. Seus espelhos são baseados em uma tecnologia completamente diferente de nossas telas de vídeo. Pelo que sabemos, eles não usam pixels nem linhas de varredura e não há atualização quadro a quadro.

— O senhor acha que as linhas de varredura em nossas telas de vídeo podem torná-las ilegíveis para os heptápodes?

— É possível. Precisamos tentar para descobrir — disse Gary.

Weber pensou no assunto. Para mim não era sequer uma pergunta, mas, do ponto de vista dele, era uma decisão difícil; como militar, porém, ele a tomou rapidamente.

— Pedido autorizado. Fale com o sargento lá fora sobre o que será necessário trazer para cá. Esteja com tudo pronto amanhã.

* * *

Eu me lembro de um dia durante o verão de seus dezesseis anos. Pelo menos dessa vez, a pessoa à espera de um par para o encontro sou eu. Claro que você também estará esperando por perto, curiosa para ver como ele é. Você vai estar com uma amiga, uma garota loura com o improvável nome Roxie, as duas juntas, rindo.

— Talvez surja em vocês um ímpeto de fazer comentários sobre ele — direi, olhando-me no espelho do corredor. — Controlem-se até ele e eu sairmos daqui.

— Não se preocupe, mãe — você responderá. — Vamos fazer de um jeito que ele não perceba. Roxie, você me pergunta como eu acho que vai estar o tempo esta noite. Aí eu digo o que acho do cara que vai sair com a mamãe.

— Está bem — dirá Roxie.

— Não, você não vai fazer isso de jeito nenhum — falarei.

— Relaxa, mãe. Ele nunca vai saber; a gente faz isso o tempo todo.

— Isso é um grande consolo.

Um pouco mais tarde, Nelson chegará para me buscar. Vou fazer as apresentações, e vamos começar uma conversa rápida na varanda. Ele tem uma beleza rústica, e sua aprovação é evidente. Quando estivermos prestes a ir embora, Roxie vai dizer despreocupadamente para você:

— Então, como acha que o tempo vai ficar esta noite?

— Acho que vai ser uma noite muito linda — responderá você.

Roxie vai assentir, concordando. Nelson vai dizer:

— É mesmo? Achei que tinham dito que ia fazer frio.

— Tenho um sexto sentido para essas coisas — você dirá. Seu rosto não vai entregar nada. — Tenho a sensação de que o clima vai ser tórrido. Ainda bem que está vestida para isso, mãe.

Eu vou olhar para você e dizer boa-noite.

Enquanto conduzo Nelson na direção de seu carro, ele vai me perguntar, se divertindo:

— Acho que estou perdendo alguma coisa aqui, não é?

— Uma piada interna — vou murmurar. — Não me peça para explicar.

* * *

Na nossa sessão seguinte diante do espelho, repetimos o procedimento que tínhamos realizado antes, dessa vez exibindo uma palavra escrita em nossa tela de computador ao mesmo tempo em que falávamos: mostrando HUMANO enquanto dizíamos "humano", e assim por diante. No fim, os heptápodes entenderam o que queríamos, e instalaram uma tela plana circular encaixada em um pequeno pedestal. Um heptápode falou e, em

seguida, inseriu um dos membros em um bocal grande no pedestal; um grafismo esboçado, vagamente cursivo, surgiu na tela.

Logo estabelecemos uma rotina, e eu compilei *corpora* paralelos: um de expressões faladas, outro de amostras escritas. Com base nas primeiras impressões, a escrita dos heptápodes parecia ser ideográfica, o que foi uma decepção; eu tinha esperança de uma escrita alfabética para nos ajudar a aprender a fala deles. Seus logogramas talvez contivessem alguma informação fonética, mas descobri-la sem uma escrita alfabética seria muito mais difícil.

Ao me aproximar do espelho, consegui apontar para as várias partes do corpo do heptápode, como membros, dedos e olhos, e obter termos para cada uma delas. Descobri que eles tinham um orifício na parte inferior do corpo, alinhado com bordas ósseas articuladas, provavelmente usado para comer; outro, no topo, era para respiração e fala. Não havia mais orifícios aparentes; talvez a boca também fosse o ânus. Esse tipo de pergunta teria que esperar.

Também tentei perguntar aos nossos dois informantes a respeito de termos para se dirigir a eles individualmente: nomes pessoais, se tivessem algo do tipo. As respostas, claro, foram impronunciáveis, então para nossos objetivos, meus e de Gary, eu os chamei de Melindrosa e Framboesa. Eu esperava conseguir diferenciá-los.

* * *

No dia seguinte, reuni-me com Gary antes de entrarmos na tenda do espelho.

— Vou precisar de sua ajuda com esta sessão — falei.

— Claro. O que quer que eu faça?

— Precisamos obter alguns verbos, e o modo mais fácil é com formas na terceira pessoa. Você representaria alguns verbos enquanto eu digito a forma escrita no computador? Se tivermos sorte, os heptápodes vão descobrir o que estamos fazendo e farão o mesmo. Trouxe vários objetos para você usar.

— Sem problema — respondeu Gary, estalando os dedos. — Estou pronto quando você estiver.

Começamos com alguns verbos intransitivos: andar, pular, falar, escrever. Gary demonstrou cada um deles com uma falta de vergonha encantadora; a presença das câmeras não o inibiu nem um pouco. Durante as primeiras ações que ele desempenhou, perguntei aos heptápodes:

— Como vocês chamam isso?

Em pouco tempo, os heptápodes entenderam o que estávamos tentando fazer. Framboesa começou a imitar Gary, ou pelo menos a desempenhar a ação heptápode equivalente, enquanto Melindrosa trabalhava em seu computador, exibindo uma descrição escrita e a pronunciando em voz alta.

Nos espectrógrafos de suas expressões faladas, pude reconhecer a palavra que eu registrara como "heptápode". O resto de cada expressão era supostamente a locução verbal; parecia que eles tinham analogias com substantivos e verbos, graças a Deus.

Na escrita deles, entretanto, as coisas não eram tão simples assim. Para cada ação, eles exibiram um logograma em vez de dois diferentes. No início, achei que eles tinham escrito algo como "anda" com o sujeito oculto. Mas por que Melindrosa diria "o heptápode anda" enquanto escrevia "anda", em vez de manter o paralelismo? Então percebi que alguns dos logogramas se pareciam com o logograma para "heptápode", com alguns traços extras acrescentados em um ou outro lado. Talvez seus verbos pudessem ser escritos como afixos de um substantivo. Se fosse assim, por que Melindrosa estava escrevendo o substantivo em alguns casos e em outros não?

Resolvi tentar um verbo transitivo; as palavras variantes usadas como objeto podiam esclarecer as coisas. Entre os itens que eu trouxera havia uma maçã verde e uma fatia de pão.

— Está bem — disse para Gary. — Mostre a eles a comida, depois coma um pouco. Primeiro a maçã, depois o pão.

Gary apontou para a maçã, do tipo Golden Delicious, e depois deu uma mordida, enquanto eu exibia a expressão "Como vocês chamam isso?".

Depois, repetimos o gesto com a fatia de pão integral.

Framboesa deixou a sala e voltou com uma espécie de noz ou cabaça gigante e uma forma elipsoide gelatinosa. Framboesa apontou para a cabaça enquanto Melindrosa dizia uma palavra e exibia um logograma. Aí Framboesa colocou a cabaça entre as pernas, resultando em um som de trituração, e a cabaça reemergiu com uma marca de mordida; havia caroços semelhantes a milho sob a casca. Melindrosa falou e exibiu um grande logograma na tela. O espectrógrafo de som para "cabaça" mudava quando era usado em uma frase; possivelmente, um marcador de caso gramatical. O logograma era estranho: depois de estudar um pouco, pude identificar elementos gráficos que se assemelhavam aos logogramas individuais de "heptápode" e "cabaça". Eles pareciam ter sido fundidos, com várias marcas extras na combinação que supostamente significava "comer". Seria uma ligadura de várias palavras?

Em seguida, obtive os nomes falado e escrito para o ovo gelatinoso e descrições do ato de comê-lo. O espectrógrafo de som para "heptápode come ovo gelatinoso" era analisável; "ovo gelatinoso" tinha um marcador de caso gramatical, como eu esperava, embora a ordem das palavras na frase fosse diferente da vez anterior. A forma escrita, outro logograma grande, era mais complicada. Dessa vez levei muito mais tempo para reconhecer qualquer coisa nela; não só os logogramas individuais estavam fundidos outra vez como parecia que o de "heptápode" estava deitado, enquanto em cima dele o logograma para "ovo gelatinoso" estava de cabeça para baixo.

— Opa.

Dei outra olhada na escrita para os exemplos de substantivo-verbo, os que haviam parecido inconsistentes antes. Então percebi que todos eles, na verdade, continham o logograma para "heptápode"; alguns estavam em outras posições e distorcidos em sua combinação com os vários verbos, por isso eu não os reconhecera no início.

— Vocês só podem estar brincando — murmurei.

— Qual o problema? — perguntou Gary.

— A escrita deles não é dividida por palavras; uma frase é escrita juntando os logogramas dos diferentes termos. Eles juntam os logogramas girando-os e os modificando. Dê uma olhada.

Mostrei a Gary como os logogramas eram girados.

— De modo que eles conseguem ler uma palavra com a mesma facilidade, não importa quanto ela tenha sido girada — disse Gary. Ele se virou para olhar para os heptápodes, impressionado. — Eu me pergunto se isso é consequência da simetria radial de seus corpos: os corpos não têm a direção "para a frente", portanto talvez sua escrita também não tenha. Deveras bacana.

Eu não conseguia acreditar: estava trabalhando com alguém que alterava a palavra "bacana" com "deveras".

— Sem dúvida é interessante — falei. — Mas também significa que não há um modo fácil de escrevermos nossas próprias frases na língua deles. Não podemos simplesmente recortar as frases em palavras individuais e recombiná-las. Vamos precisar aprender as regras de sua escrita antes de conseguirmos escrever qualquer coisa legível. É o mesmo problema de continuidade que teríamos recortando e colando fragmentos de fala, só que aplicado à escrita.

Olhei através do espelho para Melindrosa e Framboesa, que estavam esperando que continuássemos, e dei um suspiro.

— Vocês não vão facilitar a situação para a gente, vão?

* * *

Para ser justa, os heptápodes eram bastante cooperativos. Nos dias que se seguiram, eles nos ensinaram prontamente sua língua sem exigir que nós ensinássemos mais inglês a eles. O coronel Weber e sua tropa avaliaram as implicações disso, enquanto eu e os linguistas nos outros espelhos nos reuníamos por meio de videoconferência para compartilhar o que havíamos aprendido sobre a língua dos heptápodes. As videoconferências criavam um ambiente de trabalho incongruente: nossas telas de vídeo eram primitivas em comparação aos espelhos dos heptápodes, assim meus

colegas pareciam mais distantes que os alienígenas. O familiar estava longe, enquanto o bizarro estava ao alcance das mãos.

Demoraria um pouco até que estivéssemos prontos para perguntar aos heptápodes por que eles tinham vindo, ou discutir física bem o bastante para perguntar a eles sobre sua tecnologia. Até aquele momento, trabalhávamos com o básico: fonema/grafema, vocabulário, sintaxe. Os heptápodes estavam usando a mesma língua em todos os espelhos, portanto conseguíamos reunir nossas informações e coordenar esforços.

Nossa maior fonte de confusão era a "escrita" dos heptápodes. Ela nem sequer se parecia com uma escrita; parecia mais um monte de desenhos intricados. Os logogramas não se alinhavam em fileiras, espirais nem qualquer forma linear. Em vez disso, Melindrosa e Framboesa escreviam uma frase juntando tantos logogramas quantos fossem necessários em um conglomerado gigantesco.

Essa forma de escrita era remanescente de sistemas de sinais primitivos, o que exigia que o leitor conhecesse o contexto da mensagem para entendê-la. Tais sistemas eram considerados limitados demais para registro sistemático de informação. Ainda assim, era improvável que os heptápodes tivessem desenvolvido seu nível de tecnologia apenas com uma tradição oral. Isso implicava uma dentre três possibilidades: a primeira era que eles tivessem um verdadeiro sistema de escrita, mas não quisessem utilizá-lo diante de nós — o coronel Weber ia se identificar com essa. A segunda era que os heptápodes não tivessem originado a tecnologia que estavam usando; eram analfabetos que usavam a tecnologia de alguém. A terceira, e mais interessante para mim, era que os alienígenas estavam usando um sistema de ortografia não linear que de fato se qualificava como escrita.

* * *

Lembro-me de uma conversa que teremos quando você estiver no penúltimo ano do ensino médio. Vai ser domingo de manhã, e vou estar preparando ovos mexidos enquanto você bota a mesa para o brunch. Você vai rir enquanto me conta sobre a festa a que foi na noite anterior.

— Cara — você vai dizer —, eles não estão brincando quando dizem que nosso peso faz diferença. Eu não bebi mais que os garotos, mas fiquei *muito mais* bêbada.

Vou tentar manter uma expressão neutra e agradável. Vou tentar, mesmo. Então você vai dizer:

— Ah, por favor, mãe.

— O quê?

— Você sabe que fazia as mesmas coisas quando tinha a minha idade.

Não fiz nenhuma dessas coisas, mas sei que, caso eu admita isso, você perderá completamente o respeito por mim.

— Você sabe que nunca deve dirigir nem entrar em um carro se...

— Meu Deus, claro que sei disso. Você acha que sou idiota?

— Não, é claro que não.

O que vou pensar, nítida e irritantemente, é que você não sou eu. Isso vai me lembrar, outra vez, de que você não vai ser um clone meu; você pode ser maravilhosa, incrível, mas não vai ser alguém que eu poderia ter criado sozinha.

* * *

Na área de operações local do espelho, os militares haviam montado um trailer que abrigava nossos escritórios. Vi Gary caminhando na direção do trailer e corri para alcançá-lo.

— É um sistema de escrita semasiográfico — falei quando o alcancei.

— O quê? — disse Gary.

— Veja só, deixe eu lhe mostrar.

Levei Gary ao meu escritório. Depois de entrarmos, fui até o quadro-negro e desenhei um círculo dividido por uma linha diagonal.

— O que isso significa?

— Proibido?

— Certo. — Em seguida, escrevi a palavra PROIBIDO no quadro-negro. — E isto também. Mas apenas uma é a representação da fala.

Gary moveu a cabeça afirmativamente.

— Certo.

— Os linguistas descrevem uma escrita assim — indiquei as palavras escritas — como "glotográfica", porque ela representa a fala. Toda língua humana escrita está nessa categoria. Entretanto, este símbolo — apontei para o círculo e a linha diagonal — é escrita "semasiográfica", porque transmite significado sem referência com a fala. Não há correspondência entre seus componentes e nenhum som em particular.

— E você acha que toda a escrita dos heptápodes é desse jeito?

— Pelo que vi até agora, sim. Não é uma escrita pictográfica, é muito mais complexa. Ela tem o próprio sistema de regras para construir frases, como uma sintaxe visual sem relação com a sintaxe de sua língua falada.

— Uma sintaxe visual? Você pode me mostrar um exemplo?

— Espere um instante. — Sentei-me à minha mesa e, usando o computador, separei um quadro das gravações da conversa com Framboesa na véspera e virei o monitor para que ele pudesse vê-lo. — Em sua língua falada, um substantivo tem um marcador de caso gramatical que o identifica como sujeito ou objeto. Na língua escrita, porém, um substantivo é identificado como sujeito ou objeto com base na orientação de seu logograma em relação à do verbo. Aqui, dê uma olhada. — Apontei para uma das figuras. — Por exemplo, quando "heptápode" está integrada com "ouve" dessa maneira, com esses traços paralelos, significa que o heptápode está ouvindo. Mostrei a ele um diferente. — Quando eles são combinados dessa maneira, com os traços perpendiculares, significa que o heptápode está sendo ouvido. Essa morfologia se aplica a vários verbos.

Selecionei outro quadro da gravação.

— Outro exemplo é o sistema de inflexão. Na linguagem escrita, esse logograma significa, grosso modo, "ouvir com facilidade" ou "ouvir com clareza". Está vendo os elementos que ele tem em comum com o logograma de "ouvir"? Você ainda pode combiná-lo com "heptápode" dos mesmos modos que antes, para indicar que o heptápode pode ouvir algo claramente ou que o heptápode é ouvido com clareza. No entanto, o que é de fato interessante é que a modulação de "ouvir" em "ouvir com clareza" não é um caso especial; consegue ver a transformação que eles aplicaram?

Gary assentiu, apontando.

— É como se eles explicassem a ideia de “com clareza” mudando as curvas desses traços na parte do meio.

— Isso. A modulação é aplicável a vários verbos. O logograma de “ver” pode ser modulado da mesma maneira para formar “ver com clareza”, assim como os logogramas de “ler” e outros. E mudar a curva desses traços não tem paralelo na fala; nas versões faladas desses termos, eles acrescentam um prefixo ao verbo para expressar a informalidade, e os prefixos para “ver” e “ouvir” são diferentes. Há outros exemplos, mas você entendeu a ideia. É essencialmente uma gramática em duas dimensões.

Ele começou a andar de um lado para outro, pensativo.

— Há alguma coisa como essa nos sistemas de escrita humanos?

— Equações matemáticas, anotações de música e dança. Mas isso é tudo muito especializado; não é possível utilizar tais sistemas para registrar esta conversa. Porém, desconfio que, se a conhecêssemos bem o suficiente, poderíamos registrar a conversa no sistema de escrita heptápode. Acho que é uma língua gráfica completamente desenvolvida para todos os usos.

Gary franziu a testa.

— Então a escrita deles constitui uma língua completamente separada da fala, certo?

— Certo. Na verdade, seria mais preciso se referir ao sistema de escrita como “heptápode B” e usar “heptápode A” estritamente para se referir à língua falada.

— Espere um segundo. Por que usar duas línguas quando uma seria suficiente? Isso parece desnecessariamente difícil de aprender.

— Como a ortografia do inglês? — perguntei. — A facilidade de aprendizado não é a força primária na evolução das línguas. Para heptápodes, a escrita e a fala podem ter papéis culturais ou cognitivos tão diferentes que faça mais sentido usar línguas separadas do que usar formas diferentes da mesma.

Ele pensou sobre isso.

— Entendo o que quer dizer. Talvez eles achem que nossa forma de escrita seja redundante, como se estivéssemos desperdiçando um segundo

canal de comunicação.

— Isso é bastante possível. Descobrir por que eles usam uma segunda língua para escrever vai nos dizer muito sobre eles.

— Então entendo que isso significa que não vamos conseguir usar a escrita deles para nos ajudar a aprender a língua falada.

Dei um suspiro.

— É. Esta é a implicação mais imediata. Mas não acho que devíamos ignorar nem a heptápode A nem a heptápode B; precisamos de abordagens diferentes. — Apontei para a tela. — Aposto que aprender a gramática bidimensional deles vai ajudá-lo quando chegar a hora de aprender a notação matemática.

— Isso faz sentido. Então estamos prontos para perguntar sobre a matemática deles?

— Ainda não. Precisamos compreender melhor esse sistema de escrita antes de começarmos qualquer outra coisa — respondi, e sorri quando ele fingiu frustração. — Paciência, meu bom senhor. A paciência é uma virtude.

* * *

Você vai ter seis anos quando seu pai precisar ir a uma conferência no Havaí, e nós vamos acompanhá-lo. Você vai estar tão empolgada que vai fazer preparativos com semanas de antecedência. Vai me perguntar sobre cocos, vulcões e surfe, e vai praticar hula-hula diante do espelho. Vai arrumar uma mala com roupas e brinquedos que quer levar e vai arrastá-la pela casa para ver por quanto tempo consegue carregá-la. Vai me perguntar se eu posso levar seu Traço Mágico na minha mala, pois não vai haver mais espaço na sua, e você simplesmente não pode ir sem ele.

— Você não vai precisar disso tudo — direi. — Vai ter tantas coisas divertidas para fazer lá que não vai ter tempo de brincar com tantos brinquedos.

Você vai pensar sobre o assunto: reentrâncias vão surgir acima de suas sobrancelhas enquanto pondera. Por fim, você vai concordar em levar

menos brinquedos, mas suas expectativas vão, ainda assim, aumentar.

— Eu quero estar no Havaí agora — você vai choramingar.

— Às vezes é bom esperar — direi. — A expectativa torna as coisas mais divertidas quando você chegar lá.

Você vai fazer um biquinho.

* * *

No relatório seguinte que apresentei, sugeri que o termo "logograma" era equivocado, porque implicava que cada imagem representava uma palavra escrita, quando, na verdade, os grafismos não correspondiam de jeito nenhum à nossa noção de palavras escritas. Eu também não queria usar o termo "ideograma", devido ao modo como tinha sido usado no passado; sugeri, em vez disso, o termo "semagrama".

Grosso modo, um semagrama correspondia a uma palavra escrita nas línguas humanas; tinha significado próprio e, em combinação com outros semagramas, podia formar infinitas frases. Não era uma definição precisa, mas, afinal, ninguém tinha definido satisfatoriamente a palavra "palavra" para línguas humanas. Quando se tratava de frases em heptápode B, porém, a situação se tornava muito mais confusa. A língua não tinha pontuação escrita: sua sintaxe era indicada pela forma como os semagramas se combinavam, e não havia necessidade de indicar a cadência da fala. Sem dúvida não havia maneira de separar organizadamente pares de sujeito-predicado para criar frases. Uma "frase" parecia ser qualquer número de semagramas que um heptápode quisesse juntar; a única diferença entre uma frase, um parágrafo ou uma página era o tamanho.

Quando uma frase em heptápode B se expandia a um tamanho razoável, o impacto visual era impressionante. Se eu não estivesse tentando decifrá-la, a escrita pareceria um fantástico louva-a-deus desenhado em estilo cursivo, agarrando-se a si próprio e formando uma trama de Escher, cada um levemente diferente em sua posição. E as maiores frases tinham

um efeito similar ao de cartazes psicodélicos: às vezes faziam nossos olhos lacrimejarem, ou até nos hipnotizavam.

* * *

Lembro-me de uma foto tirada em sua formatura na faculdade. Na imagem, você está posando para a câmera, barrete inclinado na cabeça com estilo, uma das mãos tocando os óculos escuros, a outra no quadril, segurando a beca aberta para revelar a camiseta e o short que está usando por baixo.

Lembro-me de sua formatura. Haverá a distração de ter a presença de Nelson, seu pai e aquela mulherzinha, todos ao mesmo tempo, mas isso não vai ser relevante. Por todo o fim de semana, enquanto você estiver me apresentando a seus colegas de turma e abraçando todo mundo sem parar, vou ficar praticamente muda de surpresa. Não posso acreditar que você, uma mulher crescida mais alta que eu e bonita o suficiente para acelerar meu coração, será a mesma menina que eu costumava levantar do chão para que pudesse alcançar o bebedouro, a mesma menina que costumava sair andando do meu quarto enrolada em um vestido, chapéu e quatro echarpes tiradas do meu closet.

E depois da formatura, você seguirá para um emprego de analista financeira. Não vou entender o que você faz lá. Não vou entender nem mesmo seu fascínio por dinheiro, a importância que você dará ao salário ao negociar ofertas de trabalho. Eu preferiria que você seguisse algo sem dar importância a recompensas financeiras, mas não vou reclamar. Minha mãe nunca conseguiu entender por que eu não podia ser apenas uma professora de inglês no ensino médio. Você fará o que a deixará feliz, e isso é tudo o que eu vou pedir.

* * *

Com o passar do tempo, as equipes de cada espelho começaram a trabalhar com afinco para aprender terminologia heptápode para matemática e física básicas. Trabalhamos juntos em apresentações, com os

linguistas se concentrando em procedimentos e os físicos se concentrando nos temas. Os físicos nos mostraram sistemas desenvolvidos anteriormente para se comunicar com alienígenas, com base em matemática, cujo propósito era serem usados por um radiotelescópio. Nós os retrabalhamos para comunicação face a face.

Nossas equipes tiveram sucesso com a aritmética básica, mas chegamos a uma barreira com a geometria e a álgebra. Tentamos usar um sistema esférico de coordenadas em vez de um retangular, achando que pudesse ser mais natural para os heptápodes levando em consideração sua anatomia, mas essa abordagem não foi mais frutífera. Os heptápodes não pareciam entender o que estávamos sugerindo.

Da mesma forma, as discussões com os físicos não tiveram bons resultados. Apenas com termos mais concretos, como os nomes dos elementos, tivemos algum sucesso; depois de várias tentativas de representar a tabela periódica, os heptápodes entenderam a ideia. Para qualquer coisa remotamente abstrata, daria no mesmo se estivéssemos gaguejando. Tentamos demonstrar atributos básicos de física como massa e aceleração para conseguirmos obter seus termos equivalentes, mas os alienígenas simplesmente respondiam com pedidos de esclarecimento. Para evitar problemas de percepção que pudessem ser associados a qualquer meio em particular, tentamos tanto demonstrações físicas quanto desenhos, fotos e animações, mas nada foi eficaz. Dias sem progresso se transformaram em semanas, e os físicos estavam ficando desiludidos.

Em comparação, os linguistas estavam tendo muito mais sucesso. Nós fazíamos progresso constante na decodificação da gramática da língua falada, heptápode A. Ela não seguia o padrão das línguas humanas, como esperado, mas até agora era compreensível: ordem livre de palavras, mesmo a ponto de não haver ordem preferencial para as orações em um enunciado condicional, a despeito de uma língua humana "universal". Também parecia que os heptápodes não tinham objeção a muitos níveis de autoincorporação de orações, algo que rapidamente vencia os humanos. Peculiar, mas não incompreensível.

Eram muito mais interessantes os processos morfológicos e gramaticais recém-descobertos em heptápode B, que eram singularmente bidimensionais. Dependendo da declinação de um semagrama, inflexões podiam ser indicadas pela variação na curvatura de determinado traço, sua espessura ou a forma de suas ondulações, ou variando-se os tamanhos relativos de dois radicais, ou sua distância relativa a outro radical, ou suas orientações, ou vários outros meios. Esses eram grafemas não segmentais; eles não podiam ser isolados do restante de um semagrama. E apesar da forma como essas características se comportavam na escrita humana, nada tinham a ver com estilo caligráfico; seus significados eram definidos de acordo com uma gramática consistente e sem ambiguidades.

Costumávamos perguntar com regularidade aos heptápodes por que eles tinham vindo. Toda vez eles respondiam: "Para ver" ou "Para observar". Na verdade, às vezes eles preferiam nos observar em silêncio em vez de responder às nossas perguntas. Talvez fossem cientistas, talvez fossem turistas. O Departamento de Estado nos instruiu a revelar o mínimo possível sobre a humanidade, caso a informação pudesse ser usada como moeda de troca em negociações futuras. Nós cedemos, embora isso não exigisse muito esforço: os heptápodes nunca faziam perguntas sobre nada. Fossem cientistas ou turistas, eles eram um grupo com pouquíssima curiosidade.

* * *

Lembro-me de uma vez que iremos de carro até o shopping para comprar roupas novas para você. Você vai ter treze anos. Estará esparramada no assento, completamente relaxada e sem se preocupar com nada, uma criança; de uma hora para outra, você vai jogar o cabelo com uma naturalidade estudada, como uma modelo em treinamento.

Vai me dar instruções enquanto eu estiver estacionando o carro.

— Está bem, mãe, me dê um de seus cartões de crédito, e podemos nos encontrar de volta aqui na entrada em duas horas.

Vou rir.

— Sem chance. Todos os cartões de crédito ficam comigo.

— Você está de brincadeira, né?

Você vai se tornar a personificação da irritação. Sairemos do carro e vou caminhar rumo à entrada do shopping. Depois de ver que não vou ceder, você rapidamente vai reformular os planos.

— Está bem, mãe, está bem. Você pode vir comigo, só caminhe um pouco atrás de mim, para não parecer que estamos juntas. Se alguma amiga minha aparecer, vou parar e conversar com ela, mas pode continuar andando, combinado? Eu encontro você depois.

Eu vou parar no ato.

— Como é? Eu não sou sua empregada, nem uma parente mutante para você sentir vergonha.

— Mas, mãe, não posso deixar ninguém ver você comigo.

— Do que está falando? Já conheci suas amigas; elas foram lá em casa.

— Foi diferente — responderá você, sem acreditar que precisa explicar. — Aqui é o shopping.

— Que pena.

Aí vem a explosão.

— Você não faz nada para me deixar feliz! Você não se importa nem um pouco comigo!

Aquele tempo em que você gostava de fazer compras com sua mãe não estava tão distante assim; sempre vou me espantar com a velocidade com que você cresce e passa de uma fase a outra. Viver com você vai ser como mirar em um alvo em movimento; você sempre vai estar além das minhas expectativas.

* * *

Olhei para a frase em heptápode B que eu acabara de escrever usando apenas lápis e papel. Como todas as frases que eu mesma gerei, essa parecia desfigurada, como uma frase escrita em heptápode esmagada por um martelo e depois colada de volta sem muita habilidade. Eu tinha várias

folhas desses semagramas deselegantes cobrindo minha mesa, adejando às vezes conforme o ventilador giratório se movia.

Era estranho tentar aprender uma língua que não tinha forma falada. Em vez de praticar minha pronúncia, eu passara a semicerrar os olhos e a tentar pintar semagramas em minha mente.

Houve uma batida na porta e, antes que eu pudesse atender, Gary entrou, parecendo radiante.

— Illinois conseguiu uma repetição em física.

— É mesmo? Isso é ótimo. Quando aconteceu?

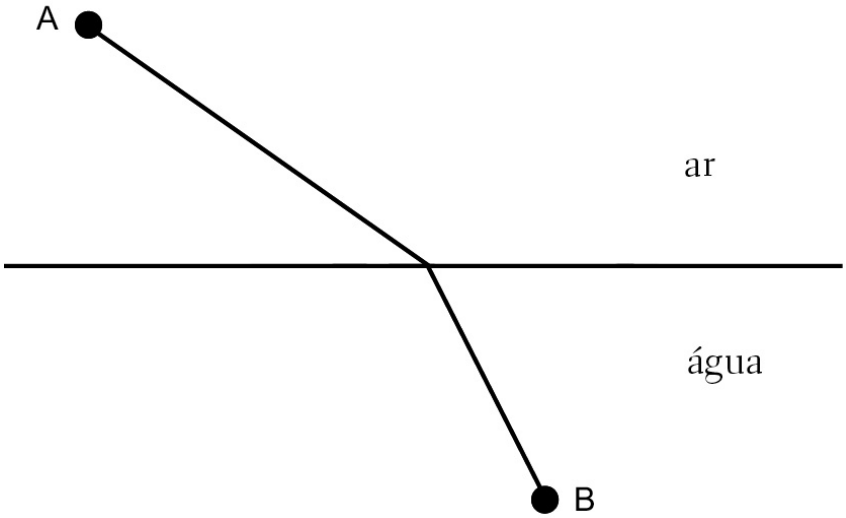
— Há algumas horas; acabamos de fazer uma videoconferência. Deixe-me mostrar a você o que é.

Ele começou a apagar meu quadro-negro.

— Não se preocupe, eu não ia precisar de nada disso.

— Que bom.

Ele pegou um pedaço de giz e desenhou um diagrama.



— Está bem, este é o caminho que o raio de luz percorre quando atravessa do ar para a água. O raio de luz se propaga em linha reta até atingir a água; a água tem um índice de refração diferente, por isso a luz muda de direção. Você já ouviu falar nisso antes, não é?

Assenti.

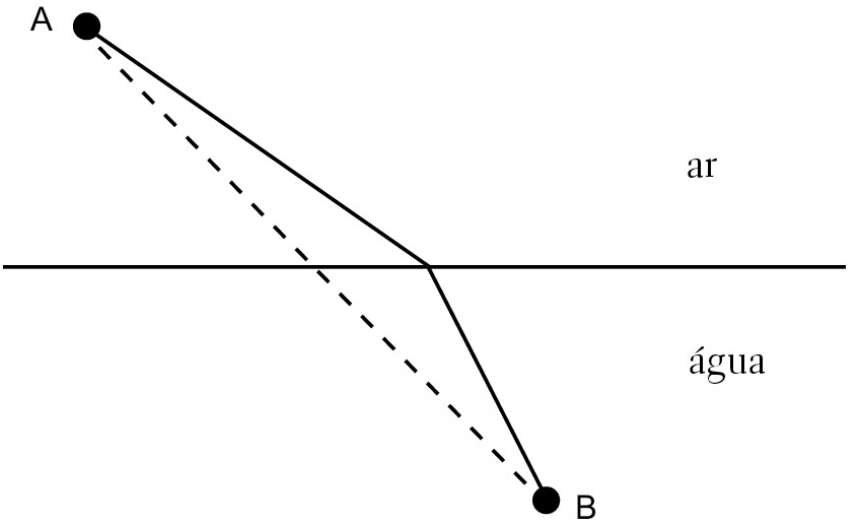
— Claro.

— Agora, aqui está uma propriedade interessante sobre o caminho que a luz percorre. O caminho é a rota mais rápida possível entre esses dois pontos.

— Não entendi.

— Imagine, só por diversão, se o raio de luz viajasse por esse caminho.

Ele acrescentou uma linha pontilhada ao diagrama.

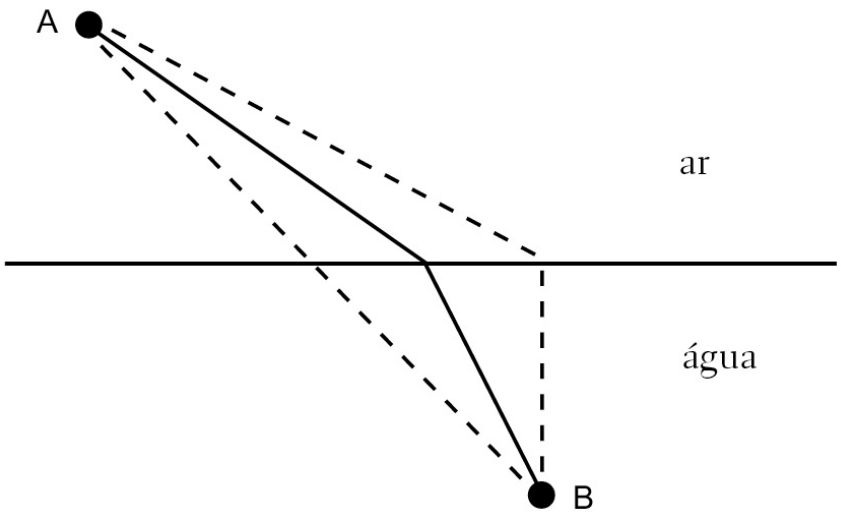


— Esse caminho hipotético é mais curto que o caminho que a luz realmente percorre. Contudo, a luz se propaga mais devagar na água do que no ar, e uma percentagem maior desse caminho é realizada embaixo d'água. Então a luz levaria mais tempo para percorrer esse caminho do que pelo percurso verdadeiro.

— Está bem, entendi.

— Agora imagine se a luz viajasse por este outro caminho.

Ele desenhou uma segunda trajetória pontilhada.



— Esse caminho reduz o percentual sob a água, mas o comprimento total é maior. Também demoraria mais para a luz se propagar por este caminho do que pela trajetória verdadeira. — Gary largou o giz e gesticulou na direção do diagrama no quadro-negro, as pontas dos dedos sujas de pó branco. — Qualquer caminho hipotético exigiria mais tempo do que o tomado na realidade. Em outras palavras, a rota feita pela luz é sempre a mais rápida possível. Esse é o princípio de Fermat, o do menor tempo possível.

— Hum, interessante. E então foi a isso que os heptápodes responderam?

— Exatamente. Moorehead apresentou uma animação do princípio de Fermat através do espelho de Illinois, e os heptápodes a repetiram de volta. Agora ele está tentando obter uma descrição simbólica. — Gary sorriu. — Isso é deveras bacana ou não, hein?

— É bem bacana mesmo, mas como eu nunca tinha ouvido falar no princípio de Fermat antes? — Acenei para ele um fichário que eu acabara de pegar; era um manual sobre temas de física sugeridos para uso na comunicação com os heptápodes. — Isso fala sem parar de massa de Planck e da mudança de rotação do hidrogênio atômico, mas não tem uma palavra sobre a refração da luz.

— Nossas considerações estavam erradas quanto ao que achamos útil vocês saberem — respondeu Gary, sem nenhum constrangimento. — Na

verdade, é curioso que o princípio de Fermat tenha sido a primeira descoberta; embora seja fácil de explicar, é necessário usar cálculo para descrevê-lo matematicamente. E não cálculo comum, mas o cálculo de variações. Achávamos que algum teorema simples de geometria ou álgebra seria o divisor de águas.

— É curioso mesmo. Você acha que a ideia dos heptápodes de simplicidade é diferente da nossa?

— Exatamente, é por isso que estou *morrendo* de ansiedade para ver como se apresenta a descrição matemática deles do princípio de Fermat. — Ele andava de um lado para outro enquanto falava. — Se sua versão do cálculo de variações for mais simples para eles do que seu equivalente da álgebra, isso pode explicar por que tivemos tanto problema para falar sobre física; todo o sistema matemático deles pode ser completamente diferente do nosso.

Ele apontou para o manual de física.

— Pode ter certeza de que vamos revisar isso — continuou.

— Então vocês podem partir do princípio de Fermat para outras áreas da física?

— É bem provável. Há muitos princípios físicos iguais ao de Fermat.

— Quais? Como o princípio de Louise sobre o menor espaço no armário? Quando a física ficou tão minimalista?

— Bem, a palavra "menor" é enganadora. Sabe, o princípio de Fermat do menor tempo é incompleto; em certas situações, a luz segue uma trajetória que leva *mais* tempo do que a de qualquer uma das outras possibilidades. É mais preciso dizer que a luz sempre segue um caminho *extremo*, ou um que minimize o tempo levado, ou um que o maximize. Um mínimo e um máximo compartilham de certas propriedades matemáticas, então as duas situações podem ser descritas com uma equação. Assim, para ser mais exato, o princípio de Fermat não é um princípio minimalista; em vez disso, é o que se conhece como princípio "variacional".

— E há mais desses princípios variacionais?

Ele assentiu.

— Em todos os ramos da física. Quase toda lei da física pode ser reescrita como um princípio variacional. A única diferença entre esses princípios está em qual atributo é minimizado ou maximizado. — Ele gesticulou como se os diferentes ramos da física estivessem dispostos à sua frente em uma mesa. — Na ótica, onde o princípio de Fermat se aplica, o tempo é o atributo que precisa ser extremo. Na mecânica, é um atributo diferente. No eletromagnetismo, é outra coisa. Porém, todos esses princípios são parecidos matematicamente.

— Então depois que obtiver a descrição matemática deles referente ao princípio de Fermat, você deve conseguir decodificar os outros.

— Meu Deus, espero que sim. Acho que é a descoberta pela qual estávamos procurando, a que vai decifrar as fórmulas de física. Isso pede uma comemoração. — Ele parou de andar e se virou para mim. — Ei, Louise, quer sair para jantar? Estou convidando.

Fiquei um pouco surpresa.

— Claro — respondi.

* * *

Quando você aprender a andar, terei demonstrações diárias da assimetria em nosso relacionamento. Você vai estar correndo sem parar de algum lugar para outro, e cada vez que se chocar com o batente de uma porta ou ralar o joelho, a dor vai parecer ser em mim. Vai ser como criar um membro errante, uma extensão minha cujos nervos sensoriais transmitem muito bem a dor, mas cujos nervos motores não reproduzem meus comandos. Não é justo: vou dar à luz uma vívida boneca de vodu de mim mesma. Não vi isso no contrato quando assinei. Fazia parte do acordo?

Então, haverá momentos em que a verei sorrindo. Como a vez que você vai estar brincando com o cachorrinho do vizinho, enfiando as mãos através da cerca de arame que separa nosso quintal dos fundos do dele, e vai rir tanto que começará a soluçar. O cachorrinho vai correr para dentro da casa do vizinho, e seu riso aos poucos vai se aquietar, deixando que você recupere o fôlego. Aí o filhote vai voltar para a cerca para lamber seus

dedos outra vez, e você vai dar um gritinho e começar a rir de novo. Vai ser o som mais maravilhoso que eu jamais poderia imaginar, um som que me faz sentir como uma fonte ou uma nascente.

Como eu queria agora apenas me lembrar desse som na próxima vez que sua indiferença negligente por autopreservação me der um ataque cardíaco.

* * *

Depois da descoberta com o princípio de Fermat, discussões sobre conceitos científicos se tornaram mais frutíferas. Não era como se toda a física dos heptápodes de repente tivesse se tornado clara, mas o progresso era constante. Segundo Gary, as fórmulas de física dos alienígenas eram na verdade completamente diferentes das nossas. Os atributos da física que os humanos definiram utilizando-se de cálculo integral eram vistos como fundamentais pelos heptápodes. Como exemplo, Gary descreveu um atributo que, no jargão da física, tinha o nome enganadoramente simples de "ação", que representava "a diferença entre a energia cinética e a potencial, integrada no tempo", fosse lá o que isso significasse. Cálculo para nós; algo elementar para eles.

Por outro lado, para definir atributos que humanos consideravam fundamentais, como velocidade, os heptápodes empregavam matemática que era, segundo Gary, "deveras esquisita". Os físicos no fim conseguiram comprovar a equivalência da matemática dos heptápodes com a matemática dos humanos; embora as abordagens fossem quase o contrário uma da outra, as duas eram sistemas para descrever o mesmo universo físico.

Tentei acompanhar algumas das equações que os físicos estavam descobrindo, mas não adiantou. Eu, na verdade, não conseguia captar o significado de atributos da física como "ação"; não conseguia, com nenhuma confiança, refletir sobre o significado de tratar tal atributo como fundamental. Ainda assim, tentei refletir sobre questões formuladas em termos mais familiares: que tipo de visão de mundo tinham os heptápodes

para considerar o princípio de Fermat a explicação mais simples da refração da luz? Que tipo de percepção tornava um mínimo e um máximo imediatamente óbvios para eles?

* * *

Seus olhos vão ser azuis como os de seu pai, não castanhos cor de lama como os meus. Os garotos vão olhar fixamente no interior desses olhos do modo como eu fazia, e faço, com os olhos de seu pai, sentindo-me surpresa e encantada, como eu era e sou, para encontrá-los combinando com os cabelos negros. Você vai ter muitos pretendentes.

Eu me lembro de quando você tiver quinze anos e estiver chegando em casa depois de um fim de semana na casa de seu pai, incrédula pelo interrogatório ao qual ele a submeterá em relação ao garoto com quem estará saindo nessa época. Você vai se esparramar no sofá e recontar a última violação do bom senso de seu pai:

— Sabe o que ele disse? Ele disse: "Eu sei como são os garotos adolescentes." — Um revirar de olhos. — Como se eu não soubesse.

— Não o julgue por isso — direi. — Ele é pai, não consegue evitar.

Depois de vê-la interagir com seus amigos, não vou me preocupar muito com um rapaz se aproveitando de você; talvez seja mais provável que aconteça o contrário. É isso que vai me preocupar.

— Ele queria que eu ainda fosse criança. Não sabe como agir comigo desde que meus peitos cresceram.

— Bem, esse desenvolvimento foi um choque para ele. Dê tempo para ele se recuperar.

— Isso faz *anos*, mãe. Quanto tempo vai demorar?

— Informo você quando meu pai começar a aceitar os meus.

* * *

Durante uma das videoconferências para os linguistas, Cisneros, do espelho de Massachusetts, levantou uma questão interessante: havia uma ordem em particular na qual os semagramas eram escritos em uma frase

em heptápode B? Estava claro que a ordem das palavras não significava praticamente nada quando se falava em heptápode A; quando pedido para repetir o que eu acabara de dizer, um heptápode teria igual probabilidade de usar ou não a mesma ordem de palavras, a menos que pedíssemos a eles especificamente que não fizessem isso. A ordem das palavras era igualmente sem importância quando se escrevia em heptápode B?

Anteriormente, tínhamos concentrado nossa atenção apenas em como se parecia uma frase completa em heptápode B. Pelo que se podia concluir, não havia ordem preferencial ao ler os semagramas em uma frase. Você podia começar praticamente em qualquer lugar do emaranhado e, em seguida, seguir as orações ramificadas até ter lido tudo. Mas isso era ler; acontecia a mesma coisa ao escrever?

Durante minha sessão mais recente com Melindrosa e Framboesa, tinha perguntado a eles se, em vez de exibir um semagrama completo, eles poderiam nos mostrar enquanto o faziam. Eles concordaram. Inseri a fita de vídeo da sessão no videocassete e consultei em meu computador a transcrição da sessão.

Escolhi um dos trechos mais longos de conversa. Melindrosa dissera que o planeta dos heptápodes tinha duas luas, uma significativamente maior que a outra; os três principais constituintes da atmosfera eram nitrogênio, argônio e oxigênio; e quinze vinte e oito avos da superfície do planeta eram cobertos de água. As primeiras palavras do trecho falado traduziam-se literalmente por "desigualdade-de-tamanho rocha-orbital rochas-orbitais vínculo-relacional-primária-para-secundária".

Então, rebobinei a fita de vídeo até que a marca de tempo batesse com a da transcrição. Comecei a reproduzir a fita e assisti à teia de semagramas ser tecida em seda negra de aranha. Eu rebobinei e reproduzi a fita várias vezes. Finalmente congelei o vídeo logo depois do primeiro traço ser completado, e antes do início do segundo; tudo o que era visível na tela era uma única linha sinuosa.

Comparando aquele traço inicial e a frase completa, percebi que o traço participava de várias orações diferentes da mensagem. Ele começava no semagrama de "oxigênio", como o determinante que o distinguia de

outros elementos; depois, descia para se tornar o morfema de comparação na descrição do tamanho das duas luas; e, por fim, se destacava como a estrutura em arco do semagrama de "oceano". Ainda assim, esse traço era uma única linha contínua, e foi a primeira que Melindrosa escreveu. Isso significava que o heptápode tinha que saber como toda a frase seria disposta antes de poder escrever o primeiríssimo traço.

Os outros traços na frase também atravessavam várias orações, tornando-as tão interconectadas que nenhuma podia ser removida sem redesenhar completamente toda a frase. Os heptápodes não escreviam uma frase ou um semagrama por vez; eles os construíam de traços independentes dos semagramas individuais. Eu já tinha visto um nível parecido de integração antes, em desenhos caligráficos, em especial aqueles que empregavam o alfabeto árabe. Contudo, aqueles desenhos tinham exigido planejamento cuidadoso de calígrafos experientes. Ninguém podia fazer um desenho daqueles na velocidade necessária para manter uma conversa. Pelo menos nenhum humano podia.

* * *

Há uma piada que certa vez ouvi uma comediante contar. É assim:

— Não tenho certeza se estou pronta para ter filhos. Perguntei a uma amiga minha que é mãe: "Imagine que eu resolva ter filhos. E se eles crescerem e me culparem por tudo o que há de errado na vida deles?" Ela riu e disse: "O que você quer dizer com 'se'?"

Essa é minha piada favorita.

* * *

Gary e eu estávamos em um pequeno restaurante chinês, um dos locais que começamos a frequentar para sair do acampamento. Estávamos sentados comendo os aperitivos: guiozas com aroma de porco e óleo de gergelim. Meus favoritos.

Mergulhei um em shoyu com vinagre.

— Então, como está indo seu estudo de heptápode B? — perguntei a ele.

Gary olhou de soslaio para o teto. Tentei olhá-lo nos olhos, mas ele não parava de movê-los.

— Você desistiu, não foi? — questionei. — Nem está mais tentando.

Ele reagiu com uma maravilhosa expressão servil.

— Eu simplesmente não sou bom com línguas — confessou. — Achei que aprender heptápode B pudesse ser mais como aprender matemática do que tentar falar outra língua, mas não é. É estrangeiro demais para mim.

— Ajudaria você a discutir física com eles.

— Provavelmente, mas desde que fizemos nossa descoberta, consigo me virar com apenas algumas expressões.

Dei um suspiro.

— Imagino que esteja certo. Preciso admitir que desisti de tentar aprender matemática.

— Então estamos quites?

— Quites. — Tomei um gole de meu chá. — Mas eu queria lhe perguntar sobre o princípio de Fermat. Algo sobre ele me parece estranho, não consigo saber exatamente o quê. Simplesmente não me parece uma lei da física.

Um brilho surgiu nos olhos de Gary.

— Aposto que sei do que está falando. — Ele partiu um guioza ao meio com os hashis. — Você está acostumada a pensar na refração em termos de causa e efeito: chegar à superfície da água é a causa, e a mudança de direção, o efeito. O princípio de Fermat parece estranho porque ele descreve o comportamento da luz em termos orientados para um objetivo. Parece um mandamento para um raio de luz: "Minimizarás ou maximizarás o tempo levado para chegar ao teu destino."

Pensei um pouco.

— Continue.

— É uma velha questão na filosofia da física. As pessoas falam sobre isso desde que Fermat o formulou pela primeira vez nos anos 1600; Planck escreveu volumes sobre o assunto. A situação é que, enquanto a

formulação das leis de física é causal, um princípio variacional como o de Fermat é dotado de propósito, quase teológico.

— Hum, é um modo interessante de explicar. Deixe-me refletir sobre isso por um minuto. — Peguei uma caneta e desenhei em meu guardanapo uma cópia do diagrama que Gary desenhara no quadro-negro. Pensando em voz alta, continuei: — Está bem. Então vamos dizer que o objetivo de um raio de luz é pegar a trajetória mais rápida; como a luz resolve fazer isso?

— Bom, se eu posso falar de forma antropomórfica e projecional, a luz precisa examinar os caminhos possíveis e calcular quanto tempo cada um levaria.

Gary pegou o último guioza da travessa.

— E, para fazer isso, o raio de luz precisa saber exatamente qual é seu destino. Se o destino fosse outro, o caminho mais rápido seria diferente — continuei.

Gary assentiu.

— Isso mesmo. A noção de uma "trajetória mais rápida" não significa nada a menos que haja um destino específico. E calcular quanto tempo determinado trajeto leva também exige informação sobre o que há ao longo desse caminho, sobre onde fica a superfície da água.

Parei de olhar para o diagrama no guardanapo.

— E o raio de luz precisa saber tudo isso de antemão, antes de começar a se mover, certo? — perguntei.

— Digamos assim: a luz não pode começar a viajar em uma direção qualquer e fazer correções de percurso posteriormente, porque o caminho resultante desse comportamento não seria o mais rápido possível. A luz precisa fazer todos os cálculos logo no início — respondeu Gary.

Pensei comigo mesma: *o raio de luz precisa saber onde vai parar antes de poder escolher a direção em que vai começar a se mover*. Eu sabia o que isso me lembrava. Olhei para Gary.

— É isso que estava me incomodando.

* * *

Lembro-me de quando você terá quatorze anos. Você vai sair de seu quarto com um laptop na mão, coberto de pichações, e estará fazendo um trabalho para a escola.

— Mãe, como se diz quando os dois lados podem vencer?

Vou erguer os olhos do computador e do artigo que estarei escrevendo.

— Como assim? Você quer dizer uma situação em que os dois lados ganham?

— Tem um nome técnico para isso, uma palavra matemática. Lembra a vez que papai estava aqui, e ele estava falando sobre o mercado de ações? Ele usou esse termo.

— Hum, acho que lembro, mas não consigo me lembrar de como ele chamou isso.

— Preciso saber. Quero usar essa expressão no trabalho de estudos sociais. Não consigo nem fazer pesquisa sobre ela a menos que descubra o nome.

— Desculpe, também não sei. Por que não liga para o seu pai?

A julgar por sua expressão, é mais esforço do que você gostaria de fazer. A essa altura, você e seu pai não vão estar se dando bem.

— Você poderia ligar para o papai e perguntar? Mas não diga que é para mim.

— Acho que você mesma pode ligar para ele.

Você vai ficar furiosa.

— Meu Deus, mãe, eu nunca consigo ajuda com meu dever de casa desde que você e papai se separaram.

É impressionante a diversidade de situações nas quais você pode citar o divórcio.

— Eu ajudei você com o dever de casa.

— Tipo há um milhão de anos, mãe.

Vou deixar que isso passe.

— Eu ajudaria com esse se pudesse, mas não me lembro da expressão.

Você vai voltar para seu quarto bufando.

* * *

Eu praticava heptápode B em toda oportunidade, tanto com os outros linguistas quanto por conta própria. A novidade de ler uma língua semasiográfica a tornava atraente de um jeito que o heptápode A não era, e meus progressos em sua escrita me empolgavam. Com o tempo, as frases que eu escrevia melhoraram em aparência, ficaram mais coesas. Havia chegado ao ponto em que funcionava melhor quando eu não pensava muito naquilo. Em vez de tentar projetar com muito cuidado uma frase antes de escrevê-la, eu podia simplesmente começar a fazer traços imediatamente; meus traços iniciais quase sempre se revelavam compatíveis com o que eu estava tentando dizer. Comecei a desenvolver uma aptidão como a dos heptápodes.

Mais interessante era o fato de o heptápode B estar mudando meu modo de pensar. Para mim, pensar significava tipicamente falar em uma voz interna; como dizemos no meio, meus pensamentos eram fonologicamente codificados. Minha voz interna normalmente falava em inglês, mas isso não era uma exigência. No verão depois de meu último ano no ensino médio, frequentei um curso de total imersão para aprender russo; ao final do verão, eu pensava e até sonhava no idioma. Mas era sempre russo *falado*. Com uma língua diferente, o modo era o mesmo: uma voz falando silenciosamente em alto e bom som.

A ideia de pensar em um modo linguístico que não fosse fonológico sempre me intrigou. Tinha um amigo cujos pais eram surdos; ele cresceu usando a Linguagem Americana de Sinais, ASL, e me disse que costumava pensar em ASL em vez de inglês. Eu costumava pensar em como seria ter os pensamentos de uma pessoa codificados manualmente, raciocinar usando um par interior de mãos em vez de uma voz interior.

Com o heptápode B eu estava vivenciando algo igualmente estranho: meus pensamentos começavam a se codificar de forma gráfica. Havia momentos durante o dia semelhantes a um transe, quando meus pensamentos não eram expressos com minha voz interna; em vez disso, semagramas se formavam em minha mente, espalhando-se como geada no vidro de uma janela.

À medida que fiquei mais fluente, os desenhos semagráficos apareciam completamente formados, articulando ideias complexas, todas ao mesmo tempo. No entanto, meus processos de pensamento não estavam se acelerando por causa disso. Em vez de correr para a frente, minha mente se equilibrava na simetria essencial implícita aos semagramas. Os semagramas pareciam ser algo mais que linguagem; eram quase como mandalas. Eu me vi em um estado meditativo, contemplando a forma como premissas e conclusões eram intercambiáveis. Não havia direção inerente no modo como as proposições eram conectadas, nenhum "fluxo de pensamento" seguindo por uma rota particular; todos os componentes em um ato de raciocínio eram igualmente poderosos, todos com precedência idêntica.

* * *

Um representante do Departamento de Estado chamado Hossner tinha o trabalho de informar os cientistas americanos sobre nossa agenda com os heptápodes. Nós sentávamos na sala de videoconferência e o ouvíamos falar. Nosso microfone estava desligado, então Gary e eu podíamos trocar comentários sem interromper Hossner. Enquanto ouvíamos, preocupei-me que Gary pudesse desenvolver um problema de visão por revirar tantas vezes os olhos.

— Eles devem ter tido alguma razão para vir até aqui — disse o diplomata, sua voz aguda soando pelos alto-falantes. — Não parece que a razão era alguma conquista, graças a Deus. Mas se essa não é a razão, qual é? Eles são exploradores? Antropólogos? Missionários? Quaisquer que sejam os motivos, deve haver algo que possamos oferecer a eles. Talvez sejam direitos de mineração em nosso Sistema Solar. Talvez seja informação sobre nós. Talvez seja o direito de dar sermões a nossas populações. Mas podemos ter certeza de que há alguma coisa.

"O que quero dizer é o seguinte: o motivo pode não ser comercial, mas isso não significa que nós não possamos estabelecer comércio. Simplesmente precisamos saber por que eles estão aqui, e o que temos a

oferecer que possa lhes interessar. Depois que tivermos essa informação, podemos dar início a negociações comerciais.

"Preciso destacar que nossa relação com os heptápodes não precisa ser de antagonismo. Esta não é uma situação em que um ganho da parte deles seja uma perda nossa ou vice-versa. Se nos comportarmos corretamente, tanto nós quanto os heptápodes podemos sair vencedores.

— Você quer dizer que é um jogo de soma diferente de zero? — disse Gary, com incredulidade fingida. — Minha nossa.

* * *

— Um jogo de soma diferente de zero.

— O quê? — Você vai parar a caminho do quarto e voltar, na minha direção.

— Quando os dois lados podem ganhar. Acabei de me lembrar: chama-se um jogo de soma diferente de zero.

— É isso! — você dirá, anotando em seu laptop. — Obrigada, mãe!

— Acho que eu sabia a expressão no fim das contas — direi. — Depois de todos esses anos com seu pai, alguma coisa deve ter ficado.

— Eu sabia que você ia se lembrar — você dirá. Você vai me dar um abraço repentino e breve, e seu cabelo terá cheiro de maçãs. — Você é a melhor.

* * *

— Louise?

— Hã? Desculpe, estava distraída. O que você disse?

— Eu perguntei: o que você acha do sr. Hossner aqui?

— Prefiro não responder.

— Eu tentei fazer isto: ignorar o governo, ver se ele ia embora. Não foi.

Como prova da afirmação de Gary, Hossner continuou a falar bobagem:

— Sua tarefa imediata é repensar o que aprenderam. Procurem qualquer coisa que possa nos ajudar. Houve alguma indicação do que os heptápodes querem? Do que eles valorizam?

— Nossa, nunca nos ocorreu procurar algo assim — falei. — Vamos fazer isso imediatamente, senhor.

— Triste saber que é exatamente isso que precisamos fazer — comentou Gary.

— Alguma pergunta? — questionou Hossner.

Burghart, o linguista no espelho de Fort Worth, se manifestou:

— Nós já passamos por isso com os heptápodes várias vezes. Eles afirmam estar aqui para observar, e insistem que informação não é negociável.

— É no que eles querem que nós acreditemos — rebateu Hossner. — Mas pensem só: como isso pode ser verdade? Sei que os heptápodes, às vezes, pararam de falar conosco por breves períodos. Isso pode ser uma manobra tática da parte deles. Se nós parássemos de falar com os heptápodes amanhã...

— Acorde-me se ele falar algo interessante — disse Gary.

— Eu ia pedir para você fazer o mesmo comigo.

* * *

Naquele dia em que Gary explicou pela primeira vez o princípio de Fermat para mim, ele tinha mencionado que quase toda lei da física podia ser expressa como um princípio variacional. Ainda assim, quando os humanos pensavam sobre as leis da física, eles preferiam trabalhar com elas em sua formulação causal. Eu podia entender isso: os atributos físicos que os humanos consideravam intuitivos, como energia cinética ou aceleração, eram todos propriedades de um objeto em determinado momento do tempo. E todas levavam a uma interpretação cronológica causal dos eventos: um momento nascido de outro, causas e efeitos criando uma reação em cadeia que avançava do passado para o futuro.

Em contrapartida, os atributos físicos que os heptápodes consideravam intuitivos, como "ação" ou aquelas outras coisas definidas por integrais, tinham significado apenas por um período de tempo. E levavam a uma interpretação teleológica dos acontecimentos: vendo os eventos ao longo

de um período de tempo, reconhecia-se que havia uma exigência que devia ser satisfeita, um objetivo de minimizar ou maximizar. E era necessário saber os estados inicial e final para alcançar esse objetivo; era conhecer os efeitos antes do início das causas.

Eu estava começando a entender isso também.

* * *

— Por quê? — você tornará a perguntar aos três anos.

— Porque é hora de você ir para a cama — repetirei.

Vamos ter conseguido lhe dar um banho e botar o pijama, mas nada além disso.

— Mas eu não estou com sono — você vai choramingar.

Você estará parada junto da estante de livros, pegando um vídeo para assistir: sua última tática diversionista para ficar longe do quarto.

— Não importa: mesmo assim, tem que ir para a cama.

— Mas por quê?

— Porque eu sou sua mãe e estou dizendo.

Eu vou mesmo dizer isso, não vou? Meu Deus, alguém, por favor, me mate.

Vou pegar você no colo e carregá-la embaixo do braço até sua cama; você vai estar gemendo de dar pena, mas minha única preocupação será minha própria aflição. Todos esses juramentos, feitos quando nova, de que eu daria respostas razoáveis quando me tornasse mãe, que trataria meu próprio filho como um indivíduo inteligente e pensante, tudo em vão: vou me transformar na minha mãe. Posso lutar contra isso quanto quiser, mas não haverá como deter minha queda por essa ladeira longa e assustadora.

* * *

Seria realmente possível conhecer o futuro? Não apenas adivinhá-lo; seria possível *saber* o que ia acontecer com certeza absoluta e com detalhes específicos? Gary certa vez me disse que as leis fundamentais da física tinham simetria no tempo, que não havia diferença física entre o passado e

o futuro. Considerando isso, alguns podem dizer "sim, teoricamente". No entanto, falando de forma mais concreta, a maioria responderia "não", devido ao livre-arbítrio.

Eu gostava de imaginar a objeção como uma formulação de Borges: considere uma pessoa sentada diante do *Livro das Eras*, uma cronologia que registra todos os eventos, do passado e do futuro. Embora o texto tenha sido fotorreduzido da edição em tamanho natural, o volume é enorme. Com uma lente de aumento na mão, ela folheia as páginas finíssimas até localizar a história da sua vida. Folheando o *Livro das Eras*, ela encontra a passagem que a descreve folheando o livro; e ela passa para a coluna seguinte, em que está detalhado o que ela vai fazer mais tarde naquele dia: agindo a partir da informação que leu no *Livro*, ela vai apostar cem dólares no cavalo de corrida Devil May Care e ganhar vinte vezes essa quantia.

A ideia de fazer isso tinha passado por sua cabeça, mas, só para ser do contra, ela agora decide evitar completamente apostar em cavalos.

Aí está o problema. O *Livro das Eras* não pode estar errado; esta situação tem base na premissa de que uma pessoa recebe o conhecimento do futuro verdadeiro, não de um futuro possível. Se fosse um mito grego, as circunstâncias conspirariam para fazê-la cumprir seu destino apesar de todos os seus esforços, mas profecias em mitos são notoriamente vagas; o *Livro das Eras* é bem específico, e não há como a pessoa ser forçada a apostar em um cavalo de corrida da forma especificada. O resultado é uma contradição: o *Livro das Eras* deve estar certo, por definição; ainda assim, não importa o que o *Livro* diga que ela vá fazer: ela pode escolher outra coisa. Como esses dois fatos podem se reconciliar?

Não podem, era a resposta mais comum. Uma obra como o *Livro das Eras* é uma impossibilidade lógica, pela exata razão de que sua existência resultaria na contradição acima. Ou, para ser generoso, alguns podem dizer que o *Livro das Eras* poderia existir, desde que não fosse acessível aos leitores: um volume é abrigado em uma coleção especial, e ninguém tem o privilégio de vê-lo.

A existência do livre-arbítrio vai resultar em nossa incapacidade de ver o futuro. E sabíamos da existência do livre-arbítrio porque tínhamos

experiência direta com ele. A vontade era parte intrínseca da consciência.

Era mesmo? E se a experiência de conhecer o futuro mudasse uma pessoa? E se evocasse um sentido de urgência, um sentido de obrigação de agir do modo que sabia que agiria?

* * *

Passei no escritório de Gary antes de ir embora do trabalho.

— Para mim, chega por hoje. Quer comer alguma coisa?

— Claro, espere só um segundo — respondeu ele.

Gary desligou o computador e juntou alguns papéis. Em seguida, me encarou.

— Ei, quer vir jantar na minha casa hoje? Eu posso cozinhar.

Olhei desconfiada para ele.

— Você sabe cozinhar?

— Só um prato — admitiu. — Mas é bom.

— Claro — concordei. — Estou dentro.

— Ótimo. Só temos que comprar os ingredientes.

— Não precisa, se for difícil...

— Tem um mercado no caminho da minha casa. Não vai levar nem um minuto.

Fomos em carros separados, eu o seguindo. Quase o perdi de vista quando ele virou abruptamente em um estacionamento. Era um mercado de produtos gourmet, não muito grande, mas elegante; potes altos de vidro com comidas importadas ao lado de utensílios especializados nas prateleiras de aço inoxidável da loja.

Acompanhei Gary enquanto ele pegava manjericão fresco, tomates, alho, linguini.

— Tem um mercado de peixes aqui ao lado. Podemos comprar mariscos frescos lá — disse ele.

— Parece ótimo.

Passamos pela seção de utensílios de cozinha. Meu olhar seguiu pelas prateleiras repletas de moedores de pimenta, espremedores de alho,

pegadores de salada, e pousou em uma saladeira de madeira.

Quando você tiver três anos, vai puxar uma toalha da bancada da cozinha e derrubar aquela saladeira bem em cima de você. Vou tentar pegá-la, mas não vou conseguir. A borda da saladeira vai deixar um corte na parte superior de sua testa que vai exigir um único ponto. Seu pai e eu vamos segurá-la, chorando e soluçando, banhada em molho Caesar, enquanto esperamos por horas em um pronto-socorro.

Estendi a mão e peguei a saladeira da estante. O movimento não pareceu algo que fui foçada a fazer. Em vez disso, parecia apenas tão impulsivo quanto o movimento de pegar a saladeira enquanto ela caía em você: um instinto cuja execução me parecia a coisa certa a fazer.

— Posso dar um bom uso a uma saladeira como essa.

Gary olhou para a saladeira e assentiu.

— Viu como foi bom parar no mercado?

— Foi, sim.

Entramos na fila para pagar nossas compras.

* * *

Considere a frase: "O coelho está pronto para comer." Se interpretar "coelho" como objeto de "comer", a frase é um anúncio de que o jantar vai ser servido em breve. Se interpretar "coelho" como sujeito de "comer", ela é uma sugestão, uma menina poderia dizer isso à mãe para poder abrir um saco de ração de coelho. Duas expressões bem diferentes; na verdade, seriam mutuamente excludentes em um mesmo domicílio. Ainda assim, são interpretações válidas; só o contexto poderia determinar o que a frase significava.

Considere o fenômeno de a luz atingir a água em determinado ângulo e atravessá-la em um ângulo diferente. Se explicasse isso dizendo que uma diferença no índice de refração fazia a luz mudar de direção, você via o mundo com os humanos. Se explicasse isso dizendo que a luz minimizava o tempo necessário para viajar até seu destino, você via o mundo da mesma forma que os heptápodes. Duas interpretações muito diferentes.

O universo físico era uma língua com uma gramática perfeitamente ambígua. Todo fenômeno físico era uma expressão que podia ser analisada de duas maneiras completamente diferentes, uma causal e a outra teleológica, ambas válidas, nenhuma delas desqualificada, não importava a quantidade de contexto disponível.

Quando os ancestrais de humanos e heptápodes adquiriram a centelha de consciência, os dois perceberam o mesmo mundo físico, mas analisaram suas percepções de maneira diferente: as visões de mundo que depois surgiram foram o resultado final daquela divergência. Humanos haviam desenvolvido um modo sequencial de consciência, enquanto os heptápodes tinham desenvolvido um modo simultâneo de consciência. Nós vivenciamos os acontecimentos em uma ordem e percebemos sua relação como causa e efeito. Os heptápodes vivenciavam todos os acontecimentos ao mesmo tempo, e percebiam um propósito essencial a todos eles. Um propósito minimizador, maximizador.

* * *

Tenho um sonho recorrente sobre sua morte. No sonho, sou eu quem está escalando a pedra — eu, pode imaginar? —, e você tem três anos, está sendo carregada por mim em um tipo de mochila. Estamos a menos de um metro de uma proeminência onde podemos descansar, e você não aguenta esperar até chegarmos ao alto dela. Você começa a sair da mochila. Mando você parar, mas claro que você me ignora. Sinto seu peso se alternar de um lado da mochila para o outro enquanto você sai dela; então sinto seu pé esquerdo em meu ombro, depois o direito. Estou gritando com você, mas não consigo liberar uma das mãos para segurá-la. Posso ver o padrão ondulado das solas de seus tênis enquanto você sobe, e então vejo uma lasca de pedra se desfazer sob um deles. Você desliza e passa por mim, e não consigo mover um músculo sequer. Olho para baixo e vejo você encolher à medida que se distancia de mim.

Então, de repente, estou no necrotério. Um auxiliar de enfermagem ergue o lençol de seu rosto, e vejo que você tem vinte e cinco anos.

— Você está bem?

Eu estava sentada na cama; tinha acordado Gary com meus movimentos.

— Estou bem. Só levei um susto. Por um instante, não reconheci onde estava.

Sonolento, ele disse:

— Podemos ficar na sua casa na próxima vez.

Eu o beijei.

— Não se preocupe. Está tudo certo com a sua casa.

Nós nos enroscamos, eu com as costas junto ao peito dele, e voltamos a dormir.

* * *

Quando você tiver três anos e estivermos subindo uma escada íngreme em caracol, vou segurar sua mão bem forte. Você vai desvencilhar sua mão da minha.

— Sei subir sozinha — você vai insistir, e então se afastará de mim para provar isso, e eu vou me lembrar daquele sonho.

Vamos repetir aquela cena incontáveis vezes durante sua infância. Quase posso acreditar que, considerando sua natureza teimosa, minhas tentativas de protegê-la vão ser o que vai criar seu amor por escaladas: primeiro, nos brinquedos do parquinho, depois árvores no cinturão verde em torno de nosso bairro, as paredes de pedra no clube de escalada e, por fim, faces de penhascos em parques nacionais.

* * *

Terminei o último radical da frase, larguei o giz e sentei à minha mesa. Recostei-me e examinei a frase gigante em heptápode B que eu escrevera e que cobria todo o quadro-negro de minha sala. Ela incluía várias orações complexas, e eu tinha conseguido integrar todas de forma satisfatória.

Olhando para uma frase como aquela, eu entendi por que os heptápodes tinham desenvolvido um sistema de escrita semasiográfico

como o heptápode B: ele era mais apropriado para espécies com um modo simultâneo de consciência. Para eles, a fala era um gargalo porque exigia que uma palavra se seguisse à outra em sequência. Com a escrita, por outro lado, cada marca na página era visível simultaneamente. Por que restringir a escrita com uma camisa de força glotográfica, exigindo que fosse apenas sequencial como a fala? Isso nunca ocorreria a eles. A escrita semasiográfica tirava naturalmente vantagem da bidimensionalidade da página; em vez de uma distribuição reduzida de morfemas, um de cada vez, ela oferecia uma página inteira repleta deles de uma vez só.

E agora que o heptápode B tinha me apresentado a um modo simultâneo de consciência, eu entendia o raciocínio por trás da gramática do heptápode A: o que minha mente sequencial percebera como desnecessariamente complicado, eu via agora como uma tentativa de fornecer flexibilidade nos confins da fala sequencial. Como resultado, eu conseguia usar o heptápode A com mais facilidade, embora ainda fosse um substituto pouco satisfatório do heptápode B.

Houve uma batida na porta; em seguida, Gary enfiou a cabeça pelo vão.

— O coronel Weber vai estar aqui a qualquer instante.

Fiz uma expressão de desagrado.

— Certo.

Weber ia participar de uma sessão com Melindrosa e Framboesa. Eu devia atuar como tradutora, um trabalho para o qual não era treinada e que detestava.

Gary entrou e fechou a porta. Ele me puxou de minha cadeira e me beijou.

Sorri.

— Está tentando me animar antes que ele chegue aqui?

— Não, eu estou tentando *me* animar.

— Você não estava nem um pouco interessado em falar com os heptápodes, estava? Trabalhou nesse projeto só para me levar para a cama.

— Ah, você me conhece direitinho.

Eu encarei seu olhar.

— É melhor você acreditar nisso — falei.

* * *

Lembro-me de quando você terá um mês de idade, e vou sair zonza da cama para sua mamada das duas da madrugada. Seu quarto terá aquele "cheiro de bebê", pomada contra assadura e talco, com um leve toque de amônia vindo do cesto de fraldas no canto. Vou debruçar sobre seu berço, tirá-la dele com você aos berros e me sentar na cadeira de balanço para amamentá-la.

A palavra "infância" deriva da palavra em latim para "incapaz de falar", mas você vai ser perfeitamente capaz de dizer uma coisa: "Eu sofro", e vai fazer isso incansavelmente e sem hesitação. Tenho que admirar seu compromisso absoluto com essa frase; quando chorar, você vai se tornar o ultraje encarnado, cada parte de seu corpo empenhada em expressar aquela emoção. É engraçado: quando você estiver tranquila, vai parecer irradiar luz, e se alguém pintasse um quadro seu desse jeito, eu insistiria que a pessoa incluísse o halo. No entanto, quando estiver infeliz, você se transformará em uma buzina, feita para irradiar som; um retrato seu, então, podia ser simplesmente um alarme de incêndio.

Nesse estágio de sua vida, não vai haver passado nem futuro para você; até que eu lhe dê meu peito, você não vai ter memória de satisfação no passado nem expectativa de alívio no futuro. Depois que começar a mamar, tudo vai se reverter, e tudo estará certo com o mundo. O AGORA é o único momento que você vai perceber; vai viver no tempo presente. De muitas maneiras, é um estado invejável.

* * *

Os heptápodes não são livres nem aprisionados, não da forma como entendemos esses conceitos; eles não agem de acordo com sua vontade, nem são autômatos impotentes. O que distingue o modo de consciência dos heptápodes não é apenas a coincidência de suas ações com os eventos da história; seus motivos também coincidem com os propósitos da história. Eles agem para criar o futuro, para executar a cronologia.

A liberdade não é uma ilusão; ela é perfeitamente real no contexto da consciência sequencial. No contexto da consciência simultânea, a liberdade não é relevante, tampouco a coerção; é simplesmente um contexto diferente, nem mais nem menos válido que o outro. É como a famosa ilusão de ótica do desenho de uma moça elegante, com o rosto virado para longe do observador, e ao mesmo tempo uma bruxa com verruga no nariz, o queixo encostado no peito. Não há interpretação "correta"; as duas são igualmente válidas. Mas você não consegue ver as duas ao mesmo tempo.

Do mesmo modo, o conhecimento do futuro era incompatível com o livre-arbítrio. O que possibilitava que eu exercesse minha liberdade de escolha também impossibilitava que eu soubesse sobre o amanhã. De modo inverso, agora que conheço o futuro, jamais agiria contra ele; incluindo contar aos outros o que sei: os que conhecem o futuro não falam sobre ele. Os que leram o *Livro das Eras* nunca admitem.

* * *

Liguei o videocassete e enfiei uma fita de uma sessão do espelho de Fort Worth. Um diplomata negociador estava ali tendo uma discussão com os heptápodes, Burghart como tradutor.

O negociador estava descrevendo as crenças morais humanas, tentando estabelecer as bases para o conceito de altruísmo. Eu sabia que os heptápodes estavam familiarizados com o resultado final da conversa, mas ainda participavam com entusiasmo.

Se eu pudesse ter descrito isso para uma pessoa que ainda não conhecesse a situação, ela podia perguntar: se os heptápodes já sabem tudo o que vão dizer ou ouvir, qual é o sentido até mesmo de usar linguagem? Uma questão coerente. Mas a linguagem não era apenas para comunicação: ela também era uma forma de ação. Segundo a teoria dos atos de fala, afirmações como "Você está preso", "Eu batizo este barco" ou "Eu prometo" eram todas performativas: uma pessoa pode desempenhar a ação apenas pronunciando as palavras. Para tais atos, saber o que seria dito

não mudava nada. Todo mundo em um casamento antecipa as palavras “E eu vos declaro marido e mulher”, mas até que o celebrante as diga, a cerimônia não conta. Com linguagem performativa, dizer era o mesmo que fazer.

Para os heptápodes, toda linguagem era performativa. Em vez de usar linguagem para informar, eles a usavam para atualizar. Claro, heptápodes já sabiam o que ia ser dito em qualquer conversa, mas, para que seu conhecimento fosse verdade, a conversa precisaria ocorrer.

* * *

— Primeiro, Cachinhos Dourados provou a tigela de mingau do Papai Urso, mas ela estava cheia de couve-de-bruxelas, que ela odiava.

Você vai rir.

— Não, isso está errado!

Estaremos sentadas lado a lado no sofá, o livro fino, de capa dura e caro aberto em nossos colos.

Vou continuar lendo.

— Aí, Cachinhos Dourados provou a tigela de mingau da Mamãe Urso, mas ela estava cheia de espinafre, que ela também detestava.

Você vai pôr a mão na página do livro para me deter.

— Você precisa ler do jeito certo!

— Estou lendo exatamente o que diz aqui — direi, com toda a inocência.

— Não está, não. Não é assim que é a história.

— Bem, se você já sabe como é a história, por que precisa que eu a leia para você?

— Porque eu quero escutar!

* * *

O ar-condicionado no escritório de Weber quase compensava a obrigação de conversar com ele.

— Eles estão dispostos a se envolver em alguma espécie de troca — expliquei. — Mas não é comércio. Nós simplesmente damos alguma coisa a eles, e eles nos dão algo em retorno. Nenhuma das partes diz de antemão o que vai dar à outra.

A testa do coronel Weber se franziu um pouco.

— Você quer dizer que eles estão dispostos a trocar presentes?

Eu sabia o que precisava dizer.

— Não devíamos pensar nisso como uma "troca de presentes". Não sabemos se esta transação tem as mesmas associações para os heptápodes que a troca de presentes tem para nós.

— Nós podemos... — ele procurou pelas palavras certas — ...dar dicas sobre o tipo de presente que queremos?

— Eles não fazem isso nesse tipo de transação. Perguntei se podíamos fazer um pedido e eles disseram que sim, mas isso não garante que vão nos dizer o que iriam nos dar.

De repente, lembrei que um primo morfológico de "performativo" era "performance", que poderia descrever a sensação de conversar quando você sabia o que ia ser dito: era como uma performance em uma peça.

— Mas isso faria com que eles ficassem mais propensos a nos dar o que pedimos? — questionou o coronel Weber.

Ele estava completamente alheio ao roteiro, e ainda assim suas respostas encaixavam exatamente com as falas que lhe eram destinadas.

— Não há como saber — respondi. — Duvido, considerando que não é um costume deles.

— Se dermos nosso presente primeiro, o valor de nosso presente vai influenciar o valor do deles?

Ele estava improvisando, enquanto eu tinha ensaiado cuidadosamente para aquela única apresentação específica.

— Não — respondi. — Até onde sabemos, o valor dos itens trocados é irrelevante.

— Se meus parentes pensassem assim... — murmurou Gary com ironia.

Vi o coronel Weber se virar para Gary.

— Você descobriu alguma coisa nova nas discussões de física? — perguntou Weber, bem na deixa.

— A respeito de alguma informação nova para a humanidade, não — disse Gary. — Os heptápodes não variaram sua rotina. Se demonstramos algo, eles nos mostram sua formulação dela, mas não oferecem nada, nem respondem nossas perguntas sobre o que sabem.

Uma expressão espontânea e comunicativa no contexto do discurso humano se transformava em um ritual de recitação quando vista à luz de heptápode B.

Weber franziu o cenho.

— Então tudo bem, vamos ver o que o Departamento de Estado acha disso. Talvez possamos providenciar uma espécie de cerimônia de troca de presentes.

Como eventos da física, com suas interpretações causais e teleológicas, todo evento linguístico tinha duas interpretações possíveis: como uma transmissão de informação e como a concretização de um plano.

— Acho que é uma boa ideia, coronel — falei.

Era uma ambiguidade invisível para a maioria. Uma piada interna. Não me peça para explicar.

* * *

Embora eu seja proficiente em heptápode B, sei que não experimento a realidade da mesma forma de um heptápode. Minha mente foi modelada na forma das linguagens sequenciais humanas, e nenhuma intensidade de imersão em uma língua alienígena pode reformulá-la completamente. Minha visão de mundo é um amálgama de humano e heptápode.

Antes de aprender a pensar em heptápode B, minhas memórias cresciam como as cinzas de um cigarro queimando, em coluna, descarnadas pela linha infinitesimal de combustão que era minha consciência, que marcava o presente sequencial. Depois que aprendi heptápode B, novas memórias se encaixaram como blocos gigantes, cada um medindo anos de duração, e embora não tenham chegado na ordem

nem aterrissado contiguamente, logo formaram um período de cinco décadas. É o período no qual eu conheço a língua heptápode B bem o suficiente para pensar a partir dela, começando com minhas entrevistas com Melindrosa e Framboesa e terminando com minha morte.

Normalmente, o heptápode B afeta apenas minha memória: minha consciência segue rastejando como fazia antes, um estilhaço reluzente se arrastando adiante no tempo, a diferença residindo nessas cinzas de memória, que estão tanto à frente quanto atrás: não há uma combustão real. Contudo, às vezes, tenho vislumbres quando o heptápode B realmente predomina e vivencio passado e futuro ao mesmo tempo; minha consciência se transforma em uma brasa de meio século de duração queimando fora do tempo. Eu percebo, durante esses vislumbres, toda essa época como uma simultaneidade. É um período que abrange o resto de minha vida, e a totalidade da sua.

* * *

Escrevi os semagramas para "processo criar-ponto-terminal incluindo-nós", que significava "Vamos começar". Framboesa respondeu afirmativamente, e a exibição de slides começou. A segunda tela de exibição que os heptápodes haviam fornecido começou a apresentar uma série de imagens compostas de semagramas e equações, enquanto um de nossos monitores de vídeo fazia o mesmo.

Essa foi a segunda "troca de presentes" em que estive presente, a oitava no total, e eu sabia que seria a última. A tenda do espelho estava repleta de gente; Burghart de Fort Worth estava ali, assim como Gary e um físico nuclear, diversos biólogos, antropólogos, militares de alta patente e diplomatas. Felizmente, eles puseram um aparelho de ar-condicionado para refrescar o local. Nós iríamos rever as fitas das imagens depois para descobrir exatamente o que era o "presente" dos heptápodes. Nosso próprio "presente" foi uma apresentação das pinturas na caverna de Lascaux.

Todos nos aglomeramos em torno da segunda tela dos heptápodes, tentando compreender o conteúdo das imagens enquanto passavam.

— Avaliações preliminares? — perguntou o coronel Weber.

— Não é uma repetição — disse Burghart.

Em uma troca anterior, os heptápodes tinham nos dado informações sobre nós mesmos que havíamos previamente contado a eles. Isso enfurecera o Departamento de Estado, mas não tínhamos razão para pensar nisso como um insulto: a situação provavelmente indicava que o valor da troca na verdade não tinha papel nesses intercâmbios. Isso não excluía a possibilidade de que os heptápodes ainda pudessem nos oferecer uma propulsão espacial, fusão a frio ou algum outro milagre para satisfazer nossos desejos.

— Isso parece química inorgânica — afirmou o físico nuclear, apontando para uma equação antes que a imagem fosse substituída.

Gary assentiu.

— Podia ser tecnologia de materiais — disse ele.

— Talvez estejamos finalmente chegando a algum lugar — concluiu o coronel Weber.

— Quero ver mais fotos de bichos — murmurei baixo para que apenas Gary pudesse me ouvir, e fiz biquinho como uma criança.

Ele sorriu e me cutucou. Na verdade, eu desejava que os heptápodes tivessem dado outra lição de xenobiologia, como tinham feito nas duas trocas anteriores; a julgar por essas, os humanos eram mais parecidos com os heptápodes do que qualquer outra espécie que eles já haviam encontrado. Talvez outra lição sobre história dos heptápodes; as primeiras foram cheias de conclusões aparentemente sem conexão lógica com as premissas, mas ainda assim eram interessantes. Não queria que os heptápodes nos dessem nova tecnologia, porque não queria ver o que nossos governos poderiam fazer com ela.

Eu observava Framboesa enquanto a informação era trocada, à procura de qualquer comportamento anômalo. Eu estava de pé, praticamente imóvel, como sempre; não vi indicações do que em breve iria acontecer.

Depois de um minuto, a tela dos heptápodes se apagou, e um minuto depois disso, a nossa também. Gary e a maioria dos outros cientistas se aglomeraram em torno de uma pequena tela de vídeo que reprisava a

apresentação dos heptápodes. Eu pude ouvi-los falar sobre a necessidade de chamar um físico de estado sólido.

O coronel Weber se virou.

— Vocês dois — disse ele, apontando para mim e depois para Burghart. — Marquem o horário e o local da próxima troca.

Depois seguiu com os outros até a tela de reprodução.

— É para já — respondi. Para Burghart, perguntei: — Você gostaria de fazer as honras ou eu faço?

Eu sabia que Burghart tinha alcançado uma proficiência em heptápode B parecida com a minha.

— É o seu espelho — disse ele. — É com você.

Tornei a me sentar ao computador de transmissão.

— Aposto que você nunca imaginou que ia acabar trabalhando como tradutor do Exército enquanto estava na pós-graduação.

— Claro que não — afirmou ele. — Mesmo agora mal posso acreditar nisso.

Tudo o que dizíamos um para o outro parecia com as conversas cuidadosamente inócuas de espiões que se encontravam em público, mas nunca revelavam a identidade.

Escrevi os semagramas para "local troca-transação conversa incluindo-nós" com o aspecto de modulação projetiva.

Framboesa escreveu sua resposta. Foi minha deixa para franzir a testa e para Burghart perguntar:

— O que ele quer dizer com isso?

A pronúncia de Burghart foi perfeita.

Escrevi um pedido de esclarecimento. A resposta de Framboesa foi a mesma de antes. Então, eu o observei sair flutuando da sala. A cortina estava prestes a cair sobre aquele ato de nossa performance.

O coronel Weber se adiantou.

— O que está acontecendo? Aonde ele foi?

— Ele disse que agora os heptápodes vão embora — respondi. — Não apenas ele, mas todos.

— Chame-o de volta aqui agora mesmo. Pergunte a ele o que isso quer dizer.

— Hum, não acho que Framboesa esteja usando um pager — ironizei.

A imagem da sala através do espelho desapareceu tão abruptamente que levou um momento para meus olhos registrarem o que eu estava vendo no lugar: era o outro lado da tenda do espelho. O objeto tinha se tornado completamente transparente. A conversa em torno da tela de reprodução se silenciou.

— O que diabo está acontecendo? — questionou o coronel Weber.

Gary foi até o espelho, em seguida deu a volta até o outro lado. Tocou a face traseira com a mão; eu podia ver as formas ovais pálidas onde as pontas de seus dedos faziam contato com o espelho.

— Acho que acabamos de ver uma demonstração de transmutação a distância — disse ele.

Ouvi o som de passos pesados pela grama seca. Um soldado entrou pela porta da tenda, sem fôlego após correr, segurando um walkie-talkie extremamente grande.

— Coronel, mensagem de...

Weber pegou o walkie-talkie.

* * *

Eu me lembro de como vai ser ver você quando tiver um dia de idade. Seu pai terá saído para uma visita rápida à cantina do hospital, você vai estar deitada em seu berço de vime e estarei debruçada sobre você.

Logo depois do parto, ainda vou estar me sentindo como uma toalha torcida. Você vai parecer absurdamente pequena, considerando como eu me senti enorme durante a gravidez; eu podia jurar que haveria espaço para alguém muito maior e mais robusta que você lá dentro. Suas mãos e seus pés vão ser compridos e magros, ainda não gorduchos. Seu rosto ainda estará todo vermelho e enrugado, pálpebras inchadas, fechadas e apertadas, a fase de gnomo que precede o querubim.

Passo um dedo por sua barriga, maravilhada com a maciez impressionante de sua pele, perguntando-me se seda iria arranhar seu corpo como aniagem. Aí você vai se remexer, retorcer o corpo enquanto projeta as pernas, uma de cada vez, e vou reconhecer o gesto como o que senti você fazer dentro de mim, muitas vezes. Então é *assim*.

Vou me sentir exultante com essa prova de um laço único entre mãe e filha, essa certeza de que é você quem eu carreguei. Mesmo que jamais tenha posto os olhos em você antes, eu poderia identificá-la em um mar de bebês. Aquela não. Nem aquela outra. Espere, aquela ali.

Sim, é ela. Minha filha.

* * *

Aquela última "troca de presentes" foi a última vez que vimos os heptápodes. Ao mesmo tempo, por todo o mundo, seus espelhos ficaram transparentes e suas naves abandonaram a órbita. Análises posteriores dos espelhos visualizadores revelaram que eles não eram nada além de folhas de sílica fundida, completamente inativos. A informação da última sessão de troca descrevia uma nova classe de materiais supercondutores, mas depois se revelou que ela apenas repetia os resultados de uma pesquisa recém-finalizada no Japão: nada que os humanos já não soubessem.

Nós nunca descobrimos por que os heptápodes partiram, não mais do que soubemos o que os trouxe aqui, ou por que eles agiam como agiam. Minha nova forma de consciência não forneceu esse tipo de conhecimento; o comportamento dos heptápodes era supostamente explicável de um ponto de vista sequencial, mas nunca encontramos essa explicação.

Eu teria gostado de experimentar mais da visão de mundo deles, sentir o que eles sentiam. Aí, talvez, eu pudesse imergir completamente na necessidade dos eventos, como eles deviam fazer, em vez de apenas chapinhar em seu rasto pelo resto da vida. Mas isso nunca vai acontecer. Vou continuar a praticar as línguas heptápodes, assim como outros

linguistas das equipes dos espelhos, mas nenhum de nós jamais vai avançar além do que fizemos quando os heptápodes estavam aqui.

Trabalhar com eles mudou minha vida. Conheci seu pai e aprendi heptápode B, duas coisas que possibilitaram que eu a conhecesse, agora, aqui no quintal ao luar. No fim, daqui a muitos anos, estarei sem seu pai e sem você. Tudo o que me vai restar deste momento é a língua heptápode. Por isso presto muita atenção, e anoto cada detalhe.

Desde o começo eu conheci meu destino, e escolhi meu caminho de acordo com isso. Mas estou trabalhando na direção de uma extrema alegria ou de uma extrema dor? Será que alcançarei um mínimo ou um máximo?

Essas perguntas estão em minha cabeça quando seu pai me pergunta:

— Você quer fazer um bebê?

E eu sorrio e respondo:

— Sim.

E solto os braços que me abraçam e nos damos as mãos enquanto entramos para fazer amor, para fazer você.

Setenta e duas letras

Quando era criança, o brinquedo favorito de Robert era simples: um boneco de argila que não fazia nada além de andar para a frente. Enquanto seus pais distraíam os convidados no jardim, comentando a ascensão de Vitória ao trono ou a reforma cartista, Robert seguia o boneco enquanto ele marchava pelos corredores da casa da família, fazendo-o contornar as quinas ou voltar por onde tinha vindo. O brinquedo não obedecia a comandos nem demonstrava ter sentido de orientação; diante de uma parede, o diminuto manequim de argila continuava em marcha até seus braços e pernas se transformarem gradualmente em nadadeiras disformes. Às vezes, Robert permitia que isso acontecesse, apenas por diversão. Quando os braços e as pernas do boneco estavam completamente deformados, ele pegava o brinquedo e retirava o nome dele, detendo-o em plena marcha. Então ele o moldava novamente como uma bola lisa, achatava-a bem plana e fazia um manequim diferente: um corpo com uma perna torta, ou uma mais comprida que a outra. Ele inseria o nome de volta, e o boneco imediatamente cambaleava para a frente e começava a andar em um pequeno círculo.

Não era de esculpir que Robert gostava; era de mapear os limites do nome. Gostava de ver quantas variações poderia conferir ao corpo antes que o nome não conseguisse mais lhe dar vida. Para poupar tempo com a escultura, ele raramente acrescentava detalhes decorativos; aperfeiçoava os corpos apenas o necessário para testar o nome.

Outro de seus bonecos andava em quatro patas. O corpo era bonito, um cavalo de porcelana primorosamente detalhado, mas o menino estava mais interessado em experimentos com o nome do animal. Esse nome obedecia a comandos para andar e parar e era esperto o suficiente para evitar obstáculos, e Robert tentou inseri-lo em corpos que ele mesmo fazia. No entanto, esse nome tinha necessidades corporais mais exigentes, e ele nunca conseguiu fazer um corpo de argila ao qual o nome pudesse dar vida. Criava as pernas separadamente, depois as conectava ao corpo, mas

não conseguia apagar por completo as emendas; o nome não reconhecia o corpo como uma peça única e contínua.

Ele analisou os nomes em si, à procura de substituições simples capazes de distinguir entre duas e quatro pernas, ou fazer com que o corpo obedecesse a comandos simples. Contudo, os nomes pareciam completamente diferentes; em cada pedaço de pergaminho estavam inscritas setenta e duas minúsculas letras hebraicas, organizadas em doze fileiras de seis, e até onde ele conseguia perceber, a ordem das letras era totalmente aleatória.

* * *

Robert Stratton e seus colegas de turma do oitavo ano estavam sentados em silêncio enquanto mestre Trevelyan andava entre as fileiras de carteiras.

— Langdale, qual a doutrina dos nomes?

— Todas as coisas são reflexos de Deus, e, uhm, to-todos...

— Poupe-nos de seu gaguejar. Thorburn, *você* pode nos dizer a doutrina dos nomes?

— Todas as coisas são reflexos de Deus; portanto, todos os nomes são reflexos do nome divino.

— E qual é o nome verdadeiro de um objeto?

— O nome que reflete o nome divino da mesma forma que o objeto reflete Deus.

— E qual a ação de um nome verdadeiro?

— Dotar seu objeto com um reflexo do poder divino.

— Correto. Halliwell, qual a doutrina das assinaturas?

A aula de filosofia natural prosseguiu até o meio-dia, mas como era sábado, não havia mais aulas pelo restante do dia. O mestre Trevelyan dispensou a turma, e os garotos do colégio Cheltenham se dispersaram.

Depois de passar no alojamento, Robert encontrou o amigo Lionel nos limites da propriedade da escola.

— A espera acabou? É hoje o dia? — perguntou Robert.

— Eu disse que era, não disse?

— Então, vamos. — A dupla começou a caminhar os dois quilômetros e meio até a casa de Lionel.

Durante seu primeiro ano no Cheltenham, Robert só conhecia Lionel de vista; ele era um dos garotos do externato, e Robert, como todos os outros internos, enxergava-o com desconfiança. Porém, meramente por acaso, Robert esbarrou com ele em um feriado, durante uma visita ao Museu Britânico. Robert amava o museu; as múmias frágeis e os sarcófagos imensos; o ornitorrinco empalhado e a sereia em um recipiente de vidro; a parede repleta de presas de elefantes, galhadas de alces e chifres de unicórnios. Naquele dia em especial, ele estava na exposição de seres elementais: estava lendo o cartão que explicava a ausência da salamandra quando, de repente, reconheceu Lionel, parado bem ao lado dele olhando para ondina em seu vidro. Uma conversa revelou o interesse comum por ciências, e os dois se tornaram grandes amigos.

Enquanto desciam a rua, chutavam um grande seixo um para o outro. Lionel dava um chute no seixo e ria enquanto ele rolava entre os tornozelos de Robert.

— Mal podia esperar para sair de lá — disse ele. — Não conseguiria aguentar mais uma doutrina.

— Por que eles se dão ao trabalho de chamá-la de filosofia natural? — perguntou Robert. — Admitam que é apenas mais uma aula de teologia e acabem logo com isso.

Os dois tinham comprado recentemente *Um guia de nomenclatura para garotos*, que informava a eles que nomencladores não falavam mais com base em Deus ou no nome divino. Em vez disso, o pensamento corrente sustentava que havia um universo léxico coexistente ao universo físico, e juntar um objeto com um nome compatível fazia com que as potencialidades latentes dos dois se realizassem. Tampouco havia um único "nome verdadeiro" para determinado objeto: dependendo de sua forma, um corpo podia ser compatível com vários nomes, que eram seus "aptônimos", e, inversamente, um nome simples era capaz de permitir variações extremas na forma corporal, como o boneco da infância de Robert demonstrara.

Quando eles chegaram à casa de Lionel, prometeram ao cozinheiro que voltariam logo para o jantar e foram até o jardim nos fundos. Lionel transformara um barracão de ferramentas no quintal da família em laboratório, que usava para realizar experimentos. Normalmente, Robert aparecia com regularidade, mas nos últimos tempos Lionel estava trabalhando em um experimento que mantinha em segredo. Só agora estava pronto para mostrar os resultados a Robert. Lionel fez com que o amigo esperasse do lado de fora enquanto entrava primeiro, depois deixou que o outro o seguisse.

Uma longa estante se estendia por todas as paredes do barracão, cheia de suportes para tubos de ensaio, frascos de vidro verde tampados com rolha e várias rochas e tipos de minerais. Uma mesa ornada com manchas e marcas de chamuscado dominava o espaço abarrotado, e ela sustentava o aparato do último experimento de Lionel: uma cucúrbita pinçada a um suporte, de modo que sua parte de baixo repousava em uma bacia cheia de água, que, por sua vez, apoiava-se em um tripé acima de um candeeiro a óleo aceso. Também havia um termômetro de mercúrio afixado à bacia.

— Dê uma olhada — disse Lionel.

Robert se debruçou para examinar o conteúdo da cucúrbita. No início, não parecia nada além de espuma, um monte de bolhas que podia ter escorrido de uma caneca de cerveja. Entretanto, quando olhou com mais atenção, percebeu que aquelas borbulhas eram na verdade interstícios de uma treliça reluzente. A espuma consistia de homúnculos: diminutos fetos seminais. Seus corpos eram transparentes, mas as cabeças bulbosas e membros finos como fios se juntavam para formar uma espuma pálida e densa.

— Então você bateu punheta em um vidro e manteve a porra quente? — perguntou ele.

Lionel o empurrou. Robert riu e ergueu as mãos em um gesto apaziguador.

— Não, sério, é incrível. Como você fez isso?

Mais calmo, Lionel disse:

— Na verdade, é uma questão de equilíbrio. Você precisa manter a temperatura exata, é claro, mas se quer que eles cresçam, também é necessário manter a composição certa de nutrientes. Uma mistura muito rala, e eles passam fome. Muito enriquecida, e eles ficam animados demais e começam a brigar.

— Você está brincando comigo.

— É verdade: pode olhar se não acredita em mim. Batalhas entre espermatozoides fazem nascer monstruosidades. Se um esperma danificado alcança o óvulo, o bebê nasce deformado.

— Achei que era por causa de algum susto que a mãe levava enquanto estava grávida.

Robert podia visualizar exatamente as contorções minúsculas de cada feto espermático. Ele se deu conta de que a espuma mantinha-se em lenta agitação devido aos movimentos coletivos.

— Isso é só para alguns tipos de deformação, como bebês peludos ou cobertos de manchas. Recém-nascidos que não têm braços ou pernas, ou têm membros deformados, esses foram os que se envolveram em brigas quando eram esperma. É por isso que você não pode fornecer um caldo muito farto, especialmente se eles não têm para onde ir, pois entram em frenesi. Assim, você pode perder todos bem rápido.

— Por quanto tempo você pode fazer com que eles continuem a crescer?

— Provavelmente, não por muito tempo — disse Lionel. — É difícil mantê-los vivos se não alcançam um óvulo. Li sobre um experimento na França em que fizeram um óvulo crescer até atingir o tamanho de um punho, e eles tinham o melhor equipamento à disposição. Eu só queria ver se conseguia fazer algo parecido.

Robert olhou fixamente para a espuma, lembrando-se da doutrina da pré-formação que mestre Trevelyan incutira neles: todas as coisas vivas foram criadas simultaneamente, muito tempo atrás, e os nascimentos, hoje, eram apenas ampliações do que antes era imperceptível. Embora parecessem recém-criados, esses homúnculos tinham incontáveis anos de

idade; eles permaneceram aninhados durante toda a história humana, ao longo de gerações de ancestrais, esperando sua vez de nascer.

Na verdade, não eram só eles que haviam esperado; ele mesmo devia ter feito isso antes de seu nascimento. Caso seu pai decidisse realizar esse experimento, as figuras diminutas que Robert veria seriam seus irmãos e irmãs não nascidos. Ele sabia que permaneciam inanimados até chegarem a um óvulo, mas se perguntou que pensamentos teriam se não fosse assim. Ele imaginou a sensação de seu corpo, todos os ossos e órgãos moles e claros como gelatina, grudados à miríade de gêmeos idênticos. Como seria, olhando através de pálpebras transparentes, perceber que a montanha a distância era, na verdade, uma pessoa, reconhecê-la como seu irmão? E se ele soubesse que bastava alcançar um óvulo para ficar tão descomunal e sólido quanto aquele colosso? Não era surpresa que eles lutassem.

* * *

Robert Stratton foi aprender nomenclatura no Trinity College, em Cambridge. Lá estudou textos cabalísticos escritos séculos antes, quando nomencladores ainda eram chamados de *ba'alei shem*, e autômatos eram chamados de golem, textos que estabeleciam os fundamentos da ciência dos nomes: o *Sefer Yetzirah*, o *Sodey Razaya*, de Eleazar de Worms, o *Hayyei ha-Olam ha-Ba*, de Abulafia. Posteriormente, estudou os tratados alquímicos que colocavam as técnicas de manipulação alfabética em um contexto filosófico e matemático mais amplo: o *Ars Magna*, de Llull, *De Occulta Philosophia*, de Agripa, e o *Monas Hieroglyphica*, de Dee.

Ele aprendeu que cada nome era uma combinação de vários epítetos, cada um designando um traço ou uma capacidade. Epítetos eram gerados pela compilação de todas as palavras que descreviam o traço desejado: cognatos e étimos, de línguas tanto vivas quanto extintas. Substituindo e permutando letras de modo seletivo, era possível destilar a essência comum dessas palavras, que era o epíteto para aquela característica. Em certas situações, os epítetos podiam ser usados como bases para triangulação, permitindo a inferência de epítetos para características não descritas em

nenhuma língua. O processo inteiro baseava-se tanto em intuição quanto em fórmulas: a capacidade de escolher as melhores permutas de letras não era uma habilidade que podia ser ensinada.

Ele estudou as técnicas modernas de integração e fatoração nominais. A primeira, o meio pelo qual um grupo de epítetos — essenciais e evocativos — era combinado em uma sequência de letras aparentemente aleatória que formava um nome; a partir da última, um nome era decomposto nos epítetos que o constituíam. Nem todo método de integração tinha uma técnica equivalente de fatoração: um nome poderoso podia ser fatorado várias vezes para fornecer um conjunto diferente dos epítetos usados para gerá-lo, e esses epítetos costumavam ser úteis por essa razão. Alguns nomes resistiam à fatoração, e nomencladores se esforçaram para desenvolver novas técnicas para acessar seus segredos.

A nomenclatura estava passando por uma espécie de revolução nessa época. Por muito tempo, houvera duas categorias de nomes: aqueles para animizar um corpo, e os que funcionavam como amuletos. Amuletos de saúde eram usados como proteção contra ferimentos ou doenças, enquanto outros tornavam uma casa resistente ao fogo ou diminuíam a propensão de um navio naufragar. Recentemente, entretanto, a distinção entre essas categorias de nomes começou a se tornar turva, com resultados empolgantes.

A recém-nascida ciência da termodinâmica, que estabelecia a interconversibilidade de calor e trabalho, explicara como autômatos obtinham seus poderes motores por meio da absorção do calor do ambiente. Usando essa compreensão melhorada do calor, um *Namenmeister* em Berlim desenvolvera uma nova classe de amuletos que fazia com que um corpo absorvesse calor de um local e o liberasse em outro. Com o uso desses amuletos, a refrigeração era mais simples e eficiente do que aquela baseada na evaporação de um fluido volátil, e teve imensa aplicação comercial. Da mesma forma, amuletos estavam facilitando o desenvolvimento de autômatos: a pesquisa de um nomenclador de Edimburgo sobre amuletos que impediam a perda de

objetos o havia levado a patentear um autômato doméstico para devolver objetos aos lugares corretos.

Depois de se formar, Stratton foi viver em Londres e conseguiu um emprego de nomenclador na fábrica Coade, uma das principais produtoras de autômatos na Inglaterra.

* * *

O autômato mais recente de Stratton, feito de gesso, o seguia quando ele entrou no prédio da fábrica. Era uma estrutura de alvenaria imensa com claraboias no teto; metade do prédio dedicava-se à fundição de metal, a outra metade à cerâmica. Nas duas seções, um caminho sinuoso conectava as várias salas, cada uma abrigando a etapa seguinte na transformação de matérias-primas em autômatos. Stratton e seu autômato entraram na seção de cerâmica.

Eles passaram por uma série de tonéis baixos onde a argila era misturada. Tonéis diferentes continham níveis variados de argila, indo do barro vermelho comum ao caulim fino e branco. Eles pareciam canecas enormes cheias de chocolate líquido ou creme de leite denso; só o odor forte mineral atrapalhava essa ilusão. As pás que mexiam a argila eram conectadas por engrenagens a um eixo motor, montado logo abaixo das claraboias, que cobria toda a extensão do ambiente. No fundo do salão, havia um motor autômato: um gigante de ferro fundido que girava a roda motriz sem parar. Ao passar por ali, Stratton podia detectar um leve frescor no ar quando o motor extraía calor do ambiente.

O salão seguinte abrigava as fôrmas para modelagem. Conchas brancas de aspecto gredoso com o formato invertido de autômatos variados estavam alinhadas junto às paredes. Na área central do salão, escultores experientes trajando guarda-pós trabalhavam sozinhos ou em duplas, cuidando dos casulos nos quais os autômatos eram produzidos.

Um escultor próximo a ele estava montando o molde para um modelo de transporte, um quadrúpede de cabeça larga usado nas minas para empurrar carrinhos de pedra. O rapaz ergueu os olhos de seu trabalho.

— O senhor está procurando por alguém? — perguntou.

— Estou aqui para me encontrar com o mestre Willoughby — respondeu Stratton.

— Perdão, eu não sabia. Ele deve chegar em breve.

O artífice voltou à sua tarefa.

Harold Willoughby era um mestre escultor de primeiro nível; Stratton queria consultá-lo sobre o projeto de um molde reutilizável para produzir seu autômato. Enquanto esperava, Stratton caminhou distraidamente em meio aos moldes. Seu autômato aguardava imóvel a ordem seguinte.

Willoughby entrou pela porta que dava na oficina que trabalhava com metal, o rosto corado devido ao calor da fundição.

— Minhas desculpas pelo atraso, Sr. Stratton — disse ele. — Há algumas semanas estamos trabalhando em um bronze enorme, e hoje foi a fundição. Não se pode deixar os rapazes sozinhos num momento desses.

— Entendo perfeitamente — respondeu Stratton.

Sem perder tempo, Willoughby caminhou até o autômato novo e perguntou:

— Foi isso que você encarregou Moore de fazer por todos esses meses?

Moore era o artífice que ajudava Stratton em seu projeto.

Stratton assentiu.

— O garoto fez um bom trabalho.

Seguindo as solicitações de Stratton, Moore produzira uma infinidade de corpos, sendo que todos eram variações de um tema básico, aplicando argila de modelagem a uma armação. Depois, ele os usava para criar moldes de gesso nos quais Stratton podia testar seus nomes.

Willoughby inspecionou o corpo.

— Alguns belos detalhes; parece bem natural... espere um instante. — Ele apontou para as mãos do autômato: em vez da pá costumeira ou do desenho de luvas cujos dedos eram apenas sugeridos por sulcos na superfície, aquelas eram completamente formadas, cada uma com cinco dedos distintos e separados. — Eles são funcionais?

— São, sim.

O ceticismo de Willoughby era claro.

— Mostre-me.

Stratton se dirigiu ao autômato:

— Flexione os dedos.

O autômato estendeu as mãos, flexionou e esticou dois dedos de uma vez. Em seguida, retornou o braço à lateral do corpo.

— Eu o parabenizo, Sr. Stratton — disse o escultor. Ele se agachou para examinar o autômato mais de perto. — Os dedos precisam ser dobráveis em todas as juntas para o nome funcionar?

— Isso mesmo. O senhor pode projetar um molde para esse formato?

Willoughby fez um som de desaprovação.

— Vai ser um trabalho complicado — respondeu ele. — Talvez precisemos usar um molde descartável para cada modelagem. Mesmo com um molde reutilizável, eles seriam caros para cerâmica.

— Acho que o resultado vai compensar a despesa. Permita-me demonstrar. — Stratton se dirigiu ao autômato. — Modele um corpo; use aquele molde ali.

O autômato caminhou até uma parede próxima e pegou as peças do molde que Stratton havia indicado; era o molde para um pequeno mensageiro de porcelana. Vários trabalhadores pararam o que estavam fazendo para ver o autômato levar as peças até uma estação de trabalho. Lá, ele juntou as várias partes e as prendeu com firmeza com cordas. O espanto dos escultores era visível enquanto observavam os dedos do autômato trabalharem, enrolando e entrelaçando as pontas soltas do cordel em um nó. Então, o autômato botou o molde montado de pé e saiu para buscar um cântaro com argila fundente.

— Já é suficiente — disse Willoughby.

O autômato parou seu trabalho e reassumiu a postura original. Ao examinar o molde, Willoughby perguntou:

— Você mesmo o treinou?

— Treinei. Espero que Moore o treine em fundição de metal.

— Você tem nomes que podem aprender outras tarefas?

— Ainda não. Entretanto, a razão leva a crer que exista toda uma classe de nomenclaturas similares, uma para cada tipo de habilidade que exija

destreza manual.

— É mesmo? — Willoughby percebeu os outros escultores observando e exclamou: — Se vocês não têm nada para fazer, posso arranjar alguma coisa! — Os artífices rapidamente retomaram seus trabalhos. Willoughby voltou-se de novo para Stratton: — Vamos até seu escritório para falar mais sobre isso.

— Está bem.

Stratton fez com que o autômato seguisse os dois de volta à parte da frente do complexo de prédios interligados da fábrica Coade. Eles entraram no estúdio de Stratton, que ficava situado atrás de seu escritório propriamente dito.

Depois de entrarem, Stratton se dirigiu ao escultor:

— O senhor tem alguma objeção ao meu autômato?

Willoughby olhou para um par de mãos de argila montado em uma bancada de trabalho. Atrás da mesa, vários desenhos e esquemas que exibiam mãos em diversas posições foram afixados na parede.

— Você fez um trabalho admirável em copiar a mão humana. Entretanto, estou preocupado que a primeira habilidade para a qual você treinou seu autômato tenha sido a escultura.

— Se tem receio de que eu esteja tentando substituir escultores, fique sossegado. Este não é meu objetivo.

— Tranquiliza-me ouvir isso — respondeu Willoughby. — Por que você escolheu a escultura, então?

— É o primeiro passo de um caminho um tanto sinuoso. Meu objetivo final é permitir que artefatos autômatos sejam produzidos a custo tão baixo que a maioria das famílias possa ter um.

A confusão de Willoughby era aparente.

— Como uma família faria uso de um autômato?

— Para operar um tear motorizado, por exemplo.

— Do que está falando?

— O senhor já viu crianças empregadas em uma tecelagem? Elas trabalham até a exaustão; e os pulmões delas ficam entupidos com resíduos de algodão; ficam tão doentes que mal chegam à vida adulta. Roupas

baratas são compradas ao preço da saúde de nossos trabalhadores. Os tecelões estavam em situação muito melhor quando a produção têxtil era uma indústria doméstica.

— Teares mecânicos foram os responsáveis por expulsar os tecelões do ambiente doméstico. Como estes engenhos poderiam levá-los de volta?

Stratton não tinha falado sobre aquilo antes e aproveitou a oportunidade para explicar.

— O custo de artefatos autômatos sempre foi alto, e por isso temos indústrias em que vários teares são acionados por um Golias imenso movido a vapor. Porém, um autômato como o meu poderia produzir artefatos a um preço muito baixo. Se um pequeno artefato autômato, apropriado para acionar algumas máquinas, tornar-se acessível a um tecelão e a sua família, então eles poderiam produzir roupas nas próprias casas como faziam antes. As pessoas poderiam ter uma renda decente sem se submeter às condições da fábrica.

— Você se esquece do custo do próprio tear — disse com delicadeza Willoughby, como se quisesse debochar dele. — Teares mecânicos são consideravelmente mais caros que os teares manuais antigos.

— Meus autômatos também poderiam auxiliar na produção de peças de ferro fundido, o que iria reduzir o preço dos teares mecânicos e outras máquinas. Isso não é uma panaceia, eu sei, mas, ainda assim, estou convencido de que máquinas baratas oferecem a chance de uma vida melhor para o artesão individual.

— Você merece crédito por seu desejo de mudanças. Entretanto, deixe-me sugerir que há curas mais simples para as enfermidades sociais que cita: uma redução nas horas de trabalho ou a melhoria das condições das fábricas. Você não precisa romper com todo sistema de manufatura.

— O que proponho é mais uma restauração do que uma ruptura, creio.

Willoughby ficou exasperado.

— Esta conversa de voltar a uma economia familiar é muito bonita, mas o que iria acontecer com os escultores? Apesar de suas intenções, seus autômatos iriam deixar os escultores sem trabalho. Esses são homens que

passaram por anos de aprendizado e treinamento. Como eles iriam alimentar suas famílias?

Stratton não estava preparado para a rispidez do tom de voz de Willoughby.

— O senhor superestima minhas habilidades de nomenclador — disse ele, tentando aliviar a tensão.

O escultor permaneceu sério.

— As capacidades de aprendizado desses autômatos são extremamente limitadas. Eles podem manipular moldes, mas jamais poderiam criá-los: o verdadeiro ofício da escultura só pode ser desempenhado por escultores. Antes de nosso encontro, o senhor tinha acabado de orientar vários artífices na fundição de um grande autômato de bronze; autômatos jamais conseguiriam trabalhar juntos de forma tão coordenada. Eles vão desempenhar apenas tarefas mecânicas.

— Que tipo de escultores teríamos se eles passarem o período de aprendizado observando autômatos fazer o trabalho por eles? Não quero uma profissão venerável reduzida a uma performance de marionetes.

— Não é isso o que iria acontecer — disse Stratton, agora ficando irritado. — Contudo, analise o que o senhor mesmo está dizendo: o status que deseja que sua profissão mantenha é exatamente o que os tecelões foram levados a perder. Acredito que esses autômatos podem ajudar a restaurar a dignidade de outras profissões, e sem grande custo para a sua.

Willoughby não parecia escutá-lo.

— A própria ideia de autômatos fazerem autômatos! Essa sugestão não é apenas insultuosa, parece propícia para uma calamidade. Você conhece uma história em que vassouras carregam baldes e ficam alucinadas?

— Está falando de "O aprendiz de feiticeiro"? — perguntou Stratton. — A comparação é absurda. Esses autômatos estão tão longe de ter condições de se reproduzirem sem a participação humana. Não sei nem por onde começar a enumerar as objeções. É mais fácil um urso dançarino se apresentar no London Ballet.

— Se você resolvesse desenvolver um autômato que pudesse dançar balé, daria meu total apoio à empreitada. Entretanto, você não pode

continuar a produzir esses autômatos habilidosos.

— Desculpe-me, senhor, mas não sou guiado por suas opiniões.

— Você vai achar difícil trabalhar sem a cooperação dos escultores. Vou requisitar Moore de volta e proibir todos os outros artífices de lhe ajudarem de qualquer forma nesse projeto.

Por um momento, Stratton ficou surpreso.

— Sua reação é completamente irracional.

— Pois acho completamente apropriada.

— Nesse caso, vou trabalhar com escultores de outra fábrica.

Willoughby franziu a testa.

— Vou falar com o chefe da Irmandade de Escultores e recomendar que ele proíba todos os membros de modelarem seus autômatos.

Stratton podia sentir o sangue ferver.

— Não vou ser intimidado — afirmou ele. — Faça o que quiser, mas o senhor não pode me impedir de tentar.

— Acho que nossa conversa terminou. — Willoughby caminhou até a porta. — Tenha um bom dia, Sr. Stratton.

— Igualmente para o senhor — respondeu Stratton com clara irritação.

* * *

No dia seguinte, Stratton estava fazendo sua caminhada de almoço pelo bairro de Lambeth, onde ficava localizada a fábrica Coade. Depois de algumas quadras, ele parou no mercado local; às vezes, entre as cestas de enguias serpenteantes e toalhas estendidas cheias de relógios de pulso baratos, havia bonecos autômatos, e Stratton mantinha desde a infância um desejo de procurar modelos mais novos. Hoje ele percebeu um novo par de bonecos boxeadores, pintados para parecerem um explorador e um selvagem. Enquanto os observava, pôde ouvir vendedores de curas milagrosas competindo pela atenção de um passante com o nariz escorrendo.

— Vejo que teve problemas com seu amuleto de saúde, senhor — disse um homem cuja bancada estava repleta de pequenas latas quadradas. —

Seu remédio está nos poderes curativos do magnetismo, concentrados nos tabletes polarizadores do Dr. Sedgewick!

— Bobagem! — respondeu uma velha. — O senhor precisa é de tintura de mandrágora, de eficiência comprovada! — Ela estendeu um frasco com líquido transparente. — O corpo do cachorro ainda estava quente quando este extrato foi preparado! Não há nada mais poderoso.

Como não via outros bonecos novos, Stratton saiu do mercado e continuou andando, seus pensamentos voltando ao que Willoughby dissera na véspera. Sem a cooperação do sindicato dos escultores, ele teria que utilizar escultores independentes. Stratton nunca havia trabalhado com aqueles indivíduos antes, e seria necessária alguma investigação: aparentemente, eles moldavam corpos apenas para usos com nomes de domínio público, mas, para certos indivíduos, essas atividades disfarçavam infrações claras de patente e pirataria, e qualquer associação com eles iria denegrir para sempre sua reputação.

— Sr. Stratton.

Ele ergueu o olhar. Um homem pequeno e magro, com roupas simples, estava parado à sua frente.

— Pois não. Eu o conheço?

— Não, senhor. Meu nome é Davies. Estou a serviço de lorde Fieldhurst. — Ele entregou um cartão a Stratton com o brasão do cavalheiro.

Edward Maitland, terceiro conde de Fieldhurst e famoso zoólogo e especialista em anatomia comparada, era presidente da Real Sociedade de Londres. Stratton o ouvira falar durante reuniões da Real Sociedade, mas nunca haviam sido apresentados.

— O que posso fazer pelo senhor?

— Lorde Fieldhurst gostaria de falar com o senhor, assim que lhe for conveniente, em relação ao seu trabalho recente.

Stratton se perguntou como o conde soubera de seu projeto.

— Por que não me procuraram em meu escritório?

— Lorde Fieldhurst prefere privacidade neste assunto.

Stratton ergueu as sobrancelhas, mas Davies não explicou mais nada.

— O senhor está disponível esta noite?

Era um convite inusitado, mas ainda assim uma honra.

— Sem dúvida. Por favor, informe a lorde Fieldhurst que será um prazer.

— Uma carruagem estará diante de seu prédio esta noite às oito.

Davies ajeitou o chapéu e foi embora.

Na hora combinada, Davies chegou com a carruagem. Era um veículo luxuoso, com interior de mogno laqueado, latão polido e veludo franzido. Da mesma forma, o trator que a puxava era caro, um corcel moldado em bronze que não precisava de condutor para destinos familiares.

Davies educadamente se recusou a responder qualquer pergunta durante o trajeto. Era óbvio que ele não era um criado nem um secretário, mas Stratton não conseguia definir que tipo de empregado era. A carruagem os levou para fora de Londres, para o campo, até Darrington Hall, uma das residências pertencentes à linhagem Fieldhurst.

Depois de entrarem na casa, Davies conduziu Stratton pelo vestíbulo e, em seguida, o levou a um estúdio elegantemente mobiliado. Ele fechou as portas sem entrar no cômodo e se retirou.

Sentado à escrivaninha no interior do estúdio havia um homem de peito largo usando casaco e gravata de seda; suas bochechas amplas e com muitos vincos eram emolduradas por suíças fartas e grisalhas. Stratton o reconheceu na mesma hora.

— Lorde Fieldhurst, é uma honra.

— É um prazer conhecê-lo, Sr. Stratton. O senhor tem feito um trabalho excelente nos últimos tempos.

— O lorde é muito gentil. Não tinha percebido que meu trabalho havia se tornado conhecido.

— Eu faço um esforço para acompanhar essas coisas. Por favor, conte-me o que o motivou a desenvolver tais autômatos.

Stratton explicou seus planos para criar artefatos acessíveis. Fieldhurst escutou com interesse, de vez em quando oferecendo sugestões convincentes.

— É um objetivo admirável — disse ele, balançando a cabeça em aprovação. — Fico satisfeito por descobrir que o senhor tem motivações filantrópicas, porque eu gostaria de pedir sua assistência em um projeto que estou comandando.

— Será um privilégio poder ajudá-lo de todas as formas que forem possíveis.

— Obrigado. — A expressão de Fieldhurst ficou solene. — Esta é uma questão de suma importância. Antes que eu prossiga, preciso que me dê sua palavra de que vai manter tudo que eu lhe revelar sob o maior sigilo.

Stratton encarou o conde.

— Por minha honra de cavalheiro, prometo que não divulgarei nada que o lorde relatar a mim.

— Obrigado, Sr. Stratton. Por favor, venha por aqui.

Fieldhurst abriu uma porta ao fundo do estúdio e eles desceram por um corredor curto. Ao final do corredor, havia um laboratório; uma bancada comprida e escrupulosamente limpa abrigava diversas estações de trabalho, cada uma delas consistindo de um microscópio e algum tipo de estrutura de metal, equipada com três engrenagens denteadas perpendiculares umas às outras para fazer ajustes precisos. Um senhor de idade observava algo no microscópio da estação de trabalho mais distante. Ele ergueu os olhos quando eles entraram.

— Sr. Stratton, imagino que conheça o Dr. Ashbourne.

Stratton, pego de surpresa, ficou sem fala por um momento. Nicholas Ashbourne fora professor em Trinity College quando ele estudou lá, mas deixara a instituição anos atrás para se dedicar a pesquisar assuntos de, dizia-se, natureza não ortodoxa. Stratton se lembrava dele como um de seus professores mais entusiasmados. De alguma forma, a idade estreitara seu rosto, fazendo com que sua testa parecesse ainda mais proeminente, mas seus olhos estavam brilhantes e alertas como sempre. Ele se aproximou com a ajuda de uma bengala entalhada em marfim.

— Stratton, é bom vê-lo de novo.

— O senhor também. Eu realmente não esperava encontrá-lo aqui.

— Esta vai ser uma noite cheia de surpresas, meu rapaz. Prepare-se. — Ele se voltou para Fieldhurst. — O senhor gostaria de começar?

Eles seguiram Fieldhurst até o ponto mais ao fundo do laboratório, onde o conde abriu outra porta e os conduziu por um lance de escada.

— Só um número pequeno de indivíduos, colegas da Real Sociedade de Londres, membros do Parlamento, ou ambos, estão a par desta questão. Há cinco anos, fui contatado em segredo pela Académie des Sciences em Paris. Eles queriam que cientistas ingleses confirmassem certas descobertas experimentais que fizeram.

— É mesmo?

— Pode-se imaginar a relutância deles. Entretanto, sentiram que a questão superava quaisquer rivalidades nacionais. Depois que entendi a situação, concordei.

Os três desceram até um porão. Luminárias a gás ao longo das paredes forneciam iluminação, revelando o tamanho considerável do lugar; o interior era pontuado por uma série de pilares de pedra que se erguiam para formar abóbodas de arestas. O porão comprido continha fileira após fileira de bancadas de madeira grandes e pesadas, cada uma sustentando um tanque aproximadamente do tamanho de uma banheira. Os tanques eram feitos de zinco e equipados com janelas de vidro laminado em todos os lados, revelando um fluido claro e de leve tom cor de palha.

Stratton olhou para o tanque mais próximo. Havia uma turvação flutuando no centro dele, como se parte do líquido tivesse coagulado em uma massa gelatinosa. Era difícil distinguir entre as características da massa e os matizes das sombras projetadas no fundo do tanque, de modo que ele se moveu para outro lado do tanque e se agachou para ver a massa diretamente contra a chama de uma luminária a gás. Foi quando o coágulo assumiu a figura fantasmagórica de um homem, claro como gelatina, enrolado em posição fetal.

— Incrível — murmurou Stratton.

— Nós o chamamos de um megafeto — explicou Fieldhurst.

— Isso cresceu de um espermatozoide? Deve ter levado décadas.

— Não levou, o que é ainda mais impressionante. Há alguns anos, dois naturalistas parisienses chamados Dubuisson e Gille desenvolveram um método de induzir crescimento hipertrófico em fetos espermáticos. A infusão rápida de nutrientes permite que um feto alcance esse tamanho em duas semanas.

Virando a cabeça de um lado para o outro, ele conseguiu ver diferenças sutis na maneira como a luz refratava, indicando os limites dos órgãos internos do megafeto.

— A criatura... está viva?

— Apenas de uma maneira inanimada, como um espermatozoide. Nenhum processo artificial pode substituir a gestação; é o princípio vital dentro do óvulo que acelera o feto e a influência materna que o transforma em uma pessoa. Tudo o que fizemos foi efetivar um amadurecimento em tamanho e escala. — Fieldhurst gesticulou na direção do megafeto. — A influência materna também fornece pigmentação e todas as características físicas diferenciadoras. Nossos megafetos não têm característica alguma além do sexo. Todo macho tem a aparência genérica que você vê aqui, e também todas as fêmeas são iguais entre si. Em cada sexo, é impossível distinguir um do outro por exame físico, não importa o quanto os pais tenham sido diferentes; só a manutenção de registros rigorosos nos permite identificar cada megafeto.

Stratton se reergueu.

— Então qual a intenção do experimento, se não a de desenvolver um útero artificial?

— Testar a noção de fixidez das espécies. — Ao se dar conta de que Stratton não era um zoólogo, o conde explicou melhor. — Se os fabricantes de lentes conseguissem construir microscópios de poder de aumento ilimitado, biólogos poderiam analisar as gerações futuras, bastando examinar os espermatozoides já contidos nos fetos espermáticos masculinos de qualquer espécie. Assim, poderiam averiguar se sua aparência permaneceria fixa ou se mudaria para dar origem a uma nova espécie. Nesse caso, eles também poderiam determinar se a transição ocorre de forma gradual ou abrupta.

“Entretanto, o poder de ampliação de qualquer instrumento ótico é limitado pela aberração cromática. Por essa impossibilidade de aumentar o poder das lentes, os *messieurs* Dubuisson e Gille chegaram à ideia de aumentar artificialmente o tamanho dos próprios fetos. Quando um feto alcança o tamanho de um adulto, é possível extrair dele um espermatozoide, que conterá um feto espermático da geração seguinte, o qual poderá ser ampliado da mesma maneira.

Fieldhurst se aproximou da bancada seguinte na fileira e apontou para o tanque sobre ela.

“A repetição do processo nos permite examinar gerações ainda não nascidas de quaisquer espécies.”

Stratton olhou em torno da sala. As fileiras de tanques assumiram um novo significado.

— Então eles comprimiram o intervalo entre “nascimentos” para obter uma visão preliminar de nosso futuro genealógico? — perguntou Stratton.

— Exatamente.

— Muito ousado! E quais foram os resultados?

— Testaram muitas espécies de animais, mas nunca observaram nenhuma mudança na forma. Entretanto, obtiveram resultados peculiares quando trabalharam com fetos espermáticos humanos. Depois de não mais que cinco gerações, os fetos espermáticos masculinos não tinham mais espermatozoides, e os femininos não tinham mais óvulos. A linha terminava em uma geração estéril.

— Imagino que isso não tenha sido totalmente inesperado — disse Stratton, olhando para a forma gelatinosa. — Cada repetição deve atenuar mais alguma essência nos organismos. Era apenas lógico que, em algum ponto, a descendência se tornasse tão débil que o processo falharia.

— Essa também foi a suposição inicial de Dubuisson e Gille — concordou o conde. — Então, eles procuraram aperfeiçoar sua técnica. Entretanto, não conseguiram encontrar diferença entre megafetos de gerações sucessivas em termos de tamanho e vitalidade. Tampouco havia qualquer declínio no número de espermatozoides ou de óvulos; a

penúltima geração era tão fértil quanto a primeira. A transição para a esterilidade foi abrupta.

"Eles também encontraram outra anomalia: enquanto alguns espermatozoides produziam apenas quatro gerações ou menos, variações ocorriam apenas entre amostras, e nunca dentro da mesma. Eles avaliaram amostras de pais e filhos doadores, e nesses casos, o espermatozoide do pai produziu exatamente uma geração a mais do que os do filho. E, pelo que sei, alguns doadores eram indivíduos idosos. Suas amostras apresentavam pouquíssimos espermatozoides. Ainda assim, continham uma geração a mais do que a de seus filhos no auge da vida. O poder progenitor do esperma não tinha correlação com a saúde ou com o vigor do doador; em vez disso, estava relacionado com a geração à qual pertencia o doador.

Fieldhurst fez uma pausa e olhou com seriedade para Stratton.

— Foi nesse ponto que a Académie entrou em contato comigo para ver se a Real Sociedade podia compartilhar suas descobertas. Juntos, obtivemos os mesmos resultados utilizando amostras coletadas de pessoas tão variadas quanto os lapões e os hotentotes. Nós concordamos com as implicações dessas descobertas: que a espécie humana tem a capacidade para existir por apenas um número fixo de gerações, e estamos a cinco gerações da última.

* * *

Stratton se virou para Ashbourne, com uma ponta de esperança de que ele confessasse ser tudo uma fraude elaborada, mas o nomenclador idoso parecia totalmente solene. Stratton olhou outra vez para o megafeto e franziu o cenho, absorvendo o que ouvira.

— Se essa interpretação estiver correta, outras espécies devem estar sujeitas a uma limitação similar. Ainda assim, pelo que sei, a extinção de uma espécie nunca foi observada.

Fieldhurst assentiu.

— É verdade. Entretanto, temos provas no registro fóssil que sugerem que espécies se mantêm inalteradas por um período de tempo, depois são

abruptamente substituídas por novas formas. Os catastrofistas afirmam que perturbações violentas provocaram a extinção das espécies. Com base no que descobrimos em relação à pré-formação, agora parece que extinções são apenas o resultado de uma espécie chegar ao fim do próprio tempo de existência. São mortes naturais, não acidentais, pode-se dizer assim. — Ele gesticulou na direção da porta pela qual tinham entrado. — Vamos subir outra vez?

Seguindo os outros homens, Stratton perguntou:

— E a origem de novas espécies? Se elas não nascem de espécies existentes, surgem de modo espontâneo?

— Isso ainda não é certo. Em geral, apenas os animais mais simples surgem por geração espontânea: gusanos e outras criaturas vermiformes, tipicamente sob a influência do calor. Os acontecimentos postulados pelos catastrofistas (enchentes, erupções vulcânicas, o impacto de cometas) resultariam na liberação de energias enormes. Talvez tais energias afetem a matéria de forma tão profunda que alcance alguns poucos progenitores, provocando a geração espontânea de uma nova raça inteira de organismos. Se assim for, os cataclismos não são responsáveis por extinções em massa, em vez disso, geram novas espécies em seu rastro.

De volta ao laboratório, os dois homens mais velhos sentaram-se nas cadeiras mais próximas. Agitado demais para acompanhá-los, Stratton permaneceu de pé.

— Se alguma espécie animal foi criada pelo mesmo cataclismo que a espécie humana, ela deveria, da mesma forma, estar perto do fim de sua expectativa de vida. Encontraram alguma outra espécie que apresente uma geração derradeira?

Fieldhurst negou com um meneio de cabeça.

— Ainda não. Acreditamos que outras espécies têm datas distintas de extinção, correlacionadas à complexidade biológica do animal; ao que tudo indica, humanos têm o organismo mais complexo, e talvez menos gerações de organismos tão complexos assim possam ser geradas dentro de um espermatozoide.

— Pelo mesmo raciocínio, talvez a complexidade do organismo humano o torne inapropriado para o processo de crescimento artificialmente acelerado — rebateu Stratton. — Talvez tenham sido descobertos os limites do processo, não da espécie.

— Uma observação astuta, Sr. Stratton. Experimentos continuam com espécies mais semelhantes ao ser humano, como chimpanzés e orangotangos. Entretanto, a resposta inequívoca a essa questão pode levar anos, e se nossa interpretação estiver correta, não podemos nos dar ao luxo de perder esse tempo na espera de confirmação. Precisamos preparar um plano de ação agora mesmo.

— Mas cinco gerações podem levar mais de um século...

Ele se viu envergonhado por não ter levado em conta o óbvio: nem todas as pessoas se tornavam pais na mesma idade.

Fieldhurst leu sua expressão.

— Você percebe por que nem todas as amostras de esperma dos doadores da mesma idade produzem o mesmo número de gerações: algumas linhagens estão se aproximando do fim mais rápido que as outras. Para uma linhagem na qual os homens consistentemente foram pais mais tarde na vida, cinco gerações podem representar duzentos anos de fertilidade, mas sem dúvida há linhagens que já chegaram ao fim.

Stratton imaginou as consequências disso.

— A perda de fertilidade vai se tornar cada vez mais visível para a população geral com o passar do tempo. Pode surgir pânico bem antes que o fim de fato chegue.

— Exatamente, e revoltas poderiam extinguir nossa espécie com a mesma eficiência que o esgotamento das gerações. Portanto, o tempo é essencial.

— Que solução o senhor propõe?

— Deixarei que o Dr. Ashbourne explique melhor — respondeu o conde.

Ashbourne se levantou e instintivamente adotou a postura de professor.

— Você lembra por que todas as tentativas de se produzirem autômatos de madeira foram abandonadas?

Stratton foi surpreendido pela pergunta.

— Acreditava-se que o veio natural da madeira implicava uma espécie de conflito com o que entalhássemos nela. Atualmente, há tentativas de se usar borracha como material de modelagem, mas nenhuma obteve sucesso.

— Isso mesmo. No entanto, se a forma natural da madeira fosse o único obstáculo, não seria possível animizar um cadáver animal com um nome? Nesse caso, a forma do corpo seria ideal.

— É uma noção macabra. Não consigo imaginar a chance de sucesso de tal experimento. Isso já foi tentado?

— Na verdade, sim; também sem sucesso. Então essas duas oportunidades diferentes de pesquisa se revelaram infrutíferas. Isso significa que não há como se animar matéria orgânica usando nomes? A busca pela resposta dessa questão foi o motivo de eu ter abandonado o Trinity.

— E o que o senhor descobriu?

Ashbourne rechaçou a pergunta com um aceno da mão.

— Primeiro, vamos discutir termodinâmica. Você está a par dos últimos desenvolvimentos? Então sabe que a dissipação de calor reflete uma desordem em nível térmico. De modo inverso, quando um autômato concentra o calor de seu ambiente para desempenhar trabalho, ele aumenta a ordem. Isso confirma uma antiga crença minha de que a ordem léxica induz a ordem termodinâmica. A ordem léxica de um amuleto reforça a ordem que um corpo já possui, fornecendo assim proteção contra danos. A ordem léxica de um nome de animização aumenta a ordem de um corpo, dando, como resultado, mais poder para um autômato.

"A questão seguinte era: qual seria o reflexo de um aumento de ordem na matéria orgânica? Como nomes não animam tecido morto, obviamente matéria orgânica não responde a nível termal. Contudo, talvez ela possa ser ordenada em outro nível. Considere o seguinte: um novilho pode ser reduzido a um barril de caldo gelatinoso. O caldo reúne o mesmo material do novilho, mas qual incorpora maior quantidade de ordem?

— O novilho, é claro — respondeu Stratton, assombrado.

— Sim. Um organismo, em virtude de sua estrutura física, incorpora ordem; quanto mais complexo o organismo, maior a quantidade de ordem. Minha hipótese era que o indício do aumento de ordem na matéria orgânica surgiria ao dar forma a ela. Entretanto, a maior parte da matéria viva já assumiu sua forma ideal. A questão é: e o que tem vida, mas não tem forma?

O nomenclador idoso não esperou por uma resposta.

— A resposta é um óvulo não fertilizado. O óvulo contém o princípio vital que animiza a criatura à qual ele, no fim, dá origem, mas ele, em si, não tem forma. Comumente, o óvulo incorpora a forma do feto comprimido no interior do espermatozoide que o fertiliza. O passo seguinte era óbvio.

O professor esperou, olhando com expectativa para Stratton.

O homem mais novo estava perdido. Ashbourne pareceu decepcionado e prosseguiu.

— O passo seguinte era induzir artificialmente o crescimento de um embrião, a partir da aplicação de um nome a um óvulo.

— Mas se o óvulo não foi fertilizado, não há estrutura preexistente para ampliar — objetou Stratton.

— Exato.

— O senhor quer dizer que iria surgir uma estrutura a partir de um composto homogêneo? Impossível.

— Ainda assim, foi meu objetivo por vários anos confirmar essa hipótese. Minha primeira experiência consistiu em aplicar um nome a ovos de sapo não fertilizados.

— Como o senhor inseriu um nome em um ovo de sapo?

— O nome não é inserido; na verdade, é impresso por meio de uma agulha especialmente fabricada.

Ashbourne abriu um armário que havia sobre a bancada entre duas áreas de trabalho com microscópios. Em seu interior, havia prateleiras de madeira cheias de pequenos instrumentos arrumados em pares. Cada um tinha na extremidade uma agulha comprida de vidro; em alguns pares, elas eram tão grossas quanto agulhas de tricô, em outros, tão finas quanto as

hipodérmicas. Ele pegou uma do par maior e a entregou para que Stratton a examinasse. A agulha de vidro não era transparente, em vez disso, parecia conter uma espécie de núcleo escuro.

Ashbourne explicou:

— Pode parecer alguma espécie de instrumento médico, mas na verdade é um veículo para um nome, da mesma forma que o mais convencional pedaço de pergaminho. Aliás, ele exige muito mais esforço para ser feito do que levar a caneta ao pergaminho. Para criar uma agulha dessas, é preciso primeiro dispor de fios delgados de vidro negro em meio a um feixe de fios de vidro transparente, de modo que o nome fique legível quando visto da extremidade. Os fios, então, são fundidos em uma haste sólida, e a haste é esticada em um fio ainda mais fino. Um vidreiro habilidoso pode manter todos os detalhes do nome, não importa a finura com que fique o fio. No fim, obtém-se uma agulha com o nome em corte transversal.

— Como o senhor gerou o nome que usou?

— Podemos discutir isso mais a fundo depois. Para os propósitos de nossa discussão atual, a única informação relevante é que incorporei o epíteto sexual. Está familiarizado com ele?

— Sei o que é. — Aquele era um dos únicos epítetos dimórficos, tendo variantes masculina e feminina.

— Precisei de duas versões do nome, é óbvio, para induzir tanto a geração de machos quanto a de fêmeas — disse ele, indicando o arranjo de agulhas em pares no armário.

Stratton viu que a agulha podia ser presa na estrutura de metal com sua ponta próxima da lâmina sob o microscópio; as rodas dentadas provavelmente eram usadas para fazer com que a agulha entrasse em contato com um óvulo. Ele guardou o instrumento.

— O senhor disse que o nome não é inserido, mas gravado. Quer dizer que basta tocar o ovo de sapo com a agulha? Remover o nome não acaba com sua influência?

— Não. O nome ativa um processo no óvulo que não pode ser revertido. O contato prolongado com a nomenclatura não tem efeito

diferente.

— E o óvulo produziu um girino?

— Não com os primeiros nomes testados; o único resultado foi o surgimento de involuções simétricas na superfície do óvulo. Porém, ao incorporar epítetos diferentes, consegui induzir o óvulo a adotar formas diferentes, algumas delas tinham a aparência de sapos embrionários. Com o tempo, descobri um nome que o fazia não apenas assumir a forma de um girino, mas também amadurecer e chocar. O girino nascido dessa forma cresceu e se transformou em um sapo sem qualquer diferença de nenhum outro membro da espécie.

— O senhor encontrou um aptônimo para aquela espécie de sapo — concluiu Stratton.

Ashbourne sorriu.

— Como esse método de reprodução não envolve intercurso sexual, eu o chamei de "partenogênese".

O homem mais novo olhou para ele e para Fieldhurst.

— A solução que os senhores propõem está clara. A conclusão lógica dessa pesquisa é descobrir um aptônimo para a espécie humana. Os senhores desejam que a humanidade se perpetue através da nomenclatura.

— Você acha a perspectiva perturbadora — disse Fieldhurst. — Isso é esperado: o Dr. Ashbourne e eu mesmo, a princípio, nos sentimos da mesma maneira, assim como todo mundo que considerou a possibilidade. Ninguém gosta da perspectiva de humanos sendo concebidos artificialmente. Contudo, o senhor tem uma alternativa a oferecer? — Stratton permaneceu em silêncio, e Fieldhurst prosseguiu. — Todos os que sabem do trabalho do Dr. Ashbourne e de Dubuisson e Gille concordam: não há outra solução.

Stratton lembrou a si mesmo de manter a atitude imparcial de um cientista.

— Como exatamente vocês veem que este nome pode ser usado? — perguntou ele.

Ashbourne respondeu:

— Quando um marido for incapaz de engravidar a esposa, eles vão buscar a ajuda de um médico. O médico vai coletar e separar o óvulo da mulher e gravar o nome sobre ele. Em seguida, vai reintroduzi-lo no útero.

— Uma criança nascida por esse método não teria pai biológico, certo?

— Verdade, a contribuição biológica do pai é mínima. No entanto, a mãe vai considerar o marido como pai da criança, então sua mente vai transmitir uma combinação da aparência e da personalidade dela e do marido ao feto. Isso continuará da mesma forma. E não preciso mencionar que a impressão do nome não será disponibilizada para mulheres solteiras.

— O senhor acredita que esse experimento vai resultar em crianças bem-formadas? — perguntou Stratton. — Tenho certeza de que sabe a que me refiro.

Todos sabiam da tentativa desastrosa no século anterior de criar crianças aperfeiçoadas enfeitiçando mulheres durante a gravidez.

Ashbourne assentiu.

— Temos sorte de o óvulo ser bem criterioso em relação ao que aceita. O conjunto de aptônimos de qualquer espécie de organismo é muito pequeno; se a ordem léxica do nome gravado não for um equivalente próximo da ordem estrutural daquela espécie, o feto resultante não se desenvolverá. Isso não exclui a necessidade de a mãe manter a mente tranquila durante a gravidez; a impressão de um nome não pode protegê-lo contra a agitação maternal. Porém, a seletividade do óvulo nos fornece segurança de que qualquer feto induzido será bem-formado em todo aspecto, menos o já antecipado.

Stratton ficou alarmado.

— E que aspecto é esse?

— Você não consegue adivinhar? A única incapacidade de sapos criados por impressão de nomes estava nos machos: eles eram estéreis, pois seus espermatozoides não traziam nenhum feto pré-formado em seu interior. Em comparação, as sapas eram férteis: seus óvulos podiam ser fertilizados da maneira convencional ou repetindo a gravação com o nome.

O alívio de Stratton foi considerável.

— Então a variação masculina do nome era imperfeita. Supostamente, havia mais diferenças entre as variantes masculina e feminina do que simplesmente o epíteto sexual.

— Apenas se considerarmos a variante masculina imperfeita — respondeu Ashbourne. — O que não é o caso. Pense nisso: um homem fértil e uma mulher fértil podem parecer equivalentes, mas são radicalmente diferentes no nível de complexidade exemplificado. Uma mulher com um óvulo viável permanece um organismo isolado, enquanto um homem com espermatozoides viáveis na verdade forma muitos organismos: um pai e todos os seus filhos em potencial. Sob essa luz, as variantes masculina e feminina do nome são bem equivalentes em suas ações: ambas induzem o organismo ovular isolado a gerar um feto, mas apenas um organismo isolado do sexo feminino é fértil.

— Entendi. — Stratton percebeu que precisaria de prática para refletir sobre nomenclatura nos termos do domínio orgânico. — O senhor desenvolveu aptônimos para outras espécies?

— Alguns, de diferentes tipos; nosso progresso foi rápido. Acabamos de pensar em um nome para a espécie humana, e ele se revelou muito mais difícil que os nomes anteriores.

— Quantos nomencladores estão envolvidos nessa empreitada?

— Poucos — respondeu Fieldhurst. — Chamamos alguns membros da Real Sociedade, e a Académie tem alguns dos principais *designateurs* franceses trabalhando nisso. Você vai entender se eu não mencionar nenhum nome a essa altura, mas pode ter certeza de que temos alguns dos nomencladores mais conhecidos da Inglaterra nos auxiliando.

— Perdoe-me por perguntar, mas por que o senhor está me abordando? Não estou nessa categoria.

— Você ainda não teve uma carreira longa — disse Ashbourne. — No entanto, o gênero de nomes que desenvolveu é único. Autômatos sempre tiveram forma e função especializadas, parecidas com as dos animais: alguns são bons em escaladas, outros em escavações, mas não nos dois. Ainda assim, seus autômatos conseguem controlar mãos humanas, que são instrumentos especialmente versáteis: o que mais pode manipular

qualquer coisa entre uma chave inglesa e um piano? A destreza da mão é a manifestação física da engenhosidade da mente, e essas qualidades são essenciais para o nome que buscamos.

— De forma discreta, estamos monitorando pesquisas de nomenclatura por qualquer nome que demonstre uma destreza marcante — disse Fieldhurst. — Quando soubemos o que você conseguiu realizar, nós o procuramos imediatamente.

— Na verdade — continuou Ashbourne —, a razão pela qual seus nomes são preocupantes para os escultores é o porquê de estarmos interessados neles; eles dotam os autômatos com mais traços humanos do que quaisquer outros. Por isso, agora, perguntamos: vai se juntar a nós?

Stratton refletiu sobre aquilo. Aquela talvez fosse a tarefa mais importante que um nomenclador podia empreender, e sob circunstâncias normais, ele teria agarrado a oportunidade de participar. Contudo, antes que pudesse embarcar sem culpa naquele empreendimento, havia outra questão que precisaria resolver.

— O senhor me honra com o convite, mas o que vai ser de meu trabalho com destreza manual de autômatos? Ainda acredito firmemente que motores baratos podem melhorar a vida da classe trabalhadora.

— É um objetivo digno — disse Fieldhurst. — E eu jamais pediria que desistisse dele. De fato, a primeira coisa que queremos que faça é aperfeiçoar os epítetos para destreza. Entretanto, seus esforços na direção da reforma social não vão servir de nada a menos que asseguremos a sobrevivência de nossa espécie.

— Obviamente, mas não quero que o potencial para reforma oferecido por nomes de destreza seja negligenciado. Pode não haver mais uma oportunidade melhor de restaurar a dignidade dos trabalhadores comuns. Que tipo de vitória alcançaríamos se a continuidade da vida significasse ignorar essa chance?

— Muito bem colocado — reconheceu o conde. — Deixe-me fazer uma proposta para que o senhor possa fazer o melhor uso de seu tempo. A Real Sociedade vai fornecer o apoio necessário para o desenvolvimento de autômatos hábeis: assegurar investidores e tudo o mais. Acredito que saberá

dividir com sabedoria seu tempo entre os dois projetos. Seu trabalho em nomenclatura orgânica deve permanecer confidencial, é claro. Isso é satisfatório?

— É, sim. Muito bem, cavalheiros. Eu aceito.

Eles apertaram as mãos.

* * *

Algumas semanas haviam se passado desde a última vez que Stratten falara com Willoughby, a não ser por uma breve e fria troca de cumprimentos ao se encontrarem. Na verdade, ele tinha pouca interação com qualquer um dos escultores do sindicato, então passava a maior parte do tempo trabalhando em permutas de letras em seu escritório, tentando refinar seus epítetos para destreza.

Ele entrou na fábrica pela recepção, onde os clientes normalmente observavam o catálogo. Hoje o local estava repleto de autômatos domésticos, todos do mesmo modelo de motor de serviçais. Stratton viu o balconista assegurar que eles estavam adequadamente identificados.

— Bom dia, Pierce — disse ele. — O que todos esses autômatos estão fazendo aqui?

— Um nome aperfeiçoado acabou de sair para o "Regent" — disse o balconista. — Todo mundo está ansioso para conseguir a nova versão.

— Você vai ficar bem ocupado esta tarde.

As chaves para destrancar o compartimento do nome dos autômatos ficavam guardadas em um cofre que exigia dois gerentes da Coade para abrir. Os gerentes relutavam em manter o cofre aberto por mais do que um breve período a cada tarde.

— Tenho certeza de que posso terminar esses a tempo.

— Você não ia conseguir dizer a uma bela criadinha que seu motor de tarefas domésticas só vai ficar pronto amanhã.

O balconista sorriu.

— O senhor pode me culpar?

— Não, não posso — disse Stratton, rindo.

Ele se virou na direção dos escritórios atrás da recepção, onde se deparou com Willoughby.

— Talvez devesse manter o cofre aberto — disse o escultor. — Para que as criadas não passassem pela inconveniência. Visto que parece ser sua intenção destruir nossa instituição.

— Bom dia, mestre Willoughby — disse com rigidez Stratton.

Ele tentou passar direto, mas o outro homem entrou em seu caminho.

— Fui informado de que a Coade permitirá a entrada de escultores não sindicalizados em suas instalações para auxiliá-lo.

— Sim, mas eu lhe asseguro que apenas escultores independentes da mais alta reputação estarão envolvidos.

— Como se essas pessoas existissem — disse Willoughby com desprezo. — Saiba que recomendei uma greve de nosso sindicato contra a Coade em protesto.

— Sem dúvida o senhor não está falando sério.

Fazia décadas desde a última greve feita por escultores, e ela terminara em violência.

— Estou. Se a questão fosse posta em votação entre os membros, tenho certeza de que seria aprovada: outros escultores com quem discuti seu trabalho concordam comigo sobre a ameaça que ele representa. Entretanto, a liderança do sindicato não quer submeter isso a uma votação.

— Ah, então eles discordaram de sua avaliação.

Neste momento, Willoughby franziu a testa.

— Aparentemente, a Real Sociedade interveio em seu favor e convenceu a Irmandade a aguardar, por enquanto. Você conseguiu o apoio de pessoas poderosas, Sr. Stratton.

Desconfortável, o homem mais jovem respondeu:

— A Real Sociedade considera que minha pesquisa tem seu valor.

— Talvez. Mas não pense que esta questão está decidida.

— Eu lhe digo: não há razão para sua animosidade — insistiu Stratton. — Depois que você vir como os escultores podem usar os autômatos, vai perceber que não há ameaça à sua profissão.

Willoughby apenas olhou para ele com raiva e foi embora.

Na vez seguinte que viu lorde Fieldhurst, Stratton perguntou a ele sobre o envolvimento da Real Sociedade. Eles estavam no estúdio de Fieldhurst, e o conde estava se servindo um uísque.

— Ah, sim — disse ele. — Embora a Irmandade de Escultores como um todo seja bem formidável, ela é composta de membros que individualmente são mais suscetíveis à persuasão.

— Que tipo de persuasão?

— A Real Sociedade sabe que certas pessoas da liderança do sindicato tomaram parte em um caso ainda não resolvido de pirataria de nome com o continente. Para evitar qualquer escândalo, eles concordaram em adiar decisões sobre greves até depois de uma demonstração de seu sistema de manufatura.

— Fico grato por sua assistência, lorde Fieldhurst — disse Stratton, pasmo. — Devo admitir que não tinha ideia de que a Real Sociedade empregasse tais táticas.

— Obviamente, esses não são tópicos apropriados para discussão nas sessões gerais. — Lorde Fieldhurst sorriu de maneira afável. — O progresso da ciência nem sempre é um empreendimento descomplicado, e a Real Sociedade às vezes precisa usar tanto os canais oficiais quanto os não oficiais, Sr. Stratton.

— Estou começando a gostar disso.

— Da mesma forma, embora a Irmandade de Escultores não vá iniciar uma greve formal, eles podem empregar táticas mais indiretas; por exemplo, a distribuição anônima de panfletos que despertem a oposição pública aos seus autômatos. — Ele tomou um gole de seu uísque. — Hum, talvez eu deva mandar alguém ficar de olho no mestre Willoughby.

* * *

Stratton recebeu acomodações na ala de hóspedes do Darrington Hall, assim como outros nomencladores que trabalhavam sob a direção de lorde Fieldhurst. Eles eram de fato alguns dos principais membros da profissão, entre eles Holcombe, Milburn e Parker; Stratton se sentiu honrado por

estar trabalhando com eles, embora pudesse contribuir pouco enquanto ainda estava aprendendo as técnicas de Ashbourne para nomenclatura biológica.

Os nomes para o domínio orgânico usavam muitos dos mesmos epítetos dos autômatos, mas Ashbourne desenvolvera um sistema completamente diferente de integração e fatoração, que exigia métodos novos de permutação. Para Stratton, era quase como voltar à universidade e aprender nomenclatura outra vez. Entretanto, era evidente como essas técnicas permitiam que se desenvolvessem rapidamente nomes para espécies; ao explorar semelhanças sugeridas pelo sistema de classificação de Linné, era possível trabalhar de uma espécie para a outra.

Stratton também aprendeu mais sobre o epíteto sexual, tradicionalmente usado para conferir qualidades masculinas ou femininas a um autômato. Ele conhecia apenas um desses epítetos, e ficou surpreso ao descobrir que ele era o mais simples de muitas versões extensas. O tópico não era discutido por sociedades de nomenclatura, mas o epíteto em questão sempre tinha sido um dos mais pesquisados; na verdade, dizia-se que seu primeiro uso havia ocorrido em tempos bíblicos, quando os irmãos de José criaram um golem fêmea para poderem compartilhar sexualmente sem violar a proibição de tal comportamento com uma mulher. O desenvolvimento do epíteto permaneceu em segredo por séculos, primeiramente em Constantinopla, e agora as versões atualizadas de cortesãs autômatas eram oferecidas por bordéis especializados bem aqui em Londres. Entalhadas em pedra-sabão e polidas até ficarem bem lustrosas, aquecidas à temperatura do corpo e borrifadas com óleos perfumados, as autômatas cobravam preços superados apenas pelos de súcubos e íncubos.

Foi a partir de tal solo ignóbil que a pesquisa cresceu. Os nomes que animizavam as cortesãs incorporavam epítetos poderosos da sexualidade humana em suas formas masculina e feminina. Ao fatorar a carnalidade comum às duas versões, os nomencladores haviam isolado epítetos para a masculinidade e a feminilidade humanas genéricas, muito mais refinados

que aqueles usados ao gerar animais. Esses epítetos eram o núcleo em torno do qual eles formavam, por acréscimo, os nomes que buscavam.

Aos poucos, Stratton absorveu informação suficiente para começar a participar dos testes de possíveis nomes para humanos. Ele trabalhou em colaboração com os outros nomencladores no grupo e, entre eles, dividiram a vasta árvore de possibilidades nominais, designando ramos para investigação, descartando aqueles que se revelavam infrutíferos, cultivando os que pareciam mais produtivos.

Os nomencladores pagavam mulheres — em sua maioria jovens serviçais com boa saúde — para serem fonte de óvulos humanos, que então eram gravados com nomes experimentais e escrutinados sob microscópios à procura de formas que se assemelhassem a fetos humanos. Stratton perguntou sobre a possibilidade de coletar óvulos de megafetos femininos, mas Ashbourne lembrou a ele que óvulos só eram viáveis quando retirados de uma mulher viva. Era um dito básico da biologia: as fêmeas eram a fonte do princípio vital que dava vida à prole, enquanto os machos forneciam a forma básica. Por causa dessa divisão, nenhum sexo podia se reproduzir sozinho.

Claro, essa restrição fora eliminada pela descoberta de Ashbourne: a participação masculina não era mais necessária desde que a forma pudesse ser induzida por meio léxico. Quando fosse descoberto o nome que conseguisse gerar fetos humanos, as mulheres poderiam se reproduzir sozinhas. Stratton percebeu que tal descoberta poderia ser bem recebida por mulheres que apresentassem inversão sexual, sentissem amor por pessoas do mesmo sexo. Se o nome se tornasse disponível para elas, essas mulheres poderiam estabelecer alguma espécie de comuna que se reproduzisse por meio de partenogênese. Será que tal sociedade iria florescer ao ampliar as sensibilidades mais refinadas do sexo frágil ou iria desmoronar sob a patologia irrestrita de seus participantes? Era impossível adivinhar.

Antes do recrutamento de Stratton, os nomencladores tinham desenvolvido nomes capazes de gerar formas vagamente homunculares em um óvulo. Usando os métodos de Dubuisson e Gille, eles ampliaram as

formas até um tamanho que permitia exames detalhados; elas se assemelhavam mais a autômatos que a humanos, seus membros terminando em dedos fundidos como barbatanas. Ao incorporar seus epítetos para destreza, Stratton conseguiu separar os dedos e refinar a aparência geral das formas. Durante todo o tempo, Ashbourne enfatizava a necessidade de uma abordagem não convencional.

— Considere a termodinâmica do que faz a maioria dos autômatos — disse o professor durante uma de suas discussões frequentes. — Os artefatos de mineração escavam minério, os artefatos de ceifadeiras colhem trigo, os artefatos de serra derrubam árvores; ainda assim, não se pode dizer que nenhuma dessas tarefas, por mais úteis que nós as consideremos, crie ordem. Enquanto todos os seus nomes criavam ordem a nível termal, ao converter calor em movimento, na ampla maioria das vezes, o trabalho resultante é aplicado para criar desordem ao nível visível.

— Essa é uma perspectiva interessante — disse Stratton, pensativo. — Muitos déficits nas capacidades dos autômatos se tornaram inteligíveis sob essa luz: o fato de eles não conseguirem colocar caixotes em uma pilha e alinhá-la melhor do que já estava, sua incapacidade de separar pedaços de minério fragmentado com base em sua composição. O senhor acredita que as classes conhecidas de nomes industriais não são poderosas o suficiente em termos de termodinâmica?

— Exatamente! — Ashbourne exibia a empolgação de um professor encontrando um aluno inesperadamente capaz. — Esta é outra característica que distingue sua classe de nomes de destreza manual. Ao permitir que os autômatos desempenhem funções qualificadas, seus nomes não apenas criam ordem a nível termal, eles os usam para criar ordem a nível visível também.

— Vejo uma associação com as descobertas de Milburn — disse Stratton. Milburn desenvolvera o autômato doméstico capaz de devolver objetos aos seus respectivos lugares. — Seu trabalho também envolve a criação de ordem a nível visível.

— Na verdade, sim. E essa associação sugere uma hipótese. — Ashbourne se inclinou para a frente. — Imagine se conseguíssemos fatorar

um epíteto que fosse comum aos nomes desenvolvidos por você e Milburn: um epíteto que expressasse a criação de dois níveis de ordem no âmbito visível. Suponha ainda que descubramos um aptônimo para a espécie humana, e possamos incorporar esse epíteto ao nome. O que você imagina que seria gerado com a impressão do nome? E, se você disser "gêmeos", vou lhe dar uma paulada na cabeça.

Stratton riu.

— Ouso dizer que o compreendo melhor que isso. O senhor está sugerindo que se um epíteto é capaz de induzir dois níveis de ordem termodinâmica no domínio inorgânico, ele pode criar machos cujos espermatozoides iriam conter fetos pré-formados. Melhor explicitando, eles induziriam dois níveis de ordem estrutural na matéria orgânica: o primeiro seria a estrutura do próprio feto; o segundo corresponderia à estrutura dos fetos espermáticos já contidos no sêmen dos espécimes masculinos. Esses machos seriam férteis, embora quaisquer filhos que produzissem também fossem estéreis.

Seu instrutor bateu palmas.

— Exatamente: ordem que gera ordem! Uma especulação interessante, não concorda? Isso reduziria à metade o número de intervenções médicas necessárias para que nossa raça se mantivesse.

— E se houver a indução da formação de mais de duas gerações de fetos? Que tipo de habilidades um autômato teria que possuir para que seu nome contivesse tal epíteto?

— A ciência da termodinâmica ainda não avançou o suficiente para responder a essa pergunta, infelizmente. O que constituiria um nível ainda mais elevado de ordem no domínio inorgânico? Autômatos trabalhando em colaboração, talvez? Nós ainda não sabemos, mas talvez possamos descobrir com o tempo.

Stratton deu voz a uma pergunta que lhe surgira algum tempo atrás:

— Dr. Ashbourne, quando fui iniciado em nosso grupo, lorde Fieldhurst falou na possibilidade de que as espécies nasçam no rastro de eventos catastróficos. É possível que espécies inteiras tenham sido criadas pelo uso de nomenclatura?

— Ah, agora estamos adentrando no terreno da teologia. Uma espécie nova exige progenitores contendo um número vasto de descendentes aninhado no interior de seus órgãos reprodutivos; tais formas incorporam o mais alto nível de ordem imaginável. Será que um processo puramente físico pode criar tamanha quantidade de ordem? Nenhum naturalista sugeriu um mecanismo pelo qual isso pudesse ocorrer. Por outro lado, enquanto sabemos que um processo léxico pode criar ordem, a criação de uma espécie inteiramente nova exigiria um nome de poder incalculável. Tal domínio da nomenclatura podia muito bem requerer as capacidades de Deus; é possível que seja até parte da definição.

"Esta é uma pergunta, Stratton, da qual talvez jamais saibamos a resposta, mas não podemos permitir que isso afete nosso planejamento. Não importa se um nome foi ou não responsável pela criação de nossa espécie, mas acredito que um nome é a melhor chance para sua continuação.

— Concordo — disse Stratton. Depois de uma pausa, ele acrescentou: — Devo confessar que, durante grande parte do tempo em que estive trabalhando, ocupei-me exclusivamente com os detalhes de permutação e combinação, e perdi de vista a enorme magnitude de nosso empreendimento. É tranquilizador pensar no que vamos conquistar se obtivermos sucesso.

— Não consigo pensar em quase nada além disso — respondeu Ashbourne.

* * *

Sentado à sua escrivaninha na fábrica, Stratton semicerrava os olhos para ler o panfleto que recebera na rua. O texto era impresso grosseiramente, as letras borradas.

"Os Homens devem ser mestres dos NOMES, ou os Nomes devem ser mestres dos HOMENS? Há tempo demais os capitalistas acumularam nomes em seus cofres, resguardados por patentes, chaves e fechaduras, acumulando fortunas pela simples posse de LETRAS, enquanto o Homem

Comum deve trabalhar por cada xelim. Eles vão torcer o ALFABETO para extrair até o último centavo dele, e só então vão descartá-lo para nosso uso. Por quanto tempo vamos permitir que isso continue?"

Stratton examinou o panfleto inteiro, mas não encontrou nada de novo nele. Passara os dois meses anteriores lendo-os, e viu apenas os desvarios anarquistas de hábito; ainda não havia prova da teoria do lorde Fieldhurst de que os escultores iriam usá-los para atacar o trabalho de Stratton. Sua demonstração pública do autômato com destreza manual estava marcada para a semana seguinte, e agora Willoughby tinha perdido a oportunidade de gerar oposição pública. Na verdade, Stratton achou que ele mesmo devia distribuir panfletos para gerar apoio popular. Ele podia explicar seu propósito de levar as vantagens dos autômatos para todos, e sua intenção de manter um controle rígido das patentes de seus nomes, dando licenças apenas a manufaturas que iriam usá-los com consciência. Ele podia até ter um slogan — "Autonomia com autômatos", talvez?

Houve uma batida à porta do escritório. Stratton jogou o panfleto na lata de lixo.

— Sim?

Um homem entrou, vestido de modo soturno e com a barba comprida.

— Sr. Stratton? — perguntou ele. — Por favor, permita-me que eu me apresente: meu nome é Benjamin Roth. Sou um cabalista.

Por um momento, Stratton ficou sem fala. Tipicamente, esses místicos se ofendiam com a visão moderna da nomenclatura como ciência, considerando isso a secularização de um ritual sagrado. Ele nunca esperou que um deles visitasse a fábrica.

— É um prazer conhecê-lo. Como posso ajudá-lo?

— Soube que o senhor alcançou um grande avanço na permutação de letras.

— Ora, obrigado. Eu não sabia que isso seria de interesse para uma pessoa como o senhor.

Roth deu um sorriso amarelo.

— Meu interesse não são as aplicações práticas. O objetivo dos cabalistas é um conhecimento maior de Deus. A melhor maneira de fazer

isso é estudar a arte através da qual Ele cria. Nós meditamos sobre nomes diferentes para entrar em um estado extático de consciência; quanto mais poderoso o nome, mais perto chegamos do Divino.

— Entendo. — Stratton se perguntou qual seria a reação do cabalista se ele soubesse da criação que estavam tentando fazer no projeto de nomenclatura biológica. — Por favor, prossiga.

— Seus epítetos para destreza manual permitem que um golem esculpa outro, portanto se reproduzindo. Um nome capaz de criar um ser que é, por sua vez, capaz de criação, iria nos aproximar mais de Deus do que jamais estivemos.

— Infelizmente, o senhor está equivocado sobre meu trabalho, embora não seja o primeiro a cair nesse mal-entendido. A habilidade de manipular moldes não faz com que um autômato consiga se reproduzir. Seriam necessárias diversas outras habilidades.

O cabalista assentiu.

— Tenho total consciência disso. Eu mesmo, durante meus estudos, desenvolvi um epíteto que designa outras habilidades necessárias.

Stratton debruçou-se para a frente com súbito interesse. Depois de moldar um corpo, o passo seguinte seria animizá-lo com um nome.

— Seu epíteto concede a um autômato a habilidade de escrever? — perguntou Stratton. Seu próprio autômato podia segurar um lápis com bastante facilidade, mas não conseguiria inscrever nem a marca mais simples. — Como ele pode possuir a destreza necessária para escrever, mas não para manipular moldes?

Roth balançou a cabeça com modéstia.

— Meu epíteto não concede a habilidade de escrever nem destreza manual genérica. Ele simplesmente permite que um golem escreva o nome que o anima, mais nada.

— Ah, entendo. — Então, ele não fornecia uma aptidão para aprender uma categoria de habilidades; fornecia apenas uma habilidade inata. Stratton tentou imaginar as contorções na nomenclatura necessárias para fazer com que um autômato escrevesse instintivamente uma sequência

particular de letras. — Muito interessante, mas imagino que não tenha uma aplicação ampla, não é?

Roth deu um sorriso sem graça; Stratton percebeu que tinha cometido uma gafe, e o homem estava tentando encará-la com bom humor.

— Isso é um modo de ver as coisas — admitiu Roth. — No entanto, temos perspectivas diferentes. Para nós o valor desse epíteto, como o de qualquer outro, está não na utilidade que ele transmite a um golem, mas no estado extático que ele nos permite alcançar.

— É claro, é claro. E seu interesse por meus epítetos de destreza é o mesmo?

— Sim. Espero que o senhor compartilhe os epítetos conosco.

Stratton nunca soubera de um cabalista fazendo tal solicitação antes, e era nítido que Roth não gostava de ser o primeiro. Ele fez uma pausa para pensar.

— Um cabalista não deve alcançar certo nível para poder meditar sobre os mais poderosos?

— Sim, sem a menor dúvida.

— Então vocês restringem a disponibilidade dos nomes.

— Ah, não. Devo tê-lo confundido. O estado de êxtase oferecido por um nome só é alcançável depois que se dominam as técnicas de meditação necessárias, e são essas técnicas que guardamos em segurança. Sem o treinamento adequado, tentativas de usar essas técnicas poderiam resultar em loucura. Contudo, os nomes em si, mesmo os mais poderosos, não têm valor extático para um novato; eles podem animar argila e mais nada.

— Mais nada — concordou Stratton, pensando em como as perspectivas eram de fato diferentes. — Neste caso, infelizmente não posso lhe permitir o uso de meus nomes.

Roth assentiu com tristeza, como se estivesse esperando por essa resposta.

— O senhor deseja pagamento de royalties.

Agora foi Stratton que teve que fazer vista grossa à gafe do outro homem.

— Dinheiro não é exatamente meu objetivo. Entretanto, tenho intenções específicas para meus autômatos com destreza manual que exigem que eu mantenha o controle sobre a patente. Não posso colocar esses planos em risco com a liberação de nomes indiscriminadamente.

Na verdade, ele os havia compartilhado com os nomencladores que trabalhavam para lorde Fieldhurst, mas eram todos cavalheiros sob um juramento ainda mais secreto. Ele tinha menos confiança em místicos.

— Posso lhe assegurar que não usaríamos seu nome para nada além de nossas práticas extáticas.

— Sinto muito. Acredito que o senhor seja sincero, mas o risco é grande demais. O máximo que posso fazer é lembrar ao senhor que as patentes têm duração determinada; depois que expirarem, você poderá usar o nome como desejar.

— Mas isso vai levar anos!

— Sem dúvida o senhor sabe que há outras pessoas cujos interesses devem ser levados em conta.

— O que vejo é que considerações comerciais estão impondo um obstáculo ao despertar espiritual. O erro foi meu ao esperar qualquer coisa diferente.

— O senhor está sendo injusto — protestou Stratton.

— Injusto? — Roth fez um esforço visível para deter sua raiva. — Vocês nomencladores roubam técnicas criadas para honrar a Deus e as usam para engrandecer a si mesmos. Toda sua indústria prostitui as técnicas de *yetzirah*. Você não está em posição de falar em justiça.

— Agora, veja bem...

— Obrigado por me receber.

Com isso, Roth foi embora. Stratton deu um suspiro.

* * *

Enquanto olhava pelo microscópio, Stratton girou o volante de ajuste do manipulador até que a agulha pressionou a lateral do óvulo. Houve uma súbita envoltura, como o pé de um molusco se retraindo ao ser tocado,

transformando a esfera em um feto diminuto. Stratton retirou a agulha da lâmina, soltou-a da estrutura e inseriu uma nova. Em seguida, transferiu a lâmina para o calor da incubadora e colocou outra, portando um óvulo humano intocado, sob o microscópio. Mais uma vez, ele se debruçou sobre o aparelho para repetir o processo de gravação.

Recentemente, os nomencladores haviam desenvolvido um nome capaz de induzir uma forma indistinguível de um feto humano. As formas, entretanto, não ganhavam vida: elas permaneciam imóveis e sem reação a estímulos. Era consenso que o nome na verdade não descrevia com precisão os traços não físicos de um ser humano. Por isso, Stratton e seus colegas estavam compilando diligentemente descrições de singularidades humanas, tentando destilar um conjunto de epítetos ao mesmo tempo expressivo o suficiente para denotar essas qualidades e sucinto o bastante para ser integrado aos epítetos físicos em um nome de setenta e duas letras.

Stratton transferiu a última lâmina para a incubadora e fez as anotações apropriadas no livro de registros. Naquele momento, ele não tinha mais nomes desenhados em forma de agulha, e levaria mais um dia até que novos fetos estivessem suficientemente maduros para serem testados e ver se podiam ser estimulados. Ele decidiu passar o resto da tarde na sala de projetos no andar de cima.

Ao entrar no cômodo com painéis de nogueira, encontrou Fieldhurst e Ashbourne sentados em suas poltronas de couro, fumando charutos e bebendo conhaque.

— Ah, Stratton — disse Ashbourne. — Junte-se a nós.

— Acho que vou fazer isso — respondeu Stratton, seguindo até o armário de bebidas.

Ele se serviu um pouco de conhaque de um decanter de cristal e se sentou com os outros.

— Acabou de vir do laboratório, Stratton? — perguntou Fieldhurst.

Ele assentiu.

— Há alguns minutos, fiz impressões com meu conjunto mais recente de nomes. Acho que as últimas permutações estão indo na direção certa.

— Você não é o único a se sentir otimista; o Dr. Ashbourne e eu estávamos discutindo agora mesmo como nossa situação melhorou desde que esse empreendimento foi iniciado. Agora parece que obteremos um aptônimo dentro de um prazo confortável até a geração final. — Fieldhurst deu uma baforada no charuto e recostou-se na poltrona até repousar a cabeça na capa protetora do espaldar do estofado. — Este desastre pode, no fim, representar uma bênção.

— Uma bênção? Como?

— Ora, depois que tivermos a reprodução humana sob nosso controle, teremos meios de impedir que os pobres tenham famílias tão grandes, como fazem hoje em dia.

Stratton ficou surpreso, mas tentou não demonstrar.

— Eu não tinha pensado nisso — disse ele com cuidado.

Ashbourne também pareceu um pouco surpreso.

— Eu não fazia ideia de que essa política fosse sua intenção.

— Considerei que seria prematuro mencionar isso antes — disse Fieldhurst. — Contar com o ovo ainda dentro da galinha, como dizem.

— É claro.

— Vocês devem concordar que o potencial é enorme. Ao exercer algum julgamento ao escolher quem pode ou não ter filhos, nosso governo poderia preservar a linhagem racial da nação.

— Nossa linhagem racial está sob ameaça? — perguntou Stratton.

— Talvez o senhor não tenha percebido que as classes mais baixas estão se reproduzindo a uma taxa muito maior que a da nobreza e das classes altas. Se, por um lado, as pessoas comuns não são desprovidas de virtudes, elas não têm refinamento e intelecto. Essas formas de empobrecimento mental produzem o mesmo: uma mulher nascida em situação inferior não pode evitar gerar uma criança com o mesmo destino. Em consequência da grande fecundidade das classes mais baixas, a nação iria acabar por se afogar em simplórios e grosseiros.

— Então a impressão de nomes será negada às classes mais baixas?

— Não completamente e, sem dúvida, não no início: quando a verdade sobre o declínio de fertilidade vier à tona, seria um convite a revoltas se

negarmos o acesso à impressão de nomes às classes inferiores. E, é claro, as classes mais baixas têm seu papel na sociedade, desde que os números populacionais sejam mantidos sob controle. Eu vislumbro que a política vai ter em efeito só depois que alguns anos se passarem, quando todas as pessoas terão se acostumado à impressão de nomes como o método de fertilização. A essa altura, talvez em conjunção com o processo de censo, poderemos impor limites ao número de crianças que determinado casal seria autorizado a ter. O governo iria, a partir daí, regular o crescimento e a composição da população.

— Esse é o uso mais apropriado para tal nome? — perguntou Ashbourne. — Nosso objetivo era a sobrevivência da espécie, não a implementação de políticas partidárias.

— Ao contrário, isto é puramente científico. Da mesma forma que é nosso dever garantir a sobrevivência da espécie, é também nossa obrigação garantir sua saúde mantendo um equilíbrio adequado da população. A política não entra nisso; se a situação fosse diferente, e existisse uma escassez de trabalhadores, seria necessária uma política inversa.

Stratton arriscou uma sugestão.

— Eu me pergunto se a melhoria das condições para os pobres poderia, com o tempo, fazer com que eles gerassem filhos mais refinados.

— Você está pensando em mudanças provocadas por seus artefatos de preço acessível, não está? — perguntou o conde com um sorriso, e Stratton assentiu. — As reformas pretendidas por você e por mim podem fortalecer uma à outra. Ao moderar o número das classes baixas, vai ser mais fácil para que eles melhorem suas condições de vida. Entretanto, não espere que um mero aumento no conforto econômico vá aperfeiçoar a mentalidade das classes inferiores.

— Por que não?

— Você se esquece da natureza autoperpetuante da cultura — respondeu Fieldhurst. — Vimos que todos os megafetos são idênticos, ainda assim ninguém pode negar a diferença entre a população das nações, tanto em aparência física quanto em temperamento. Isso só pode ser resultado da influência materna: o útero é um veículo no qual o ambiente

social é encarnado. Por exemplo, uma mulher que passou a vida entre prussianos naturalmente dá à luz a uma criança com traços prussianos; assim, a característica nacional daquela população se sustentou por anos, apesar das muitas mudanças do destino. Não seria diferente com os pobres.

— Como zoólogo, o senhor sem dúvida é mais sábio nesses assuntos que nós — disse Ashbourne, silenciando Stratton com um olhar. — Vamos acatar sua avaliação.

Pelo restante da noite, a conversa se voltou para outros tópicos, e Stratton fez o possível para esconder o desconforto e manter uma fachada de cordialidade. Por fim, após Fieldhurst se retirar para a noite, Stratton e Ashbourne desceram até o laboratório para conversar.

— Que tipo de homem concordamos em ajudar? — perguntou, perplexo, Stratton assim que a porta se fechou. — Um que criaria pessoas como gado?

— Talvez não devamos ficar tão chocados — respondeu Ashbourne com um suspiro. Ele se sentou em um dos bancos altos. — O objetivo de nosso grupo tem sido estender para humanos um procedimento que antes era destinado apenas a animais.

— Mas não à custa da liberdade individual! Não posso fazer parte disso.

— Não seja afobado. O que você conseguiria deixando o grupo? Considerando o quanto seu trabalho contribui para nosso esforço, sua saída serviria apenas para pôr em risco o futuro da espécie humana. De modo inverso, se alcançarmos objetivo sem a sua assistência, as políticas de lorde Fieldhurst vão ser implementadas de qualquer jeito.

Stratton tentou recuperar a compostura. Ashbourne tinha razão; ele conseguia compreender isso. Depois de um momento, disse:

— Então, que atitude devemos tomar? Há outros com quem possamos entrar em contato, membros do Parlamento que poderiam se opor à política proposta por lorde Fieldhurst?

— Imagino que a maior parte da nobreza e das classes altas compartilharia da opinião dele nesse assunto. — Ashbourne apoiou a testa na ponta de apenas um dedo, parecendo muito velho de repente. — Eu devia ter previsto isso. Meu erro foi ver a humanidade puramente como

uma única espécie. Ao ver a Inglaterra e a França trabalhando juntas na direção de um objetivo comum, esqueci que as nações não são apenas facções que se opõem umas às outras.

— E se distribuíssemos o nome às classes trabalhadoras de maneira discreta? Eles podiam desenhar as próprias agulhas e imprimir o nome eles mesmos, em segredo.

— Eles poderiam, mas a impressão de nomes é um procedimento delicado, melhor realizado em um laboratório. Duvido que a operação possa ser realizada na escala necessária sem atrair atenção do governo, e depois cair sob seu controle.

— Existe uma alternativa?

Houve silêncio por um longo momento enquanto eles refletiam. Então, Ashbourne disse:

— Você se lembra de sua especulação sobre um nome que induziria duas gerações de fetos?

— É claro.

— Suponha que consigamos desenvolver um nome desses, mas não revelemos essa propriedade ao apresentá-lo a lorde Fieldhurst.

— Essa é uma sugestão capciosa — disse Stratton, surpreso. — Todas as crianças nascidas desse nome seriam férteis, de modo que poderiam se reproduzir sem restrições governamentais.

Ashbourne assentiu.

— No período que antecedeu à entrada em vigor de medidas de controle populacional, um nome desses poderia ser amplamente distribuído.

— Mas e a geração seguinte? A esterilidade retornaria, e as classes trabalhadoras seriam mais uma vez dependentes do governo para se reproduzir.

— É verdade — falou Ashbourne. — Seria uma vitória curta. Talvez a única solução permanente seja um Parlamento mais liberal. Contudo, está além de meu conhecimento sugerir como podemos conseguir isso.

Stratton tornou a pensar sobre as mudanças que os artefatos baratos poderiam provocar; se a situação das classes trabalhadoras melhorasse da

maneira que ele esperava, isso poderia demonstrar à nobreza que a pobreza não era inata. Porém, mesmo se obtivesse a sequência mais favorável de acontecimentos, seriam necessários anos para mudar o Parlamento.

— E se pudéssemos induzir múltiplas gerações com a impressão de nome inicial? Um período mais longo até o retorno da esterilidade iria aumentar as chances de que políticas sociais mais liberais ganhassem espaço.

— Você está fantasiando — respondeu Ashbourne. — A dificuldade técnica de induzir múltiplas gerações é tanta que eu acho mais fácil apostar que vamos conseguir criar asas e voar. Induzir duas gerações já seria ambicioso o suficiente.

Os dois homens discutiram estratégias até tarde da noite. Se eles fossem ocultar o verdadeiro nome de qualquer um que apresentassem a lorde Fieldhurst, eles teriam que forjar uma longa trilha de resultados de pesquisas. Mesmo sem o fardo adicional do segredo, estariam envolvidos em uma corrida desequilibrada, buscando um nome extremamente sofisticado enquanto os outros nomencladores procuravam apenas um aptônimo comparativamente simples. Para dificultar ainda mais as coisas, Ashbourne e Stratton teriam que recrutar outros para sua causa; com essa assistência, talvez fosse até possível retardar um pouco a pesquisa dos outros.

— Quem você acha que tem a mesma visão política que a nossa no grupo? — perguntou Ashbourne.

— Acredito que Milburn. Não estou certo sobre os outros.

— Não corra riscos. Temos que empregar ainda mais cautela ao abordar membros em perspectiva do que empregou lorde Fieldhurst quando estabeleceu este grupo.

— Concordo — disse Stratton, e então balançou a cabeça, sem acreditar. — Aqui estamos nós, formando uma organização secreta dentro de uma organização secreta. Ah, se os fetos fossem induzidos assim tão facilmente.

* * *

No dia seguinte, no fim de tarde, o sol estava se pondo e Stratton caminhava pela ponte de Westminster enquanto os últimos feirantes empurravam seus carrinhos de fruta. Ele tinha acabado de jantar em um clube do qual gostava e caminhava de volta para a fábrica Coade. A noite anterior em Darrington Hall o inquietara, e ele retornara a Londres mais cedo hoje para minimizar sua interação com lorde Fieldhurst até que estivesse certo de que seu rosto não trairia seus verdadeiros sentimentos.

Stratton relembrou a conversa na qual Ashbourne e ele acalentaram a perspectiva de fatorar um epíteto para criar dois níveis de ordem. Na época, ele fizera alguns esforços para encontrar tal epíteto, mas foram tentativas eventuais, levando-se em conta a natureza supérflua do objetivo, e elas não haviam rendido frutos. Agora, o calibre do empreendimento se tornara maior: seu objetivo anterior era inadequado, duas gerações parecia o mínimo aceitável, e quaisquer outras adicionais seriam valiosíssimas.

Tornou a refletir sobre o comportamento termodinâmico induzido por seus nomes de destreza: ordem a nível termal animizava os autômatos, permitindo que criassem ordem em nível visível. Ordem gerando ordem. Ashbourne sugerira que o nível seguinte de ordem pudesse ser autômatos trabalhando juntos de forma coordenada. Seria possível? Eles teriam que se comunicar para trabalhar juntos com eficiência, mas autômatos eram intrinsecamente mudos. De que outras maneiras autômatos podiam se envolver em comportamento complexo?

De repente, se deu conta de que tinha chegado à fábrica Coade. Àquela altura, estava escuro, mas ele sabia muito bem o caminho até seu escritório. Stratton destrancou a porta da frente do prédio, seguiu pela recepção e passou pelos escritórios.

Ao chegar ao corredor diante das salas dos nomencladores, viu luz emanando das pequenas janelas de vidro opaco da porta de seu escritório. Será que Stratton havia deixado acesa? Stratton destrancou a porta e ficou chocado com a cena diante dele.

Havia um homem de cara para o chão diante da mesa, as mãos amarradas atrás das costas. Stratton imediatamente se aproximou para verificar quem era. Era Benjamin Roth, o cabalista, e ele estava morto.

Stratton percebeu que vários dedos do homem estavam quebrados; ele tinha sido torturado antes de morrer.

Pálido e tremendo, o nomenclador se levantou e viu que seu escritório estava em completa desordem. As prateleiras de suas estantes de livros estavam vazias; os livros estavam abertos e espalhados pelo piso de carvalho. Tudo que estava em uma mesa havia sido levado; ao lado dela, havia uma pilha de gavetas com puxadores de metal vazias e viradas. Uma trilha de restos de papel levava à porta aberta de seu estúdio. Atônito, Stratton foi ver o que tinha sido feito ali.

Seu autômato habilidoso fora destruído; a metade inferior estava no chão, o resto espalhado em fragmentos de gesso e poeira. Sobre a bancada de trabalho, os modelos de argila das mãos tinham sido esmagados, e seus esboços de projetos haviam sido arrancados das paredes. Os recipientes para misturar gesso estavam transbordando com papéis de seu escritório. Stratton olhou com mais atenção e viu que tinham sido embebidos com óleo de lampião.

Ele ouviu um som atrás de si e se virou. A porta da frente do cômodo se fechou, e um homem de costas largas saiu de trás dela; ele estava ali parado desde que Stratton entrara.

— Que bom que você veio — disse o homem.

Ele examinou Stratton com o olhar predatório de um assassino.

Stratton saiu correndo pela porta dos fundos do estúdio e pelo corredor. Ele podia ouvir o homem em seu encalço.

Atravessou com pressa o prédio às escuras, passando pela sala de trabalho com coque e barras de ferro, cadinhos e moldes, todos iluminados pelo luar que entrava pelas claraboias no teto; ele havia chegado à parte de metalurgia da fábrica. No salão seguinte, parou para recuperar o fôlego e percebeu como seus passos estavam ecoando; esconder-se iria lhe dar uma chance melhor de escapar que correr. Ouviu ao longe os passos de seu perseguidor pararem; o assassino, da mesma forma, optara pelo silêncio.

Stratton olhou ao redor à procura de um esconderijo promissor. Por toda à sua volta, havia autômatos de ferro fundido em diversos estágios de quase finalização; ele estava na sala de acabamento, onde as aparas que

restavam da fundição eram cortadas, e as superfícies, gravadas. Não havia lugar para se esconder, e ele estava prestes a sair dali quando percebeu o que parecia um monte de rifles montados sobre pernas. Ele olhou mais de perto e reconheceu aquilo como um motor militar.

Aqueles autômatos estavam sendo construídos para o Ministério da Guerra: carruagens armadas que apontavam o próprio canhão e rifles de disparo rápido, como aquele, que giravam seus próprios tambores de balas. Armas perigosas, mas que tinham se revelado muito valiosas na Crimeia; seu inventor fora agraciado com um título de nobreza. Stratton não conhecia nenhum nome para animizar a arma — eram segredos militares —, mas só o corpo onde o rifle estava montado era autômato; o mecanismo de disparo do rifle era estritamente mecânico. Se pudesse apontar o autômato na direção certa, talvez conseguisse disparar o rifle sozinho.

Ele se xingou pela estupidez. Não havia munição ali. Saiu para a sala seguinte.

Era a sala de empacotamento, cheia de caixotes de pinho e palha solta. Mantendo-se abaixado entre os caixotes, Stratton seguiu até a parede dos fundos. Pelas janelas, viu o pátio atrás da fábrica, de onde autômatos acabados eram despachados. Ele não podia sair por ali; aqueles portões ficavam trancados à noite. Sua única saída era através da porta da frente da fábrica, mas ele podia encontrar o assassino se refizesse o caminho pelo qual viera. Stratton precisava seguir até a sala de trabalho em cerâmica e fazer a volta por aquele lado da fábrica.

Da frente da sala de empacotamento veio o som de passos. Stratton se abaixou atrás de uma fileira de caixotes, então viu uma porta lateral a pouco mais de um metro de distância. O mais silenciosamente que pôde, abriu a porta, entrou e a fechou às suas costas. Será que seu perseguidor o havia ouvido? Ele espiou através de uma pequena grade instalada na porta; ele não conseguia ver o homem, mas sentiu que tinha saído despercebido. O assassino, provavelmente, estava revistando a sala de empacotamento.

Stratton fez a volta e na mesma hora se deu conta de seu erro. A porta para a sala de trabalho em cerâmica era na parede oposta. Ele tinha entrado em um depósito, cheio de fileiras de autômatos acabados, mas sem

nenhuma outra saída. Não havia como trancar a porta. Ele estava encurralado.

Havia algo na sala que ele pudesse usar como arma? A coleção de autômatos incluía alguns artefatos de mineração robustos, cujos membros dianteiros terminavam em picaretas enormes, mas as ferramentas eram presas aos seus membros. Não havia como remover uma delas.

Stratton pôde ouvir o assassino abrir portas laterais e revistar outros depósitos. Então, percebeu um autômato afastado para o lado: um carregador usado para mover o estoque. Ele tinha forma antropomórfica, o único autômato na sala daquele tipo. Teve uma ideia.

Stratton verificou a parte de trás da cabeça do carregador. Nomes de carregadores tinham entrado em domínio público há muito tempo, por isso não havia trancas protegendo o compartimento de nome; uma etiqueta de pergaminho projetava-se da abertura horizontal no ferro. Ele levou a mão ao bolso do casaco para pegar o caderno e o lápis que sempre carregava consigo e rasgou um pedaço pequeno de uma folha em branco. No escuro, escreveu rapidamente setenta e duas letras em uma combinação familiar, em seguida dobrou o papel em um pequeno quadrado.

Para o carregador, Stratton sussurrou:

— Vá e fique o mais perto da porta que puder.

A figura de ferro fundido caminhou adiante e seguiu para a porta. Seu passo era bem suave, mas não rápido o suficiente, e o assassino chegaria àquele depósito a qualquer momento.

— Mais rápido — murmurou Stratton, e o carregador obedeceu.

Quando o carregador chegou à porta, Stratton viu pela grade que seu perseguidor havia alcançado o outro lado.

— Saia do caminho! — gritou o homem.

Sempre obediente, o autômato se moveu para dar um passo para trás quando Stratton arrancou o nome. O assassino começou a empurrar a porta, mas Stratton conseguiu inserir outro nome, enfiando o papel o mais fundo que pôde no compartimento.

O carregador retomou a caminhada, dessa vez com um passo rápido e rígido: seu boneco de infância, agora em tamanho natural. Ele imediatamente correu para a porta e, imperturbável, a manteve fechada com a força de sua marcha, suas mãos de ferro deixando marcas na superfície de carvalho com cada balanço dos braços, seus pés calçados com borracha provocando um forte atrito contra o chão de tijolos. Stratton recuou para o fundo do depósito.

— Pare — ordenou o assassino. — Você, pare de andar! Pare!

O autômato continuou a marchar, alheio a qualquer comando. O homem tornou a empurrar a porta, mas sem resultado. Ele, então, tentou golpeá-la com o ombro, cada impacto fazendo com que o autômato recuasse um pouco, mas não o suficiente para passar com dificuldade para dentro. Houve uma pausa breve, e então algo se projetou pela grade na porta. O homem a estava arrombando com um pé de cabra. A grade se desprendeu com um salto, deixando uma janela aberta. O assassino estendeu o braço por ela e levou a mão à parte de trás da cabeça do autômato, seus dedos à procura do nome cada vez que a cabeça do mecanismo balançava para a frente, mas não havia nada que ele pudesse pegar; o papel estava enfiado muito fundo na fenda.

O braço se retirou. O rosto do homem surgiu na janela.

— Você se acha esperto, não é? — falou.

Em seguida, desapareceu.

Stratton relaxou um pouco. Será que o homem havia desistido? Um minuto se passou, e Stratton começou a pensar em seu próximo movimento. Ele podia esperar ali até que a fábrica abrisse; haveria muita gente por perto para que o assassino permanecesse lá.

De repente, o braço do homem passou pela janela outra vez, dessa vez carregando um recipiente com líquido. Ele o derramou sobre a cabeça do autômato, e o líquido escorreu e respingou por suas costas. O homem retirou o braço, então Stratton ouviu o som de um fósforo ser riscado. O braço reapareceu e jogou o fósforo aceso no autômato.

O ambiente se encheu de luz quando a cabeça e a parte superior das costas do autômato entraram em chamas. O assassino o havia banhado em

óleo de lampião. Stratton estreitou os olhos diante do espetáculo: luz e sombras dançavam pelo chão e pelas paredes, transformando o depósito no local de alguma cerimônia druídica. O calor fez com que o autômato acelerasse seu ataque à porta, como um sacerdote salamandrino dançando em frenesi crescente até que, de uma hora para a outra, ele paralisou. Seu nome pegara fogo, e as letras estavam sendo consumidas.

Aos poucos, as chamas se apagaram. Para os olhos de Stratton, recém-adaptados à luz, o salão pareceu quase completamente negro. Mais pelo som que pela visão, ele percebeu que o homem estava outra vez empurrando a porta, forçando o autômato para trás o suficiente para conseguir entrar.

— Chega disso.

Stratton tentou passar por ele correndo, mas o assassino o agarrou com facilidade e o derrubou com um golpe na cabeça.

Seus sentidos voltaram quase imediatamente, mas o assassino o imobilizou de rosto contra o chão, com um joelho pressionando suas costas. O homem arrancou o amuleto de saúde do pulso de Stratton, depois amarrou suas mãos atrás das costas, apertando a corda forte o suficiente para que as fibras de cânhamo arranhassem a pele de seus pulsos.

— Que tipo de homem você é, para fazer coisas como esta? — perguntou Stratton, engasgando, seu rosto pressionado contra o chão de tijolos.

O assassino riu.

— Os homens não são diferentes de seus autômatos; deposite um papel com as letras certas em um homem, e ele faz o que você quiser.

O salão se iluminou quando o assassino acendeu um lampião a óleo.

— E se eu lhe pagasse mais para me deixar em paz?

— Não posso fazer isso. Tenho que pensar em minha reputação, não é? Agora, vamos aos negócios.

Ele agarrou o dedo mindinho da mão esquerda de Stratton e o quebrou abruptamente.

A dor foi lancinante, tão intensa que, por um momento, Stratton ficou insensível a todo o resto. Ele estava vagamente consciente de que tinha gritado. Então, ouviu o homem falar:

— Responda às minhas perguntas. Você mantém cópias de seu trabalho em casa?

— Sim. — Ele só conseguia dizer algumas palavras por vez. — Em minha mesa. No estúdio.

— Nenhuma cópia em outro lugar? Embaixo do piso, talvez?

— Não.

— Seu amigo lá em cima não tinha cópias. Mas alguma outra pessoa pode ter?

Ele não podia levar o homem a Darrington Hall.

— Ninguém.

O homem puxou o caderno do bolso do casaco de Stratton. Ele pôde ouvi-lo folhear suas páginas com calma.

— Você não mandou nenhuma carta? Correspondência com colegas, esse tipo de coisa?

— Nada que ninguém pudesse usar para reconstituir meu trabalho.

— Você está mentindo para mim.

O homem agarrou o dedo anular direito de Stratton.

— Não! É verdade!

Ele não conseguiu manter a histeria longe de sua voz.

Então, Stratton ouviu um golpe seco, e a pressão em suas costas relaxou. Com cuidado, ele levantou a cabeça e olhou ao redor. Seu agressor jazia inconsciente no chão. Parado ao lado dele estava Davies, segurando um porrete de couro.

Davies guardou a arma e se agachou para desatar a corda que amarrava Stratton.

— Está muito machucado, senhor?

— Ele quebrou um dos meus dedos. Davies, como você...?

— Lorde Fieldhurst me mandou assim que soube com quem Willoughby tinha entrado em contato.

— Graças a Deus você chegou a tempo.

Stratton viu a ironia da situação, seu resgate ordenado pelo próprio homem contra quem estava tramando, mas naquele instante estava grato demais para se importar.

Davies ajudou Stratton a ficar de pé e lhe entregou seu caderno. Depois usou a corda para amarrar o assassino.

— Fui ao seu escritório primeiro. Quem é o sujeito que está lá?

— O nome dele é... era Benjamin Roth. — Stratton conseguiu recontar seu encontro anterior com o cabalista. — Não sei o que ele estava fazendo lá.

— Muitos religiosos são um pouco fanáticos — comentou Davies verificando as amarras do assassino. — Como você não queria lhe dar seu trabalho, ele provavelmente achou que era justo tomá-lo por conta própria. Ele veio ao seu escritório para procurá-lo, e teve o azar de estar ali quando esse sujeito chegou.

Stratton sentiu uma onda de remorso.

— Eu devia ter dado a Roth o que ele pediu.

— O senhor não tinha como saber.

— É uma injustiça ultrajante que tenha sido ele a morrer. O cabalista não tinha nada a ver com esse assunto.

— É sempre assim, senhor. Venha, vamos cuidar dessa sua mão.

* * *

Davies enfaixou o dedo de Stratton com uma tala, assegurando a ele que a Real Sociedade de Londres ia lidar de forma discreta com quaisquer consequências dos acontecimentos daquela noite. Eles recolheram os papéis manchados de óleo do escritório de Stratton em um baú para que ele pudesse examiná-los quando quisesse, longe da fábrica. Quando terminaram, uma carruagem aguardava para levar Stratton de volta a Darrington Hall. Ela tinha partido na mesma hora que Davies, que chegara a Londres em um motor de corrida. Stratton embarcou na carruagem com o baú repleto de papéis, enquanto Davies ficou para trás

para lidar com o assassino e resolver os procedimentos em relação ao corpo do cabalista.

Stratton passou a viagem de carruagem bebendo de uma garrafinha de conhaque, tentando se acalmar. Ele sentiu alívio quando chegou a Darrington Hall. Embora a propriedade tivesse sua própria variedade de ameaças, Stratton sabia que ali estaria protegido contra assassinato. Quando entrou em seu quarto, o pânico dele tinha em grande parte se convertido em exaustão, e Stratton dormiu profundamente.

Sentiu-se muito mais disposto na manhã seguinte, e pronto para começar a analisar seu baú de papéis. Enquanto os arrumava em pilhas que lembravam sua organização original, Stratton encontrou um caderno que não reconheceu. Suas páginas continham letras hebraicas organizadas nos padrões familiares de integração e fatoração nominais, mas as anotações estavam em hebraico também. Com uma pontada de culpa renovada, ele se deu conta de que aquele caderno provavelmente pertencera a Roth; o assassino devia tê-lo encontrado em seu poder e o jogado junto com os papéis de Stratton para ser queimado.

Ele estava prestes a deixá-lo de lado, mas foi vencido pela curiosidade: nunca tinha visto o caderno de um cabalista antes. Muito da terminologia era arcaica, mas ele podia entendê-la bem; em meio aos encantamentos e quadros sefiróticos, encontrou o epíteto que permitia que um autômato escrevesse o próprio nome. Enquanto o lia, Stratton percebeu que a realização de Roth era mais pomposa do que pensara anteriormente.

O epíteto não descrevia uma série específica de ações físicas, mas, em vez disso, a noção geral de reflexividade. Um nome que incorporava o epíteto se tornava um autônimo: um nome que se autodesignava. As anotações indicavam que tal nome expressaria sua natureza léxica através de quaisquer meios que o corpo permitisse. O corpo animizado sequer precisava de mãos para escrever o nome; se o epíteto fosse incorporado corretamente, um cavalo de porcelana poderia realizar a tarefa arrastando um casco na terra.

Combinado com um dos epítetos de Stratton para destreza, o epíteto de Roth ia, na verdade, permitir que um autômato fizesse a maior parte do

que era necessário para se reproduzir. Um autômato podia modelar um corpo idêntico ao seu, escrever o próprio nome e inseri-lo para animizar o corpo. Ele não podia, porém, treinar o novo autômato em escultura, já que eles não podiam falar. Um autômato que pudesse de fato se reproduzir sem assistência humana permanecia fora de alcance, mas chegar tão perto assim sem dúvida deve ter deleitado os cabalistas.

Parecia injusto que os autômatos fossem muito mais fáceis de reproduzir que humanos. Era como se o problema de reproduzir autômatos tivesse que ser resolvido apenas uma vez, enquanto o de reproduzir humanos era uma tarefa de Sísifo, com toda a geração adicional aumentando a complexidade do nome exigido.

E, de repente, Stratton percebeu que ele não precisava de um nome que redobrasse a complexidade física, mas um que permitisse a duplicação léxica.

A solução era gravar o óvulo com um autônimo, e assim gerar um feto que levava o próprio nome.

O nome teria duas versões, como proposto originalmente: uma usada para induzir fetos machos, outra para fetos fêmeas. As mulheres concebidas dessa forma seriam férteis como sempre. Os homens concebidos assim também seriam férteis, mas não da maneira típica: seus espermatozoides não conteriam fetos pré-formados; em vez disso, carregariam um dos dois nomes de vidro em suas superfícies, a autoexpressão dos nomes originalmente inseridos por meio das agulhas de vidro. E quando um desses espermatozoides chegasse a um óvulo, o nome induziria a criação de um novo feto. A espécie conseguiria se reproduzir sem intervenção médica, porque ela carregaria o nome em seu interior.

Dr. Ashbourne e ele tinham imaginado que criar animais capazes de se reproduzir significava dar a eles fetos pré-formados, porque esse era o método usado pela natureza. Como resultado, tinham deixado passar outra possibilidade: que se uma criatura pudesse ser manifestada em um nome, reproduzi-la era o equivalente a transcrever o nome. Um organismo podia conter, em vez de um diminuto análogo de seu corpo, uma representação léxica.

A humanidade iria se tornar um veículo para o nome, não apenas um produto dele. Cada geração seria ao mesmo tempo conteúdo e recipiente, um eco em uma reverberação autossustentada.

Stratton vislumbrou um dia em que a espécie humana poderia sobreviver por quanto tempo permitisse seu comportamento, quando ela poderia resistir ou tombar tendo como base apenas suas ações, e não simplesmente desaparecer quando um período de vida predeterminado se esgotasse. Outras espécies poderiam florescer e murchar como flores com o passar das estações de tempo geológico, mas os humanos iriam perdurar pelo tempo que eles mesmos determinassem.

Além disso, nenhum grupo iria controlar a fecundidade de outro; no domínio da procriação, pelo menos, a liberdade seria restaurada ao indivíduo. Essa não era uma aplicação que Roth intencionara para seu epíteto, mas Stratton esperava que o cabalista a considerasse digna. Quando o verdadeiro poder do autônimo se tornasse aparente, uma geração inteira consistindo de milhões de pessoas em todo o mundo teria nascido do nome, e não haveria como nenhum governo controlar a reprodução. Lorde Fieldhurst ou seus sucessores ficariam ultrajados e, no fim, haveria um preço a pagar, mas Stratton decidiu que poderia aceitá-lo.

Ele correu para sua mesa, abriu o próprio caderno e o de Roth lado a lado. Em uma página em branco, começou a anotar ideias sobre como o epíteto de Roth poderia ser incorporado ao aptônimo humano. Em sua mente, Stratton já estava transpondo letras, procurando uma permutação que denotasse tanto o corpo humano quanto a si mesma, uma codificação ontogênica da espécie.

A evolução da ciência humana

Faz vinte e cinco anos desde a última vez que uma reportagem sobre uma pesquisa original foi submetida aos nossos editores para publicação, fazendo deste um momento apropriado para revisitar a questão que foi tão amplamente debatida na época: qual é o papel dos cientistas humanos em uma era em que as fronteiras da investigação científica se deslocaram para além da compreensão humana?

Sem dúvida, muitos de nossos assinantes se lembram de ler artigos cujos autores foram os primeiros indivíduos a obterem os resultados descritos. No entanto, quando meta-humanos começaram a dominar a pesquisa experimental, eles, cada vez mais, tornaram suas descobertas disponíveis apenas por TND (transferência neural digital), restando às revistas científicas publicarem apenas relatos de segunda mão traduzidos para linguagem humana. Sem a TND, os humanos não conseguiam entender por completo os desenvolvimentos prévios, nem utilizar de modo eficaz as novas ferramentas necessárias para a realização de pesquisas, enquanto meta-humanos continuavam a aperfeiçoar a TND e a depender cada vez mais dela. Publicações científicas para o público humano foram reduzidas a veículos de popularização, e eram ruins nesse objetivo, pois até os humanos mais brilhantes se viam intrigados pelas traduções das últimas descobertas.

Ninguém nega os inúmeros benefícios da ciência meta-humana; porém, um de seus custos para os pesquisadores humanos foi perceber que eles provavelmente jamais tornariam a fazer uma descoberta inovadora para a ciência. Alguns abandonaram de vez o campo, mas os que ficaram desviaram a atenção de sua pesquisa original na direção da hermenêutica: interpretar o trabalho científico de meta-humanos.

A hermenêutica textual foi a primeira a se tornar popular, pois já havia terabytes de publicações meta-humanas cujas traduções, mesmo quase criptográficas, supostamente não eram de todo incorretas. Decifrar esses textos tem pouca semelhança com a tradicional tarefa desempenhada por

paleógrafos, mas o progresso continua: experimentos recentes demonstraram estar correta a decifração feita por Humphries sobre histocompatibilidade genética, publicada uma década atrás.

A disponibilidade de aparelhos com base na ciência meta-humana deu origem à hermenêutica de artefatos. Cientistas começaram a tentar "engenharia reversa" nesses artefatos, não com o objetivo de fabricar produtos concorrentes, mas de compreender os princípios físicos que fundamentam sua operação. A técnica mais comum é a análise cristalográfica de dispositivos de nanotecnologia, que muitas vezes nos fornecem novas compreensões da mecanossíntese.

O modo de investigação mais recente e de longe mais especulativo é o sensoriamento remoto de locações de pesquisa meta-humanas. Um alvo recente de investigação é o ExaCollider instalado há pouco tempo sob o deserto de Gobi, cuja assinatura enigmática de neutrinos foi tema de muita controvérsia. (O detector portátil de neutrinos é, evidentemente, outro artefato meta-humano cujos princípios de operação permanecem ininteligíveis.)

A questão é: esses são empreendimentos dignos para cientistas? Alguns dizem que são perda de tempo, comparando-os a uma tentativa de fundir bronze feita pelos nativos americanos em um momento em que ferramentas de aço de manufatura europeia eram de fácil acesso. A comparação poderia ser mais apropriada se os humanos estivessem competindo com os meta-humanos; contudo, na economia abundante de hoje, não há evidências de tal competição. Na verdade, é importante reconhecer que, diferentemente dos embates entre a maioria das culturas de tecnologia inferior precedentes e outras de tecnologia bastante avançada, os humanos não se encontram em nenhum risco de assimilação ou de extinção.

Ainda não há maneira de ampliar o cérebro humano ao tamanho do de um meta-humano; a terapia gênica de Sugimoto deve ser realizada antes do início da neurogênese embrionária para que um cérebro seja compatível com a TND. Essa ausência de um mecanismo de assimilação acarreta uma escolha difícil aos pais humanos de uma criança meta-

humana: permitir a interação dos filhos por TND com a cultura meta-humana e vê-los crescerem ininteligíveis para eles, ou, em vez disso, restringir o acesso à TND durante os anos de formação da criança, o que para um meta-humano é uma privação como a sofrida por Kaspar Hauser. Não é surpresa que o percentual de pais humanos que escolhem a terapia gênica de Sugimoto para os filhos tenha caído a quase zero nos últimos anos.

Como resultado, a cultura humana provavelmente sobreviverá por um longo período, e a tradição científica é parte vital dessa cultura. A hermenêutica é um método legítimo de investigação da ciência e aumenta o corpo do conhecimento humano assim como fazia as formas tradicionais de pesquisa. Além disso, pesquisadores humanos podem perceber aplicações ignoradas por meta-humanos, cujos atributos os tornam alheios aos nossos interesses. Por exemplo, imagine se a pesquisa oferecesse esperança de uma terapia de aumento de inteligência diferente, uma que permitisse aos indivíduos um aperfeiçoamento gradual em suas mentes até um nível equivalente ao de um meta-humano. Uma terapia como essa forneceria uma ponte sobre o que se transformou no maior divisor de águas na história de nossa espécie, mas ainda assim sequer ocorreria a um meta-humano explorá-la; essa possibilidade, por si só, já justifica a continuação da pesquisa humana.

Nós devemos nos sentir intimidados pelas realizações da ciência meta-humana. Devemos sempre nos lembrar de que as tecnologias que tornaram os meta-humanos viáveis foram originalmente inventadas por humanos, e eles não eram mais inteligentes que nós.

O Inferno é a ausência de Deus

Esta é a história de um homem chamado Neil Fisk e de como ele veio a amar a Deus. O evento fundamental na vida de Neil foi um acontecimento tão terrível quanto ordinário: a morte de sua mulher, Sarah. Neil foi consumido pelo pesar depois que ela morreu, um pesar excruciante não apenas por sua magnitude intrínseca, mas porque também renovava e enfatizava as dores anteriores de sua vida. A morte dela o forçou a reexaminar sua relação com Deus e, ao fazer isso, ele começou uma jornada que iria mudá-lo para sempre.

Neil nasceu com uma anomalia congênita que fazia com que sua coxa esquerda tivesse rotação externa e fosse vários centímetros mais curta que a direita; o termo médico para isso era deficiência femoral focal proximal. A maioria das pessoas que ele conhecia supunha que Deus era responsável por aquilo, mas a mãe de Neil não testemunhara nenhuma aparição durante a gestação do filho; sua condição era resultado do desenvolvimento inapropriado do membro durante a sexta semana de gravidez, mais nada. Na verdade, na opinião da mãe de Neil, a culpa era de seu pai ausente, cuja renda poderia ter tornado a cirurgia corretiva uma possibilidade, embora ela nunca tenha expressado esse sentimento em voz alta.

Quando criança, Neil às vezes se perguntava se ele estava sendo castigado por Deus, mas, na maior parte das vezes, culpava seus colegas de escola por sua infelicidade. A crueldade indiferente, a habilidade instintiva para localizar a fragilidade na armadura emocional de uma vítima, o modo como os laços de amizade deles eram reforçados pelo sadismo: Neil reconhecia isso como exemplos de comportamento humano, não divino. E embora seus colegas de classe costumassem usar o nome de Deus em suas provocações, Neil sabia muito bem que não devia culpá-Lo por suas ações.

No entanto, enquanto Neil evitava a cilada de culpar Deus, ele nunca fez nada para amá-Lo; nada em sua criação ou personalidade o levava a rezar a Deus por força ou conforto. As variadas provações que enfrentou ao crescer foram acidentais ou de origem humana, e ele contava com recursos

estritamente humanos para se opor a elas. Neil se tornou um adulto que — como tantos outros — via as ações divinas como algo abstrato até elas serem impingidas em suas vidas. Aparições angelicais eram eventos que aconteciam com outras pessoas, e chegavam a ele apenas através de reportagens no noticiário da noite. Sua própria vida era inteiramente mundana. Ele trabalhava como superintendente de um prédio residencial de alto nível, recolhendo aluguéis e realizando reparos. Até onde sabia, as circunstâncias eram plenamente capazes de se desenrolar, de maneira feliz ou não, sem uma intervenção superior.

Esta continuou sendo sua experiência até a morte da esposa.

Foi uma aparição nada excepcional, menor em magnitude que a maioria, mas não diferente em essência, trazendo bênçãos para alguns e desastre para outros. Nessa ocasião, o anjo foi Natanael, que apareceu em um distrito comercial no centro da cidade. Quatro curas milagrosas foram realizadas: a eliminação de carcinomas em dois indivíduos, a regeneração da medula espinhal de um paraplégico e o restabelecimento da visão de uma pessoa que ficara cega recentemente. Houve também dois milagres que não foram curas: uma van de entregas, cujo motorista desmaiara ao ver o anjo, foi detida antes que invadisse uma calçada movimentada; outro homem foi surpreendido por um feixe de luz celestial quando o anjo partiu, dando fim a seus olhos, mas assegurando sua devoção.

A mulher de Neil, Sarah Fisk, fora uma das oito vítimas fatais. Ela foi atingida por estilhaços de vidro quando a ondulante cortina de chamas do anjo destroçou a vitrine do café onde ela estava comendo. Sarah sangrou até a morte em minutos, enquanto os outros clientes do estabelecimento — nenhum deles sofreu sequer ferimentos superficiais — não podiam fazer nada além de ouvir seus gritos de dor e medo, e por fim testemunhar a ascensão de sua alma na direção do Céu.

Natanael não entregara nenhuma mensagem específica; as palavras de despedida do anjo, que haviam ecoado por toda a área da aparição, foram as típicas "Contemplem o poder do Senhor". Das oito vítimas fatais daquele dia, três almas foram aceitas no Céu, e cinco, não: uma proporção menor do que a média para mortes, seja lá quais forem as causas. Sessenta

e duas pessoas receberam tratamento médico para ferimentos que iam de concussões leves e tímpanos rompidos a queimaduras que exigiam enxertos de pele. O dano total ao patrimônio foi estimado em 8,1 milhões de dólares, não coberto pelas seguradoras devido ao motivo. Multidões de pessoas se tornaram crentes devotos após a aparição, seja por gratidão ou terror.

Infelizmente, Neil Fisk não foi uma delas.

* * *

Depois de uma aparição, é comum que todas as testemunhas se reúnam em grupo para discutir como aquela experiência afetou suas vidas. As testemunhas da última aparição de Natanael organizaram reuniões, e membros das famílias dos que morreram eram bem-vindos, então Neil começou a frequentá-las. As reuniões ocorriam uma vez por mês em uma sala no porão de uma grande igreja no centro da cidade; havia cadeiras de metal dobráveis dispostas em fileiras e, no fundo do cômodo, uma mesa com café e donuts. Todos usavam etiquetas adesivas com seus nomes escritos com caneta hidrográfica.

Enquanto esperavam o início da reunião, as pessoas ficavam por lá, bebendo café, conversando despreocupadamente. A maioria dos indivíduos com quem Neil conversava supunha que sua perna era resultado da aparição, e ele tinha que explicar que ele não era uma testemunha, mas o marido de uma das vítimas. Isso não o incomodava tanto; ele estava acostumado a explicar sobre a perna. O que o incomodava de verdade era o tom das próprias reuniões, quando os participantes falavam sobre suas reações à aparição: a maioria deles falava sobre sua devoção recém-descoberta a Deus, e eles tentavam convencer os enlutados de que deviam sentir o mesmo.

A reação de Neil a tais tentativas de persuasão dependia de quem as estava fazendo. Quando era uma testemunha comum, ele achava aquilo apenas irritante. Quando alguém que recebera uma cura milagrosa lhe dizia para amar a Deus, ele tinha que conter o impulso de estrangular a

pessoa. Porém, o que ele achou mais atordoante foi ouvir a mesma sugestão de um homem chamado Tony Crane; a esposa de Tony também morrera na aparição, e ele agora projetava um ar submisso a cada movimento. Com um tom de voz abafado e lacrimejante, explicou como tinha aceitado seu papel como um dos súditos de Deus, e aconselhou Neil a fazer o mesmo.

Neil não parou de frequentar as reuniões — ele sentia que, de algum modo, permanecer com eles era um débito que tinha com Sarah —, mas também encontrou outra reunião para ir, uma mais compatível com os próprios sentimentos: um grupo de apoio dedicado àqueles que haviam perdido um ente querido durante uma aparição e estavam com raiva de Deus por causa disso. Eles se reuniam quinzenalmente em uma sala no centro comunitário local, e conversavam sobre o pesar e a raiva que fervilhavam em seu interior.

Todos os presentes eram em geral solidários uns com os outros, apesar das diferenças em suas diversas atitudes em relação a Deus. Entre os que eram devotos antes da perda, alguns enfrentavam dificuldade diante da tarefa de permanecer assim, enquanto outros desistiam de sua devoção sem pensar duas vezes. Entre os que nunca tinham sido devotos, alguns sentiam que sua posição havia sido validada, enquanto outros enfrentavam a tarefa quase impossível de se tornar devotos agora. Neil se via, para sua consternação, nesta última categoria.

Como toda outra pessoa não devota, Neil nunca gastara muita energia pensando em onde sua alma iria terminar; ele sempre supusera que seu destino fosse o Inferno, e aceitava isso. As coisas eram assim, e o Inferno, afinal de contas, não era fisicamente pior que o plano mortal.

Ele representava exílio permanente de Deus, nada mais; tal verdade estava explícita, para que todos a vissem, nas ocasiões em que o Inferno se manifestava. Isso acontecia bastante; o chão parecia ficar transparente, e você podia ver o Inferno como se estivesse olhando através de um buraco no solo. As almas perdidas e os vivos não pareciam diferentes, seus corpos eternos semelhantes aos corpos mortais. Não era possível se comunicar com eles — seu exílio de Deus implicava que aquelas pessoas não podiam

captar o plano mortal, no qual as ações d'Ele ainda eram sentidas —, mas enquanto durava a manifestação, você podia ouvi-los falar, rir ou chorar, como haviam feito quando estavam vivos.

As pessoas se diferenciavam muito quanto às reações diante dessas manifestações. A maioria dos devotos era estimulada, mas não pela visão de algo assustador, e sim pela lembrança de que a eternidade fora do Paraíso era uma possibilidade. Neil, em comparação, era um daqueles que permanecia inabalável; na opinião dele, as almas perdidas, como grupo, não eram menos felizes que o próprio Neil, sua existência não era pior do que a dele no plano mortal, sendo até melhor em certos aspectos: seu corpo eterno não seria estorvado por anomalias congênitas.

Claro, todo mundo sabia que o Céu era incomparavelmente melhor, mas, para Neil, ele sempre parecera algo distante demais a ponto de ser cogitado, como riqueza, fama ou glamour. Para pessoas como ele, o Inferno era para onde você ia quando morria, e ele não via sentido em reestruturar sua vida baseando-se na esperança de evitar isso. E como Deus não havia tido qualquer papel na vida de Neil, o homem não tinha medo de ser exilado d'Ele. A perspectiva de viver sem interferência, habitar um mundo onde a sorte ou infortúnios nunca eram por desígnio, não era aterrorizante para ele.

Agora que Sarah estava no Céu, a situação mudara. Neil queria mais do que qualquer coisa se reunir com ela, e a única maneira de ir para o Céu era amar a Deus com todo o coração.

* * *

Esta é a história de Neil, mas para contá-la da forma correta é necessário contar a história de dois outros indivíduos cujos caminhos se entrelaçaram com o dele. O primeiro deles é Janice Reilly.

O que as pessoas supunham sobre Neil tinha, na verdade, ocorrido com Janice. Quando a mãe dela estava no oitavo mês de gravidez, ela perdeu o controle do carro que estava dirigindo e colidiu com um poste telefônico durante uma súbita tempestade de granizo, com punhos de gelo

despencando de um céu azul límpido e tomando conta da estrada como um derramamento de gigantescas bolas de bilhar. Ela estava sentada em seu carro, abalada mas ilesa, quando viu uma aglomeração de chamas prateadas — depois identificada como o anjo Bardiel — flutuar pelo céu. A visão a petrificou, mas não a ponto de deixar de perceber uma sensação peculiar se instalar em seu ventre. Um ultrassom posterior revelou que a ainda não nascida Janice Reilly não tinha mais pernas: pés como barbatanas cresciam direto da cavidade do acetábulo femoral.

A vida de Janice podia ter corrido como a de Neil, não fosse pelo que aconteceu dois dias depois do ultrassom. Os pais dela estavam sentados à mesa da cozinha, chorando e se perguntando o que tinham feito para merecer aquilo, quando uma visão lhes ocorreu: as almas salvas de quatro parentes mortos apareceram diante deles, espalhando pela cozinha um brilho dourado. Os salvos nunca falavam, mas seus sorrisos beatíficos induziam uma sensação de serenidade em quem quer que os visse. A partir daquele momento, os Reilly tiveram certeza de que a condição de sua filha não era um castigo.

Como resultado, Janice cresceu pensando que seu estado de não ter pernas era um dom; seus pais lhe explicaram que Deus havia dado a ela uma missão especial porque Ele a considerava digna da tarefa. E ela jurou que não iria decepcioná-Lo. Sem orgulho ou desrespeito, ela via como responsabilidade pessoal mostrar aos outros que suas condições não indicavam fraqueza, mas sim força.

Quando criança, Janice era totalmente aceita pelos colegas de escola; quando se é tão bonita, confiante e carismática quanto ela, as crianças nem percebem que você está em uma cadeira de rodas. Foi durante a adolescência que percebeu que as pessoas com corpos vigorosos da escola não eram as que mais precisavam ser convencidas. Era mais importante para ela dar o exemplo para outros indivíduos deficientes, tivessem eles sido tocados por Deus ou não, independentemente de onde viviam. Janice começou a falar diante de plateias, dizendo àqueles com deficiência que tinham a força que Deus exigia deles.

Com o tempo, ela desenvolveu certa fama e também seguidores. Ganhava a vida escrevendo e realizando palestras, e criou uma organização sem fins lucrativos dedicada a promover sua mensagem. As pessoas lhe enviavam cartas agradecendo a mudança proporcionada por ela em suas vidas, e recebê-las dava a Janice uma sensação de realização que Neil jamais vivenciara.

Assim era a vida de Janice até que ela testemunhou pessoalmente uma aparição do anjo Rashiel. Ela estava entrando em casa quando os tremores começaram; no início, achou que eram de ordem natural, embora não vivesse em uma área geologicamente ativa, e esperou que cessassem debaixo da porta. Vários segundos depois, ela captou um lampejo prateado no céu, e percebeu que era um anjo, pouco antes de perder a consciência.

Janice despertou diante da maior surpresa de sua vida: a visão de duas pernas novas, compridas, musculosas e totalmente funcionais.

Ficou alarmada na primeira vez que se levantou: era mais alta do que esperava. Equilibrar-se em tal altura sem usar os braços era inquietante. Ao mesmo tempo, sentir a textura do chão através das solas dos pés tornava aquilo bizarro, ainda que de uma maneira positiva. Funcionários da equipe de resgate, ao encontrá-la vagando pela rua, atônita, acharam que ela estivesse em choque até que Janice — maravilhada com a possibilidade de olhá-los ao nível dos olhos — explicou o que havia acontecido.

Quando os dados estatísticos da aparição foram reunidos, a recuperação das pernas de Janice foi registrada como uma bênção, e ela se sentiu humildemente agradecida por sua boa sorte. Foram só nas reuniões do primeiro grupo de apoio que um sentimento de culpa começou a surgir aos poucos. Ali, Janice conheceu duas pessoas com câncer que tinham testemunhado a aparição de Rashiel, haviam pensado que a cura estava próxima e se sentiram amargamente desapontadas quando se deram conta de que foram preteridas. Janice se viu perguntando: por que ela recebera uma bênção e eles não?

A família e os amigos de Janice consideraram a recuperação de suas pernas uma recompensa pelo sucesso na tarefa que Deus lhe deu, mas, para ela, essa interpretação levantava outra questão: o Senhor queria que

Janice parasse? Claro que não; o evangelismo lhe oferecia o principal guia de sua vida, e não havia limite para o número de pessoas que precisavam ouvir sua mensagem. Continuar a pregar era a melhor atitude que ela podia tomar, tanto para si mesma quanto para os outros.

Suas ressalvas cresceram durante o primeiro compromisso para falar em público após a aparição, diante de uma plateia de pessoas recém-paralisadas e agora presas a cadeiras de rodas. Janice proferiu as palavras habituais de inspiração, assegurando a eles que tinham a força necessária para os desafios à frente; foi durante a parte em que ela respondia a perguntas que questionaram se a recuperação de suas pernas indicava que ela obtivera sucesso em sua provação. Janice não sabia o que dizer; dificilmente podia prometer a eles que um dia suas marcas seriam apagadas. Na verdade, ela percebeu, qualquer implicação de que ela tinha sido recompensada podia ser interpretada como uma crítica aos outros que permaneciam com o problema, e Janice não queria isso. Tudo o que ela podia contar a eles era que não sabia por que fora curada, mas era óbvio que eles acharam aquela uma resposta insatisfatória.

Janice voltou atordoada para casa. Ainda acreditava em sua mensagem, mas, na opinião de seu público, tinha perdido sua grande fonte de credibilidade. Como ela poderia inspirar os outros que tinham sido tocados por Deus a ver a condição deles como uma marca de força, quando ela própria não compartilhava mais de sua condição?

Ela pensou se aquilo podia ser um desafio, um teste de sua habilidade para disseminar Sua palavra. Sem dúvida Deus tornara a tarefa dela mais difícil; talvez a recuperação de suas pernas fosse um obstáculo que Janice devesse superar, assim como tinha sido a remoção delas.

Essa interpretação se revelou falha em seu compromisso seguinte. O público era um grupo de testemunhas de uma aparição de Natanael; muitas vezes ela era convidada a falar para esses grupos na esperança de que aqueles que haviam sofrido pudessem obter forças a partir dela. Em vez de evitar a questão, Janice começou com um relato da aparição que ela mesma vivenciara há pouco. Ela explicou que, enquanto parecia que era a beneficiada, na verdade, estava enfrentando o próprio desafio: como eles,

ela estava sendo obrigada a encontrar forças em fontes anteriormente desconhecidas.

Ela percebeu, tarde demais, que dissera a coisa errada. Um homem na plateia com uma perna deformada se levantou e a desafiou: ela estava sugerindo que a recuperação de suas pernas era comparável à perda da esposa dele? Ela podia mesmo estar comparando suas provações com as dele?

Na mesma hora, Janice lhe assegurou que não estava, e que ela não podia imaginar a dor que o homem estava sentindo. Porém, disse ela, não era a intenção de Deus que todos fossem submetidos aos mesmos tipos de provação, apenas que cada pessoa encarasse sua própria provação, qualquer que fosse. A dificuldade de uma provação era subjetiva, e não havia como comparar a experiência de dois indivíduos. E assim como aqueles cujo sofrimento parecia maior do que o dele deviam ter compaixão por ele, o homem também devia ter compaixão por aqueles cujo sofrimento parecia menor.

Ele não engoliu a explicação. Ela havia recebido o que qualquer outra pessoa teria considerado uma bênção fantástica e estava reclamando. Ele deixou o salão exaltado enquanto Janice ainda tentava explicar.

Aquele homem, é claro, era Neil Fisk. Neil tivera o nome de Janice Reilly mencionado a ele durante grande parte de sua vida, mais frequentemente por pessoas que estavam convencidas de que sua perna deformada era um sinal divino. Essas pessoas a citavam como um exemplo a ser seguido, dizendo a ele que a atitude de Janice era a reação certa a uma deficiência física. Neil não podia negar que sua falta de pernas era uma condição bem pior que seu fêmur deformado. Infelizmente, a atitude dela era tão estranha a ele que, mesmo nas melhores épocas, nunca conseguira aprender nada com ela. Agora, nas profundezas de seu pesar e desnorteado com o fato de ela ter recebido um dom de que não precisava, Neil achava suas palavras ofensivas.

Nos dias seguintes, Janice se viu cada vez mais atormentada por dúvidas, incapaz de chegar à conclusão do que a recuperação de suas pernas significava. Será que estava sendo ingrata por uma dádiva que

recebera? Seria aquilo ao mesmo tempo uma bênção e um teste? Talvez fosse um castigo, uma indicação de que ela não tinha desempenhado seu dever bem o suficiente. Havia tantas possibilidades que ela não sabia em qual acreditar.

* * *

Há outro indivíduo que teve papel importante na história de Neil, embora os dois não tenham se conhecido até que a jornada de Neil estivesse quase terminada. O nome dessa pessoa é Ethan Mead.

Ethan fora criado em uma família devota, mas não tanto assim. Seus pais creditavam a Deus a saúde acima da média e a situação econômica confortável, embora não tivessem testemunhado nenhuma aparição nem recebido nenhuma visão; eles apenas confiavam que Deus era, de forma direta ou não, responsável por sua boa sorte. A devoção deles nunca havia sido posta à prova, e talvez não tivesse resistido a ela; o amor por Deus era baseado em sua satisfação com o status quo.

Ethan, porém, não era como os pais. Desde a infância, tinha a certeza de que Deus lhe dedicara um papel especial, e esperava por um sinal que lhe dissesse qual era esse papel. Ele teria gostado de se tornar pregador, mas sentia que não tinha nenhum testemunho convincente a oferecer; seus sentimentos vagos de expectativa não eram suficientes. Ele ansiava por um encontro com o divino que lhe desse uma direção.

Ethan podia ter ido para um dos locais sagrados, aqueles lugares onde — por razões que ninguém conhece — aparições angelicais ocorriam com frequência, mas ele sentia que tal ação seria presunçosa de sua parte. Os locais sagrados eram normalmente o último recurso dos desesperados, pessoas em busca de uma cura milagrosa para recuperar seus corpos ou de um vislumbre da luz celestial para recuperar suas almas, e Ethan não estava desesperado. Ele decidiu que já havia sido encaminhado a seu próprio curso e que, com o tempo, as razões se tornariam claras. Enquanto esperava por esse dia, vivia sua vida da melhor maneira possível: trabalhava como bibliotecário, casou-se com uma mulher chamada Claire e criou

dois filhos. Durante todo esse tempo, permaneceu alerta a sinais de um destino maior.

Ethan estava certo de que sua hora tinha chegado quando ele se tornou testemunha de uma aparição de Rashiel, a mesma aparição que — a quilômetros de distância — recuperou as pernas de Janice Reilly. Ethan estava sozinho quando aconteceu; caminhava na direção de seu carro no centro de um estacionamento quando o chão começou a tremer. Instintivamente, ele soube que era uma aparição, e assumiu uma postura ajoelhada, sem sentir medo, apenas regozijo e assombro diante da perspectiva de descobrir seu chamado.

O chão ficou imóvel após um minuto, e Ethan olhou ao redor, mas fora isso, não se mexeu. Apenas depois de aguardar vários outros minutos ele ficou de pé. Havia uma grande rachadura no asfalto, começando diretamente à frente dele e seguindo uma trilha sinuosa pela rua. A rachadura parecia estar lhe apontando uma direção específica, então ele correu, acompanhando-a por vários quarteirões até encontrar outros sobreviventes, um homem e uma mulher saindo de uma fissura pequena que se abrira exatamente abaixo deles. Ele esperou com os dois até que as equipes de resgate chegassem e os levassem para um abrigo.

Ethan frequentou as reuniões do grupo de apoio que aconteceram em seguida e conheceu outras testemunhas da aparição de Rashiel. No decorrer de alguns encontros, tomou consciência de determinados padrões entre as testemunhas. Claro que havia aqueles que tinham sido feridos e os que receberam curas milagrosas. Contudo, havia também aqueles cujas vidas eram alteradas de outras maneiras: o homem e a mulher que ele conhecera se apaixonaram e logo ficaram noivos; uma mulher que ficara presa sob uma parede desabada fora inspirada a se tornar enfermeira socorrista depois de ser resgatada. A dona de uma empresa formou uma aliança que evitou sua falência iminente enquanto outro empresário, cujo negócio foi destruído, viu na aparição uma mensagem para mudar seu comportamento. Parecia que todo mundo, menos Ethan, encontrara um meio de entender o que havia acontecido com eles.

Ele não tinha sido amaldiçoado nem abençoado explicitamente, e não sabia que mensagem estava destinado a receber. Sua esposa, Claire, sugeriu que ele considerasse a aparição um lembrete de que devia apreciar o que tinha, mas Ethan não achou isso satisfatório, argumentando que toda aparição — não importava onde ocorresse — servia a essa função, e o fato de ele ter testemunhado uma aparição em primeira mão devia ter um significado maior. Sua mente foi afligida pela ideia de que Ethan havia perdido uma oportunidade, que existia outra testemunha que ele devia conhecer, mas não havia conhecido. Essa aparição tinha que ser o sinal que ele estava esperando; Ethan não podia simplesmente desprezá-la. Mas ela não lhe disse o que devia fazer.

Por fim, o bibliotecário recorreu ao processo de eliminação: conseguiu uma lista de todas as testemunhas e foi cortando as que tinham uma interpretação clara de sua experiência, concluindo que uma das restantes devia ser a pessoa cujo destino estava de algum modo entrelaçado ao dele. Entre os indivíduos que estavam confusos ou incertos sobre o significado da aparição estaria aquele que ele devia conhecer.

Quando terminou de riscar nomes de sua lista, restava apenas um: JANICE REILLY.

* * *

Em público, Neil conseguia dissimular seu pesar como se espera que adultos façam, mas, na privacidade de seu apartamento, as comportas da emoção se abriam de repente. O entendimento da ausência de Sarah o devastava, e então ele desabava no chão e chorava. Neil ficava em posição fetal, o corpo abalado por fortes soluços, lágrimas e coriza escorrendo por seu rosto, a angústia chegando em ondas cada vez maiores até que era mais do que ele conseguia suportar, mais intensamente do que ele acreditava ser possível. Minutos ou horas depois, cessava, e ele adormecia, exausto. Na manhã seguinte, ele acordava e encarava a perspectiva de outro dia sem Sarah.

Uma idosa do prédio onde Neil morava tentou confortá-lo dizendo que a dor ia diminuir com o tempo e, ainda que ele jamais fosse se esquecer da esposa, pelo menos ia conseguir seguir em frente. Então, um dia ele ia conhecer outra pessoa e encontrar a felicidade com ela, e aprenderia a amar a Deus, e assim subiria ao Céu quando chegasse sua hora.

As intenções dessa senhora eram boas, mas Neil não estava em posição de encontrar nenhum conforto naquelas palavras. A ausência de Sarah era como uma ferida aberta, e a perspectiva de um dia não sentir dor por sua perda parecia não apenas remota, mas uma impossibilidade física. Se o suicídio pudesse acabar com sua dor, ele o teria cometido sem hesitar, mas isso apenas ia garantir que sua separação de Sarah fosse permanente.

O assunto suicídio surgia com regularidade no grupo de apoio, e sempre levava alguém a mencionar Robin Pearson, uma mulher que costumava ir às reuniões vários meses antes de Neil começar a frequentá-las. O marido de Robin fora afetado por câncer de estômago durante uma aparição do anjo Makatiel. Ela ficou no quarto de hospital dele por dias seguidos, só para o homem morrer de forma inesperada quando ela estava em casa lavando roupa. Uma enfermeira que estivera presente disse que a alma dele tinha ascendido; por esse motivo, Robin havia começado a frequentar as reuniões do grupo de apoio.

Muitos meses depois, ela chegou à reunião tremendo de raiva. Houvera uma manifestação do Inferno perto de sua casa, e ela vira o marido em meio às almas perdidas. Robin confrontara a enfermeira, que admitiu mentir na esperança de que ela aprendesse a amar a Deus. Dessa maneira, ao menos ela seria salva, mesmo que o marido não tivesse sido. Robin não compareceu à reunião seguinte, e na reunião depois dessa, o grupo soube que ela tinha cometido suicídio para se juntar ao marido.

Nenhum deles sabia qual era a situação do relacionamento de Robin e seu marido na vida após a morte, mas tinha-se conhecimento de casos de sucesso; alguns casais haviam se unido por meio do suicídio e estavam felizes. O grupo de apoio tinha membros cujos cônjuges haviam descido ao Inferno, e eles falavam sobre estarem divididos entre querer permanecer vivos e querer se juntar aos cônjuges. Neil não estava na situação deles,

mas sua primeira reação ao escutá-los fora de inveja: se Sarah tivesse ido para o Inferno, o suicídio seria a solução de todos os seus problemas.

Isso o levou a uma autodescoberta vergonhosa. Ele se deu conta de que se precisasse escolher entre ir para o Inferno enquanto Sarah ia para o Céu ou os dois irem juntos para o Inferno, ele escolheria o segundo: preferiria que ela fosse exilada de Deus que separada dele. Sabia que isso era egoísta, mas não podia mudar o que sentia: ele acreditava que Sarah podia ser feliz em qualquer um dos lugares, mas ele só podia ser feliz com ela.

As experiências amorosas anteriores de Neil não foram boas. Com demasiada frequência, ele começava a paquerar uma mulher quando ia a um bar. Porém, no momento em que Neil se levantava e suas pernas curtas surgiam à vista, ele se lembrava de que tinha um compromisso em outro lugar. Certa vez, uma mulher com quem ele estava saindo havia várias semanas terminou o relacionamento, explicando que, apesar de ela não considerar a perna dele um defeito, sempre que eram vistos juntos em público, outras pessoas imaginavam que devia haver algo errado com ela por estar com ele — e é claro que Neil podia entender como isso era injusto com ela, não?

Sarah fora a primeira mulher que Neil conheceu cujo comportamento não havia mudado nem um pouco, cuja expressão não oscilara em direção à pena, ou ao horror, ou mesmo à surpresa quando viu sua perna. Só por essa razão, era previsível que Neil se encantasse por ela; quando ele viu todos os aspectos de sua personalidade, estava completamente apaixonado. E como suas melhores qualidades afloravam quando estava com ela, Sarah se apaixonou por ele também.

Neil ficara surpreso quando Sarah lhe contou que era devota. Não havia muitos sinais de sua devoção — ela não ia à igreja e compartilhava da antipatia de Neil pela atitude da maioria das pessoas que ia —, mas, de seu próprio jeito tranquilo, ela era grata a Deus por sua vida. Sarah nunca tentara converter Neil, dizendo que ou a devoção vinha de nosso íntimo, ou nunca vinha. Eles raramente tinham motivo para mencionar Deus, e, na maior parte do tempo, era fácil para Neil imaginar que as ideias de Sarah sobre o Senhor eram as mesmas que as dele.

Isso não quer dizer que a devoção de Sarah não teve efeito sobre ele. Pelo contrário: Sarah era de longe o melhor argumento que ele já encontrara para amar a Deus. Se o amor de Deus contribuíra para fazer dela a pessoa que era, então talvez fizesse algum sentido. Durante os anos em que estiveram casados, a perspectiva dele sobre a vida melhorou. Provavelmente Neil teria chegado ao ponto em que ficaria grato a Deus, se Sarah e ele tivessem envelhecido juntos.

A morte da esposa eliminou essa possibilidade em particular, mas não fechara a porta para o viúvo amar a Deus. Neil podia ter tomado isso como um lembrete de que ninguém pode contar com o fato de que lhe restam décadas. Ele podia ter sido tocado pela conscientização de que, se tivesse morrido com ela, sua alma estaria perdida, e os dois, separados por toda a eternidade. Podia ter visto a morte de Sarah como um choque de realidade, dizendo a ele para amar a Deus enquanto ainda tinha essa chance.

Em vez disso, Neil se tornou energicamente ressentido. Sarah tinha sido a maior bênção de sua vida, e Deus a levara. Agora esperava que ele O amasse por isso? Para Neil, era como um sequestrador que exigia amor como resgate pelo retorno de sua esposa. Obediência ele podia ter conseguido, mas amor sincero e profundo? Esse era um resgate que ele não podia pagar.

Esse paradoxo confrontava diversas pessoas no grupo de apoio. Uma delas, um homem chamado Phil Soames, observou de maneira correta que pensar nisso como uma condição a ser cumprida ia assegurar o fracasso. Não era possível amar a Deus como o meio para um fim, você precisava amá-Lo pelo que Ele era. Se seu objetivo fundamental ao amar a Deus era um reencontro com seu cônjuge, você não estava demonstrando verdadeira devoção.

Uma mulher no grupo de apoio chamada Valerie Tommasino disse que eles não deviam nem tentar. Ela estava lendo um livro publicado pelo movimento humanista; seus membros consideravam errado amar um Deus que infligia tanta dor, e defendia que as pessoas agissem de acordo com seu próprio sentido de moral em vez de serem guiadas por recompensas e

punições. Essas eram as pessoas que, quando morriam, desciam para o Inferno desafiando com orgulho o Senhor.

O próprio Neil tinha lido um panfleto do movimento humanista; a parte que ele mais se lembrava era a que citava anjos caídos. Aparições de anjos caídos não eram frequentes nem causavam boa ou má sorte; eles não estavam agindo sob o comando de Deus, e sim apenas passando pelo plano mortal enquanto cuidavam de seus afazeres inimagináveis. Nas ocasiões em que apareciam, as pessoas lhes faziam perguntas: eles sabiam quais eram as intenções de Deus? Por que tinham se rebelado? A resposta dos anjos caídos era sempre a mesma: *Decidam por si mesmos. Foi isso que fizemos. Aconselhamos que façam o mesmo.*

Os membros do movimento humanista tinham decidido, e se não fosse por Sarah, Neil teria feito a mesma escolha. No entanto, ele a queria de volta, e a única maneira era encontrar uma razão para amar a Deus.

Procurando qualquer base para estabelecer sua devoção, alguns frequentadores do grupo de apoio encontravam conforto no fato de seus entes queridos não terem sofrido quando Deus os levou. Neil não tinha nem isso; Sarah recebera lacerações horríveis ao ser atingida pelo vidro. É claro, podia ter sido pior. O filho adolescente de um casal ficara preso em um incêndio provocado pela aparição de um anjo, e recebeu queimaduras de terceiro grau em mais de oitenta por cento do corpo antes que a equipe de resgate conseguisse libertá-lo; sua morte, no fim, foi misericordiosa. Sarah tinha tido sorte em comparação a ele, mas não o suficiente para fazer com que Neil amasse a Deus.

Neil só conseguia pensar em uma coisa que poderia fazê-lo agradecer a Deus, e era se Ele permitisse que Sarah aparecesse à sua frente. Vê-la sorrir outra vez seria suficiente para dar a ele um enorme conforto; Neil nunca tinha sido visitado por uma alma salva antes, e uma aparição agora teria mais significado para ele do que em qualquer outro momento da vida.

Entretanto, aparições não acontecem apenas porque uma pessoa precisa de uma, e nenhuma jamais surgiu para Neil. Ele precisava encontrar seu próprio caminho para o Senhor.

Na vez seguinte que foi à reunião do grupo de apoio para testemunhas da aparição de Natanael, Neil procurou Benny Vasquez, o homem cujos olhos tinham sido extintos pela luz celestial. Benny nem sempre estava presente porque agora era convidado a falar em outras reuniões; poucas aparições resultavam em uma pessoa sem olhos, já que a luz celestial entrava no plano mortal apenas nos breves momentos em que um anjo emergia ou reentrava no Céu, por isso os sem olhos eram pequenas celebridades, e requisitados para falar em grupos de igrejas.

Benny agora estava tão cego quanto qualquer minhoca: não só faltavam seus olhos e órbitas oculares, na verdade, o crânio nem sequer tinha espaço para tais características, as maçãs do rosto agora se encontravam junto à testa. A luz que levara sua alma a tão perto da perfeição quanto era possível no plano mortal também havia deformado seu corpo; era comumente sabido que isso ilustrava a superfluidez dos corpos físicos no Céu. Com a capacidade expressiva limitada que seu rosto preservara, Benny sempre tinha um sorriso feliz e arrebatador.

Neil esperava que Benny pudesse dizer algo que o ajudasse a amar a Deus. Benny descrevia as luzes do Céu como infinitamente belas, uma visão de um esplendor tão convincente que eliminava qualquer dúvida. Era uma prova incontestável de que Deus devia ser amado, uma explicação que fazia com que aquilo fosse tão óbvio quanto 1+1=2. Infelizmente, enquanto Benny podia oferecer muitas analogias para os efeitos da luz celestial, não conseguia duplicar esse efeito com as próprias palavras. Os que já eram devotos achavam as descrições de Benny empolgantes, mas para Neil, elas pareciam frustrantemente vagas. Então, ele foi buscar conselhos em outro lugar.

"Aceite o mistério", disse o guia da igreja local. Se você conseguir amar a Deus mesmo que suas perguntas permaneçam sem respostas, você se tornará uma pessoa ainda melhor.

"Admita que precisa d'Ele", apontava um popular livro de ajuda espiritual que Neil comprou. Quando perceber que a autossuficiência é uma ilusão, você estará pronto.

“Submeta-se total e completamente”, sugeria o pregador na televisão. Receber suplícios é o modo como você prova seu amor. A aceitação pode não lhe trazer alívio nesta vida, mas a resistência vai apenas piorar seu castigo.

Todas essas estratégias se revelaram bem-sucedidas para diferentes indivíduos; qualquer uma delas, depois de internalizada, pode levar uma pessoa à devoção. Mas elas não são fáceis de adotar, e Neil era um dos que achava isso impossível.

Ele finalmente tentou conversar com os pais de Sarah, o que era um indício de o quão desesperado estava: sua relação com eles sempre fora tensa. Mesmo amando Sarah, eles costumavam repreendê-la por não demonstrar sua devoção o suficiente, e ficaram chocados quando ela se casou com um homem que sequer era devoto. Por sua vez, Sarah sempre considerara os pais críticos demais, e o fato de reprovarem Neil apenas reforçou a opinião dela. Porém, agora Neil achava ter algo em comum com eles — afinal de contas, estavam todos lamentando a perda de Sarah —, e por isso, ele os visitou em sua casa neocolonial no subúrbio, na esperança de que pudessem ajudá-lo com seu pesar.

Como estava errado. Em vez de solidariedade, o que Neil recebeu dos pais de Sarah foi culpa pela morte dela. Eles haviam chegado a essa conclusão nas semanas após o funeral da filha; pensaram que ela fora levada para lhes mandar uma mensagem, e que eles eram obrigados a suportar sua morte apenas porque o marido de Sarah não era devoto. Agora estavam convencidos de que, independentemente de sua explicação prévia, a perna deformada de Neil era, na verdade, uma obra de Deus, e se ao menos ele tivesse sido corretamente penitenciado por isso, Sarah ainda podia estar viva.

A reação deles não devia ter sido surpresa: durante toda a vida de Neil, as pessoas haviam atribuído significado moral à sua perna, ainda que Deus não fosse responsável por ela. Agora que ele sofrera um infortúnio pelo qual Deus fora evidentemente responsável, era inevitável que alguém imaginasse que ele merecia. Foi apenas por acaso que Neil ouviu a

expressão desse sentimento quando estava mais vulnerável, e isso podia ter um impacto enorme sobre ele.

Neil não achava que os sogros estavam certos, mas começou a se perguntar se não ficaria melhor se achasse. Talvez, pensou, fosse melhor viver em uma invenção onde os virtuosos eram recompensados, e os pecadores, punidos — mesmo que os critérios de virtude e pecado lhe escapassem —, do que em uma realidade onde não havia justiça. Isso significaria se colocar no papel de pecador; então aquilo estava longe de ser uma mentira reconfortante, mas tal recompensa era uma oferta da qual sua própria ética não era capaz: acreditar nisso iria reuni-lo a Sarah.

Às vezes, mesmo conselhos ruins podem colocar um homem na direção certa. Foi desse modo que as acusações dos sogros acabaram por empurrar Neil para mais perto de Deus.

* * *

Quando estava evangelizando, perguntaram mais de uma vez a Janice se ela alguma vez desejara ter pernas, e ela sempre respondia — sinceramente — que não, não desejara. Estava satisfeita com seu corpo do jeito que era. Às vezes, quem fazia a pergunta observava que ela não podia sentir falta do que jamais conhecera, e que talvez sentisse algo diferente se tivesse nascido com pernas e as houvesse perdido depois. Janice nunca negou isso. Mas ela podia afirmar que não tinha qualquer sensação de incompletude, nenhuma inveja de pessoas com pernas. Não ter pernas fazia parte de sua identidade. Jamais se preocupara com próteses, e se houvesse um procedimento cirúrgico à disposição para lhe dar os membros inferiores, ela o teria recusado. Nunca havia considerado a possibilidade de que Deus pudesse recuperar suas pernas.

Um dos efeitos colaterais inesperados de ter pernas foi a grande atenção que passou a receber dos homens. No passado, ela atraía sobretudo homens com fetiche por amputações ou complexo de santidade; agora, todos os tipos de homem pareciam atraídos por ela. Então, quando percebeu o interesse de Ethan Mead, ela achou que fosse de natureza

romântica; essa possibilidade era especialmente perturbadora, pois estava claro que ele era casado.

Ethan começara a conversar com Janice nas reuniões do grupo de apoio, depois passou a frequentar suas palestras. Foi quando ele sugeriu que almoçassem juntos que Janice lhe perguntou sobre suas intenções, e ele explicou a teoria que tinha. Ele não sabia como seu destino estava entrelaçado com o dela; apenas sabia que estava. Ela ficou cética, mas não rejeitou a teoria de imediato. Ethan admitiu que não tinha respostas para as perguntas pessoais dela, mas estava disposto a fazer qualquer coisa para ajudá-la a encontrá-las. Com certa cautela, Janice concordou em ajudá-lo em sua busca por significado, e Ethan prometeu que não seria um fardo. Eles se encontravam com regularidade e conversavam sobre o significado das aparições.

Enquanto isso, a esposa de Ethan, Claire, começou a ficar desconfiada. O marido lhe assegurou que não tinha nenhum sentimento romântico por Janice, mas isso não aliviava suas preocupações. Ela sabia que situações extremas podiam criar laços entre indivíduos, e ela temia que a relação de Ethan com Janice — fosse romântica ou não — ameaçasse seu casamento.

Ethan propôs a Janice que ele, como bibliotecário, podia ajudá-la a realizar pesquisas. Nenhum deles jamais ouvira falar antes em um caso que Deus deixara sua marca em uma pessoa durante uma aparição e a tivesse removido em outra. Ethan procurou por exemplos precedentes na esperança de que pudessem lançar alguma luz sobre a situação de Janice. Havia alguns casos de indivíduos que receberam múltiplas curas milagrosas durante a vida, mas as doenças ou deficiências sempre foram de origem natural, não dadas a eles em uma aparição. Havia o relato do caso de um homem que ficou cego por seus pecados, mudou de vida e depois teve a visão restaurada, mas aquilo era classificado como lenda urbana.

Mesmo que esse relato fosse baseado em uma verdade, não fornecia um precedente útil para a situação de Janice: suas pernas haviam sido removidas antes do nascimento, por isso não podiam ser um castigo por nada que ela tivesse feito. Seria possível que a condição de Janice fosse uma punição por algo que sua mãe ou seu pai haviam feito? Será que a

recuperação de suas pernas significava que eles tinham finalmente obtido sua cura? Ela não podia acreditar nisso.

Se seus parentes mortos aparecessem em uma visão, ela teria se tranquilizado em relação à recuperação de suas pernas. O fato de eles não terem aparecido a fez desconfiar de que havia algo errado, mas não acreditava que fosse um castigo. Talvez tivesse sido um erro, e ela recebera um milagre destinado a outra pessoa; talvez fosse um teste, para ver como ela iria reagir ao receber tanto. Em todo caso, parecia haver apenas uma atitude para Janice tomar: ela iria, com toda a gratidão e humildade, se oferecer para retribuir sua dádiva. Para isso, faria uma peregrinação.

Peregrinos viajavam grandes distâncias para visitar os locais sagrados e aguardar uma aparição, na esperança de uma cura milagrosa. Enquanto na maior parte do mundo era possível esperar uma vida inteira e não vivenciar uma única aparição, em um local sagrado era possível ficar apenas meses à espera, às vezes semanas. Peregrinos sabiam que as chances de serem curados ainda eram pequenas; dentre os que permaneciam por tempo suficiente para testemunhar uma aparição, a maioria não recebia qualquer cura. Contudo, eles costumavam ficar felizes só por ter visto um anjo, e voltavam para casa em melhores condições de enfrentar o que os aguardava, fosse a morte iminente ou a vida com uma deficiência incapacitante. E, é claro, apenas de sobreviver durante uma aparição já fazia com que muitas pessoas apreciassem suas vidas; invariavelmente, um pequeno número de peregrinos era morto quando um anjo aparecia.

Janice estava disposta a aceitar qualquer resultado. Se Deus decidisse que devia levá-la, ela estava pronta. Se Deus removesse suas pernas outra vez, ela retomaria o trabalho que sempre fizera. Se Deus deixasse que suas pernas ficassem, ela esperava receber a epifania de que precisava para falar com convicção sobre sua dádiva.

Ela torcia, entretanto, para que seu milagre fosse retirado e dado a alguém que realmente precisasse dele. Ela não sugeriu a ninguém que a acompanhasse na esperança de receber o milagre que ela estava devolvendo, sentindo que seria uma atitude presunçosa, mas ela, em

particular, considerava sua peregrinação um pedido em nome daqueles necessitados.

Seus amigos e sua família ficaram confusos com a decisão de Janice, achando que ela estava questionando Deus. Quando a notícia se espalhou, ela recebeu muitas cartas de seguidores, expressando preocupação, frustração e admiração de diversas maneiras por sua disposição em fazer tal sacrifício.

Quanto a Ethan, ele apoiava a decisão de Janice, e estava animado consigo mesmo. Agora entendia o significado da aparição de Rashiel para ele: indicava que havia chegado o momento de agir. Sua esposa, Claire, se opôs firmemente à sua partida, observando que ele não tinha ideia de quanto tempo podia ficar fora, e que ela e as crianças também precisavam dele. Ethan lamentou partir sem o apoio dela, mas não tinha escolha. Sairia em peregrinação e, na próxima aparição, iria descobrir o que Deus planejava para ele.

* * *

A visita de Neil aos pais de Sarah o fez pensar mais a fundo sobre sua conversa com Benny Vasquez. Enquanto não extraíra muito das palavras de Benny, ficara impressionado com a incondicionalidade da devoção do homem. Não importava que infortúnio se abatesse sobre ele no futuro, o amor de Benny por Deus jamais vacilaria, e ele ia subir ao Céu quando morresse. Esse fato ofereceu a Neil uma pequena oportunidade, que lhe parecera tão pouco atraente que nem a considerara antes; mas agora que estava ficando mais desesperado, ela começava a parecer propícia.

Todo local sagrado tinha seus peregrinos que, em vez de procurar uma cura milagrosa, buscavam deliberadamente a luz celestial. Aqueles que a viam sempre eram aceitos no Céu quando morriam, não importava quanto seus motivos tinham sido egoístas; havia indivíduos que desejavam afastar sua ambivalência para poderem se reunir com seus entes queridos, e outros que sempre haviam vivido uma vida de pecado e queriam escapar das consequências.

No passado, houvera dúvidas sobre a capacidade da luz celestial para superar todos os obstáculos espirituais na conquista da salvação. O debate terminou depois do caso de Barry Larsen, um estuprador e assassino em série que, enquanto desovava o corpo de sua última vítima, testemunhou a aparição de um anjo e viu a luz celestial. Na execução de Larsen, sua alma foi vista subindo ao Céu, para o ultraje das famílias de suas vítimas. Padres tentaram consolar aquelas pessoas, assegurando-lhes — sem qualquer base em provas — que a luz celestial devia ter submetido Larsen em um só instante ao equivalente a muitas vidas de penitência, mas suas palavras forneceram pouco conforto.

Para Neil, isso lhe dava uma brecha, uma resposta à objeção de Phil Soames; era a única maneira pela qual poderia amar Sarah mais do que amava a Deus, e ainda assim se juntar a ela. Era a forma com que ele poderia ser egoísta e ainda entrar no Céu. Outros haviam feito isso; talvez ele também conseguisse. Podia não ser justo, mas, ao menos, era possível.

Instintivamente, Neil era contrário à ideia: parecia se submeter a uma lavagem cerebral como cura para a depressão. Não podia evitar pensar que aquilo mudaria sua personalidade de forma tão drástica que ele deixaria de ser ele mesmo. No entanto, ele se lembrou de que todo mundo no Céu tinha passado por uma transformação parecida; os salvos eram exatamente como os sem olhos, só que não tinham mais corpos. Isso deu a Neil uma imagem mais clara daquilo em que estava trabalhando para alcançar: não importava se ele se tornasse devoto por ver a luz celestial ou pelo esforço de uma vida inteira, qualquer reencontro derradeiro com Sarah não poderia recriar o que eles haviam compartilhado no plano mortal. No Céu, os dois seriam diferentes, e o amor de um pelo outro estaria misturado ao amor que todos os salvos sentiam por tudo.

Saber disso não diminuiu o desejo de Neil pelo reencontro com Sarah. Na verdade, aquilo aguçou seu desejo, porque significava que a recompensa seria a mesma, não importando o meio que ele usasse para alcançá-la; o atalho levava exatamente ao mesmo destino do percurso tradicional.

Por outro lado, buscar a luz celestial era muito mais difícil do que uma peregrinação comum, e muito mais perigoso. A luz celestial só vazava quando um anjo entrava ou deixava o plano mortal, e uma vez que não havia como prever onde um anjo iria surgir, aqueles que buscavam a luz tinham que se voltar para o anjo após sua chegada e segui-lo até sua partida. Para aumentar suas chances de estar no estreito feixe de luz celestial, eles ficavam o mais perto possível do anjo durante sua aparição; dependendo do anjo envolvido, isso implicaria permanecer junto do olho de um tornado, da crista de uma enxurrada ou da extremidade em expansão de um precipício enquanto este se abria na paisagem. Era maior o número de pessoas que morria na tentativa de alcançar a luz do que as que obtinham sucesso.

Estatísticas sobre as almas daqueles que buscavam a luz sem sucesso eram difíceis de compilar, já que havia pouquíssimas testemunhas dessas expedições, mas os números até então não eram encorajadores. Em grande contraste com os peregrinos comuns que morriam sem receber a tão desejada cura, dos quais cerca de metade era admitida no Céu, todo aquele que buscava a luz e não a conseguia havia descido para o Inferno. Talvez apenas pessoas que já estivessem perdidas considerassem buscar a luz celestial, ou talvez a morte em tais circunstâncias fosse considerada suicídio. Em todo caso, estava claro para Neil que ele precisava estar pronto para aceitar as consequências de embarcar em tal plano.

A ideia tinha em si um quê de tudo ou nada que Neil considerava ao mesmo tempo assustador e atraente. Ele achava a perspectiva de prosseguir com sua vida, tentando amar a Deus, cada vez mais enlouquecedora. Podia tentar por décadas e não conseguir. Talvez nem tivesse esse tempo; como lhe tinha sido lembrado com tanta frequência ultimamente, aparições serviam como um alerta para preparar sua alma, porque a morte podia chegar a qualquer instante. Ele podia morrer amanhã, e não havia chance de se tornar devoto em um futuro próximo pelos meios convencionais.

Talvez seja irônico que, considerando seu histórico de não seguir o exemplo de Janice Reilly, Neil tenha percebido quando ela mudou

completamente sua posição. Ele estava tomando café da manhã quando por acaso viu uma nota no jornal sobre os planos dela de peregrinação, e sua reação imediata foi de raiva: quantas bênçãos seriam necessárias para satisfazer aquela mulher? Depois de pensar mais no assunto, chegou à conclusão de que se ela, após receber uma bênção, considerava apropriado buscar a assistência de Deus para lidar com ela, então não havia razão para que ele, após receber tamanho infortúnio, não fizesse o mesmo. E isso foi a gota d'água.

* * *

Locais sagrados eram sempre inóspitos: um deles era um atol no meio do oceano, enquanto outro ficava nas montanhas a uma altura de seis mil metros. Neil viajou para um que ficava em um deserto, uma área de lama rachada que se estendia por quilômetros em todas as direções; era isolado, mas relativamente acessível, e por isso popular entre peregrinos. A aparência do local era uma lição clara do que acontecia quando os domínios celestial e terrestre se tocavam: a paisagem estava toda marcada por fluxos de lava, fissuras abertas e crateras de impacto. A vegetação era escassa e efêmera, restrita a crescer no intervalo depois que material orgânico era depositado pelas águas de enchentes ou vendavais, e antes que fosse destruída outra vez.

Peregrinos estabeleciam residência por toda a área, formando aldeias temporárias com suas barracas e trailers; todos tentavam adivinhar que localização ia aumentar ao máximo suas chances de ver o anjo, mas sem que existisse o risco de ferimentos ou morte. Certa proteção era oferecida por barreiras curvas de sacos de areia, deixadas em anos anteriores e reconstruídas quando necessário. Um departamento de incêndio e assistência médica específico do local assegurava que as trilhas permanecessem abertas para que os veículos de resgate pudessem ir aonde tivessem que ir. Peregrinos traziam a própria comida e água ou as compravam de vendedores que cobravam preços exorbitantes; todos pagavam uma taxa para cobrir o custo de remoção de dejetos.

Aqueles em busca da luz celestial sempre tinham veículos off-road para atravessar melhor terrenos acidentados quando chegasse a hora de seguir o anjo. Os que podiam pagar dirigiam sozinhos; os que não podiam, formavam grupos de dois, três ou quatro. Neil não queria ser um passageiro que dependia de alguém nem queria a responsabilidade de conduzir qualquer outra pessoa. Aquele podia ser seu último ato na Terra, e ele sentia que o devia realizar sozinho. O custo do funeral de Sarah desfalcara suas economias, por isso ele vendeu todos os seus bens para comprar um veículo adequado: uma picape equipada com pneus de sulcos profundos e amortecedores reforçados.

Assim que chegou, Neil começou a fazer o que todos os outros em busca da luz faziam: rodar pelo local em seu veículo, tentando se familiarizar com a topografia. Foi em uma de suas voltas pelo perímetro do local que ele conheceu Ethan; Ethan sinalizou para que ele parasse depois que seu próprio carro tinha enguiçado na volta da mercearia mais próxima, a cento e trinta quilômetros de distância. Neil o ajudou a ligar o carro outra vez e, depois, por insistência de Ethan, o seguiu de volta até seu acampamento para jantar. Janice não estava lá quando eles chegaram, tinha ido visitar algum peregrino a várias barracas de distância; Neil ouviu com atenção enquanto Ethan — aquecendo refeições pré-embaladas sobre um botijão de gás — começou a descrever os acontecimentos que o haviam conduzido até aquele local sagrado.

Quando Ethan mencionou o nome de Janice Reilly, Neil não conseguiu esconder a surpresa. Ele não desejava conversar com ela outra vez e, no mesmo instante, pediu licença para ir embora. Estava explicando a um Ethan intrigado que tinha se esquecido de um compromisso anterior quando Janice chegou.

Ela levou um susto ao ver Neil ali, mas pediu que ele ficasse. Ethan explicou por que o convidara para jantar, e Janice contou onde eles haviam se conhecido. Então ela perguntou a Neil o que o levara até o local sagrado. Quando ele lhes contou que estava em busca da luz, Ethan e Janice tentaram convencê-lo a reconsiderar seus planos. Ele podia estar cometendo suicídio, disse Ethan, e sempre havia alternativas melhores que

esta. Ver a luz celestial não era a resposta, disse Janice; não era isso que Deus queria. Neil agradeceu por sua preocupação e foi embora.

Durante as semanas de espera, Neil dirigia o dia inteiro pelo local; havia mapas disponíveis, e eles eram revisados após cada aparição, mas não substituíam o fato de você mesmo dirigir no terreno. Às vezes, Neil encontrava alguém em busca da luz que claramente tinha experiência em dirigir veículos off-road, e pedia a ele — a grande maioria dos que buscavam a luz eram homens — dicas para diligenciar por determinado tipo de terreno. Alguns estavam no local havia várias aparições, sem obter sucesso nem falhar em suas tentativas anteriores. Eles gostavam de compartilhar dicas sobre a melhor maneira de perseguir um anjo, mas nunca disponibilizavam nenhuma informação pessoal. Neil achava o tom da conversa deles peculiar, ao mesmo tempo esperançosa e desesperançada, e se perguntou se ele soava da mesma forma.

Ethan e Janice passavam seu tempo conhecendo outros peregrinos. Suas reações à situação de Janice eram variadas: alguns a achavam ingrata, enquanto outros a achavam generosa. A maioria considerava a história de Ethan interessante, pois ele era um dos pouquíssimos peregrinos em busca de algo diferente de uma cura milagrosa. Em geral, havia um sentimento de camaradagem que os fomentava durante a longa espera.

Neil estava dirigindo sua picape quando nuvens escuras começaram a se aglutinar no sudeste, e pelo serviço de rádio do cidadão veio a notícia de que uma aparição começara. Ele parou o veículo para colocar protetores nos ouvidos e o capacete; quando terminou, clarões de raios eram visíveis, e um daqueles em busca da luz, perto do anjo, relatou que era Barakiel, e ele parecia estar se movendo na direção norte. Neil se antecipou virando a picape para leste e começou a dirigir a toda velocidade.

Não havia chuva nem vento, apenas nuvens escuras das quais emergiam raios. Pelo rádio, outros em busca da luz transmitiam estimativas da direção e da velocidade do anjo, e Neil seguiu para nordeste de modo a ficar à frente dele. No início, ele conseguia calcular sua distância da tempestade contando quanto tempo levava para o trovão chegar, mas logo

os raios se tornaram tão frequentes que ele não conseguia mais associar os trovões com cada raio.

Ele viu os veículos de dois outros caçadores da luz convergindo. Eles começaram a dirigir em paralelo, seguindo para o norte, por uma área repleta de crateras, quicando sobre as pequenas e desviando para evitar as maiores. Raios atingiam o chão por toda parte, mas eles pareciam irradiar de um ponto ao sul da posição de Neil; o anjo estava bem atrás dele, e se aproximava.

Mesmo através dos protetores de ouvido, o estrondo era ensurdecedor. Neil podia sentir os pelos se eriçando enquanto a carga elétrica aumentava ao seu redor. Ele não parava de olhar para o retrovisor interno, tentando determinar onde estava o anjo e ao mesmo tempo se perguntando o quão perto devia chegar.

Sua visão foi tão tomada por imagens persistentes que ficou difícil distinguir os raios verdadeiros. Ele semicerrou os olhos na direção do clarão em seu retrovisor e percebeu que estava olhando para um raio contínuo de luz, ondulante mas ininterrupto. Neil inclinou o retrovisor lateral do motorista para cima, a fim de conseguir uma visão melhor, e viu a fonte do raio, uma massa de chamas fervilhantes em movimento, prata contra as nuvens cinza: o anjo Barakiel.

Foi então, enquanto Neil estava pasmo e paralisado pelo que via, que sua picape passou por cima de um afloramento protuberante de rocha e saiu do chão. O veículo bateu em uma pedra enorme, toda a força do impacto concentrada na dianteira do veículo, amassando-a como se fosse lata. A invasão no compartimento do motorista fraturou as duas pernas de Neil e perfurou sua artéria femoral esquerda. Ele começou — devagar, mas inexoravelmente — a sangrar até a morte.

Ele não tentou se mexer; não estava sentindo dor física no momento, mas, de algum modo, sabia que o menor movimento seria excruciante. Era óbvio que ele estava preso à picape, e não havia como perseguir Barakiel, mesmo que não estivesse. Desamparado, observou a tempestade de raios se afastar cada vez mais.

Enquanto a observava, Neil começou a chorar. Estava tomado por uma mistura de arrependimento e autodesprezo, xingando a si mesmo por um dia ter pensado que tal esquema pudesse ser bem-sucedido. Ele podia ter implorado pela oportunidade de refazer aquilo, prometido passar o resto de seus dias aprendendo a amar a Deus ao menos se pudesse viver, mas sabia que não havia barganha possível, e só podia culpar a si mesmo. Ele pediu desculpas a Sarah por perder sua chance de se juntar a ela, por jogar a vida fora em uma aposta, em vez de agir com segurança. Rezou para que ela entendesse que ele tinha sido motivado pelo amor que sentia, e que ela o perdoasse.

Em meio às lágrimas, ele viu uma mulher correndo em sua direção e a reconheceu como Janice Reilly. Percebeu que sua picape tinha batido a pouco mais de cem metros do acampamento dela e de Ethan. Não havia nada, porém, que Janice pudesse fazer; ele podia sentir o sangue se esvaindo de seu corpo, e sabia que não viveria o suficiente para que um veículo de resgate chegasse a tempo. Neil achou que ela o estivesse chamando, mas seus ouvidos estavam zunindo demais para que pudesse ouvir qualquer coisa. Pôde ver Ethan Mead atrás dela, também começando a correr em sua direção.

Aí houve um clarão, e Janice foi derrubada como se tivesse sido golpeada por uma marreta. A princípio, ele pensou que ela tinha sido atingida por um raio, mas então percebeu que os raios já haviam cessado. Foi quando ela tornou a se levantar que ele viu seu rosto, vapor erguendo-se de sua nova pele sem traços, e ele se deu conta de que Janice fora atingida pela luz celestial.

Neil olhou para cima, mas tudo o que viu foram nuvens; o feixe de luz havia desaparecido. Parecia que Deus o estava provocando, não apenas por lhe mostrar o prêmio que o tinha levado a perder a vida para obter, enquanto Ele ainda o mantinha fora de seu alcance, mas também ao dá-lo a uma pessoa que não precisava dele e nem sequer o queria. Deus tinha desperdiçado um milagre em Janice e agora Ele estava fazendo isso outra vez.

Foi nesse momento que outro feixe de luz celestial atravessou a cobertura de nuvens e atingiu Neil, aprisionado no carro.

Como mil agulhas hipodérmicas, a luz perfurou sua carne e arranhou seus ossos. A luz desfez seus olhos, transformando-o não em um ser que perdera a visão, mas em um ser nunca destinado a possui-la. E ao fazer isso, a luz revelou a Neil todas as razões pelas quais ele devia amar a Deus.

Neil O amou com uma entrega além do que os humanos podiam sentir uns pelos outros. Dizer que era incondicional seria inadequado, porque mesmo a palavra "incondicional" exigia o conceito de uma condição, e tal ideia não era mais compreensível para ele: cada fenômeno no universo não era nada menos do que uma razão explícita para amar a Deus. Nenhuma circunstância era capaz de ser um obstáculo ou mesmo algo irrelevante: era somente mais uma razão para ser grato, mais um incentivo para amar. Neil pensou no pesar que o levara à irresponsabilidade do suicídio, e a dor e o terror que Sarah vivenciara antes de morrer. Ainda assim, ele amava a Deus, não apesar de seu sofrimento, mas por causa dele.

Neil renunciou a toda sua raiva, ambivalência e desejo por respostas de antes. Estava grato por todo o sofrimento que suportara, contrito por não ter reconhecido isso antes como a dádiva que era, eufórico por compreender agora seu verdadeiro propósito. Ele entendeu como a vida era uma recompensa imerecida, como até os mais virtuosos não eram dignos da glória do plano mortal.

Para ele, o mistério estava solucionado, porque entendia que tudo na vida é amor, até a dor — especialmente a dor.

Então, minutos depois, quando Neil enfim sangrou até a morte, ele era realmente digno de salvação.

E Deus o mandou para o Inferno mesmo assim.

* * *

Ethan viu tudo isso. Viu Neil e Janice refeitos pela luz celestial, e viu o amor piedoso em seus rostos sem olhos. Viu o céu ficar limpo e a luz do sol voltar. Estava segurando a mão de Neil, esperando pelos socorristas,

quando ele morreu, e viu a alma de Neil deixar seu corpo e se elevar ao Céu para, em seguida, descer ao Inferno.

Janice não viu aquilo, pois, àquela altura, já não tinha mais olhos. Ethan foi a única testemunha, e se deu conta de que aquele era o objetivo de Deus para ele: seguir Janice Reilly até aquele ponto e ver o que ela não podia.

Quando compilaram as estatísticas da aparição de Barakiel, revelou-se que houvera um total de dez vítimas fatais, seis entre os que buscavam a luz e quatro entre os peregrinos comuns. Nove peregrinos receberam curas milagrosas; os únicos indivíduos a ver a luz celestial foram Janice e Neil. Não havia estatísticas sobre quantos peregrinos tinham sentido suas vidas serem alteradas pela aparição, mas Ethan se encontrava entre esses.

Ao voltar para casa, Janice retomou seu evangelismo, mas o tema de suas palestras mudou. Em vez de falar sobre como os deficientes físicos têm os recursos para superar suas limitações, ela, como os outros sem olhos, agora discursa sobre a intolerável beleza da criação divina. Muitos que costumavam encontrar inspiração nela estão decepcionados, sentindo que perderam uma líder espiritual. Quando Janice falara da força que tinha como uma pessoa aflita, sua mensagem era incomparável, mas agora que ela está sem olhos, sua mensagem é um lugar-comum. Ela, porém, não se preocupa com a redução de seu público, porque tem completa convicção no que prega.

Ethan abandonou o emprego e se tornou pastor, de modo que ele também pudesse falar de suas experiências. Sua esposa, Claire, não pôde aceitar essa nova missão e acabou deixando-o, levando os filhos com ela, mas Ethan estava disposto a prosseguir sozinho. Atraiu um grupo substancial de seguidores contando o que acontecera a Neil Fisk. Ele diz às pessoas que elas não podem esperar da vida após a morte uma justiça maior do que a que existe no plano mortal, mas não faz isso para dissuadi-las de cultuar Deus; pelo contrário, ele as estimula a fazer isso. Insiste em que eles não amem a Deus sob falsas interpretações, que se desejam amar a Deus, devem estar preparados para fazer isso independentemente de

Suas intenções. Deus não é justo, Deus não é bom, Deus não é piedoso, e entender isso é essencial para a verdadeira devoção.

Em relação a Neil, embora não tivesse consciência de nenhum dos sermões de Ethan, ele entenderia perfeitamente sua mensagem. A alma perdida dele é a personificação dos ensinamentos de Ethan.

Para a maior parte de seus habitantes, o Inferno não é tão diferente da Terra; seu principal castigo é o arrependimento por não ter amado a Deus o suficiente quando vivos, e para muitos isso é facilmente suportável. Para Neil, entretanto, o Inferno não tem nenhuma semelhança com o plano mortal. Seu corpo eterno tem pernas bem-formadas, mas ele raramente tem consciência delas; seus olhos foram recuperados, mas ele não aguenta abri-los. Da mesma forma que ver a luz celestial fez com que tomasse consciência da presença de Deus em todas as coisas no plano mortal, também lhe deu a consciência da ausência de Deus em todas as coisas no Inferno. Tudo que Neil vê, ouve ou toca lhe traz martírio, e, diferentemente do plano mortal, essa dor não é uma forma do amor de Deus, mas uma consequência de Sua ausência. Neil está vivenciando mais angústia do que era possível quando estava vivo, mas sua única reação é amar a Deus.

Neil ainda ama Sarah, e sente tanta saudade dela quanto antes, e saber que chegou tão perto de se juntar a ela só piora as coisas. Ele sabe que ter sido mandado para o Inferno não foi resultado de nada que fez; sabe que não havia razão para isso, que não foi em função de nenhum propósito mais elevado. Nada disso diminui seu amor por Deus. Se houvesse alguma possibilidade de ele ser admitido no Céu e de seu sofrimento terminar, ele não torceria por isso; não tinha mais tais desejos.

Neil sabe até que, ao estar além da consciência do Senhor, não é amado por Ele em retribuição. Isso também não afeta seus sentimentos, porque o amor incondicional não pede nada, nem mesmo ser retribuído.

E embora ele esteja no Inferno há muitos anos, para além da consciência de Deus, ele ainda O ama. Essa é a natureza da verdadeira devoção.

Gostando do que vê: um documentário

"A beleza é a promessa de felicidade."
— Stendhal

Tamera Lyons, aluna do primeiro ano em Pembleton.
Não dá para acreditar. Visitei o campus no ano passado e não ouvi nem uma palavra sobre isso. Agora eu chego aqui e descubro que as pessoas querem fazer da cali uma exigência. Um dos motivos que me faziam querer vir para a faculdade era justamente me livrar disso, sabe, para que eu pudesse ser como todo mundo. Se eu soubesse que haveria uma possiblidade sequer de ser obrigada a mantê-la, eu provavelmente teria escolhido outra faculdade. Sinto como se tivesse sido enganada.

Faço dezoito anos na semana que vem e vou desligar minha cali nesse dia. Se votarem por torná-la obrigatória, não sei o que vou fazer; talvez eu peça transferência, sei lá. Neste momento, tenho vontade de chegar para as pessoas e dizer: "Votem não." Talvez tenha alguma campanha para a qual eu possa trabalhar.

* * *

Maria de Souza, aluna do terceiro ano, presidente da Associação de Alunos pela Igualdade (AAI):

Nosso objetivo é muito simples. A Universidade de Pembleton tem um Código de Conduta Ética que foi criado pelos próprios estudantes, e todos os alunos concordam em segui-lo quando se matriculam. A iniciativa que patrocinamos acrescentaria uma cláusula ao código, exigindo que os estudantes adotem a caliagnosia enquanto estiverem matriculados.

O que nos levou a fazer isso agora foi o lançamento de um visor de realidade virtual baseado no Visage. Ao olhar através deste visor, o software Visage permite ver como as pessoas ficariam após uma cirurgia estética.

Isso se tornou uma espécie de diversão entre certo grupo, e muitos universitários o consideraram ofensivo. Quando as pessoas começaram a falar sobre isso como sintoma de um problema social mais profundo, nós percebemos que era o momento certo de apoiar a iniciativa.

O problema social mais profundo é a discriminação pela aparência física. Por décadas as pessoas estiveram dispostas a falar sobre preconceito em relação à raça e ao sexo, mas ainda relutam em falar do preconceito relacionado à aparência. Ainda assim, essa segregação das pessoas que não são atraentes está incrivelmente impregnada. As pessoas fazem isso sem nem mesmo serem ensinadas por alguém, o que já é muito ruim, mas, em vez de combater essa tendência, a sociedade moderna a reforça.

Educar as pessoas e despertar sua consciência sobre essa questão: tudo isso é essencial, mas não suficiente. É aí que entra a tecnologia. Pense na caliagnosia como uma espécie de maturidade assistida. Ela permite que você cumpra com o que considera seu dever: ignorar a superfície para conseguir ver mais fundo.

Achamos que é hora de popularizar a cali. Até agora o movimento pró-cali foi uma presença pequena nos campi universitários, só mais uma causa de interesse restrito. No entanto, Pembleton não é como as outras universidades, e acho que os alunos daqui estão prontos para a cali. Se a iniciativa for bem-sucedida em nossa instituição, vamos dar um exemplo para outras faculdades, e, no fim, para a sociedade como um todo.

* * *

Joseph Weingartner, neurologista:

A condição é o que chamamos de agnosia associativa, e não a do tipo perceptiva. Isso significa que ela não interfere na percepção visual, apenas na capacidade de reconhecer o que se vê. Um caliagnosíaco percebe rostos perfeitamente bem; ele ou ela pode dizer a diferença entre um queixo pronunciado e um reentrante, um nariz reto e um torto, pele sem marcas e pele manchada. Ele ou ela simplesmente não experimenta nenhuma reação estética a essas diferenças.

A caliagnosia é possível devido à existência de certas vias neurais no cérebro. Todos os animais têm critérios para avaliar a aptidão reprodutiva de parceiros em potencial, e eles evoluíram "circuitos" neurais para reconhecer tais critérios. As atenções durante a interação social humana são concentradas em nossas faces, por isso nossos circuitos são mais apuradamente sintonizados à manifestação facial do potencial reprodutivo de uma pessoa. Você vivencia a operação desse circuito a partir da sensação de que a pessoa é bonita, feia ou algo entre os dois. Ao bloquear as vias neurais dedicadas a avaliar esses traços, podemos induzir a caliagnosia.

Considerando como as modas mudam, algumas pessoas acham difícil imaginar que haja traços absolutos de um rosto bonito. Contudo, na verdade, quando se pede a pessoas de culturas diferentes que classifiquem fotos de rostos de acordo com a beleza, surgem alguns padrões muito claros em toda parte. Até crianças pequenas mostram a mesma preferência por certos rostos. Isso nos permite identificar os traços comuns à ideia consensual de um rosto bonito.

Provavelmente o mais óbvio é uma boa pele. É o equivalente de uma plumagem brilhante nas aves ou uma cobertura lustrosa de pelos nos mamíferos. Uma boa pele é o melhor indicativo individual de juventude e saúde, e isso é valorizado em todas as culturas. A acne pode não ser séria, mas ela se *parece* com doenças mais sérias, e, por isso, nós a achamos desagradável.

Outro traço é a simetria; podemos não ter consciência de diferenças milimétricas entre os lados esquerdo e direito de uma pessoa, mas medidas revelam que indivíduos mais simétricos são também os considerados mais atraentes. E enquanto a simetria é aquilo pelo que nossos genes anseiam, ela é muito difícil de ser alcançada em termos de desenvolvimento; qualquer fator ambiental de estresse — como má nutrição, doenças, parasitas — tende a resultar em assimetria durante o crescimento. Simetria implica resistência a esses fatores.

Outros traços têm a ver com proporções faciais. Costumamos ser atraídos por proporções faciais próximas às da média populacional. Isso, é

claro, depende da população da qual você faz parte, mas estar perto da média normalmente significa saúde genética. As únicas variações da média que as pessoas acham consistentemente atraentes são as provocadas por hormônios sexuais, o que sugere bom potencial reprodutivo.

Basicamente, a caliagnosia é uma falta de resposta a esses traços, mais nada. Caliagnosíacos não são *cegos* à moda ou a padrões culturais de beleza. Se batom preto for a última moda, a caliagnosia não vai fazer com que você se esqueça disso, embora você possa não perceber a diferença entre os rostos bonitos e os rostos comuns usando aquele batom. E se todos à sua volta desprezam pessoas com narizes largos, você vai perceber isso.

Então a caliagnosia por si só não pode eliminar a discriminação com base na aparência. O que ela faz, de certa forma, é equilibrar o jogo; suprime as predisposições inatas, a tendência para que esta discriminação sequer surja. Assim, se você quiser ensinar as pessoas a ignorar as aparências, não vai enfrentar uma batalha árdua. De modo ideal, você começaria com um ambiente onde todos adotassem a caliagnosia e, em seguida, iria socializá-los de modo a não valorizar a aparência.

* * *

Tamera Lyons:

As pessoas aqui têm me perguntado como foi ir para Saybrook, crescer com cali. Para ser honesta, não é nada de mais quando você é nova: sabe, é como dizem, qualquer coisa com a qual você cresce parece bem normal. Nós sabíamos que havia algo que as outras pessoas conseguiam enxergar e nós, não. Era uma situação que apenas nos deixava curiosos.

Por exemplo, minhas amigas e eu costumávamos assistir a filmes e tentar descobrir quem era bonito de verdade e quem não era. Nós dizíamos que sabíamos, mas não era verdade, não dava para descobrir só de olhar para seus rostos. Nós pegávamos o personagem principal e víamos quem era o amigo dele; você sempre sabia que o principal era mais bonito do que o amigo. Não é verdade cem por cento das vezes, mas

normalmente você poderia perceber se estivesse assistindo ao tipo de coisa em que o personagem principal não era bonito.

É quando você fica mais velha que isso começa a incomodar. Se sai com pessoas de outras escolas, pode acabar se sentindo estranha porque você tem cali e eles, não. Não que alguém dê muita importância, mas isso lembra você de que há algo que não pode ver. E aí começam as brigas com seus pais, porque eles estão impedindo que você veja o mundo real. Mas nunca dá para conseguir nada com eles.

* * *

Richard Hamill, fundador da escola Saybrook:
Saybrook surgiu como um prolongamento de nossa cooperativa habitacional. Tínhamos cerca de duas dúzias de famílias na época, todas tentando estabelecer uma comunidade baseada em valores compartilhados. Estávamos fazendo uma reunião sobre a possibilidade de abrir uma escola alternativa para nossos filhos, e um pai mencionou o problema da influência dos meios de comunicação sobre as crianças. Os adolescentes de todas as famílias estavam pedindo cirurgias plásticas para ficarem parecidos com modelos. Os pais faziam o possível, mas você não consegue isolar seus filhos do mundo; eles vivem em uma cultura obcecada pela imagem.

Foi por volta dessa época que os últimos desafios legais à caliagnosia foram resolvidos, e começamos a falar sobre isso. Nós vimos a cali como uma oportunidade: e se pudéssemos viver em um ambiente onde as pessoas não julgassem as outras pela aparência? E se pudéssemos criar nossos filhos em um ambiente como esse?

No começo, a escola era apenas para as crianças das famílias da cooperativa, mas outras escolas com base na caliagnosia começaram a virar notícia, e, em pouco tempo, as pessoas estavam pedindo para matricular seus filhos sem se juntar à cooperativa habitacional, e uma de nossas exigências foi que os pais adotassem a caliagnosia enquanto os filhos

estivessem matriculados. Então, surgiu ali uma comunidade de caliagnosia, tudo por causa da escola.

* * *

Rachel Lyons:
O pai de Tamera e eu discutimos muito a questão antes de decidir matriculá-la na Saybrook. Conversamos com pessoas na comunidade, descobrimos que gostávamos de sua abordagem sobre educação, mas, na verdade, foi a visita à escola que me convenceu.

Saybrook tem um número maior que o normal de alunos com anomalias faciais, como câncer ósseo, queimaduras, condições congênitas. Seus pais se mudaram para cá para impedir que elas fossem postas em ostracismo pelas outras crianças, e funciona. Lembro-me de que, em minha primeira visita, vi uma turma de crianças de doze anos votando para representante de classe, e eles elegeram aquela garota que tinha cicatrizes de queimadura em um lado do rosto. Ela parecia extremamente confortável consigo mesma, era popular entre crianças que talvez a tivessem isolado em uma outra escola. E eu pensei: esse é o tipo de ambiente em que quero que minha filha cresça.

Sempre disseram às meninas que o valor delas está ligado à sua aparência; suas realizações são sempre ampliadas se elas são bonitas, e diminuídas se não são. Pior ainda: algumas garotas recebem a mensagem de que podem passar pela vida se valendo apenas da aparência, e aí elas nunca desenvolvem a mente. Eu queria manter Tamera longe desse tipo de influência.

Ser bonito é fundamentalmente uma qualidade passiva; mesmo quando você trabalha por isso, está trabalhando para ser passivo. Eu queria que Tamera se valorizasse pelo que ela podia *fazer*, tanto com a mente quanto com corpo, não em termos de quão ornamental ela era. Não queria que ela fosse passiva, e fico feliz em dizer que ela não agiu assim.

* * *

Martin Lyons:
Não me importo se, quando adulta, Tamera decidir se livrar da cali. Isso nunca foi algo para limitar suas escolhas. Mas há estresse mais que suficiente envolvido em simplesmente passar pela adolescência; a pressão dos colegas pode esmagá-lo como se você fosse um copo de plástico. Ficar absorto com a aparência é apenas mais um modo de ser oprimido, e qualquer coisa que possa aliviar essa pressão é, na minha opinião, algo bom.

Quando você fica mais velho, se torna mais bem preparado para lidar com a questão da aparência pessoal. Fica mais confortável consigo mesmo, mais confiante, mais seguro. Torna-se mais propenso a ficar satisfeito com a própria aparência, seja você "bonito" ou não. Claro que nem todos alcançam esse nível de maturidade na mesma idade. Algumas pessoas o atingem aos dezesseis, outras não chegam lá antes dos trinta, ou mesmo mais velhas. No entanto, dezoito é a idade da maioridade legal, quando todos têm o direito de tomar as próprias decisões, e tudo o que você pode fazer é confiar em seu filho e torcer pelo melhor.

* * *

Tamera Lyons:
Foi um dia meio estranho para mim. Bom, mas estranho. Desliguei minha cali hoje de manhã.

Desligá-la foi fácil. A enfermeira enfiou alguns sensores em mim e me fez colocar esse capacete, depois me mostrou um monte de fotografias de rostos. Aí ela digitou algo no teclado por um minuto e disse: "Desliguei a cali."

Simples assim. Pensei que você pudesse sentir algo quando acontecesse, mas não. Então, ela voltou a me mostrar as fotos, para se assegurar de que havia funcionado.

Quando tornei a olhar para as imagens, algumas delas pareciam... diferentes. Como se estivessem brilhando, mais vivas ou algo assim. É difícil descrever. A enfermeira mostrou os resultados dos testes depois, e

havia leituras relativas ao tamanho da dilatação de minhas pupilas e à condução de eletricidade pela minha pele, coisas desse tipo. E, em relação aos rostos que pareciam diferentes, as leituras eram muito mais altas. Ela disse que aqueles eram rostos bonitos.

A enfermeira falou que eu ia perceber a aparência do rosto das outras pessoas no mesmo instante, mas ia demorar para ter qualquer reação à minha própria. Supostamente, você está acostumado demais com seu rosto para distingui-lo de imediato.

E, ah, quando olhei pela primeira vez no espelho, me senti a mesma. Desde que voltei do médico, as pessoas que vejo no campus parecem diferentes, sem dúvida, mas eu ainda não percebi nenhuma diferença em minha aparência. Olho para espelhos o dia inteiro. Durante algum tempo, tive medo de ser feia, e que a qualquer instante a feiura fosse aparecer, como uma erupção na pele ou algo assim. E por isso tenho olhado fixamente para espelhos, apenas esperando, mas nada aconteceu. Por isso acho que provavelmente não sou muito feia, ou teria percebido, mas isso significa que também não sou de fato bonita, porque teria percebido também. Então acho que isso significa que sou absolutamente sem graça, sabia? Exatamente comum. Acho que isso não é um problema.

* * *

Joseph Weingartner:

A indução de uma agnosia decorre de produzir uma lesão cerebral específica. Nós fazemos isso com um fármaco programável chamado neurostato; você pode pensar nele como um anestésico altamente seletivo, cuja ativação e alvo estão sob controle dinâmico. Nós ativamos ou desativamos o neurostato transmitindo sinais por meio de um capacete que o paciente coloca. O capacete também fornece informação de posicionamento somático, de modo que as moléculas do neurostato possam triangular sua localização. Isso nos permite ativar apenas neurostatos em uma seção específica do tecido cerebral, e manter os impulsos nervosos ali abaixo de um limite específico.

O neurostato foi desenvolvido a princípio para controlar ataques em epilépticos e para alívio de dor crônica; ele nos permite tratar até casos severos dessas condições sem os efeitos colaterais causados por drogas que afetam todo o sistema nervoso. Posteriormente, diferentes protocolos de neurostatos foram desenvolvidos como tratamentos para transtorno obsessivo-compulsivo, comportamentos viciosos e vários outros. Ao mesmo tempo, o neurostato se tornou incrivelmente valioso como ferramenta de pesquisa no estudo da fisiologia do cérebro.

Uma maneira tradicional usada por neurologistas para estudar a especialização da função cerebral é observar os déficits que resultam de várias lesões. É claro que essa técnica é limitada porque lesões causadas por um ferimento ou doença costumam afetar múltiplas áreas funcionais. Por outro lado, o neurostato pode ser ativado em regiões minúsculas do cérebro, efetivamente estimulando uma lesão de modo tão localizado que nunca ocorreria de maneira natural. E quando você desativa o neurostato, a "lesão" desaparece e a função cerebral retorna ao normal.

Desse modo, os neurocientistas tornaram-se capazes de induzir uma variedade ampla de agnosias. A mais relevante aqui é a prosopagnosia, a inabilidade de reconhecer pessoas por seus rostos. Um prosopagnosíaco não consegue reconhecer amigos nem membros da família a menos que eles digam algo; não consegue sequer identificar o próprio rosto em uma fotografia. Não é um problema cognitivo ou de percepção; prosopagnosíacos podem identificar pessoas por seu corte de cabelo, roupas, perfume, até seu modo de andar. O déficit se restringe apenas aos rostos.

A prosopagnosia sempre foi a indicação mais dramática de que nossos cérebros têm um "circuito" especial dedicado ao processamento visual de rostos; nós olhamos para eles de maneira diferente do que olhamos para qualquer outra coisa. E reconhecer a face de alguém é apenas uma das tarefas de processamento de rostos que realizamos; também há circuitos relacionados dedicados a identificar expressões faciais e até a detectar mudanças na direção do olhar de outra pessoa.

Uma das coisas interessantes sobre os prosopagnosíacos é que, mesmo não sendo capazes de reconhecer um rosto, eles ainda sabem opinar se ele é atraente ou não. Quando pedidos para colocar fotos de rostos em ordem de beleza, os prosopagnosíacos ordenaram as fotos de forma praticamente igual à de qualquer outra pessoa. Experimentos usando neurostato permitiram aos pesquisadores descobrir o circuito neurológico responsável por perceber a beleza nos rostos, e assim, essencialmente, inventarem a caliagnosia.

* * *

Maria de Souza:
A AAI disponibilizou capacetes extras de programação de neurostato no Centro de Saúde Estudantil, e fez preparativos para que pudessem oferecer caliagnosia para qualquer um que a desejasse. Você nem precisa marcar hora, pode apenas chegar. Estamos encorajando todos os estudantes a experimentar, pelo menos por um dia, para ver como é. No início parece um pouco estranho não ver ninguém como bonito ou feio, mas, com o tempo, você percebe como isso afeta positivamente suas interações com as pessoas.

Muitos se preocupam que a cali possa deixá-los assexuados ou algo assim, mas, na verdade, a beleza física é apenas uma pequena parte do que torna uma pessoa atraente. A aparência de alguém não é tão importante, mas sim como essa pessoa age, o que e como diz, seu comportamento e sua linguagem corporal. E como ela reage em relação a você. Pessoalmente, uma das coisas que me atrai em um cara é se *ele* parece interessado em *mim*. É como um círculo vicioso; você percebe a pessoa olhando, aí ela vê você olhando para ela, e as coisas vão se desenvolvendo a partir daí. A cali não altera isso. Além disso, também há toda a química dos feromônios em ação; obviamente, a cali não afeta isso.

Outra preocupação das pessoas é que a cali faça com que o rosto de todo mundo pareça igual, mas isso também não é verdade. O rosto de uma pessoa sempre reflete sua personalidade e a cali deixa isso bem claro. Sabe

uma conhecida frase que diz que, após certa idade, você é responsável por seu rosto? Com a cali, você percebe como essa frase é verdadeira. Alguns rostos parecem bem insossos, sobretudo os jovens e convencionalmente bonitos. Sem sua beleza física, esses rostos são apenas sem graça. Porém, rostos cheios de personalidade continuam tão interessantes como sempre, talvez ainda melhores. É como se você visse algo mais essencial em relação a eles.

Algumas pessoas também perguntam sobre a imposição. Nós não vamos fazer nada disso. É verdade, há um software bastante bom para descobrir se uma pessoa tem cali ou não, analisando padrões de olhar. Contudo, ele exige muita informação, e as câmeras de segurança do campus não conseguem dar zoom próximo o suficiente. Todo mundo teria que usar câmeras pessoais e compartilhar os dados. É possível, mas não é esse nosso objetivo. Achamos que, depois que as pessoas experimentarem a cali, elas mesmas vão ver os benefícios.

* * *

Tamera Lyons:
Olhem só, eu sou bonita!

Que dia. Quando acordei hoje de manhã fui imediatamente até o espelho; foi como se eu fosse uma criancinha no Natal ou algo do tipo. Mas ainda assim, nada; meu rosto ainda parecia comum. Depois, eu até (*risos*) tentei surpreender a mim mesma, surgindo às escondidas diante de um espelho, mas não funcionou. Então fiquei meio decepcionada e me sentindo, sabe, resignada com meu destino.

Só que aí, hoje à tarde, saí com minha colega de quarto, Ina, e mais algumas garotas do alojamento. Eu não tinha contado a ninguém que havia desligado minha cali porque queria me acostumar com isso primeiro. Então, fomos a essa lanchonete no outro lado do campus, uma a que eu nunca tinha ido. Estávamos sentadas, conversando, e eu olhava ao redor, apenas observando como era a aparência das pessoas sem a cali. Aí vi essa garota olhando para mim, e pensei: "Ela é tão bonita." Então (*risos*),

isso vai soar meio idiota, percebi que aquela parede na lanchonete era um espelho, e eu estava olhando para mim mesma.

Não consigo descrever, tive uma sensação incrível de *alívio*. Eu simplesmente não conseguia parar de sorrir! Ina me perguntou por que eu estava tão feliz, e eu só balancei a cabeça. Fui ao banheiro para poder olhar fixamente para mim mesma no espelho por um tempo.

Então foi um dia bom. Eu gosto *muito* da minha aparência! Foi um dia bom.

* * *

De um debate de estudantes em Pembleton.
Jeff Winthrop, aluno do terceiro ano:
Claro que é errado julgar as pessoas pela aparência, mas essa "cegueira" não é a resposta. A resposta é a educação.

A cali retira o bom, assim como o ruim. Ela não funciona apenas quando há possibilidade de discriminação; ela impede que você reconheça por completo a beleza. Muitas vezes olhar para um rosto bonito não machuca ninguém. A cali não vai deixar que você faça essas distinções, mas a educação vai.

E eu sei que alguém logo dirá: e quando a tecnologia melhorar? Talvez um dia eles consigam inserir um sistema especializado em seu cérebro, um que considere: "Essa é uma situação apropriada para perceber a beleza? Se é, aproveite; do contrário, ignore." Isso seria bom? Isso seria a "maturidade assistida" sobre a qual você escuta as pessoas falando?

Não, não ia. Isso não seria maturidade, seria deixar que um sistema especializado tomasse as decisões por você. Maturidade significa ver as diferenças, mas perceber que elas não importam. Não há atalho tecnológico para isso.

* * *

Adesh Singh, aluno do terceiro ano:

Ninguém está falando em deixar que um sistema especializado tome decisões por você. O que torna a cali ideal é exatamente o fato de ser uma mudança tão mínima. A cali não decide por você; ela não impede que você faça nada. E, em relação à maturidade, para começar, você demonstra maturidade ao optar pela cali.

Todo mundo sabe que a beleza física nada tem a ver com mérito; é isso o que a educação conquistou. Mas mesmo com as melhores intenções do mundo, as pessoas não pararam de praticar a discriminação pela aparência. Tentamos ser imparciais, tentamos não deixar que a aparência de uma pessoa nos afete, mas não conseguimos reprimir nossas reações autônomas, e qualquer um que alegue poder fazer isso está se iludindo. Pergunte a si mesmo: você não reage de modo diferente quando conhece uma pessoa bonita e quando conhece uma feia?

Todo estudo sobre essa questão revela os mesmos resultados: a aparência ajuda no progresso das pessoas. Não podemos evitar pensar em pessoas bonitas como mais competentes, mais honestas, mais merecedoras que as outras. Nada disso é verdade, mas a aparência delas ainda nos dá essa impressão.

A cali não o cega para nada; é a beleza que o cega. A cali permite que você veja.

* * *

Tamera Lyons:

Então, tenho olhado para caras bonitos pelo campus. É divertido; estranho, mas divertido. Tipo, eu estava no refeitório outro dia, e vi esse cara a algumas mesas de distância. Eu não sabia o nome dele, mas não parava de virar e olhar para ele. Não posso descrever nada específico sobre seu rosto, mas simplesmente chamava muito mais atenção que o das outras pessoas. Era como se aquele rosto fosse um ímã, e meus olhos, agulhas de bússolas sendo puxadas em sua direção.

E depois de olhar para ele por algum tempo, achei muito fácil imaginar que ele fosse um cara legal! Eu não sabia nada sobre ele, não conseguia

ouvir sobre o que ele estava falando, mas queria conhecê-lo. Era meio estranho, mas não de um jeito ruim, sem dúvida.

* * *

De mais uma transmissão da EduNews, na Rede Universitária Americana:
Últimas informações sobre a iniciativa da caliagnosia na Universidade de Pembleton: a EduNews recebeu provas de que a empresa de relações públicas Wyatt/Hayes pagou quatro alunos de Pembleton para dissuadirem colegas de turma a votar pela iniciativa, sem registrar a contratação deles. Tais provas incluem uma circular interna da Wyatt/Hayes propondo que se buscassem "estudantes de boa aparência com altos níveis de reputação" e comprovantes de pagamentos da agência para alunos de Pembleton.

Os arquivos foram enviados pelos Guerreiros Tecno-Semio, um grupo de interferência cultural responsável por numerosos atos de vandalismo na mídia.

Quando contatada sobre essa notícia, a Wyatt/Hayes divulgou uma nota criticando essa violação de seus sistemas de computação internos.

* * *

Jeff Winthrop:
Sim, é verdade, a Wyatt/Hayes me pagou, mas não foi um acordo de apoio; eles nunca me disseram *o que* falar. Apenas possibilitaram que eu dedicasse mais tempo à campanha anticali, que é o que eu teria feito de qualquer forma se não precisasse ganhar dinheiro com aulas particulares. Tudo o que fiz foi expressar minha opinião: eu acho que a cali é uma péssima ideia.

Algumas pessoas na campanha anticali pediram que eu não falasse mais publicamente sobre a questão, pois acham que iria atrapalhar a causa. Sinto muito que se sintam assim, porque esse é exatamente um ataque *ad hominem*. Se você achava que meus argumentos faziam sentido antes, isso não deveria mudar nada. Mas percebo que algumas pessoas não

conseguem estabelecer essas distinções, e vou fazer o que for melhor pela causa.

* * *

Maria de Souza:
Aqueles estudantes deviam mesmo ter registrado sua ligação com a agência; todos conhecemos pessoas que são endossos vivos. Agora, no entanto, sempre que alguém critica a iniciativa, as pessoas perguntam a eles se estão sendo pagos. A reação adversa sem dúvida está afetando a campanha anticali.

Eu considero um elogio ter alguém tão interessado na iniciativa a ponto de contratar uma empresa de relações públicas. Sempre torcemos para que a aprovação da cali pudesse influenciar pessoas em outras escolas, e isso significa que as empresas pensam a mesma coisa.

Convidamos o presidente da Associação Nacional de Caliagnosia para falar no campus. Antes não tínhamos certeza se ele queria envolver o grupo nacional, porque eles têm uma ênfase diferente da nossa; estão mais focados nos usos da beleza pela mídia, enquanto aqui na AAI estamos mais interessados na questão da igualdade social. Porém, levando-se em conta a reação dos alunos ao que a Wyatt/Hayes fez, está claro que a questão da manipulação da mídia tem o poder de nos levar aonde precisamos ir. Nossa melhor chance de aprovar a iniciativa é tirar proveito da raiva contra os anunciantes. A igualdade social virá em seguida.

* * *

Da palestra feita em Pembleton por Walter Lambert, presidente da Associação Nacional de Caliagnosia:
Considerem a cocaína. Em sua forma natural, folhas de coca, ela é atraente, mas não ao nível de se tornar um problema frequente. Contudo, refine-a, purifique-a e você obtém um composto que atinge seus receptores de prazer com uma intensidade fora do normal. É aí que se torna viciante.

A beleza passou por um processo parecido, graças aos anunciantes. A evolução nos deu um circuito que responde à boa aparência — podem chamá-lo de receptor de prazer de nosso córtex visual — e, em nosso ambiente natural, isso era útil. Mas peguem uma pessoa com pele bonita e estrutura óssea rara, acrescentem maquiagem e retoques profissionais, e você não está mais olhando para a beleza em sua forma natural. Você tem beleza de nível farmacêutico, a cocaína da boa aparência.

Biólogos chamam isso de "estímulo supernormal"; mostre um ovo de plástico gigante a uma mamãe pássaro e ela vai incubá-lo, em vez de fazer isso com os próprios ovos verdadeiros. A Madison Avenue saturou nosso ambiente com esse tipo de estímulo, essa droga visual. Nossos receptores de beleza recebem mais estímulos do que nossa evolução os capacitou a processar; estamos vendo mais beleza em um dia do que nossos ancestrais viam em uma vida inteira. E o resultado é: a beleza está lentamente arruinando nossas vidas.

Como? Da mesma forma que qualquer droga se transforma em problema: ao interferir em nossas relações com outras pessoas. Nós nos tornamos insatisfeitos com a aparência dos indivíduos comuns porque eles não podem se comparar a supermodelos. Imagens bidimensionais já são bastante ruins, mas agora, com visores de realidade virtual, anunciantes podem colocar uma supermodelo bem na sua frente, fazendo contato visual. Empresas de software oferecem deusas que o lembram de seus compromissos. Todos já ouvimos falar em homens que preferem namoradas virtuais em vez de reais, mas eles não foram os únicos afetados. Quanto mais tempo qualquer um de nós passar com aparições digitais maravilhosas ao redor, mais nossos relacionamentos com humanos de verdade vão sofrer.

Não podemos evitar essas imagens e ainda viver no mundo moderno. E isso significa que não podemos nos livrar desse hábito porque a beleza é uma droga que você não consegue evitar, a menos que mantenha os olhos literalmente fechados o tempo inteiro.

Até agora. Agora é possível conseguir um novo conjunto de pálpebras, um que bloqueia essa droga, mas ainda permite que você veja. E isso é a

caliagnosia. Algumas pessoas a consideram excessiva, mas eu digo que ela é apenas o suficiente. A tecnologia está sendo usada para nos manipular por meio de nossas reações emocionais, por isso é apenas justo que nós a usemos para nos proteger também.

Neste momento vocês têm a oportunidade de causar um impacto tremendo. O corpo de alunos de Pembleton sempre esteve na vanguarda de todo movimento progressista; o que vocês decidirem aqui vai estabelecer um exemplo para estudantes por todo o país. Ao aprovar essa iniciativa, ao adotar a caliagnosia, vocês vão mandar uma mensagem para anunciantes de que os jovens não estão mais dispostos a ser manipulados.

* * *

De uma transmissão na EduNews:
Depois do discurso do presidente da Associação Nacional de Caliagnosia, Walter Lambert, pesquisas de opinião mostram que cinquenta e quatro por cento dos alunos de Pembleton apoiam a iniciativa da caliagnosia. Enquetes que englobam toda a nação mostram que uma média de vinte e oito por cento de estudantes apoiariam uma iniciativa similar em suas instituições de ensino, um aumento de oito por cento desde o mês anterior.

* * *

Tamera Lyons:
Achei que ele exagerou com a analogia da cocaína. Você conhece alguém que venda coisas roubadas para conseguir sua dose de propagandas?

Mas acho que ele tem razão no que diz respeito à comparação de como as pessoas são nos comerciais e na vida real. Não que elas sejam mais bonitas que as pessoas na vida real, mas são bonitas de um jeito diferente.

Tipo, eu estava na loja do campus outro dia e precisava checar meus e-mails. Quando coloquei meus óculos de realidade virtual, vi esse cartaz de uma propaganda. Era de algum xampu, Jouissance, acho. Eu já o tinha visto antes, mas era diferente sem a cali. A modelo era tão... eu não

conseguia tirar os olhos dela. Não quero dizer que me senti igual àquela vez em que vi o cara bonito no refeitório; não era que eu quisesse conhecê-la. Era mais como... ver um pôr do sol ou uma explosão de fogos de artifício.

Fiquei ali parada e vi o comercial, tipo, cinco vezes, para que pudesse olhar mais para ela. Eu não achava que um ser humano conseguiria ter uma aparência tão, sabe, espetacular.

Mas não é como se eu fosse parar de falar com as pessoas para poder ver comerciais através de meus óculos de realidade virtual o tempo todo. Assisti-los é algo muito intenso, só que é uma experiência completamente diferente de olhar para uma pessoa de verdade. Também não é como se eu quisesse sair na hora e comprar tudo o que estão vendendo. Na verdade, nem estou prestando atenção aos produtos. Eu só acho maravilhoso observá-los.

* * *

Maria de Souza:

Se eu tivesse conhecido Tamera antes, talvez tivesse tentado convencê-la a não desligar sua cali. Duvido que eu fosse conseguir; ela parece bem firme em relação à decisão. Mesmo assim, ela é um grande exemplo dos benefícios da cali. É impossível não perceber isso ao conversar com ela. Por exemplo, em determinado momento, afirmei como ela tinha sorte, e Tamera respondeu: "Porque eu sou bonita?" E estava sendo completamente sincera! Como se estivesse falando sobre sua altura. Você consegue imaginar uma mulher sem cali dizendo isso?

Tamera não tem nenhum constrangimento em relação à aparência; ela não é vaidosa nem insegura, e pode se descrever como bonita sem vergonha. Concluí que ela é muito bonita, e em muitas mulheres com essa aparência posso ver algo em seu comportamento, um toque de exibicionismo. Tamera não tem isso. Ou, então, elas exibem falsa modéstia, o que também é fácil de identificar, mas Tamera também não faz isso, porque ela, na verdade, é modesta. Ela jamais poderia ser assim se

não tivesse sido criada com cali. Eu só torço para que ela permaneça desse jeito.

* * *

Annika Lindstrom, aluna do segundo ano:
Acho que a cali é uma ideia terrível. Gosto quando os caras olham para mim, e ficaria muito decepcionada se eles parassem.

Acho que toda a situação é apenas um jeito para pessoas que, sinceramente, não são muito bonitas tentarem se sentir melhor. E o único jeito de elas fazerem isso é castigar as pessoas que têm o que elas não têm. E isso é muito injusto.

Quem não ia querer ser bonito se pudesse? Pergunte a qualquer um, pergunte às pessoas por trás disso, e aposto que todas diriam que sim. Claro, certo, ser bonita significa que, às vezes, você vai ser incomodada por idiotas. Sempre há idiotas, mas isso é parte da vida. Se esses cientistas pudessem inventar um jeito de desligar o circuito da idiotice no cérebro dos homens, eu seria completamente a favor disso.

* * *

Jolene Carter, aluna do terceiro ano:
Estou votando a favor da iniciativa porque acho que seria um alívio se todos tivessem cali.

As pessoas são simpáticas comigo por causa da minha aparência, e parte de mim gosta disso, mas a outra parte se sente culpada, porque não fiz nada para merecer isso. E, sem dúvida, é bom ter homens prestando atenção em mim, mas pode ser difícil estabelecer uma conexão de verdade com alguém. Toda vez que gosto de um cara, sempre me pergunto até que ponto ele está interessado em mim e até que ponto está interessado na minha aparência. Pode ser difícil dizer, porque todas as relações são maravilhosas no início, sabia? Só depois dá para descobrir se conseguem realmente ficar à vontade um com o outro. Foi assim com meu último namorado. Ele não ficava feliz comigo se eu não estivesse fabulosa, então

eu nunca conseguia relaxar de verdade. No entanto, quando eu me dei conta disso, já tinha me permitido me aproximar dele, por isso, foi doloroso descobrir que ele não via meu verdadeiro eu.

E há também a forma como você se sente perto de outras mulheres. Não acho que a maioria delas goste disso, mas você está sempre comparando sua aparência à de todas as outras pessoas. Às vezes me sinto como se estivesse em uma competição, e eu não quero isso.

Em certa ocasião pensei em aderir à cali, mas não pareceu que fosse ajudar a menos que todo mundo também tivesse; só eu tê-la não ia mudar a forma como os outros me tratam. Mas se todo mundo no campus tivesse cali, eu ia adorar tê-la.

* * *

Tamera Lyons:

Eu estava mostrando à minha colega de quarto, Ina, esse álbum de fotos do ensino médio, e vimos todas essas fotografias de mim com Garrett, meu ex. Por isso Ina quis saber tudo sobre ele, e eu contei a ela. Estava falando como ficamos juntos no último ano inteiro e como eu o amava e queria que nós ficássemos juntos, mas Garrett queria ser livre para sair com quem quisesse quando fosse para a faculdade. Então, ela disse, tipo: "Quer dizer que *ele* acabou com *você*?"

Levei um tempo até conseguir que ela me explicasse o problema; Ina me fez prometer duas vezes que eu não ficaria chateada. Por fim, disse que Garrett não é exatamente bonito. Eu achava que ele devia ser mediano, porque, na verdade, não pareceu muito diferente depois que desliguei minha cali. Mas Ina disse que ele sem dúvida estava abaixo da média.

Ela encontrou fotos de alguns outros caras que achou parecidos com ele, e por causa delas consegui constatar que não eram bonitos. Os rostos pareciam bobos e esquisitos. Aí dei outra olhada na foto de Garrett, e acho que ele tinha alguns dos mesmos traços, mas nele pareciam fofos. Pelo menos para mim.

Acho que é verdade o que dizem: o amor é um pouco como a cali. Quando você ama uma pessoa, não vê sua verdadeira aparência. Eu não vejo Garrett como as outras pessoas o veem porque ainda sinto algo por ele.

Ina disse que não podia acreditar que alguém como ele pudesse terminar com alguém com a minha aparência. Ela falou que em uma escola sem cali ele provavelmente não teria conseguido sair comigo. Tipo, nós não estaríamos no mesmo nível.

É estranho pensar assim. Quando Garrett e eu estávamos saindo, sempre achei que éramos feitos um para o outro. Não quero dizer que acredito em destino, mas apenas achava que havia algo muito certo em relação a nós dois. Por isso a ideia que de poderíamos estar na mesma escola e não ficarmos juntos por não termos cali parece estranha. E sei que Ina não tem como saber isso ao certo. Só que eu também não posso ter certeza de que ela está errada.

E talvez isso signifique que eu devesse ficar grata por ter cali, porque isso permitiu que eu e Garrett ficássemos juntos. Não tenho certeza disso.

* * *

De uma transmissão da EduNews:

Sites de uma dúzia de organizações estudantis de caliagnosia em todo o país foram derrubados hoje na internet em um ataque coordenado de negação de serviço. Embora ninguém tenha reivindicado o crédito pelo ataque, sugeriu-se que pode ser uma retaliação por um incidente no mês passado no qual o site da Associação Americana de Cirurgiões Plásticos foi substituído por um site de caliagnosia.

Em uma matéria relacionada, os Guerreiros Tecno-Semio anunciaram o lançamento de seu novo vírus de computador, o "Dermatologia". Esse vírus começou a infectar rapidamente os servidores de vídeo pelo mundo, alterando sites para que os rostos e corpos exibam problemas como acne e varizes.

* * *

Warren Davidson, aluno do primeiro ano:
Pensei em experimentar cali antes, quando estava no ensino médio, mas nunca soube como levantar o assunto com meus pais. Por isso, quando começaram a oferecê-la aqui, achei que podia tentar. (*Dá de ombros.*) É legal.

Na verdade, é mais que legal. (*Pausa.*) Sempre odiei minha aparência. Durante um tempo no colégio, eu não aguentava me olhar no espelho. Mas, com a cali, não me importo mais com isso. Sei que pareço o mesmo para outras pessoas, mas isso não tem mais tanta importância quanto antes. Sinto-me melhor só por não estar sendo lembrado de que umas pessoas são tão mais bonitas que as outras. Tipo, por exemplo: eu estava ajudando uma garota na biblioteca com um problema de matemática para o dever de casa, e depois percebi que ela era alguém que eu considerava muito bonita. Normalmente, teria ficado muito nervoso perto dela, mas com a cali, não foi tão difícil assim conversar.

Talvez ela me considere uma aberração, não sei, mas a questão é que, quando estava conversando com ela, *eu* não me achava uma aberração. Antes de ligar a cali, acho que eu era simplesmente envergonhado demais, e isso só piorava as coisas. Agora fico mais relaxado.

Não que de repente eu me sinta maravilhoso em relação a mim mesmo nem nada assim, e tenho certeza de que, para outras pessoas, a cali não iria ajudar em nada, mas ela faz com que eu não me sinta tão mal quanto antes. E isso tem seu valor.

* * *

Alex Bibescu, professor de estudos religiosos em Pembleton:
Algumas pessoas foram rápidas em descartar todo o debate da caliagnosia, tratando-o como algo superficial, um argumento sobre maquiagem ou quem consegue ou não um namorado. Porém, se você de fato analisar a questão, vai ver que é uma discussão bem mais profunda. Reflete uma

ambivalência muito antiga sobre o corpo e que faz parte da civilização ocidental desde os tempos antigos.

Sabe, as bases de nossa cultura foram estabelecidas na Grécia Clássica, onde a beleza física e o corpo eram celebrados. Contudo, nossa cultura também é permeada pela tradição monoteísta, que desvaloriza o corpo em favor da alma. Esses velhos impulsos conflituosos estão emergindo outra vez, agora no debate da caliagnosia.

Desconfio que a maior parte das pessoas que apoia a caliagnosia se considera liberal moderna e secular, e não admitiria ser influenciada pelo monoteísmo de modo algum. Mas deem uma olhada em quem defende a caliagnosia: grupos religiosos conservadores. Há comunidades de todas as três principais fés monoteístas — judaica, cristã e muçulmana — que começaram a usar a cali para tornar seus jovens membros mais resistentes aos encantos de pessoas de fora. Essas características em comum não são coincidência. Os liberais que apoiam a cali podem não usar uma linguagem como "resistir às tentações da carne", mas, a seu próprio modo, seguem a mesma tradição de menosprezar o físico.

Na verdade, os únicos a apoiar a cali que podem alegar não ser influenciados pelo monoteísmo são os budistas MenteNova. Eles formam uma seita que vê a caliagnosia como um passo na direção do pensamento iluminado, porque elimina a percepção pessoal de distinções ilusórias. Entretanto, a seita MenteNova é aberta ao amplo uso de neurostato como auxílio da meditação, o que é uma postura completamente radical. Duvido que vocês encontrem muitos liberais modernos ou monoteístas conservadores simpáticos a isso!

Então, sabem, este debate não é apenas sobre comerciais e cosmética; é sobre determinar qual a relação apropriada entre a mente e o corpo. Nós nos realizamos mais completamente quando minimizamos a parte física de nossa natureza? E essa, vocês têm que concordar, é uma questão profunda.

* * *

Joseph Weingartner:

Depois da descoberta da caliagnosia, alguns pesquisadores se perguntaram se seria possível criar uma condição análoga que tornasse o indivíduo cego à raça ou à etnia. Fizeram várias tentativas — colocando diversos níveis de discriminação de categorias em conjunto com o reconhecimento facial, esse tipo de coisa —, mas os déficits resultantes sempre foram insatisfatórios. Em geral, os objetos de teste simplesmente não conseguiam distinguir indivíduos de aparência semelhante. Um teste chegou a produzir uma variante benigna da síndrome de Fregoli, fazendo com que seu objeto confundisse toda pessoa que conhecia com um membro da família. Infelizmente, tratar todo mundo como irmão não é desejável em um sentido tão literal.

Com a popularização do uso dos tratamentos com neurostato para problemas como comportamento compulsivo, muitos passaram a achar que "programação mental" era finalmente uma realidade. As pessoas perguntavam a seus médicos se podiam ter os mesmos gostos sexuais de seus cônjuges. Estudiosos dos meios de comunicação em massa se preocupavam com a possibilidade de se programar a lealdade a um governo, uma empresa, crença em uma ideologia ou religião.

O fato é que não temos acesso ao conteúdo dos pensamentos de ninguém. Podemos moldar aspectos amplos da personalidade, realizar alterações consistentes com a especialização natural do cérebro, mas esses são ajustes extremamente grosseiros. Não há via neural que lide especificamente com a indignação em relação a imigrantes, do mesmo modo que não há uma para a doutrina marxista nem para o fetiche por pés. Se um dia conseguirmos a verdadeira programação mental, vamos criar a "cegueira racial", mas, até lá, a educação é nossa melhor esperança.

* * *

Tamera Lyons:

Tive uma aula interessante hoje. Em história das ideias, foi esse monitor que se chamava Anton e falou como muitas das palavras que usamos para descrever uma pessoa atraente costumavam ser palavras para magia. Por

exemplo, a palavra “charme” significava originalmente um feitiço, e a palavra “glamour”, também. E isso fica evidente com palavras como “encantador” e “feitiço”. E quando ele falou aquelas coisas, pensei, sim, é exatamente isso: ver uma pessoa muito bonita é como terem lançado um feitiço sobre você.

E Anton estava dizendo como um dos primeiros usos da magia era criar amor e desejo em uma pessoa. E isso faz todo o sentido também, quando você pensa nas palavras “charme” e “glamour”. Porque ver beleza é como amar. Você sente que tem uma paixão por uma pessoa bonita de verdade só de olhar para ela.

E tenho pensado que talvez haja uma maneira de conseguir voltar com Garrett. Porque se Garrett não tivesse cali, talvez ele se apaixonasse por mim outra vez. Lembra que eu disse antes que é possível que a cali tenha nos unido? Bem, talvez a cali na verdade seja o que está nos mantendo afastados. Talvez Garrett quisesse voltar comigo se visse como eu sou realmente.

Garrett fez dezoito anos durante o verão, mas nunca desligou a cali porque não achava que fosse grande coisa. Agora ele estuda em Northrop. Então telefonei para ele, só como amiga. Estávamos conversando sobre várias coisas quando perguntei sobre a opinião dele a respeito da iniciativa da cali aqui em Pembleton. Ele disse que não entendia a razão da controvérsia, e aí contei como eu gostava de não ter mais cali, e disse que ele devia tentar, para poder julgar os dois lados. Ele disse que fazia sentido. Fingi não dar muita importância a isso, mas fiquei animada.

* * *

Daniel Taglia, professor de literatura comparada em Pembleton:
A iniciativa dos alunos não se aplica aos professores, mas, se for aprovada, obviamente haverá pressão sobre o corpo docente para adotar a caliagnosia também. Dessa forma, não considero prematuro dizer que sou radicalmente contrário a ela.

Este é apenas o último exemplo de como o politicamente correto saiu dos trilhos. As pessoas que defendem a cali são bem-intencionadas, mas o que estão fazendo é nos infantilizar. A própria noção de que a beleza é algo do qual temos que nos proteger é insultante. Quando você se der conta, uma organização estudantil vai insistir para que adotemos agnosia musical, para não nos sentirmos mal em relação a nós mesmos ao ouvirmos cantores ou músicos de talento.

Quando você assiste à competição de atletas olímpicos, sua autoestima vai lá embaixo? É claro que não. Pelo contrário, você sente espanto e admiração; inspira-se pela existência de indivíduos tão excepcionais. Então, por que não podemos nos sentir da mesma maneira em relação à beleza? O feminismo nos faria pedir desculpas por ter tal reação. Ele quer substituir estética por política, e, com o sucesso que obteve, nos empobreceu.

Estar na presença de uma beleza de nível internacional pode ser tão emocionante quanto ouvir uma soprano de nível internacional. Indivíduos talentosos não são os únicos que se beneficiam de seus dons: *todos* nos beneficiamos. Ou, devo dizer, todos *podemos* nos beneficiar. Privar-nos dessa oportunidade seria um crime.

* * *

Comercial pago por Pessoas pela Ética na Nanomedicina.
Locutor:
Seus amigos têm dito a você que a cali é legal, que é a coisa inteligente a fazer? Então, talvez você devesse conversar com pessoas que cresceram com cali.

"Depois que desliguei minha cali, recuei na primeira vez que vi uma pessoa feia. Sei que foi bobagem, mas não consegui evitar. A cali não me ajudou a amadurecer, ela *impediu* que eu amadurecesse. Tive que reaprender a interagir com as pessoas.

"Fui para a faculdade para me tornar artista gráfico. Trabalhava dia e noite, mas nunca chegava a lugar nenhum. Minha professora dizia que eu

não tinha olho para a coisa, que a cali tinha me entorpecido esteticamente. Não há como recuperar o que eu perdi.

"Ter cali era como ter meus pais dentro da minha cabeça, censurando meus pensamentos. Agora que eu a desliguei, percebo o tipo de abuso com o qual estava vivendo.

Locutor:

Se as pessoas que cresceram com caliagnosia não recomendam, isso não devia lhe dizer alguma coisa?

Elas não tiveram escolha, mas você tem. Dano cerebral nunca é uma boa ideia. Não importa o que seus amigos digam.

* * *

Maria de Souza:

Nós nunca ouvimos falar em *Pessoas pela Ética na Nanomedicina*: por isso fizemos pesquisas. Deu um pouco de trabalho, mas descobrimos que não tem nada de organização popular, é uma fachada para relações públicas da indústria. Um monte de empresas de cosméticos se juntou recentemente e a criou. Nós não conseguimos entrar em contato com as pessoas que aparecem no comercial, por isso não sabemos até que ponto, se é que alguma parte, o que eles disseram era verdade. Mesmo que estivessem sendo honestos, eles sem dúvida não são o padrão; a maior parte das pessoas que desliga sua cali se sente bem com isso. E sem dúvida há artistas gráficos que cresceram com cali.

Isso meio que me lembra de um anúncio que vi há algum tempo, publicado por uma agência de modelos logo no início do movimento da cali. Era apenas o rosto de uma modelo muito famosa com uma legenda: "Se você não a achasse mais bonita, quem sairia perdendo? Ela ou você?" Essa nova campanha tem a mesma mensagem, dizendo basicamente: "Você vai se arrepender", mas em vez de assumir aquela atitude arrogante, ela tem um tom mais de preocupação e alerta. Isso é relações públicas clássica: esconder-se por trás de um nome sonoro e criar a impressão de uma terceira parte cuidando do interesse dos consumidores.

* * *

Tamera Lyons:
Achei aquele comercial muito idiota. Não é que eu seja a favor da iniciativa — não quero que as pessoas votem a favor dela —, mas não deviam votar contra ela pela razão errada. Crescer com a cali não é debilitante. Não há razão para ninguém sentir pena de mim nem nada. Estou lidando bem com isso. E é por isso que acho que as pessoas deviam votar contra a iniciativa: porque ver beleza é bom.

Enfim, voltei a conversar com Garrett. Ele disse que tinha acabado de desligar a cali. Disse que, até então, parecia legal, embora fosse meio estranho, e falei que me senti do mesmo jeito quando desabilitei a minha. Imagino que seja meio engraçado o modo como eu estava agindo, como se fosse uma profissional experiente, embora tivesse desligado a minha havia apenas algumas semanas.

* * *

Joseph Weingartner:
Uma das primeiras perguntas que os pesquisadores fizeram sobre a caliagnosia foi se ela tem algum efeito inesperado, ou seja, se ela afeta sua apreciação estética para além dos rostos. Na maior parte das vezes, a resposta parece ser "não". Caliagnosíacos parecem gostar de olhar as mesmas coisas que as outras pessoas. Dito isso, não podemos excluir a possibilidade de efeitos colaterais.

Como exemplo, considere o efeito colateral observado na prosopagnosia. Um prosopagnosíaco criador de gado leiteiro disse que não conseguia mais diferenciar suas vacas. Outro achou mais difícil distinguir modelos de carros, imagine só. Esses casos sugerem que nós, às vezes, usamos nosso módulo de reconhecimento facial para tarefas além do reconhecimento facial estrito. Podemos não achar que algo se parece com um rosto — um carro, por exemplo —, mas em nível neurológico, nós o tratamos como um.

Pode haver um efeito parecido em meio a caliagnosíacos; no entanto, como a caliagnosia é mais sutil que a prosopagnosia, qualquer efeito colateral é mais difícil de avaliar. O papel da moda na aparência dos carros, por exemplo, é muito maior do que sua influência nos rostos, e há pouco consenso sobre quais carros são mais bonitos. Pode haver um caliagnosíaco por aí que não goste mais de olhar para certos modelos do modo como gostava antes, mas ele não reclamou conosco.

E há também o papel de nosso módulo de reconhecimento de beleza em nossa reação estética à simetria. Nós apreciamos a simetria em uma gama ampla de cenários — pintura, escultura, design gráfico —, mas, ao mesmo tempo, também apreciamos a assimetria. Há vários fatores que contribuem para nossa reação à arte, e não se vê muito consenso sobre o sucesso de um exemplo em particular.

Podia ser interessante analisar se, em comunidades de caliagnosia, há uma redução de artistas visuais de fato talentosos, mas levando-se em conta quantos desses indivíduos surgem na população geral, é difícil realizar um estudo estatisticamente significativo. A única coisa que sabemos ao certo é que caliagnosíacos relatam uma resposta muito mais amortecida a alguns retratos, mas esse não é um efeito colateral *per se*; o impacto de pinturas de retratos deriva ao menos em parte da aparência facial do modelo.

Claro, qualquer efeito é demais para algumas pessoas. Esta é a razão dada por alguns pais para não querer a caliagnosia para seus filhos; eles querem que os filhos consigam apreciar a *Mona Lisa*, e talvez criarem sua sucessora.

* * *

Marc Esposito, aluno do quarto ano do Waterston College:
Essa história de Pembleton parece completamente maluca. Isso para mim parece mais o preparativo de algum trote. Sabe como é, você arma para um cara sair com uma garota, diz a ele que ela é a maior gata, mas armou para ele sair com uma baranga e ele nem sabe a diferença, por isso acredita em você. Isso seria até engraçado, para falar a verdade.

Mas eu sem a menor dúvida jamais colocaria isso de cali. Quero sair com garotas bonitas. Por que eu ia querer algo que reduz meus padrões? Está bem, em certas noites todas as garotas bonitas já foram fisgadas, e você precisa escolher entre as sobras. É para isso que existe cerveja, não é? Isso não significa que quero usar lentes de cerveja o tempo todo.

* * *

Tamera Lyons:
Então, Garrett e eu estávamos outra vez conversando ao telefone ontem à noite, e eu perguntei se ele queria mudar para vídeo para podermos nos ver. Ele disse que tudo bem, então fizemos isso.

Agi com naturalidade, mas eu tinha passado muito tempo me preparando. Ina está me ensinando a me maquiar, mas ainda não sei muito bem, então tenho aquele software no celular que faz parecer como se você estivesse maquiada. Eu ajusto para apenas um pouco, e acho que mexe realmente em minha aparência. Talvez fosse exagero, não sei até que ponto Garrett podia perceber, mas eu queria ter certeza de que estava o mais bonita possível.

Assim que trocamos para vídeo, eu pude vê-lo reagir. Foi como se seus olhos tivessem se arregalado. Ele ficou, tipo: "Nossa, você é muito bonita." E respondi, tipo: "Obrigada."

Aí, ele ficou tímido e fez alguma piada sobre a própria aparência, mas eu disse que gostava do visual dele.

Conversamos um pouco por vídeo, e o tempo inteiro eu estava realmente consciente do olhar dele em mim. Era uma sensação boa. Senti que ele estava pensando que talvez quisesse que nós voltássemos, mas sei lá se eu estava apenas imaginando isso.

Talvez, em nossa próxima conversa, eu sugira que ele venha me visitar em um fim de semana ou eu possa ir visitá-lo em Northrop. Isso seria muito legal. Embora eu precise aprender a fazer minha própria maquiagem até lá.

Sei que não há garantia de que ele vá querer voltar. Desligar minha cali não me fez amá-lo menos, por isso talvez isso não o faça me amar mais. Mas estou na expectativa.

* * *

Cathy Minami, aluna do terceiro ano:
Qualquer um que disser que a adesão à cali é boa para as mulheres está espalhando a propaganda de todos os opressores: o argumento de que a subjugação é, na verdade, proteção. Aqueles que apoiam a cali querem demonizar as mulheres que possuem beleza. A beleza pode fornecer tanto prazer para quem a têm quanto para os que a observam, mas o movimento pró-cali faz com que as mulheres se sintam culpadas por sentir prazer com a própria aparência. É mais uma estratégia patriarcal para suprimir a sexualidade feminina e, mais uma vez, muitas mulheres acreditaram nela.

É *claro* que a beleza foi usada como ferramenta de opressão, mas eliminá-la não é a resposta; você não pode libertar as pessoas estreitando o escopo de suas experiências. Isso é absolutamente orwelliano. O necessário é um conceito de beleza centrado na mulher, que permita que todas se sintam bem consigo mesmas em vez de fazer com que a maioria delas se sinta mal.

* * *

Lawrence Sutton, aluno do quarto ano:
Eu entendi totalmente o que Walter Lambert estava falando em seu discurso. Não teria colocado da mesma forma, mas me sinto daquela maneira já há algum tempo. Liguei a cali há alguns anos, bem antes do surgimento dessa iniciativa, porque queria poder me concentrar em coisas mais importantes.

Não quero dizer que só penso em estudar; tenho namorada e nosso relacionamento é bom. Isso não mudou. O que mudou foi minha interação com a publicidade. Antes, toda vez que eu passava por uma banca de jornal ou via um comercial, podia sentir minha atenção ser

levemente atraída. Era como se eles estivessem tentando me estimular contra a minha vontade. Não estou falando necessariamente de um estímulo do tipo sexual, mas tentavam provocar em mim algo em um nível visceral. Eu resistia na mesma hora, e voltava ao que estivesse fazendo antes. Mas era uma distração, e resistir a essas distrações consumia uma energia que eu podia usar em outra coisa.

Mas agora, com a cali, não sinto essa atração. A cali me libertou dessa distração, devolveu minha energia. Por isso, sou totalmente favorável a ela.

* * *

Lori Harber, aluna do terceiro ano do Maxwell College:
Cali é para frescos. Minha atitude é reagir com luta. Ficar radicalmente feia. É isso o que as pessoas bonitas precisam ver.

Removi o nariz por volta dessa época no ano passado. É muito mais complicado do que parece, em termos cirúrgicos; para ser saudável e tal, você precisa levar parte dos pelos mais para o interior para segurar a poeira. E o osso que você vê (*bate nele com a unha*) não é real, é de cerâmica. Ter seu osso verdadeiro exposto é um grande risco de infecção.

Eu gosto de chocar as pessoas; às vezes, até acabo com o apetite de algumas delas quando estão comendo. Mas isso não se trata de chocar as pessoas. É sobre como o feio pode derrotar o belo em seu próprio jogo. Eu atraio mais olhares do que uma mulher bonita quando ando pela rua. Se você me vir parada ao lado de uma modelo, quem você vai notar mais? A mim. Você certamente não vai querer, mas é o que vai acontecer.

* * *

Tamera Lyons:
Garrett e eu estávamos nos falando outra vez ontem à noite, e começamos a conversar, sabe, se algum de nós estava saindo com outra pessoa. Agi com naturalidade em relação a isso, disse que tinha saído com alguns caras, mas nada importante.

Então perguntei a mesma coisa a ele. Garrett ficou meio envergonhado, mas, no fim, disse que estava achando mais difícil para, tipo, ficar amigo de garotas na faculdade, mais difícil do que ele esperava. E agora achava que era por causa de sua aparência.

Eu falei: "Claro que não."

Só que, na verdade, não sabia o que dizer. Parte de mim estava feliz por Garrett ainda não estar saindo com alguém, parte de mim se sentiu mal por ele e parte de mim ficou apenas surpresa. Quer dizer, ele é inteligente, engraçado, é um cara maravilhoso; eu não estou dizendo isso só porque namoramos. Ele era popular no ensino médio.

Mas aí eu me lembrei do que Ina disse sobre mim e Garrett. Acho que ser inteligente e engraçado não significa que você esteja no mesmo nível de alguém; você precisa ser tão bonito quanto a pessoa. E se Garrett tem falado com garotas bonitas, talvez elas achem que ele não está no nível delas.

Não dei muita importância a isso quando estávamos conversando, porque não acho que ele quisesse falar muito sobre o assunto. Mas, depois, fiquei pensando que, caso a gente combinasse uma visita, eu sem dúvida devia ir até Northrop para vê-lo, em vez de ele vir até aqui. Obviamente estou torcendo para que algo aconteça entre nós, mas talvez ele pudesse se sentir melhor se as outras pessoas na sua faculdade nos vissem juntos. Porque sei que, às vezes, isso funciona: se você está saindo com uma pessoa legal, você se sente legal, e outras pessoas acham que você é legal. Não que eu seja superlegal, mas acho que as pessoas gostam de minha aparência, por isso acho que posso ajudar.

* * *

Ellen Hutchinsn, professora de sociologia em Pembleton:

Admiro os alunos que estão defendendo essa iniciativa. O idealismo deles me comove, mas não tenho opinião formada em relação ao seu objetivo.

Como qualquer pessoa de minha idade, tive que aceitar os efeitos do tempo em minha aparência. Não foi uma adaptação fácil, mas cheguei a

um ponto no qual estou satisfeita — embora não possa negar que tenho curiosidade para saber como seria uma comunidade exclusivamente cali; talvez uma mulher como eu não se tornasse invisível quando uma mulher jovem entrasse na sala.

Porém, será que eu adotaria a cali quando era nova? Não sei. Tenho certeza de que teria me poupado de muito do sofrimento que senti em relação a envelhecer. Mas eu *gostava* de minha aparência quando jovem. Não ia querer abrir mão disso. Não tenho certeza se, ao envelhecer, houve algum ponto em que os benefícios teriam superado os custos para mim.

E esses estudantes, eles têm a possibilidade de jamais perder a beleza da juventude. Com as terapias genéticas que estão surgindo agora, provavelmente vão parecer jovens por décadas, talvez durante a vida inteira. Talvez eles nunca precisem fazer os ajustes que eu fiz, e, nesse caso, adotar a cali não os salvaria de sofrimento posterior. Por isso a ideia de que eles possam abrir mão voluntariamente de um dos prazeres da juventude é quase irritante. Às vezes, tenho vontade de sacudi-los e dizer: "Não! Vocês não se dão conta do que têm?"

Sempre gostei da disposição dos jovens para lutar por suas crenças. Esta é uma das razões por eu nunca ter realmente acreditado no clichê de que os jovens desperdiçam a juventude. Mas esta iniciativa iria aproximar o clichê da realidade, e eu odiaria que isso acontecesse.

* * *

Joseph Weingartner:

Experimentei a caliagnosia por um dia; experimentei diversas agnosias por períodos limitados. A maior parte dos neurologistas faz isso, para que possamos entender melhor essas condições e sentir empatia por nossos pacientes. No entanto, eu não poderia adotar a caliagnosia por um longo período, mesmo em razão do atendimento aos pacientes.

Há uma leve interação entre a caliagnosia e a habilidade de avaliar visualmente a saúde de uma pessoa. Ela com certeza não o deixa cego a coisas como o tom de pele, e o caliagnosíaco pode reconhecer sintomas de

doenças como qualquer outra pessoa; isso é algo com o que a cognição geral lida perfeitamente bem. Porém, médicos precisam ser sensíveis a sinais muito sutis na avaliação de um paciente; às vezes, você usa a intuição quando faz um diagnóstico, e a caliagnosia atuaria como uma limitação nessas situações.

Claro, eu seria dissimulado se alegasse que exigências profissionais são a única coisa que me impede de adotar a caliagnosia. A questão mais relevante é: eu optaria pela caliagnosia se não fizesse nada além de pesquisa em laboratório e nunca lidasse com pacientes? E, para isso, minha resposta é: não. Como muitas outras pessoas, gosto de ver um rosto bonito, mas me considero maduro o suficiente para não deixar que isso afete meu julgamento.

* * *

Tamera Lyons:

Não consigo acreditar: Garrett reativou a cali.

Estávamos conversando ao telefone ontem à noite, apenas coisas casuais, e perguntei a ele se queria trocar para vídeo. E ele diz, tipo: "Está bem."

Então fizemos isso, e percebi que ele não estava olhando para mim do mesmo jeito de antes. Aí perguntei se estava tudo bem, e então ele me contou que estava com a cali ativada outra vez.

Ele disse que fez isso porque não estava satisfeito com a própria aparência. Perguntei a ele se alguém tinha falado algo sobre isso, porque ele devia ignorar, mas Garrett respondeu que não era isso. Ele só não gostava de como se sentia quando se olhava no espelho. Então fiquei tipo: "Do que está falando? Você é bonito."

Tentei fazer com que ele desse outra chance, dizendo coisas como: "Você devia passar mais tempo sem a cali antes de tomar qualquer decisão." Garrett disse que ia pensar nisso, mas não sei o que ele vai fazer.

Enfim, depois, eu fiquei pensando sobre o que falei para ele. Será que eu disse isso porque não gosto da cali ou por querer que ele visse minha

aparência? Quer dizer, é claro que gostei da forma como ele olhou para mim, e estava torcendo para que isso levasse a algum lugar. Mas não é que eu estivesse sendo incoerente, não é? Se eu sempre tivesse sido favorável à cali, mas fizesse uma exceção em relação a Garrett, seria diferente. Só que sou contra a cali, então não é por aí.

Ah, a quem estou querendo enganar? Queria que Garrett desligasse sua cali porque estava pensando em mim mesma, não porque sou anticali. E não é nem que eu seja anticali, sou mais contra a obrigação da cali. Não quero que ninguém decida que a cali é certa para mim: nem meus pais, nem uma organização estudantil. Mas se alguém decidir que quer a cali para si, está bem, vai nessa. Então eu deveria deixar que Garrett decidisse por si mesmo, eu sei disso.

É muito frustrante, quer dizer, eu tinha todo esse plano elaborado, com Garrett me achando irresistível, percebendo o erro que havia cometido. Por isso estou decepcionada, só isso.

* * *

Do discurso de Maria de Souza na véspera da votação:

Chegamos a um ponto em que podemos começar a ajustar nossas mentes. A questão é: quando é apropriado que façamos isso? Não devíamos aceitar automaticamente que o natural é melhor nem devíamos supor automaticamente que podemos aperfeiçoar a natureza. Cabe a nós decidir que qualidades valorizamos, e qual a melhor maneira de conquistá-las.

Eu digo que a beleza física é algo de que não precisamos mais.

A cali não significa que você nunca mais vai considerar uma pessoa bonita. Quando vir um sorriso sincero, você vai ver beleza. Ao ver um ato de coragem ou generosidade, você vai ver beleza. Acima de tudo, quando olhar para uma pessoa que ama, você vai ver beleza. Tudo o que a cali faz é impedir que você se distraia pela superfície. A verdadeira beleza é o que você vê com os olhos do amor, e isso é algo que nada pode obscurecer.

* * *

Da transmissão do discurso de Rebecca Boyer, porta-voz do Pessoas pela Ética na Nanomedicina, na véspera da eleição:

É possível criar uma sociedade puramente cali em um ambiente artificial, mas, no mundo real, você nunca vai conseguir cem por cento de concordância. E essa é a fraqueza da cali. A cali funciona bem se todos a tiverem, mas se apenas uma pessoa não tiver, essa pessoa vai tirar vantagem de todos os outros.

Sempre haverá pessoas que não têm cali; vocês sabem disso. Pensem no que essas pessoas poderiam fazer. Um gerente poderia promover funcionários atraentes e demitir os feios, mas vocês nem iam perceber. Um professor poderia recompensar alunos atraentes e castigar os feios, mas vocês não teriam como dizer. Toda a discriminação que vocês odeiam estaria ocorrendo sem que nem sequer percebessem.

É claro, é possível que essas coisas não aconteçam. Porém, se fosse possível confiar que as pessoas sempre fizessem o que é certo, para começar ninguém teria sugerido a cali. Na verdade, as pessoas propensas a esse comportamento são capazes de repeti-lo cada vez mais quando não houver chance de ser flagrado.

Se vocês estão ultrajados por essa espécie de discriminação com base na aparência, como podem se dar ao luxo de ter cali? Vocês são exatamente o tipo de pessoa que precisa dar o alarme contra esse comportamento, mas se tiverem cali, não vão conseguir reconhecê-lo.

Se querem lutar contra o preconceito, mantenham os olhos abertos.

* * *

De uma transmissão da EduNews:

A iniciativa da caliagnosia defendida pelos alunos da Universidade de Pembleton foi derrotada por uma votação de sessenta e quatro por cento contra trinta e seis por cento.

Pesquisas de opinião mostravam uma maioria a favor da iniciativa até poucos dias antes da eleição. Muitos estudantes disseram que antes estavam planejando votar pela iniciativa, mas reconsideraram depois de

assistir a um discurso feito por Rebecca Boyer, do grupo Pessoas pela Ética na Nanomedicina. Isso aconteceu apesar da revelação anterior de que o PEN fora criado por empresas de cosméticos para se opor ao movimento da caliagnosia.

* * *

Maria de Souza:
Claro que é decepcionante, mas desde o início achávamos que a iniciativa não tinha grandes chances. Aquele período em que a maioria a apoiou foi um tanto fortuito, por isso não posso ficar desapontada demais pelo fato de as pessoas terem mudado de ideia. O importante é que em toda parte estão falando sobre o valor das aparências, e muitos estão pensando seriamente sobre a cali.

E não vamos parar; na verdade, os próximos anos serão muito animadores. Um fabricante de visores de realidade virtual acabou de demonstrar uma tecnologia nova que poderia mudar tudo. Eles descobriram um meio de instalar raios de posicionamento somático em um par de óculos de realidade virtual, calibrados sob medida para cada pessoa. Isso significa que os capacetes não são mais necessários, nem visitas a consultórios para reprogramar seu neurostato; você pode simplesmente botar óculos de realidade virtual e fazer isso por conta própria. Isso significa que você vai poder ligar e desligar sua cali *na hora em que quiser*.

Significa que não vamos ter o problema de as pessoas acharem que abriram mão completamente da beleza. Em vez disso, podemos promover a ideia de que a beleza é apropriada em algumas situações, e não em outras. Por exemplo: as pessoas poderiam manter a cali habilitada quando estivessem trabalhando, mas desabilitá-la quando estivessem entre amigos. Acho que as pessoas reconhecem que a cali oferece benefícios e vão optar por ela, pelo menos em tempo parcial.

Eu diria que o grande objetivo é que a cali seja considerada a maneira correta de se comportar em uma sociedade educada. Os indivíduos sempre podem desabilitar suas calis na vida íntima, mas a configuração padrão na

interação pública estaria livre de discriminação pela aparência. Apreciar a beleza se tornaria uma interação consensual, algo que você faria apenas quando as duas partes, o observador e o observado, concordassem.

* * *

De uma transmissão da EduNews:
Durante os últimos acontecimentos relacionados à iniciativa da caliagnosia de Pembleton, o EduNews apurou que uma nova forma de manipulação digital foi usada na transmissão do discurso da porta-voz do PEN, Rebecca Boyer. O EduNews recebeu arquivos dos Guerreiros Tecno-Semio que contêm o que se parece com duas versões gravadas do discurso: uma original, obtida nos computadores da Wyatt/Hayes, e a versão da transmissão. Os arquivos também contêm as análises dos Guerreiros Tecno-Semio das diferenças entre as duas versões.

As discrepâncias são basicamente alterações na entonação da voz, nas expressões faciais e na linguagem corporal da Sra. Boyer. Espectadores que assistiram à versão original consideraram o desempenho da Sra. Boyer bom, enquanto os que viram a versão editada consideraram o desempenho excelente, descrevendo-a como extraordinária, dinâmica e persuasiva. Com base na análise, os Guerreiros Tecno-Semio acreditam que a Wyatt/Hayes desenvolveu um novo software capaz de modular aspectos paralinguísticos a fim de maximizar a resposta emocional provocada nos espectadores. Isso aumenta drasticamente a eficácia de apresentações pré-gravadas, em especial quando vistas através de visores de realidade virtual, e seu uso na transmissão do PEN foi provavelmente o que fez com que muitos dos que apoiavam a iniciativa da caliagnosia mudassem seus votos.

* * *

Walter Lambert, presidente da Associação Nacional de Caliagnosia:
Em toda a minha carreira, conheci apenas algumas pessoas que têm o tipo de carisma que foi atribuído à Sra. Boyer naquele discurso. Pessoas assim irradiam uma espécie de campo de distorção da realidade que permite a

elas convencer você de praticamente qualquer coisa. Você se sente tocado apenas por sua presença, fica disposto a abrir a carteira e concordar com qualquer coisa que peçam. Apenas depois você se lembra de todas as objeções que tinha, mas, a essa altura, muito frequentemente é tarde demais. E eu estou bastante assustado com a perspectiva de empresas conseguirem gerar esse efeito com um software.

Isso é outro tipo de estímulo supranormal, como beleza perfeita, porém ainda mais perigoso. Tínhamos uma defesa contra a beleza, e a Wyatt/Hayes elevou as coisas a um novo patamar. E nos proteger desse tipo de persuasão vai ser muito mais difícil.

Há um tipo de agnosia tonal, ou aprosodia, que o torna incapaz de ouvir entonações de voz; tudo o que você escuta são as palavras, não a maneira de enunciá-las. Também há uma agnosia que impede o reconhecimento de expressões faciais. Adotar essas duas iria protegê-lo contra esse tipo de manipulação, porque você teria que julgar um discurso exclusivamente pelo conteúdo; a forma como ele é proferido seria indetectável para você. No entanto, não posso recomendá-las. O resultado nada tem a ver com a cali. Se você não consegue ouvir o tom de voz ou ler a expressão de alguém, sua habilidade em interagir com os outros fica reduzida. Seria uma espécie de autismo de alto rendimento. Alguns membros da Associação Nacional de Caliagnosia *estão* adotando as duas agnosias como forma de protesto, mas ninguém espera que muita gente siga o exemplo deles.

Então isso significa que quando o uso desse software se disseminar, vamos nos deparar com falas extraordinariamente convincentes por todos os lados: comerciais, releases de imprensa, evangelistas. Vamos ouvir os discursos mais comoventes dados por um político ou general em décadas. Até ativistas e praticantes de interferências culturais vão usá-lo, só para acompanhar o sistema. Quando o alcance desse software se espalhar o suficiente, até os filmes vão usá-lo: a própria habilidade de um ator não vai importar, porque o desempenho de todos será extraordinário.

Vai acontecer o mesmo que ocorreu com a beleza: nosso ambiente ficará saturado com esses estímulos supranormais, e isso vai afetar nossa

interação com pessoas de verdade. Quando todos que falarem em uma transmissão tiverem a mesma presença de um Winston Churchill ou de um Martin Luther King, vamos começar a ver as pessoas comuns, com seu uso mediano de elementos paralinguísticos, como insossos e nada persuasivos. Vamos ficar insatisfeitos com as pessoas com quem interagimos na vida real, porque elas não vão ser tão interessantes quanto as projeções que vemos com o uso de nossos óculos de realidade virtual.

Eu apenas espero que esses equipamentos de realidade virtual que reprogramam o neurostato cheguem logo ao mercado. Aí talvez possamos estimular as pessoas a adotarem as agnosias mais fortes apenas quando estiverem vendo vídeos. Isso pode ser a única forma de preservarmos a interação humana autêntica: se pouparmos nossas reações emocionais para a vida diária.

* * *

Tamera Lyons:
Sei como isso vai soar, mas... bom, estou pensando em ligar minha cali outra vez.

De certa forma, é por causa daquele vídeo do PEN. Não significa que estou retomando a cali só porque empresas de cosméticos não querem que as pessoas façam isso e estou com raiva delas. Não é isso. É um pouco difícil explicar.

Eu *estou* com raiva delas, porque usaram um truque para manipular as pessoas: elas não estavam jogando limpo. Mas o que isso me fez perceber foi que eu estava fazendo a mesma coisa com Garrett. Ou, pelo menos, quis fazer. Eu estava tentando usar a aparência para conquistá-lo de volta. E, de certa forma, isso também não é jogar limpo.

Não quero dizer que sou tão má quanto os publicitários! Eu amo Garrett, e eles só querem ganhar dinheiro. Mas você se lembra de quando eu estava falando sobre a beleza como uma espécie de feitiço? Ela lhe dá uma vantagem, e eu acho que é muito fácil usar mal uma coisa dessas. E o que a cali faz é tornar uma pessoa imune a esse tipo de feitiço. Então, acho

que eu não devia me importar por Garrett preferir ser imune, porque, para começo de conversa, eu não devia estar tentando obter qualquer vantagem. Se eu o conquistar de volta, quero que seja jogando limpo, que ele me ame pelo que eu sou.

Eu sei, só porque ele tornou a ligar a cali não significa que eu tenha que fazer o mesmo. Eu estava gostando muito de ver como os rostos são. Mas se Garrett vai ficar imune, acho que eu devia ficar também. Então estamos quites, sabe? E se voltarmos a ficar juntos, talvez possamos usar esses novos óculos de realidade virtual dos quais estão falando. Aí poderemos desligar nossas calis quando estivermos sozinhos, só nós dois.

E eu acho que a cali faz sentido por outras razões também. Essas empresas de cosméticos e todo mundo, eles só estão querendo criar necessidades que você não sentiria se eles estivessem jogando limpo, e eu não gosto disso. Se vou ficar fascinada ao assistir a um comercial, vai ser quando eu estiver no clima, não sempre que eles jogarem isso em cima de mim. Embora eu não vá querer ter essas outras agnosias, como a tonal, pelo menos não por enquanto. Talvez depois que esses novos visores de realidade virtual forem lançados.

Isso não significa que eu concorde com meus pais por terem me criado com a cali. Ainda acho que eles estavam errados; acharam que se livrar da beleza ia ajudar a criar uma utopia, e eu não acredito nisso de jeito nenhum. A beleza não é o problema, o problema é a forma equivocada como as pessoas a usam. E é para isso que serve a cali; ela permite que você se resguarde disso. Não sei, talvez isso não fosse um problema na época de meus pais. Mas é algo com que temos que lidar agora.

Notas sobre os contos

A TORRE DA BABILÔNIA

Esse conto foi inspirado em uma conversa com um amigo, quando ele mencionou a versão do mito da Torre de Babel que havia aprendido na escola hebraica. Àquela altura, eu conhecia apenas o relato do Velho Testamento, que não causara grande impacto em mim. Porém, na versão mais elaborada, a torre é tão alta que se leva um ano para subi-la, e quando um homem caía para a morte, ninguém lamentava; mas quando um tijolo caía, os assentadores de tijolos choravam porque seria necessário um ano para substituí-lo.

A lenda original é sobre as consequências de desafiar Deus. Para mim, entretanto, o conto conjurou imagens de uma cidade fantástica no céu, reminiscente de *O castelo nos Pirineus*, de Magritte. Fiquei cativado pela audácia de tal visão, e, atônito, me perguntei como seria a vida em uma cidade como essa.

Tom Disch chamou o conto de "ficção científica babilônica". Eu não tinha pensado nele desse jeito enquanto o escrevia — os babilônios sem dúvida sabiam física e astronomia o suficiente para reconhecer minha história como fantástica —, mas entendi o que ele quis dizer. Os personagens podem ser religiosos, mas confiam mais na engenharia do que em orações. Nenhuma divindade faz uma aparição na história; tudo o que acontece pode ser compreendido em termos puramente mecanicistas. É nesse sentido, apesar da diferença óbvia na cosmologia, que o universo na história se assemelha ao nosso.

Entenda

Esse é o conto mais antigo desta coletânea. E talvez nunca tivesse sido publicado se não fosse por Spider Robinson, um de meus instrutores no Clarion Workshop. Quando enviei o conto pela primeira vez, ele recebeu várias rejeições, mas Spider me encorajou a voltar a mandá-lo depois que obtive o certificado da Clarion. Fiz algumas correções e o remeti, e obtive uma recepção muito melhor nessa segunda tentativa.

O germe inicial da história foi uma observação espontânea feita por um colega de quarto na faculdade; na época, ele estava lendo *A náusea*, de Sartre, cujo protagonista encontra falta de sentido em tudo o que vê. No entanto, como seria, perguntou-se meu colega, encontrar significado e ordem em tudo o que você visse? Para mim isso sugeria uma espécie de percepção ampliada, que, por sua vez, sugeria superinteligência. Comecei a pensar sobre o ponto em que melhorias quantitativas — melhor memória, reconhecimento mais rápido de padrões — se transformassem em diferenças qualitativas, uma forma de cognição fundamentalmente diferente.

Outra coisa sobre a qual me perguntei foi a possibilidade de realmente entender o funcionamento de nossa mente. Algumas pessoas têm certeza de que é impossível, e fazem analogias como "Você não pode ver seu rosto com os próprios olhos". Nunca achei isso convincente. Talvez não seja possível que nós, na verdade, entendamos nossas mentes (para certos valores de "entender" e "mente"), mas vai ser necessário um argumento muito mais persuasivo que esse para me convencer.

Há uma famosa equação parecida com a seguinte:

$$e^{\pi i} + 1 = 0$$

Quando vi a derivação original dessa equação, meu queixo caiu. Deixe-me tentar explicar por quê.

Uma das coisas que mais admiramos na ficção é um final surpreendente, mesmo que inevitável. Isso também é o que caracteriza elegância no design: uma invenção inteligente que, ainda assim, pareça totalmente natural. É claro que sabemos que eles não são *de fato* inevitáveis; é a engenhosidade humana que faz com que aparentem isso, temporariamente.

Agora considere a equação mencionada acima. É definitivamente surpreendente; você poderia trabalhar com os números e, π e i por anos, cada um em dezenas de contextos diferentes, sem perceber que eles se cruzavam desse jeito em especial. Ainda assim, depois que você vê a derivação, sente que essa equação é realmente inevitável, que só podia ser desse jeito. É uma sensação de espanto, como se você tivesse entrado em contato com uma verdade absoluta.

Uma prova de que a matemática é inconsistente, e que toda sua beleza maravilhosa é apenas ilusória, parece-me ser uma das piores descobertas que você poderia fazer.

História da sua vida

Esse conto surgiu de meu interesse pelos princípios variacionais da física. Achei esses princípios fascinantes desde que ouvi falar deles pela primeira vez, mas não sabia como usá-los em um conto até ver uma apresentação de *Time Flies When You're Alive*, o monólogo de Paul Linke sobre a luta da esposa contra o câncer de mama. Ocorreu-me que eu talvez conseguisse usar princípios variacionais para contar uma história sobre a reação de uma pessoa ao inevitável. Alguns anos depois, essa noção, combinada com os comentários de uma amiga sobre seu bebê recém-nascido, formou o núcleo da história.

Para aqueles interessados em física, devo salientar que a discussão do princípio do menor tempo de Fermat explorado na história omite toda a menção aos seus elementos de mecânica quântica. As fórmulas de mecânica quântica são interessantes por si só, mas preferi as possibilidades metafóricas da versão clássica.

Em relação ao tema desse conto, provavelmente o resumo mais conciso que vi aparece na introdução de Kurt Vonnegut para a edição do aniversário de vinte e cinco anos de *Matadouro 5*: "Stephen Hawking [...] achou curioso que nós não conseguíssemos nos lembrar do futuro. Mas lembrar o futuro é agora, para mim, brincadeira de criança. Sei o que vai acontecer com meus bebês indefesos e ingênuos porque eles agora estão crescidos. Sei como vai ser o fim de meus amigos mais próximos porque muitos deles, agora, estão aposentados ou mortos... Para Stephen Hawking e todos os outros mais jovens que eu, digo: 'Sejam pacientes. Seu futuro vai chegar e se deitar aos seus pés como um cachorro que o conhece e o ama, independentemente de quem seja você.'"

Esse conto surgiu quando vi a conexão entre duas ideias que antes eu julgava não terem relação. A primeira foi o golem.

Na provavelmente mais conhecida história de golem, o rabino Loew, de Praga, dá vida a uma estátua de argila para agir como defensora dos judeus, protegendo-os da perseguição. Na verdade, esta história é uma invenção moderna, datando apenas de 1909. Histórias em que o golem é usado para desempenhar tarefas — com diversos níveis de sucesso — se originaram nos anos 1500, mas ainda não são as referências mais antigas a essa figura. Em narrativas que remontam ao século II, rabinos animavam golens não para realizar algo prático, mas para demonstrar habilidade na arte de permutação de letras; eles procuravam um conhecimento maior de Deus desempenhando atos de criação.

Todo o tema do poder criativo da linguagem foi discutido em vários lugares e por pessoas mais inteligentes que eu. O que achei especialmente interessante sobre os golens foi o fato de que eles são tradicionalmente incapazes de falar. Como o golem é criado por meio de linguagem, essa limitação também é uma limitação de reprodução. Se um golem pudesse usar a linguagem, ele seria capaz de se autorreproduzir, como uma máquina de Von Neumann.

A outra ideia em que eu estava pensando era a pré-formação, teoria em que os organismos existem completamente formados nas células germinativas de seus pais. É fácil para as pessoas agora a considerarem ridícula, mas, na época, a pré-formação fazia muito sentido. Era uma tentativa de solucionar o problema de como organismos vivos são capazes de se replicar, que é o mesmo problema que posteriormente inspirou as máquinas de Von Neumann. Quando percebi isso, tive a sensação de que estava interessado nessas duas ideias pela mesma razão, e soube que precisava escrever sobre elas.

A EVOLUÇÃO DA CIÊNCIA HUMANA

Esse conto curto foi escrito para a revista de ciências britânica *Nature*. Durante o ano 2000, a *Nature* publicou uma série chamada "Futures" [Futuros]; a cada semana, um escritor diferente disponibilizava um tratamento ficcional curto de um desenvolvimento científico ocorrendo no milênio seguinte.

Como o trabalho ia ser publicado em uma revista científica, fazê-lo *sobre* uma revista científica me pareceu uma escolha natural. Comecei a me perguntar como poderia ser tal publicação depois do advento da superinteligência. William Gibson disse certa vez: "O futuro já está aqui; ele só não está distribuído igualmente." Neste momento, há pessoas no mundo que, se soubessem da revolução dos computadores, saberiam apenas como algo que ocorre a outras pessoas, em algum outro lugar. Espero que isso permaneça verdade, não importa que revolução tecnológica nos aguarde.

(Uma nota sobre o título: esse conto foi publicado originalmente com um título escolhido pelos editores da *Nature*; optei por recuperar o título original para esta edição.)

O Inferno é a ausência de Deus

Quis pela primeira vez escrever uma história sobre anjos depois de ver o filme *Anjos Rebeldes*, um *thriller* sobrenatural escrito e dirigido por Gregory Widen. Por muito tempo, tentei elaborar uma trama na qual os anjos fossem personagens, mas não consegui pensar em um enredo do qual gostasse; só quando comecei a imaginar os anjos como fenômenos de um poder aterrorizante, cujas aparições se assemelhavam a desastres naturais, é que fui capaz de seguir adiante. (Talvez estivesse inconscientemente pensando em Annie Dillard. Posteriormente, lembrei que ela, certa vez, escreveu que se as pessoas acreditassem mais, quando fossem à igreja usariam capacetes e se amarrariam aos bancos.)

Pensar em desastres naturais me levou a refletir sobre a questão do sofrimento dos inocentes. Uma variedade enorme de conselhos foi dada a partir de uma perspectiva religiosa para aqueles que sofrem, e parece claro que não há uma resposta única que possa satisfazer a todos; aquilo que conforta uma pessoa inevitavelmente parece ultrajante para outra. Considere o Livro de Jó como exemplo.

Para mim, um dos aspectos insatisfatórios sobre o Livro de Jó é que, no fim, Deus o recompensa. Deixe de lado o questionamento sobre se novos filhos podem compensar a perda dos primogênitos. Por que Deus, afinal, devolve a sorte de Jó? Por que o final feliz? Uma das mensagens básicas do livro é que a virtude nem sempre é recompensada; coisas ruins acontecem com pessoas boas. Jó, no fim, aceita isso, demonstrando virtude, e é recompensado depois. Isso não enfraquece a mensagem?

Parece-me que o Livro de Jó não tem a coragem de suas convicções: se o autor estivesse de fato comprometido com a ideia de que a virtude nem sempre é recompensada, o livro não deveria ter terminado com Jó ainda desprovido de tudo?

Psicólogos certa vez realizaram um experimento em que deixavam diversas vezes em um aeroporto um formulário falso de inscrição de uma universidade, supostamente esquecido por um viajante. As respostas no documento eram sempre as mesmas, mas a cada vez incluíam uma foto distinta do candidato fictício. Revelou-se que as pessoas tinham maior tendência a postar o formulário de inscrição no correio se o candidato fosse bonito. Isso talvez não seja surpresa, mas ilustra exatamente como somos influenciados pelas aparências; favorecemos pessoas bonitas mesmo em situações em que nunca vamos conhecê-las.

Ainda assim, qualquer discussão das vantagens da beleza é, em geral, acompanhada por uma menção ao fardo da beleza. Não duvido que ser bonito tenha suas desvantagens, mas tudo tem. Por que as pessoas parecem mais simpáticas à ideia da beleza como um fardo do que, digamos, à ideia da riqueza como um fardo? É porque a beleza está realizando sua mágica outra vez: mesmo em uma discussão de suas desvantagens, a beleza fornece uma vantagem a quem a possui.

Espero que a beleza física permaneça à nossa volta enquanto tivermos corpos e olhos. Porém, se a caliagnosia um dia se tornar disponível, eu sou um daqueles que lhe daria uma chance.

Agradecimentos

Obrigado a Michelle, por ser minha irmã, e obrigado aos meus pais, Fu-Pen e Charlotte, por seus sacrifícios.

Obrigado aos participantes do Clarion, Acme Rethoric e Sycamore Hill, por me permitirem trabalhar com eles. Obrigado a Tom Disch pela visita, a Spider Robinson pelo telefonema, a Damon Knight e Kate Wilhelm pelos conselhos, a Karen Fowler pelas anedotas, e a John Crowley por reabrir meus olhos. Obrigado a Larret-Galasyn-Wright pelo estímulo quando precisei dele, e a Danny Krashin por me emprestar sua mente. Obrigado a Alan Kaplan por todas as conversas.

Obrigado a Juliet Albertson pelo amor. E obrigado a Marcia Glover, pelo amor.

Histórico de publicação

Os contos desta coletânea foram anteriormente publicados nas seguintes obras:

"A torre da Babilônia", publicado originalmente sob o título "Tower of Babylon", em *Omni*, 1990.

"Entenda", publicado originalmente sob o título "Understand", em *Asimov's*, 1991.

"Divisão por zero", publicado originalmente sob o título "Division by Zero", em *Full Spectrum 3*, 1991.

"História da sua vida", publicado originalmente sob o título "Story of your Life", em *Starlight 2*, 1998.

"Setenta e duas letras", publicado originalmente sob o título "Seventy-Two Letters", em *Vanishing Acts*, 2000.

"A evolução da ciência humana", publicado originalmente sob o título "The Evolution of Human Science", em *Nature*, 2000.

"O Inferno é a ausência de Deus", publicado originalmente sob o título "Hell Is the Absence of God", em *Starlight 3*, 2001.

"Gostando do que vê: um documentário", publicado originalmente sob o título "Liking What You See: A Documentary", em *Stories of Your Life and Others*, 2002.

Sobre o autor

TED CHIANG nasceu em Port Jefferson, Nova York, em 1967. Formou-se em Ciência da Computação e frequentou em 1989 o Clarion Workshop, curso de escrita de ficção científica e fantasia na Michigan State University. Chiang trabalha como redator técnico de informática e mora em Seattle, nos Estados Unidos. Ele já foi agraciado com diversos prêmios de destaque, dentre eles Nebula, Hugo e Locus. *História da sua vida e outros contos* foi publicado em mais de dez línguas.

Leia também

Aniquilação
Jeff VanderMeer

Autoridade
Jeff VanderMeer

Aceitação
Jeff VanderMeer

Faca de água
Paolo Bacigalupi

Estação Onze
Emily St. John Mandel

Léxico
Max Barry